

CONTINUAÇÃO —

A HISTÓRIA DE ISRAEL

PARTE 2

Uzias ou Azarias – Prosperidade

Sobressalente na história de Judá figura o reino de Uzias (791-740 a.C.). Inclusive ainda quando sucederam diversos acontecimentos durante seu governo de cinqüenta e dois anos, o relato bíblico é relativamente muito breve (2 Cr 26.1-23; 2 Rs 14.21-22; 15.1-7). É notável o fato de que durante este longo período, Uzias foi o único governante só por dezessete anos. tão eficaz foi em levantar Judá da vassalagem, até convertê-la num poder nacional forte, que é reconhecido como o mais capaz dos soberanos do Reino do Sul que se conhece desde Salomão

²⁴⁷. A ordem dos acontecimentos durante esta parte do século VIII pode apreciar-se na seguinte tábua:

798	Joás começa seu reinado em Israel.
797-96	Amasias sucede a Joás em Judá.
793-92	Jeroboão II faz de co-regente com Joás.
791-90	Uzias começa a co-regência com Amasias (Judá é derrotada e Amasias feito prisioneiro).
782-81	Joás morre. Jeroboão II fica sozinho como governante (Possivelmente Amasias tenha sido deixado em liberdade neste momento).
768-67	Amasias é assassinado. Uzias assume o governo.
753	Fim do reino de Jeroboão. Zacarias governa seis meses.
752	Salum (um mês de governo) é substituído por Menaém.
750	Uzias é atacado pela lepra. Jotão faz de co-regente.
742-41	Pecaías se converte no rei de Israel.
740-39	Fim do reinado de Uzias.

Quando Uzias foi subitamente elevado ao trono, as esperanças nacionais de Judá estavam afundadas em seu ponto mais baixo desde a divisão do reino salomônico. A derrota a mãos de Israel não foi mais que uma enorme calamidade. Resulta duvidoso que Uzias for capaz de fazer mais que reter um esboço de governo organizado durante os dias de Joás. Pôde ter reconstruído as muralhas de Jerusalém, mas se Amasias permaneceu em prisão durante o resto do reinado de Joás, teria sido coisa fútil para Judá afirmar sua força militar nesse momento. Embora Amasias ganhou sua liberdade em 782 a.C., quando morreu Joás, é também duvidoso que tivesse o respeito de seu povo quando a totalidade da nação estava sofrendo as conseqüências de sua desastrosa política. Muito verossimilmente Uzias continuou usando com plena autoridade de uma considerável influência nos assuntos de estado, já que Amasias fugiu finalmente a Laquis.

O silêncio da Escritura no concernente à relação entre Israel e Judá nos dias de Jeroboão II e Uzias, parece garantir a conclusão de que prevaleceu a amizade e a cooperação. A vassalagem de Israel deve ter acabado, quanto muito à morte de Amasias, ou talvez com sua liberação, quinze anos antes. Além de restaurar as muralhas de Jerusalém, Uzias melhorou as fortificações que rodeavam a cidade capital. O exército foi bem organizado e equipado com as melhores armas.

Uma boa preparação militar conduz à expansão. Para o sudoeste, as muralhas de Gate foram atacadas e destruídas. Jabne e Asdode também capitularam a Judá, conforme Uzias pressionava até derrotar os filisteus e os árabes. Enquanto Amasias tinha subjugado Edom, Uzias estava então em condições de estender as fronteiras de Judá tão ao sul como Elate, no golfo de Acaba. O recente descobrimento do selo de Jotão, filho de Uzias, testemunha a atividade judaica no Elate durante este período ²⁴⁸. Para o leste, Judá impôs seu poder sobre os amonitas, que tiveram de pagar tributo a Uzias. Por outra parte, as dificuldades internas de Israel, após a morte de Jeroboão, podem ter permitido a Uzias o ter as mãos mais livres na zona transjordana ²⁴⁹. Economicamente, Judá marchou bem sob Uzias. O rei estava vitalmente interessado na agricultura e no crescimento do boiadeiro. Grandes rebanhos em zonas do deserto necessitavam cavar poços e levantar torres de proteção. Os cultivadores de vinhedos expandiram sua produção. Se Uzias promoveu esses interesses a começos de seu longo reinado, deve ter tido um efeito muito favorável sobre o estado econômico de toda a nação.

A expansão territorial colocou a Judá no controle de cidades comercialmente importantes, e nas rotas que conduziam à Arábia, o Egito e outros países. No Elate, sobre o Mar Vermelho, as indústrias e as jazidas de cobre e ferro que tanto floresceram sob o reinado de Davi e no de Salomão, foram reclamadas para o Reino do Sul. Embora Judá ficou para atrás a respeito do Reino do Norte em sua expansão econômica e militar, gozou de um sólido crescimento sob a liderança de Uzias, e continuou sua prosperidade inclusive quando Israel começou a declinar após a morte de Jeroboão. O crescimento de Judá e sua influência durante este período só foram inferiores aos experimentados nos dias de Davi e Salomão ²⁵⁰.

A prosperidade de Uzias esteve diretamente relacionada com sua dependência de Deus (2 Cr 26.5,7). Zacarias, um profeta, por certo desconhecido, efetivamente instruiu o rei, quem aproximadamente no 750 a.C. tinha uma atitude totalmente saudável e humilde para com o Senhor.

À altura de seu êxito, porém, Uzias assumiu que podia entrar no templo e queimar o incenso. Com o apoio de oitenta sacerdotes, o sumo sacerdote —cujo nome era também o de Azarias— enfrentou a Uzias, ressaltando que aquilo era prerrogativa daqueles que estavam consagrados para tal propósito (Êx 30.7 e Nm 18.1-7). Irritado, o rei desafiou os sacerdotes.

Como resultado do juízo divino, Uzias enfermou de lepra. Pelo resto de seu reinado, ficou reduzido ao ostracismo fora de seu palácio, e lhe foram negados seus privilégios sociais. Não pôde nem sequer entrar no templo. Jotão foi elevado à categoria de co-regente e assumiu as responsabilidades reais pelo resto da vida de seu pai.

A ominosa ameaça da agressão síria também afundou as esperanças nacionais de Judá durante a última década do longo e proveitoso reinado de Uzias. Se havia acariciado as esperanças de restaurar a totalidade do império salomônico para Judá, após a morte de Jeroboão II, Uzias as viu desfeitas pelo ressurgir do poderio assírio. No 745 a.C., Tiglate-Pileser III começou a expandir seu império. Em seu ataque inicial, submeteu a Babilônia. Então, se voltou para o oeste, para derrotar a Sarduris III, rei de Urartu. Durante esta campanha norocidental (743-738 a.C.) encontrou oposição quando se dirigiu à Síria. Em seus anais, se menciona combatendo em Arpal contra Azarias, rei de Judá²⁵¹. Esta batalha está datada por Thiele a começos da campanha norocidental, preferivelmente no 743. embora Tiglate-Pileser esmagou a oposição conduzida por Azarias (Uzias), não afirma ter tomado tributos procedentes de Judá. Devido a que Menaém tinha pagado uma enorme soma para

²⁴⁸ Albright, *"The Biblical Period"*, p. 39.

²⁴⁹ *Ibid.*, pp. 39-40.

²⁵⁰ Anderson, *"Understanding the Old Testament"*, p. 254.

²⁵¹ Para uma completa discussão do tema, ver Thiele, *op. cit.*, pp. 75-98. Embora A. T. Olmstead em "History", sugere que isto se refere à uma nação na Síria, a identificação bíblica está apoiada por Haydn, Luckenbill C. R. Hall, Albright, e o mais recente mencionado por Wright, *"Biblical Archaeology"*, p. 161.

evitar uma sangrenta invasão dos ferozes assírios, Tiglate-Pileser não fez avançar seus exércitos para o sul, sobre Judá, nesta época. Uzias esteve, portanto, em condições de manter uma política antiassíria com um Israel pró-assírio como estado-tampão no norte.

Jotão – Política antiassíria

Jotão esteve intimamente associado com seu pai desde o 750 ao 740 a.C. devido a que Uzias era o governante forte e decidido, Jotão teve uma posição secundária como regente de Judá, quando assumiu plenas funções de governo no 740-39, continuou com a política de seu pai.

As empresas do interior do país de Jotão proporcionaram a construção de cidadelas e torres para alentar o cultivo da terra por toda Judá. Foram construídas cidades em lugares estratégicos. Em Jerusalém promoveu o interesse religioso, construindo uma porta superior no templo, mas não interferiu com os "lugares altos", onde o povo rendia culto aos ídolos.

Os amonitas, com toda probabilidade, tinham-se rebelado contra Judá após da morte de Uzias. Jotão, portanto, sufocou a revolta e exigiu tributos. O fato de que o pagamento esteja registrado no segundo e terceiro ano de Jotão (2 Cr 27.5), pode implicar que os problemas com Assíria ficaram tão graves que Judá foi incapaz de insistir sobre a leva²⁵².

Com uma temível invasão assíria pendente, Jotão encontrou problemas em manter sua política antiassíria. Quando os exércitos assírios se puseram em atividade nas regiões do monte Nal e Urartu em 736-735, um grupo pró-assírio em Jerusalém elevou a Acaz ao trono de Davi como co-regente com Jotão. Os registros assírios confirmam o ano de 753 como a data da acessão de Acaz.

Jotão morreu no 732 a.C. O total de seu reinado se calcula em vinte anos, mas tinha reinado somente por três ou quatro. Como co-regente com seu pai, teve poucas oportunidades de afirmar-se por si mesmo. Mais tarde, a ameaça assíria precipitou a crise que o colocou no retiro, enquanto que Acaz fez de campeão de boa amizade com a capital sobre o Tigre.

Acaz – Administração pró-assíria

O reinado de vinte anos de Acaz (2 Cr 28.1-27; 2 Rs 16.1-20) esteve aossado pelas dificuldades. Os reis assírios avançavam em seu propósito de conquistar e fazer-se com o controle do Crescente Fértil, e Acaz esteve continuamente sujeito à pressão internacional.

O Reino do Norte já havia subscrito à política da resistência de Peca. A idade de vinte anos, Acaz teve de encarar-se com o formidável problema da paz entre a Síria e o Israel, e de mantê-la. No 734, Tiglate-Pileser III marchou com seus exércitos contra os filisteus. É perfeitamente possível que Acaz possa ter apelado ao rei assírio, quando os filisteus atacaram em grande extensão os distritos fronteiriços de Judá. Seu alinhamento com Tiglate-Pileser logo levou Acaz a sérios problemas. Mais tarde e naquele mesmo ano, após que os invasores assírios se tiverem retirado, Peca e Rezim declararam a guerra a Judá.

Ao mesmo tempo e nesta tremenda crise, Isaías tinha permanecido ativo em seu ministério profético aproximadamente por seis anos. com sua mensagem de Deus, encarou Acaz com a solução de seu problema. A fé em Deus era a chave da vitória sobre Israel e a Síria. Peca e Rezim tentaram colocar um governante marionete no trono de Davi em Jerusalém. Porém Deus anularia o projeto sírio-efraimita em resposta à fé (Is 7.1ss). o malvado e teimoso Acaz ignorou a Isaías. Como desafio, encontrou uma saída de suas dificuldades fazendo um desesperado chamamento a Tiglate-Pileser III.

Quando os exércitos da Síria e o Israel invadiram Judá, sitiaram, ainda que não capturaram, a Jerusalém, que tinha sido tão recentemente fortificada por Uzias. Contudo, Judá sofreu grandes perdas, enquanto mataram milhares e outros foram levados como cativos a Samaria ou a Damasco. Porém, afortunadamente existia alguém no Reino do Norte, que não tinha repudiado a Deus. quando um profeta repreendeu sua conduta ao clã dos líderes, estes responderam com o ato de deixar em liberdade os prisioneiros de Judá.

Embora fortemente pressionado, Acaz sobreviveu ao ataque sírio-efraimita. Sua súplica a Tiglate-Pileser teve resultados imediatos. Em duas campanhas sucessivas (733 e 732), os assírios submeteram a Síria e o Israel. Em Samaria, Peca foi substituído por Oséias, quem rendeu ato de submissão e lealdade ao rei assírio.

Acaz se encontrou com Tiglate-Pileser em Damasco e lhe deu seguridades da vassalagem de Judá. Tão impressionado estava Acaz que ordenou a Urias, o sacerdote, duplicar o altar de Damasco no templo de Jerusalém. A seu retorno o próprio rei assumiu a decisão de conduzir o culto pagão, atraindo para si a condenação sobre sua própria cabeça.

Em todo seu reinado, Acaz manteve uma política pró-assíria. Conforme mudavam os governantes na assíria e o Reino do Norte se encaminhava para seu fim com a rebelião de

²⁵² Ver Thiele, *op. cit.*, p. 117.

Oséias, Acáz conduziu sua nação com êxito através das crises internacionais. E ainda quando Judá tinha perdido o direito de sua liberdade e pagava pesados tributos à Assíria, a prosperidade econômica prevaleceu como tinha sido estabelecida sob a sã política de Uzias. A riqueza estava menos concentrada que no Reino do Norte, onde tinha sido de exclusivo uso da aristocracia. Enquanto que os devastadores exércitos não turvaram o *status quo*, Judá pôde permitir-se o pagar uma considerável leva a Assíria.

Inclusive com o grande profeta Isaias como contemporâneo, Acáz promoveu o mais aborrecível dos usos e práticas idolátricos. De acordo com os costumes pagãos, fez que seu filho caminhasse sobre o fogo. Não só tomou muito do tesouro do templo para enfrentar as demandas do rei assírio, senão que também introduziu cultos estranhos no mesmíssimo lugar aonde somente Deus devia ser adorado. Por isso, na era de maravilhar-se que incorre-se na ira de Deus.

Ezequias – Um rei justo

Ezequias ²⁵³ começou seu reinado no 716 a.C. Seu governo de vinte e nove anos marca uma era sobressalente em matéria religiosa de Judá. Embora bloqueado pelos assírios, Ezequias sobreviveu ao crucial ataque sobre Jerusalém, executado no 701 a.C. Durante a última década de seu reinado, Manassés esteve associado com Ezequias como co-regente. Em adição ao que relata 2 Reis 18-20 e 2 Crônicas 29-32, existe uma pertinente informação em Isaias 36-39, a respeito da vida de Ezequias.

Numa drástica reação à deliberada idolatria de seu pai, Ezequias começou seu reinado com a maior e mais extensa reforma da história do Reino do Sul. Como um jovem de vinte e cinco anos, tinha sido testemunha da gradual desintegração do Reino do Norte e da conquista assíria da Samaria, somente a uns 64 km, aproximadamente, do norte de Jerusalém. Com a certa constatação de que o cativo de Israel era a consequência de uma aliança rompida e da desobediência a Deus (2 Rs 18.9-12), Ezequias colocou toda sua confiança no Deus de Israel.

Durante os primeiros anos de seu governo, realizou uma efetiva reforma, não somente em Judá, senão em partes de Israel. Devido a que Judá já era um vassalo da Assíria, Ezequias reconheceu a soberania de Sargão II (721-705 a.C.). Embora as tropas assírias fossem enviadas para Asdode no 711 a.C., o rei de Judá não teve serias interferências de parte da Assíria.

Ezequias imediatamente voltou a abrir as portas do templo. Os levitas foram chamados para reparar e limpar o lugar do culto. O que tinha sido utilizado para os ídolos, foi suprimido e lançado ao rio Cedrom, enquanto que os vasos sagrados que tinham sido profanados por Acáz, foram santificados. Em dezesseis dias, o templo ficou pronto para o culto.

Ezequias e os oficiais de Jerusalém iniciaram os sacrifícios no templo. Grupos musicais com suas harpas, címbalos e liras participaram, como tinha sido o costume em tempos de Davi. Os cantos litúrgicos foram acompanhados com a apresentação de holocaustos. Os cantores louvavam a Deus nas palavras de Davi e Asafe, enquanto o povo rendia culto.

Numa tentativa de cicatrizar a brecha que tinha separado Judá e Israel desde a morte de Salomão, o rei enviou cartas por todo o país, convidando a todos a virem a Jerusalém para celebrar a Páscoa judaica. Embora alguns ignorassem o chamamento de Ezequias, muitos, porém, acudiram desde Aser, Manassés, Efraim e Issacar, assim como de Judá, para celebrar as festas sagradas. Reunido em conselho com aqueles que iniciaram o culto no templo, Ezequias anunciou a celebração da Páscoa um mês mais tarde do que estava prescrito, para dar tempo a uma adequada celebração. Por outra parte, a observância foi executada de acordo com a lei de Moisés. O ter posposto a data foi mais uma medida conciliatória para ganhar a participação das tribos do norte que tinham seguido a observância da data instituída por Jeroboão (1 Rs 12.32). Quando alguns sacerdotes chegaram sem a adequada santificação, Ezequias orou por sua limpeza. Uma grande congregação se reuniu em assembléia em Jerusalém para participar na reforma executada. Os altares de toda a capital foram arrancados e lançados no vale do Cedrom para sua destruição. Conduzido por sacerdotes e levitas, o povo ofereceu sacrifícios, cantando jubilosamente, alegrando-se ante o Senhor. Em nenhuma época, desde a dedicação do Templo, tinha visto Jerusalém tão gozosa celebração.

Desde Jerusalém, a reforma se estendeu por todo Judá, Benjamim, Efraim e Manassés.

Ezequias inclusive tinha quebrado a serpente de bronze que Moisés tinha feito (Nm 21.4-9), porque o povo estava utilizando-a como objeto de culto. Inspirado pelo exemplo do rei e de

²⁵³ Adotando a data de 716-715 a.C. como o começo do reinado de Ezequias, a cronologia bíblica sincroniza com a cronologia da Síria, Assíria, Babilônia e Egito. Thiele discute o problema relacionado com este período realmente difícil, em *op. cit.*, pp 99-152. 2 Rs 17.1 e 18.1, 9 e 10, representam um ajustado sincronismo, embora esta não seja a solução final, parece ser a mais satisfatória.

sua liderança, o povo se dedicou a demolir os "lugares altos", as colunas, os aserins e os altares pagãos existentes em todo Israel.

Em Jerusalém, Ezequias organizou os sacerdotes e levitas para os serviços regulares. O dízimo foi restituído para ajudar os que dedicavam sua vida à lei do Senhor. Se fizeram plano para a observância regular das festas e das estações, segundo estava prescrito na lei escrita (2 Cr 31.2ss). o povo respondeu tão generosamente a Ezequias que suas contribuições foram suficientes para manter os sacerdotes e levitas dedicados ao serviço do Senhor. A reforma executada por Ezequias teve um êxito rotundo e definitivo, respondendo assim a seu intento de conformar as práticas religiosas de seu povo com a lei e os mandamentos de Deus.

Em todo este sistema de reforma religiosa não se faz menção de Isaías. Tampouco o profeta se refere a reforma de Ezequias em seu livro. Embora Acáz tinha desafiado a Israel, é razoável assumir que Ezequias e Isaías cooperaram por completo em restaurar o culto de Deus. Uma única referência a Sargão, rei da Assíria (Is 20.1) mostra a atividade de Israel nesta época.

Além disso, a conquista de Asdode pelos assírios é a ocasião para Isaías pronunciar sua advertência profética de que era inútil para Judá depender do Egito para sua liberação.

Afortunadamente, Ezequias não chegou a ver-se envolvido na rebelião de Asdode, e assim evitou o ataque a Jerusalém.

Com a morte de Sargão II (705), a revolução explodiu em muitos lugares do império assírio. No 702, Merodaque-Baladã foi subjogado, destronado da coroa da Babilônia, e substituído por Bel-Libni, um nativo caldeu que provavelmente era membro da mesma família real. No Egito, surgiu o nacionalismo, sob a enérgica ação governante de Sabako, um rei etíope que tinha fundado a Dinastia XXV (cerca de 710 a.C.). com outras nações no Crescente Fértil rebeladas contra ele, Senaqueribe, filho de Sargão, voltou seus exércitos para o oeste. Após submeter a Fenícia e outras resistências costeiras, os exércitos assírios ocuparam triunfalmente a área dos filisteus no 701 a.C.

Ezequias tinha participado do ataque assírio. Seguindo sua grande reforma religiosa, se concentrou num programa de defesa, em conselho com seus mais importantes oficiais do governo. Foram reforçadas as fortificações existentes ao redor de Jerusalém. Os artesãos produziram escudos e armas, enquanto que os comandantes de combate organizavam as forças de luta. Para assegurar a Jerusalém um adequado subministro de água durante um assedio prolongado, Ezequias construiu um túnel que conectava com o estanque de Siloé e os mananciais de Giom. Através de 542 m de rocha sólida, os engenheiros judeus canalizaram água fresca e potável no tanque de Siloé, também construído durante esta época. Desde seu descobrimento em 1880, quando as inscrições em seus muros foram decifradas, o túnel de Siloé tem constituído uma atração turística ²⁵⁴. O estanque de Siloé, situado ao sul de Jerusalém, se protegeu com uma extensão da muralha para deixar encerrada esta vital fonte de elemento líquido. Quando chegou o momento de que os exércitos assírios marchavam sobre Jerusalém, outras fontes foram fechadas para que o inimigo não pudesse utilizá-las.

Embora Ezequias fez o que estava em seu poder ao preparar-se para o ataque assírio, não dependeu por completo dos recursos humanos. Antes, quando o povo se congregou em assembléia na praça da cidade, Ezequias o havia alentado, expressando valentemente sua confiança em Deus. *"Com ele está o braço de carne, mas conosco o SENHOR nosso Deus, para nos ajudar, e para guerrear por nós"* (2 Cr 32.8).

A ameaça de Senaqueribe ao reino de Judá se fez realidade o 701 a.C. Já que o relato bíblico (2 Reis 18-20, 2 Crônicas 32; Isaías 36-39) se refere a Tiraca, que chegou a ser co-regente do Egito no 689 a.C., parece verossímil que este rei assírio realizasse outro intento para submeter a Ezequias, aproximadamente nem 688 a.C. Num recente estudo, a integração do secular e do bíblico proporciona a seguinte seqüência de acontecimentos ²⁵⁵:

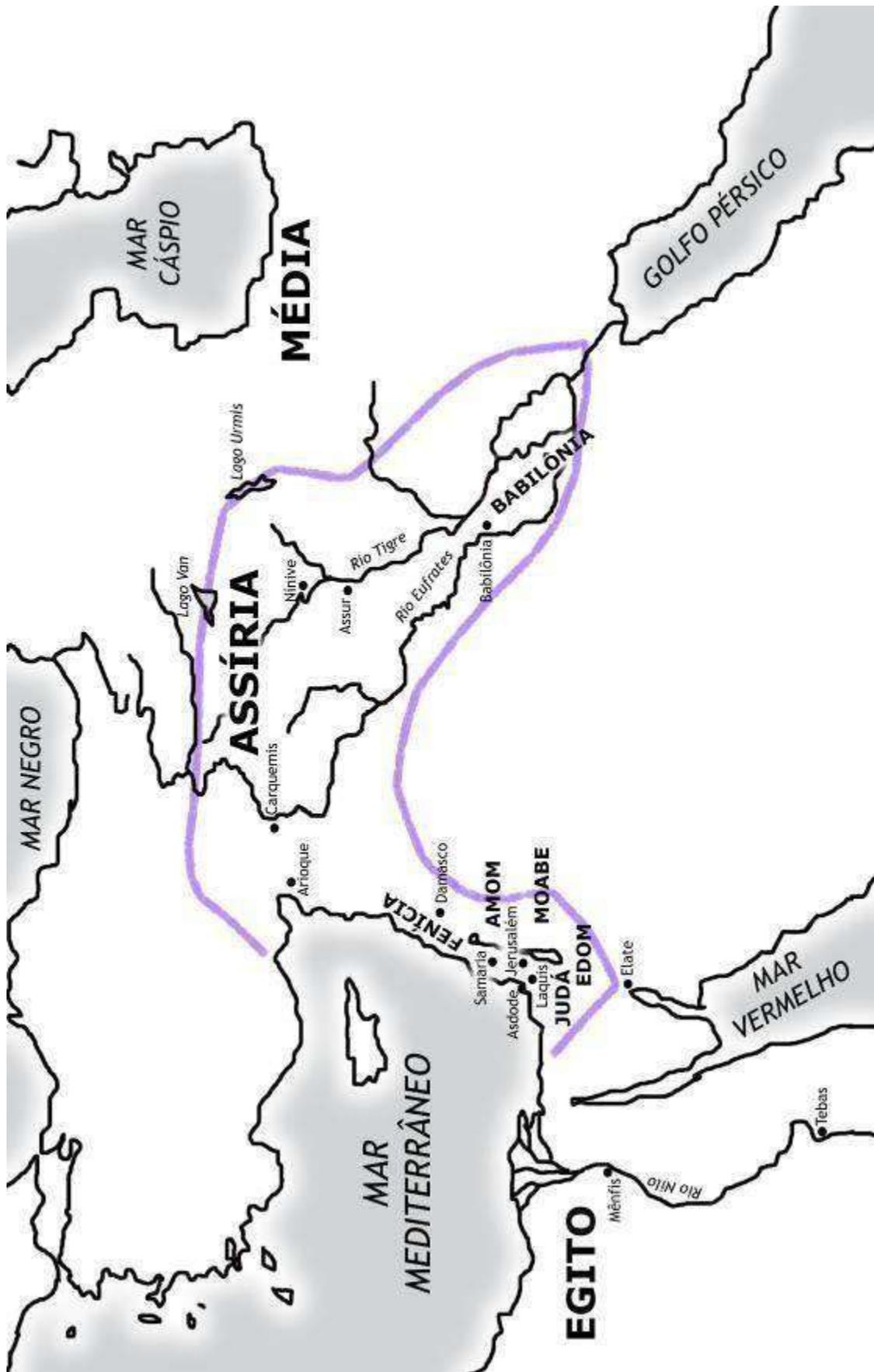
Os assírios entraram na Palestina procedentes do norte, tomando Sidom, Jope e outras cidades da rota de penetração. Durante o cerco e a conquista de Ecom, Senaqueribe derrotou os egípcios em Elteque. Ezequias não só foi forçado a abandonar Padi, o rei de Ecom a quem tinha feito cativo, senão também a pagar um forte tributo, despojando o templo de grandes quantidades de ouro e prata (2 Rs 18.14).

²⁵⁴ No relativo a esta inscrição, ver Pritchard, "Ancient Near Eastern Texts", p. 32.

²⁵⁵ Para uma detalhada delineação da interpretação destas duas campanhas, ver o livro de Stanley M. Horton, "haiah's Greatest Years" (tese não publicada, Central Baptist Seminary, Kansas City, Kansas), maio de 1959.

Recente informação cronológica indica que Sabako começou seu reinado cerca do 708 a.C. Shebitko, associado com Sabako em 699 a.C., começou seu reinado por volta do 697 a.C. Tiraca, nascido por volta do 709, foi associado com Shebitko em 689, e começou a reinar em 684 a.C. Comparar M. F. Laming Macadam, "The Temple of Kawa", Vol. I: "The Inscriptions" (Londres: Geoffrey Comberlege on behalf of the Griffith Institute Ashmolean Museum, Oxford University Press), 1949. Ver também W. A. Albright, "New Light from Egypt on the Chronology and History of Israel and Judah", em *Bulletin of the American Schools of Oriental Research*, n^o 130, abril, 1953, pp. 4-11, e "Further Light on Synchronisms Between Egypt and Asia in the Period 935-685 a. C.", *BASOR*, n^o 141, fevereiro, 1956, pp. 23-27.

MAPA 7: O IMPÉRIO ASSÍRIO (CERCA DE 700 A.C.)



Com toda probabilidade foi durante este período da pressão assíria (701 a.C.) que Ezequias caiu gravemente doente. Embora Isaias advertiu o rei que se preparasse para a morte, Deus

interveio. Dupla foi a divina promessa dada ao rei de Judá —a prolongação de sua vida por mais quinze anos e a liberação de Jerusalém da ameaça assíria— (Is 38.4-6).

Enquanto isso, Senaqueribe estava sitiando Laquis, talvez fosse o conhecimento de que Ezequiel pôs toda sua fé em Deus para sua libertação o que fez que o rei assírio enviasse seus oficiais ao caminho da herdade do lavandeiro ²⁵⁶, perto da muralha de Jerusalém, para incitarem o povo à rendição. Senaqueribe até afirmou que ele era o comissionado de Deus para demandar a capitulação, e citou uma impressionante listas de conquistas de outras nações, cujos deuses não haviam podido liberá-las. Isaias, contudo, afirmou ao rei e ao povo a sua segurança.

Enquanto estava sitiando Libna, Senaqueribe ouviu rumores de uma revolta babilônica.

Os assírios partiram imediatamente. Inclusive tendo conquistado quarenta e seis cidades fortificadas pertencentes a Ezequias, não citou entre elas a Jerusalém. Se jactou de ter feito prisioneiros de Judá, e informou que Ezequias estava encerrado em Jerusalém como um passaro em sua gaiola.

A aclamação e o reconhecimento dos países circundantes foi expressado com abundantes obséquios e presentes ao rei de Judá (2 Cr 32.23). Merodaque-Baladã, o poderoso líder babilônico que estava ainda excitando rebeliões, estendeu sua felicitação a Ezequias por sua recuperação, talvez como reconhecimento da feliz recuperação do rei da ominosa opressão da ocupação assíria (2 Cr 32.31), assim como, ao mesmo tempo, por ter melhorado em seu estado de saúde ²⁵⁷. A embaixada babilônica muito provavelmente ficou impressionada pela demonstração de riqueza existente em Jerusalém. O triunfo de Ezequias, não obstante, foi moderado pelo subsequente aviso de Isaias de que as sucessivas gerações estariam sujeitas ao cativo babilônico. Apesar de tudo, esta triunfal liberação pôde ter dado à forma religiosa um novo ímpeto, enquanto que a paz e a propriedade prevaleciam durante o longo reinado de Ezequias.

Sabendo que somente restavam-lhe quinze anos até o final de seu reinado, teria parecido natural que tivesse associado seu filho Manassés com ele no trono na primeira oportunidade. Em 696-695, Manassés se converteu no "filho da lei", a idade de doze anos, ao mesmo tempo em que começava sua co-regência ²⁵⁸. Na zona do tigre e do Eufrates, o rei assírio suprimiu as rebeliões e em 689 a.C. destruiu a cidade de Babilônia. Prosseguindo com êxito na Arábia, Senaqueribe ouviu do avanço de Tiraca. Devido a que o Egito tinha sido o objetivo real da campanha assíria do 701, pôde muito bem ter acontecido que Senaqueribe esperasse evitar a interferência de Judá, enviando cartas a Ezequias com um ultimato para submeter-se. Enquanto que os oficiais assírios tinham estado ameaçando o povo, aquela comunicação estava dirigida a Ezequias pessoalmente. Esta vez o rei se dirigiu ao templo para orar. Através de Isaias recebeu a certeza de que o rei assírio voltaria pelo caminho que tinha vindo. Precisamente onde o exército estava acampado quando aconteceu a perda de 180.000 combatentes, não consta no relato bíblico, mas o que sim é verdade é que nunca chegou a Jerusalém. O reinado de Ezequias continuou em paz.

Diferentemente de um bom número de seus antecessores, Ezequias foi sepultado com as honras reais, com sincera devoção pela tarefa que havia realizado em levar seu povo à grande reforma na história de Judá. E já que o Reino do Norte tinha deixado de ter um governo independente, esta reforma religiosa se estendeu a esse território. Exceto pela ameaça assíria, Ezequias gozou de seu reinado pacífico.

Manassés – Idolatria e reforma

A Manassés se credita o mais longo reinado da história de Judá (2 Rs 21.1-17; 2 Cr 33.1-20); incluindo a década da co-regência com Ezequias, foi rei por um dilatado período de cinquenta e cinco anos (696-642 a.C.). mas o governo foi a antítese do de seu pai. Desde o pináculo do fervor religioso, o Reino do Sul foi lançado a mais negra idolatria que se conheceu sob o mando de Manassés. Em caráter e na prática, se parecia com seu avô, Acáz, ainda que este último tivesse morrido antes do nascimento de Manassés. Muito provavelmente, Manassés não começasse a revirar a política de seu pai até depois de sua morte.

Voltando a construir os "lugares altos", erigindo altares a Baal e construindo aserins, Manassés assumiu a imposição de uma tremenda idolatria, tal e como Acabe e Jezabel tinham praticado no Reino do Norte. Mediante ritos religiosos e cerimônias, se instituiu o culto às estrelas e aos planetas. Inclusive a deidade amonita Moloque foi reconhecida pelo rei hebraico,

²⁵⁶ 2 Rs 18.17: "Contudo enviou o rei da Assíria a Tartã, e a Rabe-Saris, e a Rabsaqué, de Laquis, com grande exército ao rei Ezequias, a Jerusalém; subiram, e vieram a Jerusalém. E, subindo e vindo eles, pararam ao pé do aqueduto da piscina superior, que está junto ao caminho do campo do lavandeiro". (N. da T.).

²⁵⁷ Ver Thiele, *op. cit.*, p. 156.

²⁵⁸ *Op. cit.*, pp. 155-156.

no sacrifício de crianças no vale de Hinom, nos arredores de Jerusalém. Os sacrifícios humanos eram um dos mais abomináveis rituais da prática do paganismo cananeu, e foi associado pelo salmista com o culto ao demônio (Salmo 106.36-37). A astrologia, a adivinhação e o ocultismo foram oficialmente sancionados como práticas comuns. Em aberto desafio ao verdadeiro Deus, os altares para o culto das hostes celestiais foram colocados nos átrios do templo, com imagens entalhadas de Asera, a esposa de Baal, e também introduzidas no templo. Além disso, Manassés derramou muito sangue inocente. Parece razoável inferir que muitas das vozes de protesto diante de semelhante monstruosa idolatria fossem afogadas em sangue (2 Rs 21.16). Já que a última menção do grande profeta Isaías está associada com Ezequias no relato bíblico, é correto supor que seja verdade o martírio de Isaías pelo malvado rei Manassés. A moral e as condições religiosas em Judá foram piores que as daquelas nações que tinham sido exterminadas ou expulsadas de Canaã. Manassés, deste modo, representa o ponto mais baixo da perversidade na longa lista dos reis da dinastia de Davi. Os juízos preditos por Isaías eram coisa segura para chegar.

Os relatos históricos não indicam a extensão do que Manassés pôde ter sido influenciado pela Assíria em sua conduta e política idólatra. Assíria alcançou o pináculo da riqueza e prestígio sob Esar-Hadom e Assurbanipal. Sem discussão, Manassés obteve o favor político da Assíria mediante a vassalagem, enquanto Esar-Hadom (681-669 a.C.) estendeu seu controle até o Egito. Em contraste com Senaqueribe, Esar-Hadom adotou uma política conciliatória e reconstruiu Babilônia. No 678 subjugou Tiro, embora o populacho escapou às fortalezas próximas das ilhas. Mênfis foi ocupada no 673 e poucos anos mais tarde Tiraca, o último rei da XXV Dinastia, foi capturado. Em sua lista de vinte e dois reis desde a nação hetéia, Esar-Hadom menciona a Manassés, rei de Judá, entre aqueles que fizeram uma obrigada visita a Nínive no 678 a.C. embora a Babilônia tinha sido reconstruída por aquela época, nem resulta para nada seguro que fosse tomada por Esar-Hadom ²⁵⁹. Com a destruição de Tebas no 663 a.C., Assurbanipal estendeu o poder assírio a 805 km ao longo do Nilo, até o Alto Egito. Uma sangrenta guerra civil estremeceu todo o império assírio (652) na rebelião de Samasumukim. Com o tempo, a insurreição chegou a seu clímax com a conquista da Babilônia no 648, e outras rebeliões tinham explodido na Síria e na Palestina. Judá pôde ter participado, unindo-se a Edom e Moabe, que estão mencionadas nas inscrições assírias ²⁶⁰. A autonomia de Moabe terminou naquele tempo e o rei de Judá, Manassés, foi feito prisioneiro e levado para a Babilônia, e depois libertado (2 Cr 33.10-13).

Apesar de não termos uma definitiva informação cronológica para datar o tempo exato do cativeiro de Manassés e sua libertação, o relato bíblico está a favor da última década de seu reinado. Se tiver sido capturado no 648 e inclusive devolvido a Jerusalém como rei vassalo no mesmo ano, teve relativamente pouco tempo para desfazer as práticas religiosas que tinha sustentado e favorecido durante tantos anos. Contudo, se arrependeu no cativeiro e então reconheceu a Deus. numa reforma que começou em Jerusalém, deu exemplo do temor de Deus e ordenou ao povo de Judá servir ao Senhor Deus de Israel. Resulta duvidoso que esta reforma fosse efetiva, dado que aqueles que tinham servido sob Ezequias e rendido o verdadeiro culto, tinham sido anteriormente expulsados ou executados.

Amom – Apostasia

Amom sucedeu a seu pai, Manassés, como rei de Judá no 642. sem duvidar, voltou às práticas idolátricas que tinham sido iniciadas e promovidas por Manassés durante a maior parte de seu reinado. O precoce treinamento de Amom tinha produzido sobre ele um maior impacto que o curto período da reforma.

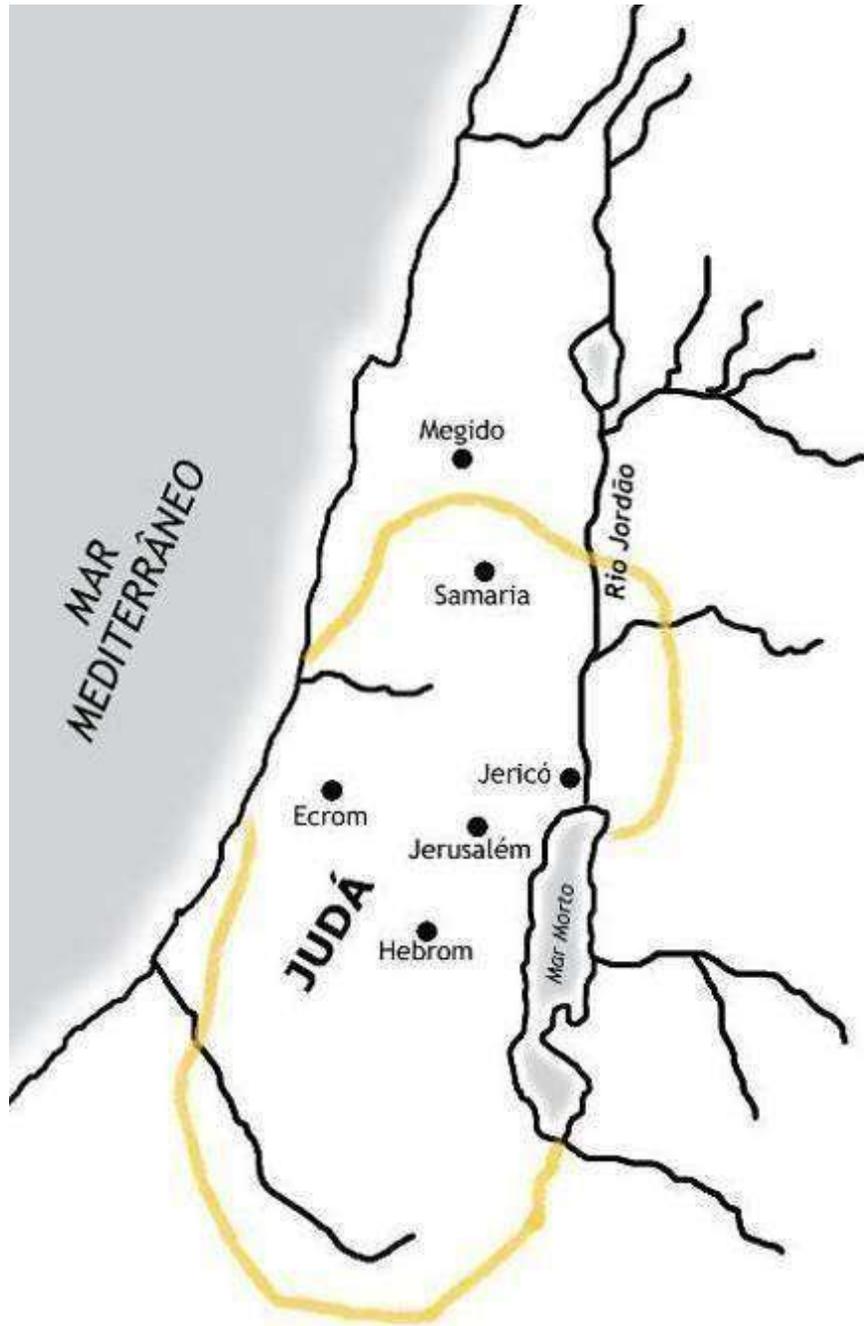
No 640, os escravos do palácio mataram a Amom. Embora seu reinado foi breve, o ímpio exemplo dado durante aqueles dois anos proporcionou a oportunidade a Judá para reverter a um terrível estado de apostasia.

Durante o curso dos últimos dois séculos passados, a situação e a fortuna do Reino do Sul tinha sofrido grandes variações. Os reinados de Atalia, Acáz e Manassés tinham sido testemunhos de uma desenfreada idolatria. A reforma religiosa começou com Joás, aumentada com Uzias, e alcançado um nível sem precedentes sob o governo de Ezequias. Politicamente, Judá alcançou seu ponto mais baixo nos dias de Amasias, quando Joás, procedente do Reino do Norte, invadiu Jerusalém. Ao longo destes dois séculos, a prosperidade e o governo autônomo de Judá foram escurecidos pelos interesses em expansão dos reis assírios.

²⁵⁹ Ver Unger, "Archaeology and the Old Testament", pp. 280-281. Ele identifica este cativeiro com 2 Cr 33.11

²⁶⁰ Ver Albright, *op. cit.*, p. 44.

MAPA 8: O REINO DE JOSIAS (CERCA DE 625 A.C.)



● **CAPÍTULO 14: O DESVANECIMENTO DAS ESPERANÇAS DOS REIS DAVIDÍCOS**

Durante um século Judá tinha sobrevivido à expansão triunfante do Império Assírio. Desde que Acáz tinha perdido o direito à liberdade de Judá por um tratado executado com Tiglate-Pileser III, este pequeno reino suportou crise após crise como vassalo de cinco governantes mais da Assíria. Tratados, manobras diplomáticas, resistência e a intervenção sobrenatural, tiveram uma vital influência na continuação da existência de um governo semi-autônomo quando os reis, tanto os maus como os justos, ocuparam o trono davídico.

Então, quando a Assíria estava afrouxando sua garra sobre as esperanças nacionalistas de Judá, essas esperanças surgiram uma vez mais durante as três décadas do reinado de Josias. A brusca terminação de sua liderança marcou o começo do fim para o Reino do Sul. Antes que tivessem passado 25 anos, estas esperanças começaram a desvanecer-se sob o poder crescente do Império da Babilônia. Em 586 a.C., as ruínas de Jerusalém foram uma lembrança realista da predição de Isaías de que a dinastia davídica sucumbiria ante Babilônia.

Josias – Época de otimismo

À precoce idade de 8 anos, Josias foi repentinamente coroado rei, sucedendo a seu pai, Amom. Após um reinado de trinta e oito anos (640-609 a.C.) foi morto na batalha de Megido. As atividades de Josias (resumidas em 2 Rs 22.1-23.30 e 2 Cr 34.1-35.27), estão principalmente limitadas a sua reforma religiosa.

A declinação da influência da Assíria nos últimos anos de Assurbanipal, quem morreu aproximadamente no 630 a.C., permitiu a Judá ter a oportunidade de estender sua influência sobre o território do norte. É verossímil que os líderes políticos antecipssem a possibilidade de incluir as tribos do norte e inclusive as fronteiras do reino salomônico no Reino do Sul. Com a queda de Nínive no 612 pelas forças aliadas da Média e a Babilônia, os projetos de Judá ficaram assim mais favoráveis. Durante este período, cheio de intranquilidade política e de rebeliões no leste, Judá ganhou a completa liberdade da vassalagem assíria, o qual, naturalmente, causou o ressurgir do nacionalismo.

Com a idolatria infiltrada no reino, os projetos religiosos para o rei-menino não foram outra coisa que esperançosos. Não se sabe com certeza se a reforma de Manassés tinha penetrado na massa do povo, especialmente se seu cativo e penitente retorno aconteceu durante a última década de seu reinado. Amom foi decididamente malvado. Seu reinado de dois anos proporcionou o tempo suficiente para que o povo revertesse à idolatria na política e na administração do reino. É mais provável que continuassem quando seu filho de oito anos foi subitamente elevado ao trono. Neste discurrir de franca apostasia, Judá não podia esperar outra coisa que o juízo divino, de acordo com as advertências feitas por Isaías e outros profetas.

Conforme Josias crescia e se fazia homem, reagiu ante as pecadoras condições de seu tempo. À idade de dezesseis anos, se aferrou à idéia de Deus, levando-o em conta antes que se conformando com as práticas idolátricas. Em quatro anos, sua devoção a Deus cristalizou até o ponto em que começou uma reforma religiosa (628 a.C.). No ano décimo oitavo de seu reinado (622 a.C.), enquanto que o templo estava sendo reparado, foi recuperado o livro da lei. Impulsionado pela leitura deste "livro da lei do Senhor dado a Moisés" e advertido do juízo divino que pendia sobre ele, feito por Hulda, a profetisa, Josias e seu povo observaram a Páscoa de uma forma sem precedentes na história de Judá. Embora a Escritura guarda silêncio a respeito das atividades específicas durante o resto dos treze anos de seu reinado, Josias continuou sua piedosa regência com a certeza de que a paz prevaleceria durante o resto de sua vida (2 Cr 34.28).

A reforma começou no 628 e alcançou um clímax com a observância da Páscoa no 622 a.C. Devido a que nem o Livro dos Reis nem o das Crônicas proporcionam uma detalhada ordem cronológica dos acontecimentos, muito bem pode ser que os sucessos sumarizados nesses

livros sagrados contem e possam ser aplicados para a totalidade deste período ²⁶¹. Por essa época, era politicamente seguro para Josias o suprimir qualquer prática religiosa que estiver associada com a vassalagem de Judá para a Assíria.

Foram necessárias drásticas medidas para suprimir a idolatria do país. Após uma estimação de doze anos das condições reinantes, Josias afirmou com valentia sua real autoridade e aboliu as práticas pagas por todo Judá, tanto como nas tribos do norte. Os altares de Baal foram derrubados, os aserins destruídos e os vasos sagrados aplicados ao culto do ídolo, retirados.

No templo, onde as mulheres teciam véus para Asera, se eliminaram também os lugares de culto à prostituição. Os cavalos, que tinham sido dedicados ao Sol, foram tirados da entrada do templo e 108 carros foram destruídos pelo fogo. A horrível prática do sacrifício de crianças foi bruscamente abolida de raiz. Os altares erigidos por Manassés no átrio do templo foram esmagados e os restos, espalhados pelo vale do Cedrom. Inclusive alguns dos "lugares altos" erigidos por Salomão e que tiveram um uso corrente, foram desmanchados por Josias e tirados de seu emprazamento.

Os sacerdotes dedicados ao culto do ídolo foram suprimidos em seu ofício por real decreto, já que tinham atuado somente por nomeação dos anteriores reis. Ao depô-los, a queima de incenso a Baal, ao sol, à lua e às estrelas cessou por completo.

Josias aproveitou o valor de todo aquilo em benefício dos ingressos do templo.

Em Betel, o altar que tinha sido erigido por Jeroboão I, também foi desmanchado por Josias.

Durante quase 300 anos, este tinha sido o "lugar alto" público para as práticas idolátricas introduzidas pelo primeiro governante do Reino do Norte. Este altar foi pulverizado e a imagem de Asera, que provavelmente tinha substituído o bezerro de ouro, foi queimada ²⁶². Quando os ossos do adjunto cemitério foram recolhidos para a pública purificação daquele "lugar alto", Josias comprou a existência do monumento ao profeta de Judá que tão valentemente tinha denunciado a João Batista (1 Reis 13). Sendo informado que o homem de Deus estava sepultado ali, Josias ordenou que aquele túmulo não fosse aberto.

Por todas as cidades de Samaria (no Reino do Norte) a reforma esteve à ordem do dia. Os "lugares altos" foram suprimidos e sem sacerdotes foram arrestados por seu idolátrico ministério.

O construtivo aspecto desta reforma chegou a seu topo na reparação do templo de Jerusalém. Com as contribuições de Judá e das tribos do norte, os levitas foram encarregados da supervisão de tal projeto. Desde os tempos de Joás —dois séculos atrás—, o templo tinha estado sujeito a longos períodos de descuido, especialmente durante o reinado de Manassés.

Quando Hilquias, o sumo sacerdote, começou a arrecadar fundos para a distribuição aos trabalhadores, achou o livro da lei. Hilquias o entregou a Safã, secretário do rei. O examinou e logo o leu a Josias. O rei ficou terrivelmente turbado quando comprovou que o povo de Judá não tinha observado a lei. Imediatamente, Hilquias e os oficiais do governo receberam ordens de comunicá-lo a todos. Hulda, a profetisa residente em Jerusalém, teve uma oportuna mensagem, clara e simples para todos eles: os castigos e juízos pela idolatria são inevitáveis. Jerusalém não escaparia à ira de Deus. Josias, porém, seria absolvido da angústia da destruição de Jerusalém, já que tinha respondido com arrependimento ao livro da lei.

Sob a liderança do rei, os anciãos de Judá, sacerdotes, levitas e o povo de Jerusalém, se reuniram para a pública leitura do livro novamente achado. Num solene pacto, o rei Josias, apoiado pelo povo, prometeu que se dedicaria por completo à total obediência da lei.

De imediato se realizaram planos para a fiel observância da Páscoa. Foram nomeados sacerdotes para o serviço do templo, que foi restabelecido a seguir. Foi dada uma cuidadosa atenção à pauta de organização para os levitas, como estava ordenado por Davi e Salomão.

O ritual da Páscoa se realizou com grande cuidado, para conformá-lo todo com o que estava "escrito no livro de Moisés" (2 Cr 35.12). Em sua conformidade com a lei e a extensa participação da Páscoa, sua observância ultrapassou todas as festividades similares desde os dias de Samuel (2 Cr 35.18) ²⁶³. O conteúdo do livro da lei achado no templo não está especificamente indicado. Numerosas referências no relato bíblico associam sua origem com o próprio Moisés.

Sobre a base de tão simples fato, o livro da lei pode ter incluído todo o Pentateuco ou conter somente uma cópia do Deuterônomo ²⁶⁴. Aqueles que consideram o Pentateuco como uma produção literária composta que alcança sua forma final no século V a.C., limitam o livro da lei

²⁶¹ Ver C. F. Keil, em seu comentário sobre 2 Cr 34.

²⁶² Note-se o cumprimento da predição feita pelo profeta sem nome de Judá, em 1 Rs 13.1-3.

²⁶³ Ver Keil, em seu Comentário a 2 Reis 23.20, e Edersheim, "The Bible History", Volumen VI, p. 190.

²⁶⁴ Ver John Davis, "A Dictionary of the Bible", 4a ed. rev., 1954, em seu artigo "Josias".

ao que contém o Deuteronômio, ou menos ²⁶⁵. Devido a que a reforma já tinha acontecido em seu processo seis anos antes, quando o livro fora achado, Josias tinha previamente o conhecimento da verdadeira religião. Quando o livro foi lido ante ele, ficou aterrorizado a causa da falha de Judá em obedecer a lei. Nada nos registros bíblicos indica que este livro fosse publicado naquele tempo ou ratificado pelo povo. Foi considerado como possuidor de autoridade e Josias temeu as conseqüências da desobediência. Tendo sido entregue a Moisés, o livro da lei tinha sido o leme das práticas religiosas desde então. Josué, os juizes e os reis, junto com a totalidade da nação, tinham estado obrigados a conformar sua conduta com seus requerimentos para a obediência. O que alarmou a Josias, quando perguntou e solicitou conselho profético, foi o fato de que "*nossos pais não guardaram a palavra do SENHOR*" (2 Cr 34.21). A ignorância da lei não era escusa inclusive ainda quando o livro da lei tivesse permanecido perdido por algum tempo.

Uma grande idolatria tinha prevalecido por meio século antes que Josias começasse a governar. De fato, Manassés e Amom tinham perseguido àqueles que advogavam pela conformidade com a verdadeira religião. Já que Manassés tinha derramado sangue inocente, era razoável carregá-lo com a destruição de todas as cópias da lei em circulação em Judá. Em ausência das cópias escritas, Josias muito verossimilmente se associou com os anciãos e os sacerdotes, os que tinham suficiente conhecimento da lei para proporcioná-lhe uma instrução oral. Daqui proveio a firme convicção durante os primeiros doze anos de seu reinado, de que era necessária uma reforma a escala nacional. Quando o livro da lei foi lido ante ele, comprovou vividamente que os castigos e juízos eram devidos ao povo idólatra. Conhecendo demasiado bem as práticas malvadas comuns a seus pais, ainda estava surpreendido de que a destruição pudesse chegar em seus dias.

Teria sido perdido realmente o livro da lei? É muito provável que durante o reinado de Manassés houvesse os que tivessem o suficiente interesse em guardar algumas cópias do mesmo. Já que as cópias estavam escritas à mão, havia relativamente muito poucas em circulação. Depois que as vozes de Isaias e outros tinham sido silenciadas, o número de pessoas justas decresceu rapidamente sob a perseguição. Se Joás, o herdeiro real, pôde permanecer escondido da malvada Atalia durante seis anos, é razoável chegar à conclusão de que um livro da lei pôde ter sido escondido do odioso e malvado Manassés durante meio século.

Outra possibilidade concernente à preservação deste livro da lei, é a sugestão aportada pela arqueologia ²⁶⁶. Já que informes valiosos e documentos têm sido escondidos sempre nas pedras angulares dos edifícios, tanto em tempos antigos como nos modernos, este livro da lei pôde muito bem ter sido preservado na pedra angular do templo ²⁶⁷. Ali foi onde os homens dedicados à reparação devem tê-lo achado. Antes da morte de Davi, encarregou a Salomão, como rei de Israel, o confirmar todo o que "está escrito na lei de Moisés" (1 Rs 2.3). Na edificação do templo, teria sido apropriado colocar todo o Pentateuco, ou pelo menos as leis de Moisés, na pedra angular. Talvez esta foi a providencial provisão para a segura custódia do Pentateuco durante três séculos, quando Judá, às vezes, esteve sujeita a governantes que desafiavam a aliança feita com Israel pelo Senhor. Tirado do templo nos dias da reforma de Josias, se converteu na "palavra viva" uma vez mais numa geração que levou o livro da lei com ela ao cativeiro da Babilônia.

Se a reforma executada por Josias representou um genuíno avivamento entre o povo comum, resulta difícil de se saber. Já que foi iniciada e executada por ordens reais, a oposição ficou refreada enquanto viveu Josias ²⁶⁸. Imediatamente após sua morte, o povo voltou à idolatria sob Jeoiaquim.

Jeremias foi chamado ao ministério no décimo terceiro ano de Josias, no 672 a.C. Devido a que Josias já havia começado a reforma, é razoável deduzir que o profeta e o rei trabalhassem em estreita colaboração ²⁶⁹. As pregações de Jeremias (capítulos 2-4) refletem a forçada relação entre Deus e Israel. Como uma esposa infiel que quebra os votos do matrimônio, Israel se havia separado de Deus. Jeremias, de forma realista, os advertiu que Jerusalém podia esperar a mesma sorte que havia destruído a Samaria um século antes. Quanto Jeremias (1-20) se relaciona com os tempos de Josias, é difícil de assegurar. Embora possa parecer estranho que a palavra profética proceda de Hulda em vez de Jeremias, quando foi lido o livro

²⁶⁵ Para uma elaborada discussão do tema, ver G. E. Wright, "*Interpreters Bible*", Vol. 1. pp. 311-330. Também B. W. Anderson, "*Understanding the Old Testament*", pp. 288-324.

²⁶⁶ Ver Dr. J. P. Free, "*Archaeology and Bible History*", pp. 215-216.

²⁶⁷ Ver Dt 31.25-26. Moisés fez a provisão de guardá-lo em seguridade na Arca. Num edifício permanente como o Templo, as pedras angulares teriam sido o lugar mais lógico.

²⁶⁸ Ver Edersheim, *op. cit.*, p. 181.

²⁶⁹ O ministério de Jeremias durante o reinado de Josias não está registrado em Reis nem em Crônicas. Suas experiências durante o reinado de Joaquim sugerem que o despertamento não foi genuíno.

da lei a urgência para uma imediata solução ao problema do rei pôde ter implicado a Hulda, que residia em Jerusalém. Jeremias vivia em Anatote, ao nordeste da cidade e a 5 km de distância.

Quando circularam por Jerusalém as notícias da queda de Assur (614 a.C.) e da destruição de Nínive (612 a.C.), sem dúvida Josias voltou sua atenção aos assuntos internacionais. Num estado de falta de preparação militar, cometeu um erro fatal. No 609 os assírios estavam lutando uma batalha perdida com seu governo no exílio em Harã. Neco, rei do Egito, fez marchar seus exércitos através da Palestina para ajudar os assírios. Já que Josias tinha pouco interesse pelos assírios, levou seus exércitos até Megido, num esforço por deter os egípcios ²⁷⁰. Josias foi mortalmente ferido quando seus exércitos ficaram dispersos. As esperanças nacionais e religiosas de Judá se desvaneceram quando o rei de 39 anos foi sepultado na cidade de Davi. Após dezoito anos de íntima associação com Josias, o grande profeta é lembrado no parágrafo que diz: "E Jeremias fez uma lamentação sobre Josias" (2 Cr35.25).

Supremacia da Babilônia

O povo de Judá entronizou a Joacaz em Jerusalém (2 Cr 36.1-4). E o novo rei teve de sofrer as conseqüências da intervenção de Josias nos assuntos egípcios. Governou só por três meses, no ano 609 a.C. (2 Rs 23.31-34).

Tendo derrotado a Judá em Megido, os egípcios marcharam rumo ao norte, para Carquemis, detendo temporariamente o avanço para o oeste dos babilônicos. O Faraó Neco estabeleceu seu quartel geral em Ribla (2 Rs 23.31-34). Joacaz foi deposto como rei de Judá e levado prisioneiro ao Egito, via Ribla. Ali, Joacaz, também conhecido como Salum, morreu como tinha predito o profeta Jeremias (22.11-12).

• Jeoiaquim

(609-598 a.C.). Jeoiaquim, outro filho de Josias, começou seu reinado por eleição de Neco. Não somente o Faraó egípcio trocou o nome de Eliaquim por Jeoiaquim, senão que também exigiu um forte tributo de Judá (2 Rs 23.35), e por onze anos continuou sendo o rei de Judá. Até que os babilônicos desalojaram os egípcios de Carquemis (605 a.C.), Jeoiaquim permaneceu sujeito a Neco.

Jeremias se enfrentou com uma severa oposição enquanto reinou Jeoiaquim. Estando no átrio do templo, Jeremias predisse o cativeiro da Babilônia para os habitantes de Jerusalém.

Quando o povo ouviu que o templo seria destruído ²⁷¹, apelou aos líderes políticos para matar a Jeremias (Jr 26); não obstante, alguns dos ancião saíram em sua defesa, citando a experiência de Miquéias um século antes. Aquele profeta também tinha anunciado a destruição de Jerusalém, mas Ezequias não lhe fez nenhum dano. Embora Urias, um profeta contemporâneo, foi martirizado por Jeoiaquim por pregar a mesma mensagem, a vida de Jeremias foi salva. Aicão, uma figura política proeminente, apoiou Jeremias naquela época de perigo.

Durante o quarto ano do reinado de Jeoiaquim, o rolo de Jeremias foi lido diante do rei. Enquanto Jeoiaquim escutava a mensagem do juízo, rompeu o rolo em pedaços e o lançou no fogo. Em contraste com Josias —que se arrependeu e se voltou a Deus—, Jeoiaquim ignorou e desafiou depreciativamente as proféticas advertências (Jr 36.1-32).

Jeremias demonstrou de forma impressionante a portentosa mensagem ante o povo, e anunciou que, estando sob ordens divinas, esconderia seu cinto novo numa fenda do rio Eufrates. Quando apodreceu pela ação das águas e já não servia para nada, o mostrou ao povo, dizendo que da mesma forma Jeová aniquilaria o orgulho de Judá (Jr 13.1-11).

Em outra ocasião, Jeremias conduziu os sacerdotes e ancião ao vale do Hinom, onde se ofereciam sacrifícios humanos. Destroçando uma vasilha sacrificial ante a multidão, Jeremias, corajosamente, advertiu que Jerusalém seria quebrado em cacos pelo próprio Deus. tão grande seria a destruição que inclusive aquele vale maldito seria utilizado como lugar de sepultamento. Não é de estranhar que o sacerdote Pasur detivesse a Jeremias e o encerrasse durante uma noite (Jr 19.1-20.18). embora desalentado, Jeremias foi advertido da lição aprendida na olaria, de que Deus deveria expor a Judá ao cativeiro com objeto de modelar a vasilha desejada.

O quarto ano de Jeoiaquim (605 a.C.) foi um momento crucial para Jerusalém. Na decisiva batalha de Carquemis, a princípios do verão, os egípcios foram dispersados pelos babilônicos.

²⁷⁰ Note-se a tradução de 2 Rs 23.39, que à luz da arqueologia deveria dizer: "o rei do Egito foi *em direção ao* rei da Assíria", em vez de "contra". Ver C J Gadd, "The fall of Niniveth" (Londres, 1923), p. 41. Também Merrill F. Unger, "Archaeology and the Old Testament", p 282.

²⁷¹ Esta pôde não ser a primeira vez que Jeremias deixou ouvir sua ominosa mensagem (Jr 9 -10). Enquanto viveu Josias o profeta não teve nada que temer.

Nabucodonosor tinha avançado o bastante longe dentro da Palestina do sul para reclamar tesouros e reféns em Jerusalém, sendo Daniel e seus amigos os mais notáveis entre os cativos de Judá (Dn 1.1.). embora Jeoiaquim reteve seu trono, o regresso dos babilônicos à Síria no 604, e a Ascalom no 603, e um choque com Neco nas fronteiras do Egito, em 601, frustraram qualquer tentativa de terminar com a vassalagem babilônica. Já que este encontro egípcio não foi decisivo, com ambos exércitos em retirada com fortes perdas, Jeoiaquim pôde ter tido a oportunidade de reter o tributo ²⁷². Embora Nabucodonosor não enviou seu exército conquistador a Jerusalém durante vários anos, incitou ataques sobre Judá por quadrilhas de salteadores de caldeus, apoiados pelos moabitas, amonitas e sírios. No curso deste estado de guerra, o reinado de Jeoiaquim acabou bruscamente pela morte, deixando uma precária política antibabilônica a seu jovem filho Joaquim.

A forma em que Jeoiaquim encontrou a morte não está registrada nem no livro dos Reis nem no das Crônicas. O fato de ter queimado os pedaços do rolo de Jeremias precipitou o juízo divino contra Jeoiaquim, e seu corpo ficou exposto ao calor do sol durante o dia e à geada durante a noite, indicando que não teria um sepultamento real (Jr 36.27-32). Em outra ocasião, Jeremias predisse que Jeoiaquim teria o sepultamento de um asno e que seu corpo seria lançado fora das portas de Jerusalém (Jr 22.18-19). Já que não há um relato histórico das circunstâncias da morte de Jeoiaquim, nem sequer se menciona seu sepultamento, a conclusão é que este rei soberbo e desafiador da lei de Deus foi morto na batalha. Em tempo de guerra, resultava impossível proporcioná-lhe um sepultamento honorável.

Jeoiaquim, também conhecido por Jeconias, permaneceu somente por três meses como rei de Jerusalém. No 597, os exércitos da Babilônia rodearam a cidade. percebendo que seria inútil toda resistência, Jeoiaquim se rendeu a Nabucodonosor. Desta vez, o rei babilônico não se limitou a tomar uns quantos prisioneiros e exigir uma seguridade verbal do tributo mediante a correspondente aliança. Os babilônicos despojaram o templo e os tesouros reais. Jeoiaquim e a rainha-mãe foram tomados também como prisioneiros. Acompanhando-os a seu cativeiro da Babilônia se encontravam os oficiais do palácio, os grandes cargos da corte, artesãos e todos os líderes da comunidade. Nem sequer entre aqueles milhares estava Ezequiel. Matanias, cujo nome foi trocado por Nabucodonosor pelo de Zedequias, ficou a cargo do povo que permaneceu em Jerusalém.

- *Zedequias*

(597-586 a.C.). Zedequias era o filho mais novo de Josias. Já que Jeoiaquim era considerado como o herdeiro legítimo ao trono de Davi, Zedequias foi considerado como um rei marionete, sujeito à soberania babilônica. após uma década de política débil e vacilante, Zedequias perdeu o direito ao governo nacional de Judá. Jerusalém foi destruída no 586.

Jeremias continuou seu fiel ministério através dos angustiosos anos daquele estado de guerra, de fome e de destruição. Tendo sido deixado com as classes mais baixas do povo em Jerusalém, Jeremias teve uma apropriada mensagem para seu auditório, baseado numa visão de dois cestos de figos (Jr 24). Os figos bons representavam os cativos que tinham sido levados ao desterro. Os maus, que nem sequer podiam ser comidos, eram as pessoas que tinham restado em Jerusalém. O cativeiro também lhes aguardava a seu devido tempo.

Jeremias escreveu cartas aos exilados da Babilônia, alentando-os a adaptar-se às condições do exílio. Não podiam esperar o retorno a Judá em setenta anos (Jr 25.11-12; 29.10).

Zedequias esteve sob pressão constante para unir-se aos egípcios numa rebelião contra a Babilônia. Quando Salmético II sucedeu a Neco (594 a.C.), Edom, Moabe, Amom e Fenícia se uniram ao Egito numa coalizão antibabilônica, criando uma crise em Judá. Com um jugo de madeira no pescoço, Jeremias anunciou dramaticamente que Nabucodonosor era o servo de Deus ao qual as nações deveriam submeter-se de boa vontade. Zedequias recebeu a certeza de que a submissão ao rei da Babilônia evitaria a destruição de Jerusalém (Jr 27) ²⁷³.

A oposição a Jeremias crescia conforme os falsos profetas aconselhavam uma rebelião.

Inclusive confundiam os cativos, dizendo-lhes que os tesouros do templo logo seriam devolvidos.

Contrariamente ao conselho de Jeremias, asseguravam aos exilados a breve volta ao lar pátrio. Um dia, Hananias tomou o jugo de Jeremias, o quebrou e anunciou publicamente que da mesma forma o jugo da Babilônia seria rompido nos seguintes dois anos. Assombrado, Jeremias continuou seu caminho. Logo voltou portador de uma mensagem de Deus. mostrou de novo o jugo, desta vez de ferro, em vez de madeira, anunciando que as nações cairiam nas garras de Nabucodonosor, onde não haveria escape. No que diz respeito a Hananias, Jeremias

²⁷² Ver D. J. Wissemann, "Chronicles of Chaldean Kings" (626-556 a. C.) no British Museum, pp.26-28.

²⁷³ Note-se que ao ler "Jeoiaquim" no versículo 1, está considerado como um erro de transcrição ou do escriba. Os versículos 3 e 12 confirmam a leitura de "Zedequias".

anunciou que morreria antes que finalizasse aquele ano, o que se cumpriu. O funeral de Hananias foi a pública confirmação de que Jeremias era o verdadeiro mensageiro de Deus.

Embora Zedequias sobreviveu à primeira crise, ajudou aos planos agressivos para a rebelião no 588, quando o novo Faraó do Egito organizou uma expedição à Ásia. Com Amom e Judá em rebelião, Nabucodonosor rapidamente se estabeleceu em Ribla, na Síria.

Imediatamente, seu exército sitiou Jerusalém. Apesar que Zedequias não quis render-se, como Jeremias o havia aconselhado, tentou fazer o melhor em busca de uma solução favorável.

Anunciou a liberdade dos escravos, que em tempo de fome eram vantajosos para seus donos, para não ter que lhes dar rações. Quando o assédio a Jerusalém foi subitamente levantado, pois as forças da Babilônia se dirigiram para o Egito, os donos dos escravos lhe reclamaram de imediato (Jr 37). Jeremias então advertiu que os babilônicos logo retomariam seu assédio.

Um dia, enquanto se dirigia a Anatote, Jeremias foi arrestado, espancado e aprisionado com os cargos de ser partidário da Babilônia. Zedequias mandou chamá-lo e numa entrevista secreta, recebeu uma vez mais o aviso de não ouvir àqueles que favoreciam a resistência contra a Babilônia e a Nabucodonosor. Por sua própria petição, Jeremias foi devolvido à prisão, mas colocado no átrio da guarda. Quando os oficiais do palácio objetaram em contra, Zedequias deu seu consentimento de que matassem a Jeremias. Como resultado, os príncipes submergiram o fiel profeta numa cisterna, com a esperança de que pereceria na lama. A promessa de Deus de libertar a Jeremias foi cumprida quando um eunuco etíope o tirou e voltou a levá-lo ao átrio da guarda. Em pouco tempo o exército da Babilônia voltou a sitiar Jerusalém. Sem dúvida muitos dos cidadãos aceitaram o fato de que a capitulação frente a Nabucodonosor era inevitável. Nesse momento, Jeremias recebeu uma nova mensagem.

Dada a opção de comprar um campo em Anatote, Jeremias, inclusive estando encarcerado, comprou logo a propriedade e tomou especial cuidado em executar a venda legalmente. Isto representava a devolução dos exilados à terra prometida.

Numa entrevista secreta final, Zedequias escutou mais uma vez a voz suplicante de Jeremias. A obediência e a submissão eram preferíveis a qualquer outra coisa. A resistência só atrairia o desastre. Temendo que os líderes estivessem determinados a agüentar até um amargo fim, Zedequias falhou em dar seu consentimento.

No verão do ano 586, os babilônicos entraram na cidade de Jerusalém através de uma brecha aberta em suas muralhas. Zedequias tentou fugir mas foi capturado e levado a Ribla. Após a execução de seus filhos, Zedequias, o último rei de Judá, foi cegado e carregado com correntes para levá-lo à Babilônia. O grande templo salomônico, que tinha sido o orgulho e a glória de Israel por quase quatro séculos, foi reduzido a cinzas, e a cidade de Jerusalém ficou num montão de ruínas.

● CAPÍTULO 15: OS JUDEUS ENTRE AS NAÇÕES

Desde os tempos de Davi, Jerusalém tinha englobado as esperanças nacionais de Israel. O templo representava o ponto focal da devoção religiosa, enquanto que o trono de Davi sobre monte Sião proporcionava, pelo menos para o reino de Judá, o otimismo político para a sobrevivência nacional. Embora Jerusalém tinha sido reduzida desde sua proeminente posição de respeito e prestígio internacional na era da glória salomônica, ao estado de vassalagem nos dias fatídicos do triunfo assírio, ainda se erguia como a capital de Judá quando Nínive foi destruída no 612 a.C. Durante quatro séculos, tinha continuado como a sede do governo do trono de Davi, enquanto que Damasco, Samaria e Nínive, com seus respectivos governos, tinham-se levantado e caído.

Jerusalém foi destruída no 586 a.C. O templo foi reduzido a cinzas e os judeus, feitos cativos. O território conhecido como reino de Judá foi absorvido pelos edomitas no sul e a província babilônica de Samaria no norte. Demolida e desolada, Jerusalém se converteu em objeto de zombaria das nações.

Enquanto que o governo de Jerusalém permaneceu intacto, os anais foram guardados.

O livro dos Reis e o das Crônicas representam a história continuada do governo davídico em Jerusalém. Com a terminação de uma existência nacionalmente organizada, resulta improvável que os anais pudessem ter sido guardados, e pelo menos não há nenhum disponível até o presente. Em consequência, se conhece pouco a respeito do bem-estar geral do povo disseminado pela Babilônia. Somente algumas referências limitadas de fontes escriturísticas e extrabíblicas aportam alguma informação concernente à sorte dos judeus no exílio.

O novo lar dos judeus foi a Babilônia. O reinado neobabilônico que substituiu o controle assírio no oeste, foi o responsável pela queda de Jerusalém. Os judeus permaneceram no exílio tanto tempo como os governantes babilônicos mantiveram uma supremacia internacional. Quando a Babilônia foi conquistada pelos medo-persas no 539 a.C., aos judeus foi-lhes garantido o privilégio de restabelecer-se na Palestina. Embora alguns deles começaram a reconstruir o templo e a reabilitar a cidade de Jerusalém, o estado judeu nunca voltou a ganhar sua completa independência, senão que permaneceu como uma província do Império Persa. Muitos judeus se mantiveram no desterro, sem regressar jamais a sua pátria natal.

ESQUEMA 5: TEMPOS DO EXÍLIO

	JUDA	BABILÔNIA	MEDO-PERSA	EGITO
639	Josias			
626		Nabopolassar		
609	Joacaz Jeioaquim			Neco
605		Nabucodonosor		
597	Joaquim			Samético
594	Zedequias			
588				Apries
586	Destruição de Jerusalém			
568				Amassis
562		Awel-Marduc (Evil-Merodaque)		
560		Neriglisar		
559			Ciro	
556		Nabônido (Belsazar)		

539	Édito – Retorno dos judeus	Queda da Babilônia		
530			Cambisses Dario	
522	Zorobabel Ageu Zacarias			
515	Templo completado			
485			Xerxes ou Assuero	
479			(Ester)	
464			Artaxerxes	
457	Esdras			
444	Neemias			
423			Dario II	
404			Artaxerxes II	

Babilônia – 626-539 a.C.

Sob a dominação assíria, Babilônia tinha sido uma província muito importante.

Embora se fizeram repetidos intentos por parte dos governantes babilônicos para declarar sua independência, não o conseguiram até a morte de Assurbanipal, por volta de 633 a.C.²⁷⁴ Samasumukim chegou a ser o governador da Babilônia de acordo com um tratado feito por Esar-Hadom²⁷⁵. Após um governo de dezesseis anos, Samasumukim se rebelou contra seu irmão Assurbanipal e pereceu no assédio e incêndio da Babilônia (648 a.C.). o sucessor nomeado por Assurbanipal foi Kandalanu, cujo governo terminou muito provavelmente numa fracassada rebelião (627 a.C.). A rebelião continuou na Babilônia sob a incerteza do governo assírio após a morte de Assurbanipal²⁷⁶. Nabopolassar surgiu como o líder político que continuou como campeão da causa da independência da Babilônia.

• Nabopolassar

(626-605 a.C.). A oposição a Nabopolassar²⁷⁷ às forças assírias que marchavam contra Nipur, a 97 km ao sudeste da Babilônia, precipitou o assalto assírio. A triunfal resistência da Babilônia a este ataque resultou no reconhecimento de Nabopolassar como rei da Babilônia em novembro de 626 a.C.²⁷⁸ Por volta do ano 622, aparentemente era o suficientemente forte como para conquistar Nipur, que era estrategicamente importante para o controle do tráfego sobre os rios tigre e Eufrates²⁷⁹. No 616 a.C., Nabopolassar derrotou os assírios no norte, ao longo do Eufrates, empurrando-os até Harã, voltando com um lucrativo botim produto do saqueio e da rapina antes que o exército assírio pudesse lançar um contra-ataque²⁸⁰. Esta foi a causa de que a Assíria se aliasse com o Egito, que tinha sido liberado da dominação assíria por Samético I no 654 a.C.²⁸¹ Após repetidos ataques sobre a Assíria, a cidade de Assur caiu em mãos dos medos sob Ciaxares no 614 a.C. O resultado dos esforços da Babilônia para ajudar os medos na conquista foi uma aliança medo-babilônica, confirmada pelo matrimônio²⁸². No 612 a.C., os medos e os babilônicos convergiram sobre Nínive, devastando a grande capital assíria e dividindo o botim²⁸³. Pôde muito bem ter sido que Sinsariskum, o rei assírio, percesse na destruição de Nínive.

Os assírios se arranjaram para fugir, se retiraram ao oeste ao Harã. Durante vários anos os babilônicos fizeram ataques por surpresa e realizaram conquistas em vários pontos ao longo do Eufrates, porém evitaram qualquer conflito direto com Assur-Ubalite, o rei assírio de Harã. No

²⁷⁴ D. J. Wiseman, "Chronicles of Chaldean Kings" (626-656).

²⁷⁵ *Ibid.* p. 5, refere-se ao tratado de Ninrode.

²⁷⁶ Ver Sydney Smith, "Babylonian Historical Texts" (Londres 1924).

²⁷⁷ As primeiras fontes de Nabopolassar são as tabuinhas do Museu Britânico.

²⁷⁸ Ver Ver Wiseman, *op. cit.* n. 7

²⁷⁹ *Ibid.*, p. 11.

²⁸⁰ As tabuinhas ou crônicas para os anos 622-617 se perderam.

²⁸¹ Ver Wiseman, *op. cit.*, p. 12.

²⁸² O matrimônio do filho de Nabopolassar, Nebuchadnessar e Amytis, filha do filho de Ciaxares. Ver C. J. Gadd, "The Fall of Nineveh", pp. 10-11.

²⁸³ Quem eram os Ummam-manda mencionados nesta campanha como aliados com a Babilônia? Alguns eruditos os equiparam com os medos, enquanto que outros os identificam com os escitas. Embora Wiseman (*op. cit.*, pp. 15-16), está a favor dos 1os, deve-se levar em conta sua discussão relacionando as fontes históricas procedentes de ambos pontos de vista.

609 a.C., com o apoio de Ummam-manda e suas forças, Nabopolassar marchou para o Harã. Os assírios, que por aquele tempo tinham unido suas forças às egípcias, abandonaram Harã e se retiraram às ribeiras ocidentais do Eufrates. Conseqüentemente, Nabopolassar ocupou Harã sem luta, deixando ali uma guarnição, quando voltou à Babilônia. O exército babilônico voltou a Harã quando Assur-Ubalite tentou recapturar a cidade. Nesta ocasião, Assur-Ubalite aparentemente escapou com suas forças assírias para o norte, rumo ao Urartu, já que Nabopolassar dirigia sua campanha naquela zona, sem que haja ulterior menção nas crônicas nem dos assírios nem de Assur-Ubalite ²⁸⁴. Depois de ter dirigido suas expedições para o nordeste durante uns quantos anos, Nabopolassar renovou seus esforços para rivalizar com as tropas egípcias ao longo do Alto Eufrates. A finais do 607 e continuando no ano seguinte, os babilônicos tiveram vários encontros com os egípcios e voltaram a sua origem a princípios do 605. Esta foi a última vez que Nabopolassar conduziu seu exército à batalha.

- *Nabucodonosor*

(605-562 a.C.). Na primavera do 605, Nabopolassar enviou a Nabucodonosor ²⁸⁵, o príncipe coroado, e o exército babilônico para resolver a ameaça egípcia sobre o Alto Eufrates ²⁸⁶. Com determinação, marchou diretamente a Carquemis, que os egípcios tinham em suas mãos desde 609, na ocasião em que Neco fora para ajudar as forças assírias. Os egípcios foram decisivamente derrotados em Carquemis, a princípios daquele verão. Em perseguição de seus inimigos, os babilônicos iniciaram outra batalha em Hamate. Nabucodonosor tinha o controle da Síria e a Palestina, e os egípcios se retiraram a seu próprio país. Wiseman observa corretamente que isto teve um decisivo efeito sobre Judá ²⁸⁷. Embora Nabucodonosor pôde ter-se estabelecido em Ribla, que mais tarde converteu em seu quartel geral, ele, sem dúvida, enviou seu exército o bastante ao sul para expulsar os egípcios da Palestina. Jeoiaquim, que era vassalo de Neco, se converteu então em súbdito de Nabucodonosor. Os tesouros do templo de Jerusalém e os reféns, incluindo a Daniel, foram tomados e levados à Babilônia (Dn 1.1).

Em agosto, o 15 ou 16 do 605 a.C., Nabopolassar morreu ²⁸⁸. O príncipe coroado imediatamente correu para a Babilônia. O dia de sua chegada, o 6 ou 7 de setembro, Nabucodonosor foi coroado rei da Babilônia. Tendo assegurado o trono, voltou com seu exército ao oeste para assegurar a posição da Babilônia e a arrecadação de tributos. No ano seguinte (604), marchou com seu exército a Síria mais uma vez. Desta vez requereu dos reis de várias cidades que se apresentassem ante ele com tributos. Junto com os governantes de Damasco, Tiro e Sidom, Jeoiaquim, rei de Jerusalém, também se submeteu, permanecendo sujeito aos babilônicos durante três anos (2 Rs 24.1) ²⁸⁹. Ascalom resistiu da Babilônia, na esperança irreal de que o Egito viesse em sua ajuda ²⁹⁰. Nabucodonosor deixou esta cidade em ruínas quando voltou à Babilônia em fevereiro do 603.

Durante os anos seguintes, o controle de Nabucodonosor sobre a Síria e a Palestina não foi seriamente desafiado. No 601, o exército babilônico estendeu mais uma vez seu poderio, marchando vitoriosamente na Síria e ajudando os governantes locais na coleta dos tributos.

Aquele ano, mais tarde, Nabucodonosor tomou o mando pessoal do exército e marchou ao Egito ²⁹¹. Neco II mandava as forças reais para enfrentar a agressão babilônica. A crônica babilônica declara francamente que por ambas partes se sofreram tremendas perdas no conflito ²⁹². É muito provável que este contratempo motivasse a retirada de Nabucodonosor e sua concentração durante o ano seguinte, para reunir cavalos e carros de combate para reequipar seus exércitos. Isto pôde também ter desalentado o monarca babilônico de invadir o Egito em muitos dos seguintes anos ²⁹³. No 599, os babilônicos voltaram a Síria para estender seu controle no deserto sírio do oeste e para fortificar Ribla e Hamate como bases fortes para a

²⁸⁴ *Ibid.*, p. 19.

²⁸⁵ As crônicas da Babilônia para os primeiros dez anos de Nabucodonosor e seu reinado estão publicadas num volume por Wiseman, *op. cit.*, bajo B. M 21946 (605-09S a. C. pp. 66 y ss.

²⁸⁶ Wiseman sugere que Nabopolassar permaneceu em seu país por razões políticas ou estado de saúde.

²⁸⁷ Wiseman, *op. cit.*, p. 26.

²⁸⁸ *Ibid.*, p. 26.

²⁸⁹ *Ibid.*, p. 28.

²⁹⁰ *Ibid.*, p. 28, identifica o papiro de Saqqara nº 86984 do Museu do Cairo, com uma carta aramaica que apela ao Faraó pedindo ajuda neste assedio de Ascalom. Ver nota 5 da mesma página para confrontar as variadas opiniões.

²⁹¹ *Ibid.*, em p. 30, sugere que a referência dada por Josefo, "*Antiquities of the Jews*". X, 6 (87), se aplica aqui com anterioridade a esta batalha. No quarto ano de Nabucodonosor, e no oitavo de Jeoiaquim, este último de novo pagou tributo ao primeiro em resposta a uma ameaça de guerra. Embora Neco se havia retirado ao Egito após a decisiva batalha de Carquemis, era o bastante forte para influenciar em Jeoiaquim que segurasse o tributo de Nabucodonosor. O rei da Babilônia sem dúvida se assegurou o apoio de Jeoiaquim antes de avançar para lutar contra o Egito.

²⁹² A tabuinha do Museu Britânico 21946, líneas 4-5, ver Wiseman, *op. cit.*, p. 71.

²⁹³ A única invasão ao Egito por Nabucodonosor conhecida nas fontes seculares, aconteceu no 568 -67 a.C. Ver Wiseman, *op. cit.*, p. 30.

agressão contra o Egito ²⁹⁴. Em dezembro de 598 a.C., Nabucodonosor uma vez mais marchou com seu exército rumo ao oeste. Embora o relato da crônica é breve, identifica definitivamente a Jerusalém como objetivo ²⁹⁵. Aparentemente, Jeoiaquim tinha negado o tributo a Nabucodonosor, em dependência do Egito, inclusive apesar de que Jeremias o havia advertido constantemente contra tal política. De acordo com Josefo, Jeoiaquim ficou surpreendido quando viu que a marcha dos babilônicos estava dirigida contra ele em lugar do Egito ²⁹⁶. Após um curto assédio Jerusalém se rendeu aos babilônicos em março, nos dias 15 e 16 do ano 597 a.C. ²⁹⁷ Já que Jeoiaquim tinha morrido o 6-7 de dezembro do 598, seu filho Joaquim foi o rei de Judá que realmente fez a concessão ²⁹⁸. Com outros membros da real família e uns 10.000 cidadãos sobressalentes de Jerusalém, Joaquim foi levado cativo a Babilônia. Além disso, os vastos tesouros de Judá foram confiscados para Babilônia.

Zedequias, como tio de Joaquim, foi nomeado rei marionete em Jerusalém.

Para os anos 596-594 a.C., as crônicas da Babilônia informam que Nabucodonosor continuou seu controle no oeste encontrando alguma oposição no leste, e suprimiu uma rebelião na Babilônia. As últimas líneas das crônicas existentes estabelecem que em dezembro do 594 a.C. Nabucodonosor reuniu suas tropas e marchou contra a Síria e a Palestina ²⁹⁹. Pelos restantes trinta e três anos do reinado de Nabucodonosor, não se têm registros oficiais, tais como essas crônicas, nem há disponível nenhum outro documento histórico.

As atividades de Nabucodonosor em Judá na seguinte década estão bem testemunhadas nos registros bíblicos dos livros dos Reis, Crônicas e Jeremias. Como resultado da rebelião de Zedequias, o assédio de Jerusalém começou em janeiro de 588. Embora o cerco foi temporariamente levantado, conforme os babilônicos dirigiam seus esforços contra o Egito, o reino de Judá finalmente capitulou. Zedequias tentou escapar, mas foi capturado em Jericó e levado a Ribla onde seus filhos foram mortos diante dele. Após ter sido cegado, foi levado a Babilônia, onde morreu. O 15 de agosto de 586 a.C. começou a destruição final de Jerusalém nos tempos do Antigo Testamento ³⁰⁰. Deserta de sua população mediante o exílio, a capital de Judá foi abandonada, convertida num montão de ruínas. Assim acabou o governo davídico de Judá nos dias de Nabucodonosor.

Outra tabuinha do Museu Britânico que parece ser um texto religioso e não uma parte da série das Crônicas Babilônicas, informa de uma campanha de Nabucodonosor em seu trigésimo sétimo ano de reinado (568-67) contra o Faraó Amassis ³⁰¹. Parece que Apries, o rei do Egito, tinha sido derrotado por Nabucodonosor no 572 e substituído no trono por Amassis. Quando o último se rebelou no 568-67, Nabucodonosor marchou com seu exército contra o Egito.

O extenso programa de construções de Nabucodonosor é bem conhecido pelas inscrições procedentes do Pai rei ³⁰². Tendo herdado um reino firmemente estabelecido, Nabucodonosor durante seu longo reinado dedicou intensos esforços para a construção de diversos projetos na Babilônia. A beleza e a majestade da real cidade de Babilônia não foi ultrapassada nos tempos antigos. A arrogante afirmação de Nabucodonosor de que ele tivesse construído aquela grande cidade por seu poder e para sua glória, está reconhecida como historicamente precisa (Dn 4.30) ³⁰³. Babilônia estava defensivamente fortificada por um fosso e uma muralha dupla. Em toda a cidade, um vasto sistema de ruas e canais foi construído para facilitar o transporte. Junto com a ampla rua processional, e no palácio, havia leões, touros e dragões feitos de pedras de cores esmaltados. A porta de Ishtar marcava a impressionante entrada à rua. Os tijolos utilizados em construções ordinárias levavam a marca impressa com o nome Nabucodonosor. A este famoso rei se credita a existência de quase vinte templos na Babilônia e Borsipa ³⁰⁴. A mais sobressalente empresa na área do templo foi a reconstrução do zigurate. Os jardins pendentes construídos por Nabucodonosor para comprazer sua rainha meda, foram considerados pelos gregos como uma das sete maravilhas do mundo.

²⁹⁴ *Ibid* p. 32.

²⁹⁵ B. M. 21946, Wiseman, *op. cit.*, pp. 66-74 y 32-33.

²⁹⁶ Josefo, *Antiquities of the Jews*, X, 6 (88-89).

²⁹⁷ Wiseman *op. cit.* B. M. 21946, línea 12. este era o segundo dia de Adar.

²⁹⁸ Wiseman *op. cit.* pp. 33-35, sugere que Jeoiaquim pôde ter sido morto numa anterior aproximação babilônica a Jerusalém, já que morreu antes de que as forças principais deixassem a Babilônia em dezembro do 598.

²⁹⁹ B. M. 21946. Wiseman. *op. cit.*, pp. 74-75.

³⁰⁰ E. R. Thiele "*The Mysterious Number of the Hebrew Kings*", p. 165.

³⁰¹ Estas tabuinhas do Museu Britânico números 33041 e 33053, foram primeiramente publicadas por T. G. Pinches em 1878. Estão reproduzidas por Wiseman em *op. cit.*, sobre as laminas XX-XXI. Note-se a discussão e bibliografia em p. 94.

³⁰² Começando em 1899, a Deutsch Orientgesellschaft, sob a direção de Robert Koldewey, se escavou completamente a cidade de Babilônia. Ver Koldewey. *Das wieder erste hende Babylon* (4.a edic., Leipzig, 1925).

³⁰³ Tack Finegan, "*Light from the Ancient Past*" (Princeton, 1959), p. 224.

³⁰⁴ R. Kolclwcy. *Das Ishtar-Tor in Babylon* (1918).

O estudo de umas trezentas tabuinhas cuneiformes achadas num edifício abobadado perto da porta de Ishtar, deu como resultado a identificação dos judeus na terra do exílio durante o reinado de Nabucodonosor ³⁰⁵. Nestas tabuinhas, datadas em 595-570 a.C., estão anotadas as razões designadas aos cativos procedentes do Egito, Filistéia, Fenícia, Ásia Menor, Pérsia e Judá. O mais significativo é a menção de Jeoiaquim com seus cinco filhos ou príncipes. Resulta claro de tais documentos que os babilônicos, assim como os judeus, reconheceram a Joaquim como herdeiro só trono judeu.

A glória do reino babilônico começou a desvanecer-se com a morte de Nabucodonosor em 562 a.C. Seus triunfos tinham ampliado o pequeno reino da Babilônia, estendendo-o desde o Próximo Oriente, de Susã até o Mediterrâneo, desde o Golfo Pérsico até o alto Tigre e desde as montanhas de Taurus até a primeira cachoeira no Egito. Como construtor aventureiro, fez da cidade da Babilônia a mais potente fortaleza conhecida no mundo, enfeitada com um esplendor e uma beleza inigualados. O poderio e o gênio que caracterizaram seu reinado de 43 anos, nunca foram alcançados por nenhum de seus sucessores.

- *Awel-Marduc*

(562-560 a.C.). Também conhecido como Evil-Merodaque, governou somente dois anos sobre o império que tinha herdado de seu pai. Embora Josefo ³⁰⁶ o estima como um governante rude, a Escritura indica sua generosidade para com Joaquim ³⁰⁷. Este rei de Judá que tinha sido conduzido ao exílio no 597 a.C., foi então deixado em liberdade à idade de cinquenta e cinco anos. O reinado de Evil-Merodaque terminou bruscamente ao ser assassinado por Neriglisar que foi entronizado o 13 de agosto do ano 560 a.C. ³⁰⁸

- *Neriglisar*

(560-556 a.C.). Neriglisar chegou ao trono por uma revolução apoiada pelos sacerdotes e um exército, ou como herdeiro por virtude de seu matrimônio com a filha de Nabucodonosor ³⁰⁹. É muito possível que Neriglisar esteja corretamente identificado com o Nergal-Sarezar ³¹⁰, o "Rabmag" ou oficial chefe que deixou em liberdade a Jeremias no 586 após a conquista de Jerusalém (Jr 39.3.13). popularmente conhecido como Neriglisar, é mencionado em contratos na Babilônia e em Ôpis como o filho de um rico proprietário de terras ³¹¹. De acordo com outro texto que tem sido datado no reinado de Nabucodonosor, Neriglisar foi designado para controlar os assuntos do templo do Sol em Sipar ³¹². Se Neriglisar é o indivíduo mencionado por tal nome em contratos lá pelo ano 595 a.C., então deve ter sido um homem de idade madura ou já velho quando se apoderou do trono da Babilônia.

Até recentemente, Neriglisar foi primeiramente conhecido por suas atividades na restauração do templo Esagila de Merodaque na Babilônia e o de Ezida de Nebo em Borsipa.

Além disso, voltou a reparar a capela do destino (ponto focal do festival do Ano Novo na Babilônia), reparou um antigo palácio e construiu canais como se esperava de qualquer rei. A crônica de uma nova tabuinha recentemente publicada, retrata a Neriglisar como agressivo e vigoroso em manter a ordem e o controle por todo o império ³¹³. No terceiro ano do reinado de Neriglisar, Apuasu, rei de Pirindu, no oeste da Cilícia, avançou através da planície costeira até a Cilícia leste, para atacar e rapinar Hume.

Neriglisar imediatamente pôs em movimento seu exército para repelir o invasor e perseguiu-o até Ura, além do rio Lamos. Apuasu escapou, mas seu exército ficou disperso. Em lugar de avançar para a Lídia, Neriglisar marchou para a costa para conquistar a ilha rochosa de Pitusu com uma guarnição de 6000 homens, exibindo sua capacidade no uso das forças de mar e terra. Voltou a Babilônia em fevereiro-março do 556 a.C.

Cilícia tinha sido controlada anteriormente pelos reis assírios, mas voltou a ganhar sua independência após a morte de Assurbanipal, por volta do 631 a.C. embora não há crônicas babilônicas disponíveis concernentes ao reino de Nabucodonosor após seu décimo ano de

³⁰⁵ Ersnt F. Weidmer, em "*Mélanges Suriens á Monsieur Rene Dussaud 11*" (1939), pp. 923-927. A referência na p. 935 aos prisioneiros de Pirindi e Hume retidos na Babilônia, pode indicar que Nabucodonosor tinha conquistado a Cilícia entre o 595 e o 570 a.C.

³⁰⁶ Ver *Against Apion* i. 20 (147).

³⁰⁷ Ver Jr 52.31-34 e 2 Rs 25.27-30.

³⁰⁸ Richard A. Parker y Waldo H. Dubberstein, *Babylonian Chronology*, 626 a. C. 45 d. C. (1942), p. 10.

³⁰⁹ Ver L. W. King, *History of Babylon* (Londres: Chatio & Windus, 1919), p. 280.

³¹⁰ Ver o artigo "Nergal-Sharezar", p. 485, em *Harper's Bible Dictionary* (Nova York: Harper & Brothers, 1952).

³¹¹ Tabuinhas do Museu Britânico números 33117, 30414 e 33142, publicadas por Strassmaier como números 369, 411 e 419.

³¹² De acordo com outro texto, B. M. 55920. Ver Wiseman, *op. cit.*, p. 39.

³¹³ Ver Wiseman, discussão e mapa, *op. cit.*, pp. 39 y ss.

reinado (594 a.C.), foi sugerido que conquistou a Cilícia entre o 595 e o 570 a.C.³¹⁴ Na lista de prisioneiros retidos na Babilônia durante este período, aparecem referência do exílio de Pirindu e Hume³¹⁵. Após a morte de Neriglissar em 556 a.C., seu jovem filho, Labassi-Merodaque, governou por uns quantos meses. Entre os cortesãos que depuseram e mataram o jovem rei, estava Nabônido, que ficou com o trono.

- *Nabônido*

(556-539 a.C.). Quando Nabônido começou a reinar, afirmou que era o verdadeiro sucessor do trono da Babilônia³¹⁶. Merodaque foi só devidamente reconhecido no festival do Ano Novo do 31 de março do 555 a.C., com Nabônido participando não só como rei, senão também proporcionando elaborados presentes para o templo de Esagila³¹⁷.

O interesse religioso do novo rei não teve raízes na Babilônia, mas no Harã, onde seus pais devotamente prestavam culto ao deus-lua Sin. Desde a destruição do templo de Sin no Harã no 610 a.C., que foi cuidadosamente atribuído a Medes, este culto não voltou a ser restaurado. Nabônido fez convenientemente um tratado com Ciro, quem se rebelou contra os medos, de tal forma que o governante da Babilônia pôde restaurar o culto de Sin em Harã. Concentrou-se em seu interesse religioso com tal devoção, que por vários anos suspendeu as celebrações do Ano Novo na Babilônia, falhando em aparecer na procissão de Merodaque³¹⁸. Este culto ritual anual sempre tinha levado um lucrativo aporte de negócios e comércio para os homens de negócios da Babilônia. Assim, a suspensão durante vários anos ofendeu não só aos sacerdotes, senão aos grandes comerciantes naquela grande cidade. O resultado foi e no 548 a.C., Nabônido se viu obrigado a delegar sua autoridade em Belsazar e retirar-se à cidade de Tema na Arábia. Aí Nabônido manifestou um interesse no negócio das caravanas, assim como na promoção do culto ao deus-lua³¹⁹. Embora Nabônido descartou a cidade de Babilônia, tentou manter o império. No 554 enviou exércitos a Hume e às montanhas de Amanus, e para o sul através da Síria, e a final do ano 553 tinha matado o rei do Edom. Dali avançou para Tema, onde construiu um palácio. Algum tempo depois, Belsazar recebeu o controle da Babilônia, já que a crônica para cada ano desde o 549 ao 545 a.C. começa com a declaração de que o rei estava em Tema³²⁰.

Enquanto isso, Ciro tinha avançado para a Média. Por volta do 550 tinha ganhado a partida e conquistado Acmeta, reclamando o governo da Média sobre a Assíria e além do Crescente Fértil. Três anos mais tarde, marchou com seu exército através das portas da Cilícia a Capadócia, onde se enfrentou com Creso da Lídia numa batalha indecisa. Embora o equilíbrio de poder tinha sido suficientemente perturbado quando Ciro venceu os medos que Nabônido da Babilônia, Amassis do Egito e Creso tinham formado uma aliança, nenhum destes últimos aliados estava ali para ajudar³²¹. Creso se retirou a Sardis, esperando que na seguinte primavera receberia suficiente apoio para arrasar o inimigo. Ainda em pleno inverno, Ciro avançou ao oeste para Sardis num movimento de surpresa e capturou a Creso na queda do 547 a.C. Com o maior inimigo do oeste derrotado, Ciro voltou à Pérsia.

Sem dúvida, estes acontecimentos perturbaram gravemente a Nabônido e retornou a Babilônia. Por volta do 546 a.C. o festival anual do Ano Novo não tinha acontecido durante um bom número de anos devido à ausência do rei; tinha prevalecido a falta de governo e os desfalcos e o povo estava submetido a injustiças econômicas³²². Nos anos seguintes, conforme Ciro ia estendendo seu império no território do Irã, cidades tais como Susã, sob a liderança de Gobrias, se rebelaram contra a aliança babilônica com Ciro. Em seu desespero, Nabônido resgatou alguns deuses em tais cidades e os levou à Babilônia.

³¹⁴ *Ibid.*, p. 39.

³¹⁵ E. F. Weidner, "Jojachin, König von Judá in babylonischen Keilschriften", *Me-uig&s Syriens*, II (1938), 935.

³¹⁶ S. Langton, *Die Neubabylonischen Königsinchriften* (1912), Nabonid, n.º 8.

³¹⁷ A. T. Olmstead, *History of the Persian Empire* (University of Chicago Press, 1948), p. 35.

³¹⁸ De acordo com a crônica de Nabônido, o rei estava em Tema durante o sétimo e o undécimo anos, e assim não pôde observar-se o culto e o festival. Esta crônica foi publicada primeiro por T. G. Pinches, *Transactions of the Biblical Society of Archaeology VII* (Londres, 1882X) pp. 139 e ss., por Sidney Smith, *Babylonian Historical Texts Relating to the Downfall of Babylon* (Londres, 1924), pp. 110 e ss., e por A. Leo Oppenheim em "*Ancient Near Eastern Texts*", ed. por P. Pritchard (Princeton, 1950), pp. 305 y ss.

³¹⁹ O tráfico das caravanas está mencionado em Jó 6.19 e Is 21.4. Note-se também a referência a Tema em Gn 25.15.

³²⁰ R. P. Dougherty, "*Nabonidus and Belshazzar*" (Londres: H. Milford, Oxford University Press, 1929), pp. 114 y ss.

³²¹ A. T. Olmstead, *History of the Persian Empire* (Chicago, 1948), pp. 34 y ss.

³²² Dougherty, *Records from Erech, Time of Nabonidus* (Yale Oriental Series Babylonian Texts, Vol. 6, 1930; Yale University Press), n.º 154.

No dia do Ano Novo, em abril de 539, Nabônido realizou o intento de celebrar o festival adequadamente ³²³. Embora muitos deuses das cidades circundantes foram trazidos, os sacerdotes de Merodaque e Nebo não se uniram com entusiasmo em apoio do rei. O 11 de outubro do 539, a cidade de Sipar temeu tanto a Ciro que se rendeu sem apresentar batalha. Dois dias mais tarde, Gobrias tomou a Babilônia com as tropas de Ciro. Enquanto Belsazar era morto, Nabônido poderia ter escapado; porém foi capturado e aparentemente recebeu um favorável tratamento depois de deixado em liberdade. Antes do final do mês de outubro, Ciro entrou na Babilônia como vencedor e conquistador ³²⁴.

MAPA 9: IMPÉRIO PERSA

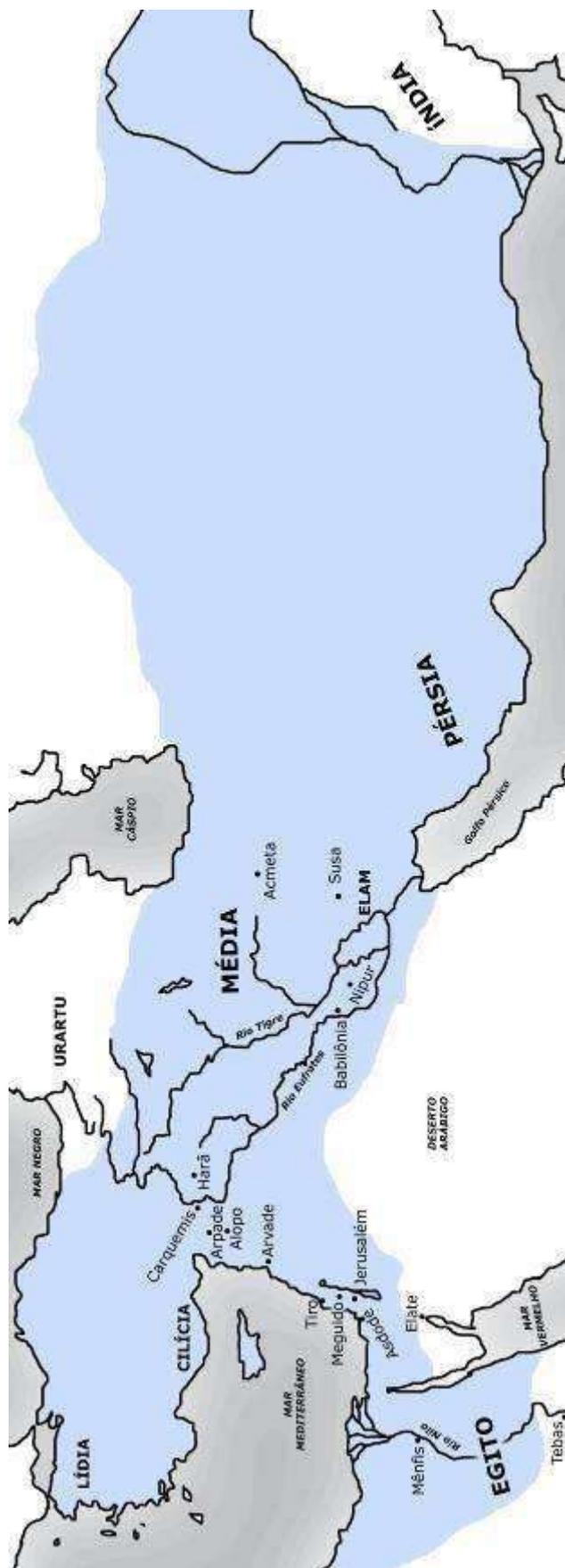
Pérsia – 539-400 a.C.

No princípio do primeiro milênio a.C., sucessivas ondas de tribos árias invadiram e se estabeleceram sobre a planície persa ³²⁵. Dois grupos surgiram eventualmente como historicamente importantes: os medos e os persas.

Sob o dinâmico governo e mandado de Ciaxares, Média se afirmou como uma ameaça da supremacia assíria durante a última metade do século VII. No 612 a.C., as forças combinadas da Média e Babilônia destruíram Nínive. O matrimônio de Nabucodonosor com a neta de Ciaxares selou esta aliança estabelecendo-se um delicado equilíbrio de poder através de todo o período da expansão babilônica e sua supremacia.

• *Ciro o Grande*

(559-530 a.C.). Pérsia se converteu num poder internacional de primeiro nível sob Ciro o Grande ³²⁶. Chegou ao trono no 559 como vassalo da Média, tendo sob seu controle somente a Pérsia e algum território elamita conhecido com Ansham. Para ele, existiam muitos territórios para conquistar. Astiages (585-550) exerceu um governo fraco sobre o Império Medo. Babilônia era ainda muito poderosa sob Neriglissar, porém começou a mostrar sinais de decadência conforme Nabônido descuidou os assuntos do estado para dedicar seu tempo à restauração do culto à lua em Harã. Lídia, no longínquo oeste,



³²³ Ver Nabonidus-Chronicle, referência citada.

³²⁴ Para questões de cronologia, ver Parker and Dobberstein, op. Cit. P.11.

³²⁵ Ernst Herzfeld "Archaeological History of Iran" (1935), p. 8. Ver também R. Ghirshman, "Iran from the Earliest Times to the Islamic Conquest", trad. do francês. (Baltimore: Harmondsworth, Penguin Books, 1954.)

³²⁶ Pérsia foi o verdadeiro primeiro império mundial. Diferentemente dos precedentes impérios, Pérsia incluiu muitas e diversas raças, vários grupos semíticos, medos, armênios, gregos, egípcios, índios e os próprios persas. Os fatores que capacitaram os persas para sustentar essa diversidade num esboço de unidade, por quase 200 anos, são: 1) uma organização efetiva; 2) um forte exército; 3) a tolerância persa; e 4) um excelente sistema de vias de comunicação.

tinha-se aliado com a Média, enquanto que Amassis, do Egito, estava nominalmente sob o controle da Babilônia.

Já em época precoce de seu reinado, Ciro consolidou as tribos persas sob seu mandato.

Depois realizou um pacto com Babilônia contra a Média. Quando Astiages, o governante dos medos, tratou de suprimir a revolta, seu próprio exército se rebelou e fez que seu rei se voltasse para Ciro. Como resultado de sua subjugação à Pérsia, os medos continuaram jogando um importante papel (ver Ester 1.19; Dn 5.28, etc.).

Desde o oeste, Creso, o famoso rei transbordante de riqueza da Lídia, cruzou o rio Halys para desafiar o poderio persa. Atravessando a Babilônia na primavera do 547, Ciro avançou ao longo do Tigre e cruzou o Eufrates na Capadócia. Quando Creso declinou as ofertas conciliatórias de Ciro, os dois exércitos se enfrentaram numa batalha decisiva, aproximando-se o inverno, Creso retirou seu exército e se dirigiu a sua capital em Sardis com uma força protetora mínima.

Antecipando que Ciro o atacaria na seguinte primavera, solicitou ajuda da Babilônia, o Egito e a Grécia. Num movimento surpresa, Ciro se dirigiu imediatamente sobre Sardis. Creso dispunha de uma cavalaria superior, porém lhe faltava infantaria para resistir o ataque. Ciro, astutamente, colocou camelos na frente de suas tropas. Assim que os cavalos lídios cheiraram o fedor dos camelos, foram atacados pelo terror e ficaram ingovernáveis. Por esta causa, os persas ganharam a vantagem da surpresa e dispersaram o inimigo. Assegurando-se Sardis e Mileto, Ciro resolveu seu encontro com os gregos na fronteira ocidental e se voltou para o leste, a fim de conquistar outras terras ³²⁷. No leste, Ciro marchou vitoriosamente com Estados Unidos exércitos pelos rios Oxus e Jaxartes, reclamando o território sogdiano e expandindo a soberania persa até as fronteiras da Índia ³²⁸. Antes de voltar à Pérsia, tinha duplicado a extensão de seu império.

A seguinte empresa de Ciro foi dirigir-se às ricas e férteis planícies da Babilônia, onde uma população insatisfeita com as reformas de Nabônido estava disposta a dar as boas-vindas ao conquistador. Ciro pressentiu que o momento estava maduro para a invasão e não perdeu o tempo em conduzir suas tropas através das montanhas, aproveitando seus passos, e evitando os aluviões. Conforme várias importantes cidades, tais como Ur, Larsa, Ereque e Quis apoiavam a conquista persa, Nabônido resgatou os deuses locais e os levou para salvaguardá-los à grande cidade da Babilônia, que achava fosse inexpugnável. Porém, os babilônicos se retiraram diante do avanço do invasor. Em pouco tempo, Ciro se estabelecia como o rei da Babilônia.

Na Babilônia, Ciro foi aclamado como o grande libertador. Os deuses que tinham sido tomados das cidades circundantes foram devolvidos a seus templos locais. Não só reconheceu Ciro a Merodaque como o deus que o havia entronizado como rei da Babilônia, senão que permaneceu ali durante vários meses, para celebrar o festival do Ano Novo ³²⁹. Aquilo foi uma excelente estratégia política para assegurar-se o apoio popular, conforme assumia o controle do vasto Império Babilônico, estendendo-se ao oeste através da Síria e da Palestina até as fronteiras do Egito.

Os assírios e babilônicos foram notórios por sua política de levar povos conquistados a territórios estrangeiros. A conseqüência de semelhante política distinguiu a Ciro como um conquistador ao qual se davam as boas-vindas. Alentou aos povos desarraigados a que voltassem a seus países de origem e a que restabelecessem os deuses em seus templos ³³⁰. Os judeus, cuja cidade capital e cujo templo ainda jaziam em ruínas, se encontraram entre aqueles aos que beneficiou a benevolência de Ciro.

No 530, Ciro conduziu seu exército até a fronteira do norte. Enquanto invadia o país existente além do rio Araxes, ao oeste do Mar Cáspio, foi mortalmente ferido na batalha.

Cambisses levou o corpo de seu pai a Passargade, a capital da Pérsia, para dar-lhe um adequado sepultamento.

O túmulo que Ciro tinha construído para si mesmo, estava sobre uma plataforma de uma elevação de 5 m, com seis degraus que conduziam a um pavimento retangular de 13 por 15 m ³³¹. Ali foi depositado, num sarcófago de ouro, descansando numa mortalha de ouro lavrado. Ornamentos adequadamente elaborados, jóias custosas, uma espada persa e tapetes da

³²⁷ Olmstead, *op. cit.*, p. 41. Ver também Herodoto i. 71 e ss.

³²⁸ Olmstead, *op. cit.*, pp. 46-49.

³²⁹ Pritchard, *op. cit.*, pp. 315-316.

³³⁰ O cilindro de Ciro, em *Ibid.*, pp. 315-316. Aparentemente, Astiages da Pérsia, Creso da Líbia e Nabônido da Babilônia, todos foram bem tratados por Ciro. De acordo com Robert William Rogers, *History of Ancient Persia* (New York, 1929), p. 49, Creso foi designado à Barene, na Média, onde lhe foi concedido um tributo e uma consagração real num estado semi-régio, com uma guarda de 5000 homens de cavalaria e uma infantaria de 10.000 homens.

³³¹ Ver *Ibid.*, por 69, para uma bibliografia sobre o túmulo de Ciro. Melhor discussão, de acordo com Rogers, está em "*Persia, Past and Present*", por A. V. Williams Jackson, pp. 293.

Babilônia e outros luxuosos adornos foram cuidadosamente colocados no lugar do eterno descanso daquele que tinha sido criador de um grande império. Rodeando o pavimento, existia um canal, e além, uns belíssimos jardins. Uma guarda real montava vigilância perto de seu túmulo. A cada mês se sacrificava um cavalo ao distinguido herói. Dois séculos mais tarde, quando Alexandre Magno descobriu que os vândalos tinham rapinado o túmulo, ordenou a restauração do corpo, assim como dos outros tesouros ³³². Ainda hoje, o túmulo vazio é testemunha da grandeza de Ciro, que ganhou para a Pérsia seu império, embora eventualmente foi saqueado o lugar do eterno repouso que o grande Ciro tinha preparado tão elaboradamente.

- *Cambisses*

(530-522 a.C.). Quando Ciro abandonou a Babilônia no 538 a.C., nomeou a seu filho Cambisses para representar o rei persa nas reais procissões do Ano Novo. Devidamente reconhecido por Merodaque, Nebo e Bel, e retendo aos oficiais e dignitários da Babilônia, Cambisses ficou bem estabelecido na Babilônia com seu quartel geral em Sipar.

Com a súbita morte de Ciro em 530, Cambisses se confirmou a si mesmo rei da Pérsia.

Após ter recebido o reconhecimento de várias províncias que seu pai tinha submetido ao poder do trono, Cambisses voltou sua atenção à conquista do Egito, que ainda ficava além dos laços do império.

Amassis fazia anos que se havia antecipados aos sonhos imperialistas da Pérsia. No 547 pôde que tivesse uma aliança com Cresos. Ele também fez amizades e buscou uma coalizão com os gregos.

Em seu caminho para o Egito, Cambisses acampou em Gaza, onde adquiriu camelos nabateanos ³³³ para a marcha de 88 km através do deserto. Dois homens que traíram a Amassis se uniram ao grupo do conquistador. Fanés, um chefe mercenário grego, desertou do Faraó e proporcionou a Cambisses uma importante informação militar. Polícrates de Samos quebrou sua aliança com Amassis para ajudar a Cambisses com tropas gregas e embarcos.

Ao chegar ao Delta do Nilo, soube que o velho Amassis tinha morrido. O novo Faraó, Samtik III, filho de Amassis, enfrentou os invasores com mercenários gregos e soldados egípcios. Na batalha de Pelusium (525 a.C.), os egípcios foram definitivamente derrotados pelos persas. Embora Samtik tentou cobrir-se na cidade de Mênfis, foi incapaz de escapar de seus perseguidores. Cambisses concedeu um tratamento favorável ao rei, porém mais tarde Samtik tentou uma rebelião e foi executado. O invasor vitorioso se apropriou dos títulos do reinado egípcio e fez que se inscrevesse seu nome nos monumentos dedicados ao faraó.

Nos seguintes anos, Cambisses cultivou a amizade com os gregos, com o objeto de promover o lucrativo comércio que tinham com o Egito. Esta ação estendeu a dominação persa sobre o mais avançado e o mais rico do mundo grego ³³⁴. Cambisses também tratou de expandir seu domínio pelo oeste até Cartago e ao sul da Núbia e a Etiópia, a base de forças militares, porém neste propósito fracassou por completo.

Deixando o Egito sob o mando de Ariandes como sátrapa, Cambisses empreendeu o regresso à Pérsia. Perto de monte Carmelo, lhe chegaram notícias de que um usurpador, de nome Gaumata, tinha-se apoderado do trono da Pérsia. A afirmação de Gaumata de ser Emerdis, outro filho de Ciro a quem Cambisses tinha previamente executado ³³⁵, perturbou tão grandemente a Cambisses que se suicidou. Por oito meses, Gaumata susteve as rédeas do reino e do governo.

O fim de seu curto reinado precipitou as revoltas em várias províncias.

- *Dario I*

(522-486 a.C.). Dario I, também conhecido como Dario o Grande, salvou o Império Persa naquele tempo de crise. Tendo servido no exército sob o mando de Ciro, se converteu no braço direito de Cambisses no Egito. Quando o reinado deste último terminou bruscamente no caminho do Egito para a Pérsia, Dario se precipitou para o leste. Executou a Gaumata em setembro do 522 a.C. e se firmou no trono. Três meses mais tarde, a Babilônia rebelada ficou sob seu domínio ³³⁶. Após dois anos de dura luta, dissipou toda oposição na Armênia e na Média.

Dario voltou ao Egito como rei no 519-18 ³³⁷. Não é conhecido o contato que teve com os judeus estabelecidos em Jerusalém. No princípio de seu reinado, garantiu a permissão para a

³³² Arrian, *Aiiabasis* 6, 29, traduzida por E. I. Robson, em *Loeb Classical Library* (1929-1933), II, 197.

³³³ De acordo com Olmstead, *op. cit.*, p. 88,, esta é a primeira menção dos nabateanos. Ver Herodoto, III, 4 ss.

³³⁴ Olmstead, *op. cit.*, p. 88.

³³⁵ Rogers, *op. cit.*, p. 71.

³³⁶ Para outros dados, ver Parker y Dubbcrcstein, *op. cit.*, p. 13.

construção do templo (Esdras 6.1; Ageu 1.1). Já que foi completado no 515 a.C., parece razoável assumir que o avanço persa através da Palestina não afetou a situação dos assuntos de Jerusalém ³³⁸. No Egito, Dario ocupou Mênfis sem muita oposição e reinstalou a Ariandes como sátrapa.

No 523, Dario pessoalmente marchou com seus exércitos para o oeste, através do Bósforo e do Danúbio, para encontrar-se com os escitas, que vinham das estepes da Rússia ³³⁹. Esta aventura não teve êxito; contudo, retornou para agregar a Trácia a seu império, permanecendo um ano em Sardis. Isto iniciou uma série de compromissos com os gregos. O controle persa das colônias gregas deu lugar a um conflito que finalmente se converteu num desastre para os persas. O avanço para o oeste dos persas foi bruscamente detido numa crucial derrota em Maratona, no 490 a.C.

Dario tinha conseguido êxitos suprimindo rebeliões, porém onde foi mesmo um gênio, foi na administração. O demonstrou organizando seu vasto império em vinte satrapados ³⁴⁰. Para reforçar o império interiormente, promulgou leis no nome de Auramazda, o deus zoroástrico simbolizado pelo disco alado. Dario intitulou seu livro de leis "A Ordenança das Boas Normativas". Seus estatutos mostram a dependência da anterior codificação mesopotâmica, especialmente a de Hamurabi ³⁴¹. Para a distribuição a seu povo, as leis foram escritas em aramaico e em pergaminho.

Um século mais tarde, Platão reconheceu a Dario como o maior legislador da Pérsia.

Um excepcional talento para a arquitetura, estimulou a Dario a empreender a construção de grandes e suntuosos edifícios nas cidades capitais e outras partes. Acmeta, que tinha sido a capital meda em tempos passados, se converteu então no lugar favorito real de verão, enquanto que Susã serviu por eleição como residência de inverno.

Persépole, a 40 km ao sudoeste de Passargade, foi convertida na cidade mais importante de todo o Império Persa. Dario preparou um túmulo na rocha, elaboradamente construído para si mesmo, num precipício perto de Persépole. Na distante terra do Egito, promoveu a construção de um canal entre o Mar Vermelho e o rei Nilo ³⁴².

Susã, a 97 km para o norte da desembocadura do Tigre, foi centralizada para propósitos administrativos. A planície entre Coaspes e Ulai, rios do império, se converteu numa rica e fecunda zona de produção de frutas, por meio de um eficaz sistema de canais. O elaborado palácio real, começado por Dario e embelezado por seus sucessores, foi o maior monumento persa daquela cidade. de acordo com uma inscrição feita por Dario, este palácio foi enfeitado com cedros do Líbano, marfim da Índia e prata do Egito ³⁴³. Ainda há hoje restos desta estrutura, embora sejam pouco mais que alguns bosquejos de pátios e pavimentos. A causa do excessivo calor do verão, Susã não era o lugar ideal para uma capital permanente.

Persépole, a primeira cidade do Império Persa, era a mais impressionante das capitais.

O palácio de Dario, o Taxara, foi começado por ele, apesar de ter sido ampliado e completado por seus sucessores. As colunas desta tremenda estrutura ainda nos proporcionam o testemunho da arte e da construção dos persas ³⁴⁴. Persépole estava estrategicamente fortificada por uma tripla defesa. Na cristã da "montanha da Misericórdia", sobre a qual foi construída esta grande capital, havia uma fileira de muralhas e de torres. Ales delas, estava a imensa planície conhecida atualmente como Marv Dasht.

A mais notável entre as inscrições persas é o monumento de rocha lavrada perto de Bisitum. O grande relevo, representando a vitória de Dario sobre os rebeldes, está suplementado por três inscrições cuneiformes em persa antigo, acádio ou babilônico, e elamita. Devido a que o painel da vitória foi talhado sobre a superfície de um precipício de 152 mas por acima da planície, com somente uma estreita borda embaixo dele, a inscrição tem permanecido sem ser lida por mais de dois milênios. Em 1835, Sir Henry C. Rawlinson copiou e descifrou este registro, assegurando aos modernos eruditos a clave para descifrar a linhagem

³³⁷ Ver R. A. Parker "Darius and His Egyptian Campaign", *American Journal, Language and Literatura* LVIII (1941), 373 ff.

³³⁸ Olmstead, *op. cit.*, p. 142, utiliza o argumento do silêncio para assumir que Zereutubel se rebelou e foi executado, já que não está subseqüentemente mencionado em nenhum registro. Albright, *The Biblical Period*, p. 50, afirma que não há razão para supor que fosse desleal a Dario.

³³⁹ Ver Rogers, *op. cit.*, p. 118.

³⁴⁰ Para ulterior discussão, ver "*Cambridge Ancient History*", IV, 194 y ss.

³⁴¹ Para uma comparação das leis de Dario e do código de Hamurabi, ver Olmstead, *op. cit.*, pp. 119- 134.

³⁴² Ver R. G. Kent, en *Journal of Near Eastern Studies*, pp. 415-421.

³⁴³ Ver J. M. Unvala., *A Survey of Persian Art*, Vol. I., p. 339.

³⁴⁴ Persépole foi escavada pelo Oriental Institute of the University of Chicago en 1931-34 y en 1935- 39. Para um informe sobre a primeira expedição, ver Ernst Herzfeld, *op. cit.*, ou ver Ernst Schdmit, *The Treasury of Persépolis and Oher Discoveries Achiemenlans*, no *Oriental Institute Communications*, 21 (1939), 14ss.

abilônica, e incrementando a compreensão do persa ³⁴⁵. Uma cópia aramaica desta inscrição entre os papiros descobertos em Elefantina, no Egito, indica que foi amplamente difundida entre o Império Persa.

- *Xerxes*

(486-465 a.C.). Xerxes foi o herdeiro eleito para o trono persa quando morreu Dario, no ano 486 a.C.

durante doze anos tinha servido como vice-rei na Babilônia sob o governo de seu pai. Quando se encarregou do Império, se encontrou com projetos de edifícios sem terminar, reformas religiosas e rebeliões em várias partes do domínio, que esperavam sua atenção.

Entre as cidades em rebelião que receberam severo castigo sob o mando de Xerxes, estava Babilônia. Ali, no 482 a.C., as fortificações erigidas por Nabucodonosor foram destruídas, o templo de Esagila foi desfeito e a estatua maciça de ouro de Merodaque, de 363 kg de peso, foi tirada de seu lugar e fundida em lingotes. Babilônia perdeu sua identificação ao ser incorporada com a Assíria ³⁴⁶. Embora vitalmente interessado em continuar o programa de construções de Persépole, Xerxes condescendeu aos insistentes conselhos de seus assessores e contra seu gosto dirigiu seus esforços e energias à expansão da fronteira noroeste. À cabeça daquele enorme exército persa avançou para a Grécia com o apoio de sua armada naval composta de unidades fenícias, gregas e egípcias. O exército sofreu reveses nas Termópilas, a frota foi derrotada em Salamis, e finalmente os persas foram decisivamente desagregados em Platéia e no cabo Micale.

Em 479, Xerxes se retirou à Pérsia, abandonando a conquista da Grécia.

Em seu país, Xerxes acabou com seu programa de construções. Em Persépole completou o Apadana, onde treze dos 72 pilares que sustentavam o teto daquele espaçoso auditório ainda continuam em pé. Na escultura, Xerxes desenvolveu o melhor da arte persa. Isto ficou evidenciado ao decorar a escadaria do Apadana com figuras esculpidas dos guardas de Susã e da Pérsia.

Embora Xerxes foi inferior como líder militar e será sempre lembrado pela sua derrota na Grécia, superou aos seus antecessores como construtor. Deve-se lhe conceder o crédito de que Persépole se convertesse na mais sobressalente cidade dos reis persas, especialmente pela escultura e a arquitetura.

No 465 a.C., Xerxes foi assassinado por Artabano, o chefe da guarda do palácio. foi sepultado no túmulo entalhado na rocha que tinha escavado perto do de Dario o Grande.

- *Artaxerxes I*

(464-425 a.C.). Com o apoio do assassino Artabano, Artaxerxes Longímano ocupou do trono de seu pai. Após fazer desaparecer a outros aspirantes ao trono, suprimiu com êxito diversas rebeliões no Egito (460 a.C.) e uma revolta na Síria (448). Os atenienses negociaram um tratado com ele, mediante o qual ambas partes convieram em manter um *status quo*. Durante seu reinado, Esdras e Neemias marcharam a Jerusalém com a aprovação do rei para ajudar os judeus.

a dinastia caiu em declive sob os reis seguintes: Dario II (423-404 a.C.) e Artaxerxes II (404-359 a.C.). Artaxerxes III (359-338 a.C.) deu lugar a um ressurgir da unidade e da força do império, porém o fim estava preste a chegar. Durante o governo de Dario III, Alexandre Magno, com táticas militares superiores, desfez o poderio do exército persa (331) e incorporou o Próximo Oriente a seu reino.

Condições do exílio e esperanças proféticas

Os últimos dois séculos dos tempos do Antigo Testamento, representam uma era de condições de exílio para a maior parte de Israel. Durante a conquista por Nabucodonosor, muitos israelitas cativos foram levados à Babilônia. Após a destruição de Jerusalém, outros judeus emigraram ao Egito. Embora alguns dos exilados voltaram da Babilônia após o ano 539 a.C., para restabelecer um estado judeu em Jerusalém, nunca tornaram a ganhar a posição de independência e de reconhecimento internacional que Israel teve uma vez sob o governo de Davi.

A transição desde um estado nacional ao exílio da Babilônia foi gradual para o povo de Judá. Pelo menos quatro vezes durante os dias de Nabucodonosor houve cativos de Jerusalém que foram levados à Babilônia.

³⁴⁵ Ver H. C. Rowlinson, *The Persian Cuneiform Inscription at Behistun* (1846). Cameron fez novas fotografias. Ver *Journal of Near Eastern Studies* 115 y ss.

³⁴⁶ Ver Olmstead, *op. cit.*, pp. 236-237.

De acordo com Beroso, o rei babilônico Nabopolassar enviou a seu filho Nabucodonosor, no 605 a.C., para suprimir a rebelião no oeste ³⁴⁷. Durante esta campanha, o último recebeu notícias da morte de seu pai. Deixando os cativos de Judá, Fenícia e Síria com seu exército, Nabucodonosor se deu pressa em voltar para estabelecer-se no trono da Babilônia. A evidência bíblica (Dn 1.1) data o acontecido no terceiro ano de Jeioaquim, que continuou como governante de Jerusalém por oito anos mais após a crise ³⁴⁸. A extensão de seu cativeiro não está indicada, mas Daniel e seus amigos estão entre a família real e a nobreza, tomada em cativeiro e levada ao exílio naquele tempo. daqueles cativos israelitas, jovens procedentes do Israel foram levados à corte para serem treinados para o serviço do rei. Algumas das experiências de Daniel e seus colegas na corte da Babilônia são bem conhecidas nos relatos do livro de Daniel 1-5.

A segunda invasão babilônica de Judá aconteceu no 597 a.C. Esta foi a mais crucial para o Reino do Sul. Ao reter o tributo da Babilônia, Jeioaquim invocou um estado de calamidade. Devido a que Nabucodonosor estava ocupado em outros lugares, incitou os estados circundantes a atacar Jerusalém. Aparentemente, Jeioaquim foi morto durante um destes ataques, deixando o trono de Davi ao jovem de dezoito anos, filho seu, Joaquim. O reinado deste último, de três meses, foi bruscamente terminado quando se rendeu aos exércitos da Babilônia (2 Rs 24.10-17).

Fontes babilônicas confirmam que esta invasão teve lugar no mês de março do 597 a.C. ³⁴⁹ As cartas de Laquis igualmente indicam uma invasão judaica por aquele tempo ³⁵⁰. Não só o rei foi tomado cativo, senão que com ele foram milhares de pessoas importantes de Jerusalém, tais como artesãos, ferreiros, oficiais chefes, príncipes e homens de guerra. Zedequias, um tio de Joaquim, foi deixado para governar as classes mais pobres do que restava do país.

O cativeiro do rei Joaquim não impediu aos cidadãos de Judá, assim como aos exilados, de considerá-lo como seu legítimo rei. Cerâmicas estampadas escavadas na antiga Debir e em Bete-Semes em 1928-30, indicam que o povo conservava suas propriedades no nome de Joaquim, inclusive durante o reino de Zedequias ³⁵¹. Textos cuneiformes descobertos na Babilônia se referem a Joaquim como o rei de Judá ³⁵². Quando Jerusalém foi destruída mais tarde, os filhos de Joaquim tiveram rações designadas sob a supervisão real e, contudo, os filhos de Zedequias foram todos mortos. Embora Jerusalém reteve um esboço de governo por outros onze anos, o cativeiro do 597 teve um efeito devastador sobre Judá.

No 586 o país sofreu o broto de outra nova invasão, com mais drásticos resultados.

Jerusalém, com seu templo, foi destruída. Judá deixou de existir como estado nacional. Com Jerusalém em ruínas, a capital foi abandonada pelas gentes que permaneceram no país. Sob a liderança de Gedalias, que tinha sido nomeado governador de Judá por Nabucodonosor, o restante regressou a Mispá (2 Rs 25.22; Jr 30.14). Poucos meses depois, Gedalias foi assassinado por Ismael, e o desalentado grupo dos que restavam emigrou ao Egito. Por aquele caminho empoeirado caminhou com eles Jeremias, o profeta.

Uma quarta deportação se menciona em Jeremias 52.30. Josefo ³⁵³ informa que foram tomados cativos mais judeus, e levados à Babilônia no 582 a.C., quando Nabucodonosor subjugou o Egito.

De acordo com Beroso, as colônias judaicas receberam adequado estabelecimento por toda a Babilônia, segundo o prescrito por Nabucodonosor. O rio Quebar, perto do qual o profeta Ezequiel teve sua primeira visão e seu chamamento profético (Ez 1.1), tem sido identificado como o Nari Kabari, o canal existente perto da Babilônia ³⁵⁴. Tel-Abibe (Ez 3.15), outro centro de cativeiro, presumivelmente estava na mesma vizinhança.

Nabucodonosor dedicou seu interesse a embelezar a cidade de Babilônia, até tal extremo, que os gregos reconheceram nela uma das maravilhas do mundo antigo. não há razão para duvidar que os judeus cativos foram designados aos trabalhos da grande capital ³⁵⁵. Os textos Weider mencionam nomes judeus junto àqueles destros trabalhadores procedentes de outros

³⁴⁷ Josefo, *Agáitá Apion*, i. 132-139; *Antiquities*, X. 219-223. Mais recentemente confirmado.

³⁴⁸ Os eruditos que datam o livro de Daniel no século II a.C., não consideram a Daniel como uma personagem histórica nem aceitam esta referência como historicamente confiável. Ver Anderson, *"Understanding the Old Testament"*, pp. 515-530. Também *"Interpreters Bible"*, VI, "Daniel", pp. 355 y ss.

³⁴⁹ Wiseman, *op. cit.*, p. 33.

³⁵⁰ Ver C. F. Whitley, *The Exile Age* (Londres: Westminster Press, 1957), p. 61.

³⁵¹ W. F. Albright, "The Seal of Eliakim and the Latest Pre-Exilic History of Judah", *Journal of Biblical Literature*, 51, (1932).

³⁵² E. F. Weidner, "Jejachin-Konig von Judá in babylonischen Keilhrijtextenii, Mr-langes Syriens offerts á Momieur Rene Dussaud, U (1939), 923-935. Ver também D. Winton 1 liornas, *op. cit.*, pp. 84-86.

³⁵³ *Antiquities*, x, 9, 1.

³⁵⁴ H. V. Hilprecht, *Explorations of Bible Lanas* (Edimburgh, 1903), p. 412.

³⁵⁵ Whitley, *op. cit.*, pp. 66 y ss.

estados, que foram utilizados por Nabucodonosor numa empresa de êxito, ao tentar fazer de sua capital a mais impressionante que qualquer das que se haviam visto na Assíria ³⁵⁶. Desta forma, o rei babilônico fez um inteligente uso dos artesãos, especialistas e trabalhadores hábeis e destros e, mais tarde, pelos persas.

As redondezas da Babilônia puderam, no princípio, ter sido o centro dos estabelecimentos judeus; porém os cativos se estenderam por todo o império, ao ser-lhes concedida mais liberdade, primeiro pelos babilônicos, e depois pelos persas.

As escavações em Nipur mostraram tabuinhas contendo nomes comuns ao registro de Esdras e Neemias, indicando que uma colônia judaica existia ali no exílio ³⁵⁷. Nipur, a 97 km ao sudeste da Babilônia, continuou como uma comunidade judaica até sua destruição, aproximadamente por volta do 900 a.C. ³⁵⁸ Outros lugares citados como comunidades judaicas são Tel-Melá e Tel-Harsa (Ne 7.61), Aava e Casifia (Ed 8.15,17). Além delas, Josefo menciona Neerda e Nissibis, situadas em algum lugar no curso do Eufrates (*Antiquities* 18:9).

A ansiedade por voltar ao lar pátrio invadiu os exilados, sendo uma realidade enquanto que o governo de Jerusalém permaneceu intacto. Falsos profetas semearam um espírito de revolta na Babilônia, com o resultado de que os rebeldes pereceram a mãos dos satélites de Nabucodonosor (Jr 29). Pouco depois do cativo, no 597, Hananias predisse que em dois anos os judeus quebrariam o jugo da Babilônia (Jr 28). Ezequiel, nesta época, também encontrou instigadores à insurgência (Ez 13). Jeremias, que era bem conhecido para os cativos a causa de seu longo ministério em Jerusalém, escreveu cartas avisando-os para que se estabelecessem na Babilônia, construíssem casas e semeassem vinhedos, e fizessem planos para permanecer 70 anos em período de cativo (Jr 29).

Quando as esperanças de um imediato retorno se desvaneceram com a queda e destruição de Jerusalém no 586, os judeus no exílio se resignaram ao longo cativo que Jeremias tinha predito. Nomes babilônicos tais como Imer e Querube (Ne 7.61) sugeriram a Albright que os judeus adotaram uma vida pastoril e de trabalhos na agricultura nas férteis planícies do curso do Eufrates ³⁵⁹. Os judeus também se misturaram em empresas comerciais por todo o império. Informes do século V indicam que se haviam tornado muito ativos nos negócios e no comércio, centrado todo isso em Nipur ³⁶⁰. Lingüísticamente, a média dos judeus deveu encarar-se com um novo problema. Inclusive com anterioridade à época de Senaqueribe, as tribos aramaicas tinham-se infiltrado na Babilônia, e eventualmente se converteram no elemento predominante na população, pelo que o aramaico chegou a ser a linguagem de uso comum ³⁶¹. A começo do século VII era a linguagem da diplomacia internacional dos assírios (2 Rs 18.17-27) ³⁶². Embora esta transição a uma nova língua criou um problema lingüístico para a maior parte dos judeus, é muito provável que muitos falassem o aramaico; de fato, alguns talvez já tivessem estudado aramaico em Jerusalém. Além disso, os israelitas procedentes do Reino do Norte, que já estavam na Babilônia, sem dúvida se expressavam com tanta fluidez em hebraico como em aramaico.

Ainda que as referências sejam limitadas, a evidência disponível revela que os cativos receberam um tratamento favorável. Jeremias dirigiu sua correspondência aos "anciãos do cativo" (Jr 29.1). Ezequiel se reunia com os "anciãos de Judá" (8.1), indicando que estavam em liberdade para organizar-se em questões religiosas. Em outras ocasiões, os "anciãos de Israel" iam ver a Ezequiel (14.1 e 20.1) ³⁶³. Ezequiel aparentemente gozava de liberdade para executar um amplo ministério entre os cativos. Estava casado e vivia em seu próprio lar e discutia livremente matérias religiosas com os anciãos, quando os encontrava ou iam a visitá-lo a sua casa. Mediante atos simbólicos em público, Ezequiel discutia o estado político e a condenação do Reino do Sul, até que Jerusalém foi destruído no 586. Depois daqueles, continuou alentando seu povo com as esperanças e projetos de restaurar o trono de Davi.

³⁵⁶ Pritchard, *op. cit.* (2.a ed., Princeton, 1955), p. 308.

³⁵⁷ H. V. Hilprecht y A. T. Clay, *Babylonian Expedition of the University of Pennsylvania*. Serie A., Vols. 9-10 (1898-1904).

³⁵⁸ Whitley, *op. cit.*, p. 70. Ver James A. Montgomery, *Aramaic Incantation Texts from Nippur* (Filadelfia), (1913).

³⁵⁹ "The Seal of Jehoiakim", *Journal of Bible Literature* 51 (1932), 100.

³⁶⁰ A. T. Clay, *Business Documents of Murashu Sons of Nippur*, University of Pennsylvania Publications of the Babylonian Section. Vol. 2, n.º I (1912), 1-54.

³⁶¹ A conclusiva evidência de que o aramaico substituiu o acádio como a linguagem internacional da diplomacia, fica aparente numa carta aramaica descoberta em Saqqara, no Egito, em 1942, na qual um rei palestino pede ajuda ao Egito. Ver John Bright "A New Letter" pp. 46ss. *Biblical Archaeologist*, XII, n.º 2 (maio, 1949).

³⁶² R. A. Bowman, "Arameans, Aramaic and the Bible", *Journal of Near Eastern Studies*, 7 (1948) pp. 71- 73.

³⁶³ Oesterly sugere que os israelitas que tinham estado residindo na Babilônia durante o primeiro século, foram reconhecidos como cidadãos nacionais com todos os privilégios da cidadania. Oesterly e Robinson, *Hebrew Religion* (2ª ed., 1937), pp. 283-284.

A experiência de Daniel e de seus colegas, igualmente evidencia o tratamento acordado aos cativos procedentes de Judá. Dos primeiros cativos tomados no 605 a.C., os jovens foram selecionados entre a nobreza e a família real de Judá, para a educação e o treinamento da corte da Babilônia (Dn 1.1-7). Mediante a oportunidade de interpretar o sonho de Nabucodonosor, Daniel chegou à posição de chefe entre os homens sábios da Babilônia.

A seu pedido, seus três amigos foram também ascendidos a importantes posições na província da Babilônia. Ao longo de todo o reinado de Nabucodonosor, Daniel e seus amigos ganharam mais que mais prestígio através das crises registradas no livro de Daniel. É razoável presumir que outros cativos, do mesmo modo, foram premiados e lhes confiaram postos de responsabilidade na corte da Babilônia. Daniel foi nomeado segundo no mando, durante a coregência de Belsazar e Nabônido ³⁶⁴. Após a queda da Babilônia, no 539 a.C., Daniel continuou com seu distinguido serviço de governo sob o mando de Dario, o medo, e de Ciro, o persa.

O tratamento que lhes foi dado a Joaquim e a seus filhos fala igualmente do cuidado benfeitor previsto para alguns judeus cativos ³⁶⁵. Joaquim teve seus próprios criados com adequadas provisões subministradas para toda sua família, inclusive enquanto não foi oficialmente colocado em liberdade da prisão até o 562, na morte de Nabucodonosor (2 Rs 25.27-30).

A lista de outros homens de Judá nessas tábuas indica que o bom tratamento e o outorgamento de tais provisões não ficaram limitados aos membros da família real.

A sorte de Ester na corte persa de Xerxes I tipifica o tratamento acordado aos judeus por seus novos senhores. Neemias foi outro que serviu na corte real. Mediante seu contato pessoal com Artaxerxes teve a oportunidade de aumentar o bem-estar daqueles que haviam regressado a reconstruir Jerusalém.

Whitley, com justificação, duvida das descrições de alguns escritores, que mencionam os judeus cativos na Babilônia como sujeitos ao sofrimento e a opressão ³⁶⁶. Ewald baseou suas conclusões tomando como base pedaços selecionados de Isaías, Is Salmos e as Lamentações, afirmando que as condições se fizeram gradualmente piores para os judeus cativos ³⁶⁷. A evidência histórica parece não ter sustento para a idéia de que os judeus cativos fossem maltratados fisicamente, ou suprimidos em suas atividades cívicas ou religiosas, durante a época da supremacia babilônica ³⁶⁸. A limitada evidência que se extrai das fontes bíblicas ou arqueológicas, apóiam a afirmação de George Adam Smith de que a condição dos judeus foi honorável e sem excessivos sofrimentos ³⁶⁹. Os exilados de Jerusalém, que foram cientes das razões para seu cativo, devem ter experimentado um profundo sentido da humilhação e de angústia de espírito.

Durante quarenta anos, Jeremias tinha advertido fielmente aos seus concidadãos do juízo pendente de Deus: Jerusalém seria devastada de forma tal que qualquer transeunte se horrorizaria de sua vista (Jr 19.8). A despeito de seus adversários, eles haviam confiado que Deus não permitiria que seu templo fosse destruído. Como custódios da lei, aquele povo não acreditou nunca que teriam de ir ao cativo. Então, em comparação com a glória de Salomão e sua fama e glória internacional, do grande rei de Jerusalém, e ante suas ruínas, muitos liberaram sua vergonha e sua tristeza. O livro das Lamentações deplora vividamente o fato de que Jerusalém tivesse acabado como um espetáculo internacional. Daniel reconheceu em sua oração que seu povo se tinha convertido numa repreensão e num objeto de zombaria entre as nações (Dn 9.16). Tal sofrimento foi mais pesado para os cativos, aos que importava o futuro de Israel, que qualquer sofrimento físico que tivessem de suportar na terra do exílio.

Tanto Jeremias como Ezequiel predisseram que Deus restauraria os judeus em sua própria terra.

Outra fonte de consolo e de esperança para os exilados, foi a mensagem de Isaías. Em seus escritos, tinha predito o exílio da Babilônia (Is 39.6), e também assegurou que voltariam baixo o mandado de Ciro (Is 44.28). Começando com o capítulo 40, o profeta elabora uma mensagem alentadora que já havia declarado em capítulos anteriores. Deus era onipotente. Todas as nações estavam sob seu controle. Deus utilizava as nações e seus ra para levar o juízo sobre Israel, e de igual modo poderia utilizá-los para restaurar a sorte de seu povo. A

³⁶⁴ Dougherty, Nabonidus and Belshazzar, pp. 105-200.

³⁶⁵ Pritchard, *op. cit.*, p. 308.

³⁶⁶ Whitley, *op. cit.*, p. 79.

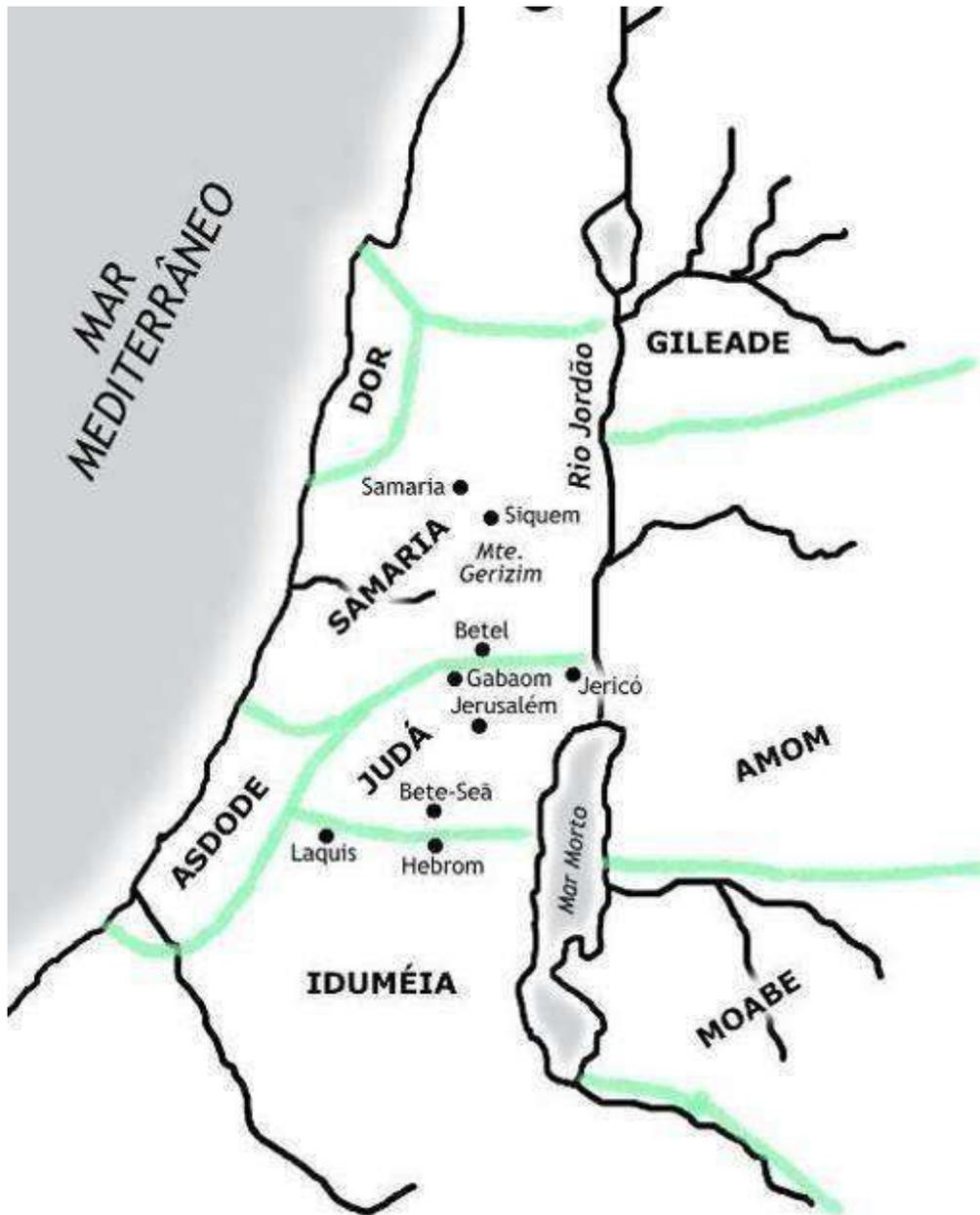
³⁶⁷ Ewald, *History of the Jews*, Vol. 5, p. 7.

³⁶⁸ Whitlwy duvida que a evidência apresentada por J. M. Wilkie em seu artigo "Nabonidus and the Later Jewish Exiles", no *"Journal of Theological Studies"*, abril, 1951, pp. 33-34, justifique o caso de uma perseguição religiosa sob Nabônido.

³⁶⁹ G. A. Smith, *Book Isaiah XL-LXVI* (nova edic., 1927), p. 59.

aparição de Ciro, como rei da Pérsia, deve ter feito surgir as esperanças dos exilados que exercitaram sua fé na mensagem pressagiada dos profetas.

MAPA 10: PALESTINA DEPOIS DO EXÍLIO – CERCA DE 450 AC



● CAPÍTULO 16: A BOA MÃO DE DEUS

Com a crise internacional do 539 a.C., mediante a qual a Pérsia ganhou a supremacia sobre a Babilônia, deu a oportunidade aos judeus para voltar a estabelecer-se em Jerusalém. Porém na época, muitos dos exilados estavam tão confortavelmente situados junto às águas da Babilônia, que ignoraram o decreto que lhes permitia retornar à Palestina. Conseqüentemente, a terra do exílio continuou sendo o lar dos judeus para as gerações que haveriam de vir.

As fontes bíblicas tratam em primeiro lugar com os exilados que retornaram a seu lar pátrio. As memórias de Esdras e Neemias, embora breves e seletivas, apresentam os fatos essenciais que concernem ao bem-estar do restaurado estado judeu em Jerusalém. Ester, o único livro do Antigo Testamento dedicado em exclusividade aos que não voltaram, também pertence a este período. Com objeto de manter uma seqüência histórica, o presente estudo trata a história de Ester junto com Esdras e Neemias. Cronologicamente, esta matéria se divide em quatro períodos:

- | | |
|----------------------------|--|
| 1) Jerusalém restabelecida | Esdras 1-6 (por volta de 539-515 a.C.) |
| 2) Ester a rainha | Ester 1-10 (por volta de 483) |
| 3) Esdras o reformador | Esdras 7-10 (por volta de 457) |
| 4) Neemias o governador | Neemias 1.13 (por volta de 444) |

Jerusalém restabelecida

De face à oposição e aos sofrimentos da Judéia, os judeus que voltaram não estiveram logo em condições imediatamente de completar a construção do templo. Aproximadamente vinte e três anos se passaram antes que lograssem seu primeiro objetivo. O relato, segundo dado em Esdras, pode ser convenientemente subdividido como se segue:

I. Retorno da Babilônia a Jerusalém

Ed 1.1-2-70

- | | |
|-----------------------|-----------|
| O édito de Ciro | Ed 1.1-4 |
| A preparação | Ed 1.5-11 |
| A lista de emigrantes | Ed 2.1-70 |

II. O estabelecimento em Jerusalém

Ed 3.1-4.24

- | | |
|---|-----------|
| A ereção do altar: o culto instituído | Ed 3.1-3 |
| A observância das Festas do Tabernáculo | Ed 3.4-7 |
| A colocação dos fundamentos do Templo | Ed 3.8-13 |
| Terminação da construção | Ed 4.1-24 |
| (Oposição em tempos posteriores) | Ed 4.6-23 |

III. O novo Templo

Ed 5.1-6.22

- | | |
|---------------------------|------------|
| Os líderes entram em ação | Ed 5.1-2 |
| Chamamento a Dario | Ed 5.3-17 |
| O decreto real | Ed 6.1-12 |
| O Templo completado | Ed 6.13-15 |
| O Templo dedicado | Ed 6.16-18 |
| Instituição das Festas | Ed 6.19-22 |

O retorno da Babilônia

Quando Ciro entrou na cidade da Babilônia no 539, afirmou que tinha sido enviado por Merodaque, o chefe dos deuses babilônicos, quem buscava um príncipe justo ³⁷⁰. Conseqüentemente, a ocupação da Babilônia aconteceu sem nenhuma batalha, nem a destruição da cidade.

Imediatamente, Ciro anunciou uma política que era o reverso exato da prática brutal de deslocar os povos conquistados. Começando por Tiglate-Pileser III (745), os reis assírios tinham aterrorizado as nações subjugadas, trasladando as gentes a terras distantes. Portanto,

³⁷⁰ Parker y Dubberstein, "Babylonian Chronology", 626 a. C., a 45 d. C., p. 11. Robert W. Rogers, "Cuneiform Parallels to the Old Testament" (New York), 1912, p. 381.

os babilônicos tinham seguido o exemplo assírio. Ciro, por outra parte, proclamou publicamente que o povo trasladado podia voltar ao seu lar pátrio e render culto a seus deuses em seus próprios santuários ³⁷¹.

Existem cópias da proclama de Ciro para os judeus, que estão preservadas no livro de Esdras. O primeiro relato (1.2-4) está em hebraico, enquanto que o segundo (6.3-5), está redigido em aramaico. Um estudo recente revela que o último representa um "*dikrona*", um termo oficial aramaico que denota um decreto real oral dado por um governante ³⁷². Isto não se fazia com a intenção de ser publicado, senão que servia como um memorando para que o oficial apropriado iniciasse uma ação legal. Esdras 6.2 indica que a cópia aramaica estava guardada nos arquivos do governo em Acmeta, a residência de verão de Ciro no 539 a.C.

O documento hebraico foi destinado aos israelitas no exílio. Nas comunidades judaicas por todo o império, foi verbalmente anunciado em idioma hebraico. Adaptando-o a sua religião, o rei persa afirmou que ele estava comissionado pelo senhor Deus dos céus para construir um templo em Jerusalém. De acordo com isso, permitiu aos judeus que voltassem ao país de Judá. Alentou àqueles que permaneceram, a fim de ajudarem os emigrantes com oferendas de ouro, prata, animais e outros fornecimentos para o restabelecimento do templo de Jerusalém. Inclusive Ciro, assim como tinha rendido reconhecimento a Merodaque quando entrou na Babilônia, naquela ocasião quis prestar reconhecimento ao Deus dos judeus.

Embora isto pôde ter sido somente uma questão de manobra política de sua parte, contudo cumpriu a predição de Isaías de que, depois do exílio, Deus utilizaria a Ciro para que os judeus voltassem a seu lar pátrio (Is 45.1-4).

Em resposta a esta proclama, milhares de exilados prepararam o retorno. Ciro ordenou a seu tesoureiro que devolvesse aos judeus todo o que Nabucodonosor tinha tomado de Jerusalém ³⁷³. O tesouro, especialmente consistente nos vasos sagrados de Jerusalém, foi confiado a Sesbazar, um príncipe de Judá, para transportá-lo ³⁷⁴. Únicos entre todas as nações, os judeus não tinham nenhuma estatua de seu Deus para ser restaurada, embora esta provisão fica incluída no decreto de Ciro, a tal efeito³⁷⁵. A arca da aliança, que era o objeto mais sagrado de Israel, entre seus pertences, dever, sem dúvida, ter-se perdido na destruição de Jerusalém. Com a aprovação e o apoio do rei da Pérsia, os exilados fizeram com êxito o longo e difícil caminho rumo a Jerusalém, sempre com a idéia de reconstruir o templo, que tinha permanecido em ruínas por quase cinqüenta anos. Embora não se saiba com certeza a data deste retorno, deve ter acontecido, muito verossimilmente, no 538 a.C., ou possivelmente no ano seguinte.

De acordo com o registrado por Esdras, 50.000 exilados aproximadamente retornaram a Jerusalém ³⁷⁶. Dos onze chefes mencionados, Zorobabel e Josué aparecem como os mais ativos em guiar o povo em sua tentativa de restaurar a ordem, naquelas caóticas condições. O primeiro, sendo o neto de Joaquim, representava a casa de Davi na liderança política. O último serviu como sumo sacerdote oficiando em questões religiosas.

O estabelecimento em Jerusalém

Por volta do sétimo mês do ano de seu retorno, o povo estava suficientemente bem assentado nas redondezas de Jerusalém, como para reunir-se em massa e construir o altar do Deus de Israel, e restabelecer os sacrifícios de fogo, tal como estava prescrito por Moisés (Êx 29.38ss). No décimo quinto dia desse mês, observaram a Festa dos Tabernáculos de acordo com os requerimentos escritos (Lv 23.34ss). Com aquelas impressionantes festividades, se restaurou o culto em Jerusalém, de forma tal que a lua nova e outras festas se seguiram a seu devido tempo e na época propícia. Com a restauração do culto, o povo proporcionou dinheiro e alimento para os pedreiros e marceneiros, que negociaram com os fenícios, a fim de obter materiais de construção de acordo com a permissão outorgada por Ciro.

A construção do templo começou no segundo mês do seguinte ano, sob a supervisão de Zorobabel e Josué. Os levitas de vinte anos e mais velhos, serviram como capatazes. Os

³⁷¹ Para uma cópia desta proclama geral, ver Pritchard, "*Ancient Near Eastern Texts*", p. 316.

³⁷² Elias J. Bickarman "*The Edict of Cyrus in Ezra I*" JBL, LXV (1946), 249-275. Cf. E. Meyer, *Enstelnmg des Judenthums* (Halle: Niemeyer, 18%), pp. 8 e ss.

³⁷³ Para uma discussão dos problemas textuais que existem em relação com o número de vasos sagrados restaurados (Ed 1.9-11), ver "Commentary", por C. F. Keil como referência.

³⁷⁴ Sesbazar é identificado por Wright, em "*Biblical Archaeology*", p. 202, como Senazar (1 Cr 3.18), e como um filho de Joaquim. Keil, em "Commentary", sobre Esdras 1.8 sugere que Sesbazar é o nome caldeu de Zorobabel. *Harper's Bible Dictionary* equipara ambos nomes, sugerindo que o primeiro é um criptograma para o segundo. Em Esdras 5.14, é identificado como governador, e em 5.16 é creditado como instalando os cimentos do templo.

³⁷⁵ Note-se a jactância de Ciro, de que ele restauraria os deuses estrangeiros em seus santuários. J. B. Pritchard, *op. cit.*, pp. 315-316.

³⁷⁶ Albright, "*The Biblical Period*", p 62.

fundamentos do templo foram colocados durante uma apropriada cerimônia com os sacerdotes vestidos com adequados ornamentos e soando as trombetas. Segundo as diretivas dadas por Davi, rei de Israel, os filhos de Asafe ofereceram louvores acompanhados por címbalos.

Aparentemente houve um canto de antífonas ³⁷⁷, onde um coro cantava "Louvai a Deus porque é bom", enquanto que outro respondia com "E sua misericórdia permanece para sempre" ³⁷⁸. A partir dali a multidão reunida em assembléia se uniu num louvor de triunfo.

Mas nem todos gritavam de alegria; a gente velha que ainda podia lembrar a glória e a beleza do templo de Salomão chorava amargamente dolorida.

Quando os oficiais de Samaria ouviram dizer que se estava reconstruindo o templo, tentaram interferir, já que aparentemente consideravam a Judá como parte da província.

Reclamaram que eles tinham rendido culto ao mesmo Deus sempre, desde os tempos de Esar-Hadom (681-668 a.C.), que os havia situado na Palestina, e solicitaram de Zorobabel e dos outros chefes que lhes permitissem tomar parte na construção do templo. Quando sua solicitude foi denegada, se voltaram abertamente hostis, e adotaram uma política de frustração e de desalento sobre a colônia que lutava entre si. E obstaculizaram o trabalho no templo por todo o resto do reinado de Ciro e o de Cambisses, inclusive até o segundo ano do reinado de Dario (520 a.C.).

Inserto na narrativa de Esdras, nesta questão, está o informe da subsequente oposição. Esdras 4.6-23 é o relato da interferência inimiga durante os dias de Assuero ou Xerxes (485-465 a.C.) e o reinado de Artaxerxes (464-424). Os forasteiros, assentados nas cidades de Samaria, apelaram a Artaxerxes para pesquisar os registros históricos concernentes às rebeliões que tinham acontecido em Jerusalém em tempos passados. Como resultado, se produziu um édito real dando poderes aos samaritanos para deter os judeus em seus esforços para reconstruírem a cidade de Jerusalém. Devido a que Neemias chegou a Jerusalém no 444 a.C., autorizado por Artaxerxes para reconstruir as muralhas, resulta verossímil que este decreto que favorecia os da Samaria fosse emitido nos primeiros anos de seu reinado, presumivelmente com anterioridade à chegada de Esdras no 475 a.C. ³⁷⁹

O novo templo

No ano segundo de Dario (520 a.C.), os judeus acabaram o trabalho no templo.

Ageu, com a mensagem de Deus para a ocasião, comoveu a gente e os chefes, lembrando-lhes que tinham ficado tão absortos em reconstruírem suas próprias casas que tinham descuidado o lugar do culto ³⁸⁰. Em menos de um mês, Zorobabel e Josué levaram o povo num renovado esforço para reconstruir o templo (Ag 1.1-15). Pouco depois, o profeta *Zacarias* colaborou com Ageu em estimular o programa de construção (Zacarias 1.1).

O reinício das atividades construtoras em Jerusalém captou logo a atenção de Tatenai, o sátrapa da Síria, e de seus colegas, os que representavam os interesses da Pérsia naquela época. Embora tinham ido a Jerusalém para fazer uma completa investigação, pospuseram a ação enquanto aguardavam o veredicto de Dario. Numa carta dirigida ao rei persa, informaram de seus achados a respeito do passado e dos acontecimentos do presente, referentes ao levantamento do templo. Ocuparam-se primeiramente da afirmação judaica de que Ciro tinha garantido a permissão para construir o templo.

Seguindo esta advertência, Dario ordenou uma pesquisa nos arquivos da Babilônia, em Acmeta, capital da Média. Nesta última se achou um *dikrona*, onde estava, escrito em aramaico, o édito de Ciro. Além de verificar este decreto, Dario emitiu ordens estritas para que Tatenai e seus associados se abstivessem de interferir de modo algum. Também ordenou que o tributo real da província da Síria fosse entregue aos judeus para seu programa de construções. E também deu instruções para proporcionar um adequado subministro que permitisse sacrifícios diários de tal forma que os sacerdotes de Jerusalém pudessem interceder pelo bem-estar do rei da Pérsia. Conseqüentemente, a pesquisa de Tatenai, que tinha intenções

³⁷⁷ Antífona: versículo, ou parte dele, que se canta ou reza antes de um salmo, repetindo-se no final por completo. (N. da T., fonte: Enciclopédia Encarta de Microsoft).

³⁷⁸ Embora Keil, em *Commentary* sobre Esdras 3:11, sustenta que o texto não requer esta interpretação, menciona a Clericus e outros que a favorecem.

³⁷⁹ Para uma completa discussão a respeito da data desta oposição, ver a publicação de H. H. Rowley titulada "A missão de Neemias e seu transfundo", aparecida no *Bulletin of the John Rylands Library*, n.º 2 (março, 1955), 528-561. Ele data esta oposição pouco antes do retorno de Neemias no 444 e o subsequente regresso de Esdras à chegada de Neemias.

³⁸⁰ Albright considera a Ageu e a Zacarias como oportunistas que levaram vantagem da rebelião por todo o Império Persa que se seguiu à acessão de Dario no 522. Dois meses antes da mensagem inicial de Ageu, um homem chamado Nabucodonosor conduziu uma rebelião na Babilônia, que ainda aparece como tendo êxito quando Ageu entregou sua quarta mensagem, dois meses mais tarde. *The Biblical Period* (Pittsburgh, 1950), pp. 49-50.

injuriosas, providencialmente resultou não somente no favor do apoio político de Dario, mas também na ajuda material dos distritos imediatos oficiais, para realizar o projeto.

O templo foi completado em cinco anos, 520-515 a.C. Embora erigido no mesmo lugar, não podia ter a mesma beleza nem o precioso acabamento artesão que a estrutura construída por Davi e Salomão, com a elaborada preparação que fez o primeiro com seus infinitos recursos. Baseando-se em 1 Mc 1.21 e 4.49-51, se evidencia que o resultado foi inferior. No sagrado lugar do altar dos incensos, estavam os sagrados ornamentos e o candelabro de sete braços (Salomão, em sua época tinha provido o altar com dez candelabros). A arca da aliança se perdera no lugar mais sagrado do templo. Josefo indica que cada ano, no Dia da Expição, o sumo sacerdote colocava seu incensário na lousa de pedra que marcava a antiga posição da arca ³⁸¹. Parrot, em seus estudos sobre o templo, conclui que os planos de Salomão e do santuário foram seguidos, provavelmente, por Zorobabel ³⁸². Referências soltas em Esdras e nos livros dos Macabeus podem somente servir como sugestões. De acordo com Esdras 5.8 e 6.3-4, se utilizaram grandes pedras com vigas de madeira na construção dos muros. As medidas dadas são incompletas no presente texto. Uma recente interpretação de um decreto de Antíoco III da Síria (223-187), indica a existência de um átrio interior e outro exterior ³⁸³. Todos eram admitidos no último, porém somente os judeus que estavam conformes com a pureza das leis levíticas tinham permissão para entrar no átrio interior ³⁸⁴. Foram feitas também provisões de habitações adequadas onde armazenar os utensílios utilizados no templo. Uma dessas habitações foi a que se apropriou o amonita Tobias por um curto período, durante a época de Neemias (Ne 13.4-9).

As cerimônias de dedicação para este templo devem ter sido algo impressionante ³⁸⁵. Complicadas ofertas consistentes em 100 touros, 200 carneiros, 400 cordeiros e uma oferenda de 12 bodes, representando as doze tribos de Israel. A última oferta significava que este culto representava a nação inteira com quem se tinha realizado o pacto. Com este serviço de dedicação, os sacerdotes e os levitas iniciaram seus serviços regulares no santuário, segundo estava prescrito para eles na lei de Moisés.

No mês seguinte, os judeus observaram a Páscoa. Com as adequadas cerimônias de purificação, os sacerdotes e levitas foram preparados para officiar na celebração desta histórica observância. Os sacerdotes foram assim qualificados para aspergir o sangue, enquanto que os levitas matavam os cordeiros para a totalidade da congregação. Embora originalmente o cabeça de cada família mata o cordeiro da Páscoa (Êx 12.6), os levitas tinham sido designados para esta obrigação para toda a comunidade desde os dias de Josias (2 Cr 30.17), quando a maior parte do laicato não estava qualificada para fazê-lo. Deste modo, os levitas também aliviavam as extenuantes obrigações dos sacerdotes, ao oferecer os sacrifícios e aspergir o sangue (2 Cr 35.11-14).

Os israelitas que ainda estavam vivendo na Palestina se uniram com os exilados que voltavam nesta alegre celebração. Separando-se das práticas pagas às quais tinham sucumbido, os israelitas renovaram sua aliança com o Deus ao qual davam culto no templo.

A dedicação do templo e a observância da Páscoa na primavera do 515 a.C. marcaram uma crise histórica em Jerusalém. As esperanças dos desterrados tinham-se realizado ao restabelecer o templo como um lugar de culto divino. Ao mesmo tempo, eram lembrados, pela Páscoa, da redenção da escravidão do Egito. Também gozaram, com a realidade de voltar à pátria, procedentes do exílio da Babilônia. Historicamente está identificado com o reinado de Assuero ou Xerxes (485-465 a.C.), e está restringido ao bem-estar dos exilados que não voltaram a Jerusalém ³⁸⁶.

Embora o nome de Deus não é mencionado no livro de Ester, a divina providência e o cuidado sobrenatural aparecem por toda parte. O jejum está reconhecido como uma prática religiosa. A festa do Purim, comemorando a libertação dos judeus, encontra uma razoável explicação quando os acontecimentos no livro de Ester são reconhecidos como o fundo histórico. A referência a esta festa em 2 Mc 15.36 como o dia de Mardoqueu, indica que era

³⁸¹ Jewish Wars, v. 5, 5.

³⁸² André Parrot, "The Temple of Jerusalem", traduzido por E. Hooke do francês, pp. 68-75.

³⁸³ Ver *Ibid.* p. 73, onde se refere ao estudo feito por E. Bickerman "Une proclamation seleucide relative au Temple de Jerusalem", em *Syria* XXV (1946-48), 67-85.

³⁸⁴ Note-se também a vaga referência aos átrios do templo em 1 Mc 4.38, 48; 7.33; 9.54 e 2 Mc 6.4.

³⁸⁵ O templo foi completado no terceiro dia do mês de Adar, que começa na metade de fevereiro. Este era o último mês do ano religioso judaico. O primeiro mês do ano era Nisã, que começava na metade de março. O décimo quarto dia deste mês era a data para a Páscoa. Mais antigamente este mês era conhecido como Abibe (Êx 13.3).

³⁸⁶ Para um breve tratamento da história de Ester, como edição histórica, ver o artigo intitulado "Esther", em *Harper's Bible Dictionary*, 9-174. Ira M. Price, "The Dramatic Story of Old Testament" (Nova York: Fleming H. Revell Company, 1929), pp. 385-388, reconhece esta historicidade.

observada no século II a.C. Nos dias de Josefo, o Purim era celebrado durante toda uma semana (*Antiquities*, XI, 6:13).

O livro de Ester pode ser esquematizado da seguinte forma:

I. Os judeus na corte persa

Vasti suprimida por Assuero
Ester escolhida como rainha
Mardoqueo salva a vida do rei

II. A ameaça ao povo judeu

O plano de Hamã para destruir os judeus
Os judeus temem o aniquilamento
Mardoqueo alerta a Ester
Ester arrisca a sua vida

III. O triunfo dos judeus

Mardoqueo recebe honras reais
Ester intercede: Hamã é enforcado
Mardoqueo promovido
Vingança dos judeus
A festa do Purim
Mardoqueo continua em altas honras

Et 1.1-2.23

Et 1.1-22
Et 2.1-18
Et 2.19-23

Et 3.1-5-14

Et 3.1-15
Et 4.1-3
Et 4.4-17
Et 5.1-14

Et 6.1-10.3

Et 6.1-11
Et 6.12-7.10
Et 8.1-17
Et 9.1-15
Et 9.16-32
Et 10.1-3

Susã, a capital da Pérsia, é o ponto geográfico de interesse no livro de Ester. Desde os dias de Ciro tinha partilhado a distinção de ser uma cidade real, como Babilônia e Acmeta.

O magnífico palácio de Xerxes ocupava 10.000 m² da acrópole desta grande cidade elamita. Cronologicamente, os acontecimentos de Ester estão datados no ano terceiro ao décimo segundo de Xerxes (cerca do 483-471 a.C.).

Os judeus na corte persa

De todo este vasto império que se estendia desde a Índia até a Etiópia, Xerxes reuniu seus governadores e oficiais em Susã por um período de seis meses, durante o terceiro ano de seu reinado. Numa celebração de sete dias, o rei os atendeu com banquetes e festas, enquanto que a rainha Vasti era a anfitriã no banquete para as mulheres. No sétimo dia, Xerxes, intoxicado, solicitou a aparição de Vasti para mostrar sua coroa e beleza ante seu festivo auditório e os dignitários do governo. Ela ignorou as ordens do rei, recusando com isso pôr em perigo seu real prestígio. Xerxes ficou furioso. Conferenciou com os sábios, os quais o aconselharam que depusesse a rainha. O rei agiu de acordo com este conselho e suprimiu a Vasti da corte real.

As mulheres de todo o império receberam o aviso de honrar e obedecer a seus maridos, a menos que quisessem seguir o exemplo de Vasti.

Quando Xerxes comprovou que Vasti tinha ficado relegada ao esquecimento por seu édito real, dispôs a eleição de uma nova rainha. Foram escolhidas donzelas por toda a Pérsia, e levadas à corte do rei, em Susã. Entre elas estava Ester, uma órfã judaica que tinha sido adotada por seu primo Mardoqueo. A seu devido tempo, quando as donzelas apareceram ante o rei, Ester, que tinha escondido sua identidade racial, foi agraciada por acima de todas as outras e coroada rainha da Pérsia. No sétimo ano do reinado de Xerxes, ela recebeu público reconhecimento e se celebrou um banquete ante os príncipes³⁸⁷. O rei mostrou seu prazer pelo reconhecimento de Ester como rainha, ao anunciar a redução de tributos, ao tempo que distribuiu liberalmente presentes.

Com anterioridade à elevação de Ester, Mardoqueo expressou sua profunda preocupação a respeito do bem-estar de sua prima, deambulando constantemente na corte real. Da mesma forma, manteve estreito contato com Ester após ela ter sido proclamada rainha. Foi assim como Mardoqueo, enquanto estava por perto das portas do palácio, soube que dois guardas conspiravam para matar o rei. Através de Ester, o complô foi comunicado às autoridades pertinentes e os dois criminosos foram enforcados. Na crônica oficial, Mardoqueo gozou do crédito por ter salvado a vida do rei.

Ameaça ao povo judeu

Hamã, um membro influente da corte de Xerxes, gozava de um elevado posto sobre todos os outros favoritos da corte. De conformidade com a ordem do rei, foi devidamente honrado

³⁸⁷ O intervalo entre o afastamento de Vasti no ano terceiro e o reconhecimento de Ester como rainha no ano sétimo, está explicado pelo fato de que Xerxes estava comprometido na luta contra os gregos. No 480 a.C., sua armada foi derrotada em Salarais. No ano seguinte, seu exército sofreu reveses em Platéia.

por todos, exceto por Mardoqueo, que como judeus recusou prestar obediência ³⁸⁸. Sabendo disso, Hamã não tomou nenhuma medida para castigar a Mardoqueo. Contudo, Hamã sabia que Mardoqueo era judeu e em conseqüência desenvolveu um plano para a execução de todos os judeus. Não somente espalhou o rumor e a suspeita acerca de que eram perigosos para o império, senão que assegurou ao rei que obteria enormes ganhos ao confiscar seus bens e propriedades. O rei deu ouvidos à sugestão de Hamã e emprestou seu selo real para dar a correspondente ordem. Em conseqüência, no décimo terceiro dia de Nisã (o primeiro mês) se publicou um édito para a aniquilação de todos os judeus por todo o Império Persa. Hamã designou o dia décimo terceiro de Adar (o mês décimo segundo) como a data para a execução ³⁸⁹. Por todas partes, este decreto, ao ser publicado, fez que os judeus respondessem com jejuns e luto. Quando o próprio Mardoqueo apareceu às portas do palácio vestido de saco e coberto de cinzas, Ester lhe enviou um traje novo. Mardoqueo recusou a oferta e alertou a Ester no que dizia respeito à sorte dos judeus. Quando Ester falou do perigo pessoal que implicava o aproximar-se do rei sem um convite, Mardoqueo sugeriu que ela tinha sido dignificada com a posição de rainha precisamente para uma oportunidade como aquela. Portanto, Ester resolveu arriscar sua vida por seu povo e solicitou que este fizesse um jejum de três dias.

No terceiro dia, Ester apareceu diante do rei. Ela convidou o rei e a Hamã para jantar. Naquela ocasião não deu a conhecer sua preocupação verdadeira, senão simplesmente solicitou que o rei e Hamã aceitassem o convite para jantar na noite seguinte. Caminho a sua casa, Hamã se enfureceu de novo quando Mardoqueo recusou inclinar-se diante dele. Ante sua esposa e um grupo de amigos reunidos, se vangloriou de todas as honras reais que lhe haviam concedido, porém indicou que todas as alegrias tinham-se dissipado pela atitude de Mardoqueo. Recebendo o conselho de enforçar Mardoqueo, Hamã imediatamente ordenou a construção de uma forca para a execução.

Triunfo dos judeus

Naquela mesma noite, Xerxes não pôde conciliar o sono. Sua insônia pôde ter evocado nele o fato de que algo tinha ficado sem ser feito. Não lhe haviam lido as crônicas reais. Imediatamente, após que soube, para sua surpresa, que Mardoqueo nunca tinha sido recompensado por descobrir o complô do palácio, Hamã chegou Nazaré corte, esperando ter a certeza da aprovação do rei para a execução de Mardoqueo. O rei perguntou logo a Hamã que deveria fazer-se por um homem ao qual o rei desejava honrar.

Hamã, com a segura confiança de que se tratava dele, recomendou que tal homem deveria ser vestido com vestes reais e escoltado por um nobre príncipe através da praça principal da cidade, montado no cavalo do rei, e proclamando a decisão do rei para tão elevada honra. A surpresa que recebeu Hamã foi indescritível quando soube que era Mardoqueo quem receberia semelhantes honras reais que ele mesmo tinha sugerido.

As coisas se precipitaram. No segundo banquete, Ester não vacilou mais. Corajosamente e na presença de Hamã, a rainha implorou ao rei que a salvasse a ela e a seu povo da aniquilação. Quando o rei inquiriu quem tinha realizado semelhantes projetos contra o povo de Ester, ela, sem vacilar, indicou a Hamã como o criminoso instigador. Furioso, o rei saiu da habitação real. Percebendo a seriedade da situação, Hamã rogou por sua vida diante da rainha. Quando o rei voltou, achou a Hamã prostrado no divã real onde a rainha permanecia sentada. Errando as intenções de Hamã, Xerxes ordenou sua execução.

Ironicamente, Hamã foi enforcado na mesma forca que ele havia preparado para Mardoqueo (Et 7.10).

Após a desonrosa morte de Hamã, Mardoqueo se converteu numa passagem influente na corte de Xerxes. O último édito de matar os judeus foi anulado imediatamente.

Além disso, com a aprovação do rei, Mardoqueo emitiu um novo édito estabelecendo que os judeus puderam vingar-se por si mesmos de qualquer ofensa que lhes fosse feita. Os judeus ficaram tão alegres com este anúncio, que muitos começaram a temer as conseqüências. Não poucos adotaram as formas externas da religião judaica, com o objeto de evitar a violência ³⁹⁰. A data crucial foi o décimo terceiro dia de Adar, que Hamã tinha designado para a aniquilação dos judeus e a confiscação de suas propriedades. Na luta que se seguiu, milhares de não-

³⁸⁸ Ver Keil, *Commentary* sobre Ester 3:34. Como devoto judeu, Mardoqueo não deu sua conformidade. De acordo com 2 Sm 14.4; 18.28 e outras passagens, os israelitas costumavam reconhecer os reis inclinando-se diante deles. Na Pérsia esta ação pôde ter implicado um reconhecimento do governante como fato divino. Os espartanos, de acordo com Heródoto, recusaram honrar a Xerxes desta forma.

³⁸⁹ A explicação em Ester 3.7 equipara o lançar sorte "pur" para um ato singular como para todo em geral. Para a significação arqueológica de "pur" ou "morrer" achada em Susã por M. Dieulafoy, ver Ira M. Price. *The Monuments and the Old Testament* (Filadelfia), 1925.

³⁹⁰ O dissimulo é ainda praticado no Irã. Ver C. H. Gordon *The World of the Old Testament*, pp. 283- 284.

judeus foram mortos. Contudo, a paz foi logo restaurada e os judeus instituíram uma celebração anual para comemorar sua libertação. Purim foi o nome que se deu a este dia de festa, pois Hamã tinha determinado aquela data lançando sortes, ou Pur ³⁹¹.

Esdras, o reformador

Cinqüenta e oito anos se passaram em silêncio entre Esdras 6 e 7. Conhece-se muito pouco a respeito dos acontecimentos em Jerusalém desde a dedicação do templo (515 a.C.) até o retorno de Esdras (457) no ano sétimo de Artaxerxes, rei da Pérsia ³⁹². Um breve informe das atividades de Esdras em Jerusalém, e no retorno dos exilados sob sua liderança, se dá em Esdras 7.1-10.44. Para um análise desta passagem, note-se o seguinte:

I. Retorno de Esdras

Preparação
Decreto de Artaxerxes
Organização para o retorno
Viagem e chegada

II. A reforma de Jerusalém

Problema de matrimônio misto
A oração de Esdras
Assembléia pública
Castigo do culpável

Ed 7.1-8.36

Ed 7.1-10
Ed 7.11-28
Ed 8.1-30
Ed 8.31-36

Ed 9.1-10.44

Ed 9.1-5
Ed 9.6-15
Ed 10.1-15
Ed 10.16-44

Cronologicamente, as datas dadas nestes capítulos não cobrem necessariamente mais de um ano. A seguinte parece ser a ordem dos acontecimentos:

Nisã (primeiro mês)

1-3 – Acampamento junto ao rio Aava
4-11 – Preparações para a jornada
12 – Começo da jornada até Jerusalém

Ab (mês quinto)

No primeiro dia deste mês chegam a Jerusalém

Kislev (mês nono)

Assembléia pública convocada em Jerusalém após de que Esdras é informado a respeito dos matrimônios mistos

Tabete (mês décimo)

Começo da investigação sobre a culpabilidade dos grupos e final do primeiro dia de Nisã

O retorno de Esdras

Entre os exilados da Babilônia, Esdras, um levita piedoso da família de Arão, se dedicou ao estudo da Torá. Seu interesse em dominar a lei de Moisés encontrou expressão num ministério de ensino a seu povo. Sempre disposto a voltar à Palestina, Esdras apelou a Artaxerxes para a aprovação de seu movimento de retorno à pátria. Para alentar os exilados a retornar a Jerusalém sob o mando de Esdras, o rei persa emitiu um decreto importante (Esdras 7.11-16), comissionando a Esdras para nomear magistrados e juízes na província judaica.

Além disso, Esdras recebeu poderes para confiscar as propriedades e encarcerar ou executar a qualquer dos que não estiverem conformes.

Artaxerxes fez um generoso apoio financeiro, provisionando a missão de Esdras.

Generosas contribuições reais, ofertas feitas por livre vontade pelos próprios exilados e vasos sagrados, foram entregues a Esdras para o templo de Jerusalém. Artaxerxes tinha tal confiança em Esdras que lhe entregou um cheque em branco contra o tesouro real para qualquer coisa que estimasse necessária no serviço do templo. Os governadores provinciais situados além do Eufrates receberam a ordem de subministrara Esdras em dinheiro e alimentos, sob advertência de que a família real cairia sob o castigo da ira divina do Deus de

³⁹¹ Desde seu princípio, o Purim tem sido uma das observâncias mais populares. Após jejuar o dia 13 de Adar, os judeus se reuniam na sinagoga na tarde, ao começar o dia 14, começando pela leitura pública do livro de Ester. Ao mencionar a Hamã, respondias ao uníssono "Que seu nome seja apagado". Na manhã seguinte, se reuniam para trocar presentes. Ver Davis, *Dictionary of the Bible* (4.a ed. rev.; Grand Rapids, 1954), p. 639.

³⁹² Comumente existe um considerável desacordo a respeito da data de Esdras. Van Hoonacker no "Journal of Biblical Literature" (1921), pp. 104-124, equipara o "ano sétimo de Artaxerxes" com o ano 938 a. C., no reinado de Artaxerxes II. Albright seguiu este ponto de vista em "*From Stone Age to Christianity*" (1940), p. 248. Em sua segunda edição (1946, p. 366) data a Esdras no ano 37 de Artaxerxes, ou aproximadamente no 428 a. C. Ver também *The Biblical Period* (1950), p. 53 e nota 133. Para um estudo exaustivo da história deste problema, e uma excelente bibliografia, ver H. H. Rowley "The Chronological Order of Ezra and Nehemiah" em *The Servant of the Lord and Other Essays on the Old Testament* (Londres: Lutterworth Press, 1952), pp. 131-159. Embora favorece uma data mais tardia para Esdras, admite que a maioria dos eruditos ainda data a Esdras antes que a Nehemias, p.132.

Israel. Para maior vantagem ainda, todos aqueles que estivessem dedicados ao serviço do templo —cantores, servos, porteiros, guardiões e sacerdotes—, ficaram isentos de tributos.

Reconhecendo o favor de Deus e alentado pelo cordial e generoso apoio de Artaxerxes, Esdras, reuniu os chefes de Israel sobre as margens do rio Aava no primeiro dia de Nisã ³⁹³. Quando Esdras percebeu que os levitas estavam ausentes, nomeou uma delegação para chamar a Ido em Casifia ³⁹⁴. Em resposta, 40 levitas e 220 servos do templo se reuniram à emigração.

Ante o grupo expedicionário de 1800 homens e suas famílias, Esdras confessou candidamente que estava envergonhado de pedir ao rei a proteção da polícia. Jejuando e orando, apelou a Deus para sua divina proteção, ao começar a longa e traiçoeira viagem de quase 160 km, até Jerusalém.

A marcha começou no décimo segundo dia de Nisã. Três meses e meio mais tarde, no primeiro dia de Ab, chegaram a Jerusalém. Após que os sacerdotes e levitas comprovaram os tesouros e os vasos sagrados procedentes da Babilônia no templo, os exilados que tinham retornado ao lar pátrio apresentaram elaboradas ofertas no átrio. A seu devido tempo, os sátrapas e governadores de toda a Síria e Palestina asseguraram a Esdras o aporte de sua ajuda e apoio para o estado judeu.

A reforma em Jerusalém

Um comitê local de oficiais informou a Esdras que os israelitas eram culpados de ter-se casado com habitantes pagãos. Entre os participantes havia inclusive chefes religiosos e civis. Esdras não se desgarrou suas vestes em sinal de seu profundo desgosto, também arrancou seus cabelos para expressar sua indignação moral e sua ira. Surpreendido e aturdido, sentou-se no átrio do templo, enquanto o povo temia as conseqüências que se amontoavam em sua volta. Ao tempo do sacrifício do entardecer, Esdras se levantou de seu jejum e, com as vestes rasgadas, se ajoelhou em oração, confessando audivelmente o pecado de Israel.

Uma grande multidão se uniu a Esdras enquanto orava e chorava publicamente. Secanias, falando pelo povo, sugeriu que existia a esperança para eles numa nova aliança, e assegurou a Esdras todo seu apoio para suprimir todos os males sociais. Imediatamente, Esdras emitiu um juramento de conformidade dos chefes do povo.

Retirando-se à câmara de Joanã pela noite ³⁹⁵, Esdras continuou jejuando, orando e levando luto pelos pecados de seu povo. mediante uma proclamação por todo o país, o povo foi citado com urgência, sob pena de excomunhão e perda dos direitos de suas propriedades, a reunir-se em Jerusalém no termo de três dias. No vigésimo dia do mês de Kislev, se reuniram na praça quadrada diante do templo.

Esdras se dirigiu à trêmula congregação e lhe fez saber da gravidade de sua ofensa.

Quando o povo lhe expressou sua boa vontade de aceitar o que ele ordenasse, Esdras ficou conforme em deixar que os oficiais que representavam o povo dissolvessem a congregação, já que era a estação das chuvas. Assistido por um grupo seleta de homens e ajudado por representantes de várias partes do estado judaico, Esdras efetuou um exame de culpabilidade dos grupos durante três meses.

Uma lista impressionante de sacerdotes, levitas e laicos, totalizando 114 pessoas, eram os culpados de terem contraído matrimônios mistos. Entre os dezoito sacerdotes culpáveis, havia parentes próximos de Josué, o sumo sacerdote, que havia retornado com Zorobabel. De fato, uma comparação de Esdras 10.18-22 com 2.36-39, indica que nenhum dos sacerdotes que voltara estava livre de ter contraído matrimônio misto. Sacrificando um carneiro por cada oferenda de culpa, os grupos acusados fizeram um solene juramento de anularem seus respectivos matrimônios.

Neemias, o governador

A historicidade de Neemias não tem sido nunca colocada em dúvida por nenhum erudito competente ³⁹⁶. Emergindo como uma das figuras mais destacadas na era post-exílica, serviu a seu povo efetivamente desde o ano 444 a.C. Perdeu seus direitos à posição que desfrutava na

³⁹³ Aava era ou bem um rio ou um canal na Babilônia, sem dúvida perto do Eufrates, que nunca tem sido especificamente identificado em tempos modernos.

³⁹⁴ Casifia, muito provavelmente era um centro de judeus exilados, talvez na vizinhança de Babilônia; porém, não tem sido identificada no presente.

³⁹⁵ Keil, em su *Commentary* sobre Esdras 10:6, concorda que nada ulterior é conhecido a respeito de Joanã, o filho de Eliasibe, já que ambos nomes eram completamente comuns. Esta câmara pode ter sido citada após que Eliasibe a mencionou em 1 Cr 24.12. aqueles que datam Esdras num período mais tardio, identificam esta referência com Eliasibe, que serviu como sumo sacerdote no 432, quando Neemias voltou por segunda vez a Jerusalém, e a Joanã, que sucedeu a seu pai como sacerdote. Ver Albright, *The Biblical Period*, p. 64, nota 133.

³⁹⁶ Albright, *"The Biblical Period"*, p. 51.

cordeiro para servir sua própria nação na reconstrução de Jerusalém. Sua desvantagem física como eunuco se converteu num mérito em seu devotado serviço e distinguida liderança durante os anos que foi um ativo governador do estado judeu ³⁹⁷. Esdras tinha estado em Jerusalém treze anos quando chegou Neemias. Enquanto que o primeiro era um escriba instruído e um mestre, o último demonstrou uma forte e agressiva capacidade de condução política nos assuntos públicos. O êxito da reconstrução das muralhas, a despeito da posição do inimigo ³⁹⁸, proporcionou seguridade para os exilados que retornaram, de tal forma, que podiam dedicar-se por si mesmos, sob a chefia de Esdras, às responsabilidades religiosas que estavam prescritas pela lei. Desta forma, o governo de Neemias procurou as mais favoráveis condições para o engrandecido ministério de Esdras.

As datas cronológicas dadas em Neemias, supõem 12 anos para o primeiro mandato de Neemias como governador, começando no vigésimo ano de Artaxerxes (444 a.C.). No décimo segundo ano de seu mandato (Neemias 13.6), Neemias voltou à Pérsia (432). Não se indica quando logo voltou a Jerusalém ou quanto tempo continuou como governador.

Os sucessos relatados em Ne 1-12, podem todos ter acontecido durante o primeiro ano de seu mandato ³⁹⁹. No primeiro dia do primeiro mês, Nisã (444 a.C.), Neemias recebeu seguridade para sua volta a Jerusalém (Ne 2.1). Sendo um homem de ações decisivas, sem dúvida deve ter partido sem perda de tempo. A reparação das muralhas foi completada por Elul, no mês sexto (Ne 6.15). Já que este projeto foi começado uns poucos dias após sua chegada e completado em cinquenta e dois dias, o tempo permitido para sua preparação e viagem é de aproximadamente quatro meses. Durante o mês sétimo (Tishri), Neemias cooperou totalmente com Esdras nas observâncias religiosas (Ne 7-10), continuou seu cadastramento e muito verossimilmente dedicou as muralhas no período imediatamente seguinte (Ne 11-12). Exceto por umas poucas declarações que resumem a política de Neemias, o leitor fica com a impressão de que todos esses acontecimentos aconteceram dentro do primeiro ano após seu retorno.

I. Comissionado por Artaxerxes

Informe de Jerusalém
A oração de Neemias
O favor do rei

II. A missão de Jerusalém

Viagem com êxito
Inspeção e avaliação
Oposição – Sambalate e Tobias
Êxito da construção e defesa
Política econômica
Terminação das muralhas

III. A reforma sob Esdras

Os planos de cadastramento de Neemias
A leitura da lei de Moisés
A festa dos tabernáculos
Serviço do culto
A oração
Aliança para guardar a lei

IV. O programa e política de Neemias

Registro do estado judaico
Dedicação da muralha
Indicações do templo
Leitura da lei
A expulsão de Tobias
Reinstalação do apoio levita
A restrição do comércio no sábado
Matrimônios mistos
Sumário

Ne 1.1-2.8

Ne 1.1-3
Ne 1.4-11
Ne 2.1-8

Ne 2.9-6.19

Ne 2.9-10
Ne 2.11-16
Ne 2.17-20
Ne 4.1-23
Ne 5.1-19
Ne 6.1-19

Ne 7.1-10.39

Ne 7.1-73
Ne 8.1-12
Ne 8.13-18
Ne 9.1-5
Ne 9.6-38
Ne 10.1-39

Ne 11.1-13.31

Ne 11.1-12.26
Ne 12.27-43
Ne 12.44-47
Ne 13.13
Ne 13.4-9
Ne 13.10-14
Ne 13.23-29
Ne 13.30-31
Ne 13.15-22

³⁹⁷ R. Kittel, *Geschichte des Volks Israel*, Vol. III, pp. 614 e ss.

³⁹⁸ No 408 a.C., os judeus procedentes de elefantina apelaram a Bagoas como governador persa de Judá. Quando começou ou a quem precedeu, é algo desconhecido. Ver Cowley, *Aramaic Papyri*, p. 108, ou Pritchard, *Ancient Eastern Texts*, pp. 491-492.

³⁹⁹ Albright perfila a cronologia para Neemias brevemente como se segue: Visita de Hammani em dezembro do 445; chegada de Neemias a Jerusalém, 440; a reparação das muralhas começou no 439 e terminou em 437. Ver *The Biblical Period*, pp. 51-52, notas 126 e 127. Albright segue a Mowinckel, *Stattholderen Nehemia* (Kristiania, 1916), preferindo os "fatos cronológicos de Josefo aos dados no texto hebraico".

Comissionado por Artaxerxes

Entre os milhares de judeus exilados que não tinham retornado a Judá, estava Neemias. Em sua busca do êxito, tinha sido especialmente afortunado em ocupar um alto cargo entre os oficiais da corte persa, sendo copeiro de Artaxerxes Longimano. Vivendo na cidade de Susã, aproximadamente a 160 km ao nordeste do Golfo Pérsico, estava confortavelmente situado na capital da Pérsia, quando lhe chegou o informe de que as muralhas de Jerusalém estavam ainda em ruínas, Neemias sentiu-se dolorosamente surpreendido. Durante dias e dias jejuou e levou luto, chorou e rogou por seu povo em Jerusalém.

A oração registrada em Ne 1.5-11 representa a essência da intercessão de Neemias durante este período de luto e choro. Reflete sua familiaridade com a história de Israel, a aliança do monte Sinai, a lei dada a Moisés que tinha sido quebrantada por Israel, e a promessa da restauração pelos migrantes arrependidos. Neemias reconheceu o Deus da aliança como ao Deus de Israel e dos céus, apelando a ele para que fosse misericordioso com Israel. Em conclusão, pediu que Deus pudesse concedê-lhe o favor do rei da Pérsia, seu dono.

Após três meses de oração constante, Neemias enfrentou-se com uma dourada oportunidade. Enquanto esperava, o rei percebeu a enorme tristeza de Neemias. À pergunta de seu rei, Neemias, com medo e tremendo, expressou sua dor pela caótica condição de Jerusalém. Quando Artaxerxes, graciosamente, lhe pediu que declarasse seus desejos, Neemias se apressou a orar em silêncio e pediu, corajosamente, que o rei o enviasse a reconstruir Jerusalém, a cidade dos sepulcros de seus pais. O rei da Pérsia não só autorizou devidamente a Neemias para executar tal missão, senão que enviou cartas em seu nome a todos os governadores de além do Eufrates, para que lhe fornecessem de materiais de construção para as muralhas e das portas da cidade, assim como para sua casa particular.

A missão em Jerusalém

Achegada de Neemias a Jerusalém, completada com os oficiais do exército e com cavalaria, alarmou os governadores circundantes. Acompanhado por um pequeno comitê, Neemias logo fez um plano para recorrer a cidade de noite, inspecionando a condição das muralhas. Uma vez ali, reuniu o povo e o enfrentou com o propósito de reconstruí-las.

Entusiasticamente, achou o mais caloroso apoio por parte de todos. como eficiente organizador, Neemias designou ao povo as diferentes portas e seções das muralhas de Jerusalém (3.1-32).

Tão súbita e intensa atividade fez surgir a oposição das províncias circundantes.

Chefes influentes, tais como Sambalate, o horonita, Tobias o amonita e Gesem o árabe, culpavam os judeus com a rebelião, assim que começou o trabalho ⁴⁰⁰. Quando comprovaram que o projeto de reparação ia desenvolvendo-se com grande rapidez, se enfureceram até o ponto de organizar uma resistência. Sambalate e Tobias, ajudados pelos árabes, os amonitas e os asdotitas, fizeram plano para atacar a Jerusalém.

Por aquele tempo, a muralha estava completada até a metade de sua altura. Neemias não só orou, senão que nomeou guardas, dia e noite. A todo o longo da parte mais baixa da muralha, o dever da guarda foi confiado a várias famílias. Com a comprovação de que os inimigos estavam fracassados em seu projeto, por este eficiente e eficaz sistema da guarda, os judeus reuniram seus esforços para a construção. Uma metade do povo continuou com as reparações com a espada disposta, enquanto que a outra metade permanecia em guarda permanente. Além disso tudo, ao toque da trombeta, todos os que estavam sob ordens se apressavam em acudir imediatamente até o ponto do perigo, para resistir o ataque inimigo. Não se permitiu a nenhum dos trabalhadores sair de Jerusalém. Trabalharam desde o amanhecer até o crepúsculo e permaneciam de guarda durante a noite.

O esforço intensivo para completar a reparação das muralhas, foi especialmente difícil para as classes mais pobres do povo. Economicamente encontraram demasiado duro pagar tributos e impostos, interesses, e socorrer às famílias enquanto ajudavam a reconstruir as muralhas. Alguns inclusive se encararam com o propósito de fazer escravos a seus filhos em lugar de aumentarem suas dívidas. Imediatamente, Neemias convocou uma assembléia pública e exigiu uma promessa dos agressores de devolver ao povo necessitado o que tinham tomado deles.

⁴⁰⁰ Sambalate é mencionado nos *Aramaic Papyri* escritos pelos judeus na Elefantina, os que apelaram ao filho de Sambalate em demanda de ajuda no 407 a.C. Isto faz a Sambalate contemporâneo de Neemias. Ver Cowley, *op. cit.* O nome de Tobias, esculpido numa rocha em escritura aramaica, perto de Amam, Jordânia, situa a data comércio anterioridade ao 400 a.C. Isto pode referir-se realmente a Tobias, o inimigo de Neemias. Ver Albright, *Archaeology OF Palestine and the Bible*, pp. 171-22.

Os pagamentos com interesses foram cancelados. Como administrador, o próprio Neemias deu o exemplo.

Deixou de perceber do povo seus direitos de governo em alimentos e em dinheiro durante os doze anos de seu primeiro período, como tinham feito seus antecessores. Além disso, 150 judeus e oficiais que visitavam Jerusalém foram hóspedes da mesa de Neemias gratuitamente. Nem ele nem seus servos adquiriram hipotecas sobre a terra por empréstimos de dinheiro e grão, ao ajudar o necessitado. Desta forma, Neemias resolveu efetivamente a crise econômica durante os dias cruciais da reparação.

Quando os inimigos dos judeus ouviram que as muralhas estavam quase completas, a despeito da oposição que haviam oferecido, esboçaram planos para enganar Neemias.

Quatro vezes, Sambalate e Gesem o convidaram a encontrar-se com eles num dos povoados do vale de Ono. Suspeitando suas más intenções, Neemias declinou os convites, dando a razoável escusa de que estava demasiado ocupado. A quinta tentativa foi uma carta aberta de Sambalate, acusando Neemias de preparar planos para rebelião e de ter pessoal ambição de ser rei. Com a advertência de que isto poderia ser informado ao rei da Pérsia, Sambalate urgiu a Neemias para que se reunisse com eles e discutisse a questão. Neemias, corajosamente, replicou a tal ameaça acusando Sambalate de estar imaginando coisas. Ao mesmo tempo, elevou uma oração a Deus para que reforçasse sua responsabilidade.

O seguinte passo de seus inimigos foi repreender Neemias ante seu próprio povo.

Astutamente, Sambalate e Tobias se valeram de um falso profeta, Semaías, para intimidar e enganar o governador judeu. Quando Neemias teve ocasião de falar com Semaías, que estava confinado em sua residência, o falso profeta sugeriu que procurassem refúgio no templo ⁴⁰¹. Neemias respondeu que não com veemência. Em primeiro lugar, ele não queria fugir a nenhuma parte. Do resto, não queria refugiar-se no templo ⁴⁰². Sem dúvida, Neemias previu que tal ação o exporia a uma severa crítica de parte de seu próprio povo, e talvez ao juízo de Deus, por entrar no templo, já que ele não era sacerdote. Percebeu que Semaías era um falso profeta que tinha sido alugado por Sambalate e Tobias. Em oração, Neemias expressou seu desejo de que Deus não somente se lembrasse dos inimigos seus, senão também da falsa profetisa Noadia e outros falsos profetas que tratavam de intimidá-lo.

Além de todos estes problemas, estava o fato de que Tobias e seu filho Joanã estavam relacionados com famílias proeminentes em Judá. O sogro de Tobias, Secanias, era o filho de Ara, quem retornou com Zorobabel (Ed 2.5), e o sogro de Joanã, Mesulão, era um ativo participante na reconstrução das muralhas (Ne 3.4, 30). Inclusive o sumo sacerdote Eliasibe estava aliado com Tobias, embora esta relação não fique estabelecida. Em conseqüência, havia uma freqüente correspondência entre Tobias e aquelas famílias de Judá. Este efetivo canal de comunicação fez as coisas mais difíceis para Neemias, já que suas ações e planos eram constantemente apresentados para o conhecimento de Tobias. Apesar que os parentes de Tobias deram informes complementares a respeito de suas boas ações, Neemias tinha a certeza de que Tobias somente albergava más intenções para com o povo de Jerusalém.

Apesar destas oposições e dificuldades, a muralha de Jerusalém foi completada em cinqüenta e dois dias ⁴⁰³. Os inimigos das nações circundantes ficaram frustrados e impressionados, comprovando que, de novo, Deus tinha favorecido Neemias. O êxito da terminação do projeto de reparação de Neemias, em face à oposição feita por seus inimigos, estabeleceu o respeito e o prestígio do estado judaico entre as províncias ao oeste do Eufrates.

A reforma sob Esdras

Com Jerusalém segura dentro de suas muralhas, Neemias voltou sua atenção a outros problemas. Um sistema de guarda essencial para prever ataques inimigos foi confiado a Hanani, o irmão de Neemias, e a Hananias, que já estava encarregado da cidade anexa à zona do templo, no norte. Além dos guardiões das portas, que eram responsáveis do átrio, Neemias recrutou cantores e levitas, designando-os a postos nas portas e muralhas da totalidade de Jerusalém.

⁴⁰¹ "Ele estava encerrado" - Keil, *Commentary*, sobre Nehemias, 6:10, sugere que Semaías se confinou a si mesmo em sua casa, chamado por Neemias, para fazê-lo crer que estava em tão grave perigo que não podia abandonar seu lar. Daqui seu conselho de que ambos se refugassem no templo.

⁴⁰² A questão que Neemias propõe em 6.11 é ambígua. Iria realmente a salvar sua vida indo ao templo, ou seria castigado com a pena de morte, de acordo com Nm 18.7? Ver Keil, *Commentary* sobre Nehemias 6:11.

⁴⁰³ Josefo, *Antiquities*, XI 5:7, concede dois anos e quatro meses para a reparação das muralhas. Keil, *Commentary* sobre Neemias, dá as seguintes razões em favor do texto hebraico que concede somente cinqüenta e dois dias: 1) a urgência para completar a tarefa imediatamente; 2) o zelo intensivo e o grande número de construtores procedentes de Tecoa, Jericó, Gabaom, Mispá, etc.; 3) com tal esforço concentrado no trabalho, o dever da guarda dificilmente poderia ter continuado durante dois anos; 4) as muralhas foram reparadas onde era preciso: grandes pedaços da mesma e a porta de Efraim não tinham sido destruídos. Albright e outros seguem a Josefo em vez de os hebreus. Ver Albright, *Biblical Period*, p. 52.

O pessoal civil que morava dentro de Jerusalém foi encarregado de montar guarda durante a noite nas partes respectivas próximas a suas casas. Embora tenham se passado noventa anos desde que a cidade fora reedificada, existiam zonas povoadas a grandes distâncias, para as quais a defesa resultava inadequada. Encarando-se com este problema, Neemias fez um chamamento aos chefes para registrar a todo o povo na província, com o objeto de recrutar alguma parte de seus habitantes para estabelecê-la em Jerusalém. Enquanto contemplava a execução de seu plano, encontrou o registro genealógico do povo que tinha regressado do exílio nos dias de Zorobabel. Com exceção de pequenas variações, este registro em Neemias 7.6-73 é idêntico à lista registrada em Esdras 2.3-67.

Antes de que Neemias tivesse a oportunidade de executar seus planos, o povo começou a reunir-se para as atividades religiosas do sétimo mês, Tishri, durante o qual se observavam a festa das trombetas, o dia da Expição e a festa dos Tabernáculos (Lv 23.23-43)⁴⁰⁴. Neemias apoiou completamente o povo em sua devoção religiosa, e seu nome aparece o primeiro na lista daqueles que assinaram a aliança (Ne 10.1). Sem dúvida, seu programa administrativo deu precedência às atividades religiosas durante este mês, e foi reassumido com renovado esforço no período seguinte. Neemias, que não era sacerdote, fica relegado durante as atividades religiosas, sendo somente mencionado duas vezes, em Ne 8-10.

Esdras, o sacerdote e escriba, emerge como o líder mais sobressalente. Tendo chegado antes como um mestre de fama no ensino da lei, sem dúvida alguma era bem conhecido pela gente de toda a província. Embora não esteja registrado em Esdras ou em Neemias, é sumamente razoável assumir que Esdras tinha, em anos anteriores, reunido o povo para a observância das festas e das estações. Aquele ano, o povo tinha uma poderosa razão para realizar uma celebração mais importante que nunca. Trás das fechadas muralhas de Jerusalém, pôde reunir-se em paz e segurança, sem temor a nenhum ataque inimigo. Sem dúvida, a moral do povo deve ter sido reforçada mediante a liderança que com tanto êxito havia ostentado Neemias.

A festa das trombetas distinguia o primeiro dia do sétimo mês, de todas as outras luas novas. Conforme o povo se reunia aquele ano na porta das Águas, ao sul do átrio do templo, unanimemente solicitava a Esdras que lesse a lei de Moisés. Situado sobre uma plataforma de madeira, leu a lei à congregação, que permaneceu de pé desde o amanhecer até o meio-dia. Para ajudar o povo em sua compreensão, os levitas expunham a lei, intermitentemente, enquanto Esdras lia. Quando a leitura arrancou lágrimas dos olhos do povo, Neemias, ajudado por Esdras e os mestres levitas, os admoestaram a regozijar-se e a fazer daquela festiva ocasião uma oportunidade para partilhar os alimentos preparados numa comum camaradagem.

No segundo dia, os representantes das famílias, os sacerdotes e os levitas, se reuniram com Esdras para um cuidadoso estudo da lei. Quando comprovaram que Deus tinha revelado, mediante Moisés, que os israelitas deviam habitar em cabanas para a observância da festa dos Tabernáculos (Lv 23.39-43), instruíram o povo mediante uma pública proclamação. Com entusiasmo, o povo saiu às colinas e trouxeram ramos de oliveiras, de zambujeiros, de murtas e de palmeiras em abundância, levantando cabanas por todas partes, sobre os telhados das casas, em privado e em público, nos pátios e nas praças públicas. Tão ampla foi a participação que resultou a mais importante e festejada observância da festa dos Tabernáculos nos dias de Josué, que havia conduzido Israel à conquista de Canaã⁴⁰⁵. A lei foi lida publicamente cada dia durante os sete dias desta festa (Tishri 15-21). No oitavo dia houve uma sagrada convocatória e se ofereceram os sacrifícios prescritos.

Após dois dias de descanso, o povo voltou a reunir-se para a oração e o jejum. Esdras e os levitas assistentes dirigiram os serviços públicos, conduzindo o povo na leitura da lei, a confissão do pecado e a oferta de graças a Deus. numa longa e significativa oração (9.6-37), a justiça e a misericórdia de Deus foram devidamente reconhecidas⁴⁰⁶. Numa aliança escrita, assinada por Neemias e outros representantes da congregação, o povo se ligou mediante um juramento, obrigando-se a manter a lei de Deus que tinha sido dada por meio de Moisés. Duas leis foram escritas com especial ênfase: os matrimônios mistos com pagãos e a observância do sábado. Esta última não só impedia toda atividade comércio no sábado, senão que incluía a observância de outras festas e a promessa de deixar descansar as terras cada sete anos.

⁴⁰⁴ Não há base razoável para assumir que Neemias nos dê um detalhado relato de todas as atividades. Muito verossimilmente, o dia da Expição era observado no décimo de Tishri. A festa das trombetas e a festa dos Tabernáculos eram, naquele ano, de especial interesse.

⁴⁰⁵ Keil *Commentary*, Ne 8:17, sugere que isto pôde simplesmente significar que nunca antes tinha participado a totalidade da congregação tão completamente, ou que a construção das cabanas nunca tinha sido realizada com tanto entusiasmo em anteriores celebrações. Ver 1 Reis 8.65 e Esdras 3.4.

⁴⁰⁶ O texto hebraico em Neemias 9.6 não identifica os indivíduos que ofereceram esta oração. A LXX é específica em mencionar a Esdras, o qual tem razoável confirmação do texto.

A implicação deste compromisso era realista e prática. Cada indivíduo estava obrigado a pagar anualmente um terço de um siclo para a ajuda do ministério do templo ⁴⁰⁷, o que assegurava a constante provisão dos pães ázimos, e as ofertas especiais diárias e dos dias festivos. A madeira para as ofertas se arrecadava em conjunto. O povo reconhecia sua obrigação de dar o dizimo, os primeiros frutos, o primogênito e outras contribuições prescritas pela lei. Enquanto que o primogênito e os primeiros frutos eram levados aos sacerdotes ao templo, o dizimo podia ser arrecadado pelos levitas em toda a província e trazido por eles para ser depositado nas câmeras do templo. Deste modo, o povo fazia um compromisso público para não descuidar a casa de Deus.

O programa de Neemias e sua política

Neemias concluiu a execução de seu plano, para incrementar a população de Jerusalém, assegurando assim a defesa civil. Ele estava convencido de que aquilo era uma ordem divina (Ne 7.5). Sem dúvida, ajornou o cadastramento, utilizando o registro genealógico da época de Zorobabel. Foi conseguido que uma décima parte da população mudasse sua residência e fosse morar a Jerusalém. Assim, as zonas escassamente povoadas dentro da cidade estiveram suficientemente ocupadas para proporcionar uma adequada defesa da cidade.

O registro daqueles que viviam em Jerusalém e em povoados circundantes (Ne 11.3-36) representa a população como estava no dias de Esdras e Neemias. Os residentes em Jerusalém foram catalogados por cabeças de famílias, enquanto que os habitantes de toda a província eram simplesmente anotados por povoados. O registro de sacerdotes e levitas (Ne 12.1-26) em parte procede do tempo de Zorobabel e se estende ao tempo de Neemias ⁴⁰⁸. A dedicação das muralhas de Jerusalém implicou a totalidade da província. Os chefes civis e religiosos e outros participantes foram organizados em duas procissões.

Encabeçados por Esdras e Neemias, uma avançava à direita e a outra à esquerda, ao marcharem sobre as muralhas de Jerusalém. Quando os dois grupos se encontraram no templo, se realizou um grande serviço de ação de graças com música proporcionada pela orquestra e coros. Foram apresentados abundantes sacrifícios como expressão de alegria e ação de graças. Inclusive as mulheres e as crianças partilharam do gozo daquela festiva ocasião, ao participarem nas festas que acompanhavam as ofertas. Tão extensa e alegre foi a celebração, que o triunfal barulho foi ouvido desde muito longe.

Como um eficiente administrador, Neemias organizou os sacerdotes e levitas para que cuidassem dos dízimos e outras contribuições feitas pelo povo (Ne 12.44ss). Desde várias aldeias da província, aqueles presentes foram apropriadamente canalizados para Jerusalém mediante levitas responsáveis, de forma tal que os sacerdotes e levitas puderam efetivamente executar seus deveres ⁴⁰⁹. Os cantores e os guardiões das portas da cidade também receberam seu apoio regular, para que pudessem prestar seus serviços como estava prescrito por Davi e Salomão (2 Cr 8.14). O povo se gozava com o ministério dos sacerdotes e levitas, e os apoiava, de todo coração, na ministração do templo.

A leitura do livro de Moisés os fez conscientes do fato de que os amonitas e moabitas não deveriam ser bem-vindos na assembléia judaica ⁴¹⁰. Foi feito o necessário para conformar todo aquilo com a lei.

Durante seu décimo segundo ano de governador de Judá (por volta do 432 a.C.), Neemias fez uma viagem de regresso à Pérsia. A duração de sua estância não está indicada, porém após algum tempo Artaxerxes novamente lhe deu permissão para voltar a Jerusalém.

Durante o tempo da ausência de Neemias, prevaleceu a lassidão religiosa. Eliasibe, o sumo sacerdote, tinha concedido a Tobias, o amonita, uma câmara no átrio do templo. Não foram pagas as retribuições aos levitas e os cantores do templo. E, devido a que o povo havia descuidado levar os quinhões, os levitas saíram ao campo para fazer suas vidas.

Neemias se indignou quando descobriu que a câmara dedicada a armazenar as provisões levíticas tinha sido ocupada por Tobias o amonita. Imediatamente, lançou fora a mobília, ordenou a renovação das câmaras, restaurou os utensílios sagrados e restituiu as ofertas e o incenso.

O seguinte passo foi chamar os oficiais para que dessem conta de seus atos.

⁴⁰⁷ O valor de um siclo é aproximadamente de 65 centavos (de dólar). De acordo com Êx 30.13, cada homem de 20 anos de idade e mais, devia pagar um meio siclo anualmente. Keil, *Commentary*, em *Nehemias*. 10:33, sugere que esta contribuição foi reduzida a causa da extrema pobreza dos que voltaram do exílio.

⁴⁰⁸ Para uma comparação e discussão desta lista de sacerdotes com a lista dos que assinaram a aliança, ver Ne 10.3-9, e dos que voltaram da Babilônia, ver Ed 2.3 e Ne 7.39-42. ver Keil, *Commentary* sobre Neh. 12:1-26.

⁴⁰⁹ Estes acontecimentos narrados em Ne 12.44-13.3, podem ter acontecido *logo*, após a dedicação e a aliança, ou nos anos seguintes. São representativos das condições e costumes que prevaleceram durante a época de Neemias.

⁴¹⁰ As passagens particulares que tratam deste problema são Nm 22.2ss e 23.4-6.

Valentemente, Neemias os acusou de terem descuidado o templo, falhando em arrecadar o dizimo. Os homens aos que considerou dignos de confiança, foram nomeados tesoureiros dos armazéns. Os levitas tornaram a receber suas assinações. Neemias novamente expressou, mediante uma oração, seu desejo de que Deus lembrasse as boas ações feitas anteriormente a respeito do templo e seu pessoal.

A observância do sábado foi o passo seguinte. Não somente os judeus tinham trabalhado no sábado, senão que haviam permitido aos tírios residentes em Jerusalém, que promovessem negócios nesse dia. Advertiu aos nobres de Judá que aquele tinha sido o pecado que precipitou a Judá no cativeiro e na destruição de Jerusalém. Em conseqüência, Neemias ordenou que as portas de Jerusalém fossem fechadas no sábado. Ordenou a seus servidores e os guardas que detivessem o tráfego comercial. Uma advertência pessoal de Neemias terminou com a chegada no sábado de mercadores e comerciantes que deveram esperar que as portas da cidade se abrissem no dia seguinte, no final do dia sagrado.

Os mandamentos mistos foram o maior problema com que Neemias teve de enfrentar-se. Alguns judeus tinham casado com mulheres de Asdode, Moabe e Amom. Já que as crianças falavam a mesma língua que suas mães, é muito provável que aquela gente vivesse nos extremos do estado judaico. Daqueles homens que tinham casado com mulheres pagãs, Neemias obteve o juramento para desistir de tais relações, lembrando-lhes que inclusive Salomão tinha sido conduzido ao pecado por suas esposas estrangeiras.

Com o neto de Eliasibe, o sumo sacerdote, Neemias tomou drásticas medidas. Tinha casado com a filha de Sambalate, governador da Samaria, quem tinha causado problemas sem fim a Neemias durante o ano em que os judeus restauravam as muralhas de Jerusalém. Neemias o expulsou imediatamente de Judá ⁴¹¹. Com um breve sumário das reformas religiosas e provisões para o adequado serviço do templo, Neemias conclui o relato de suas atividades. Zeloso e entusiasmado sempre pela causa de Deus, pronuncia uma oração final: "Lembra-te de mim, Deus meu, para bem".

⁴¹¹ A expulsão do genro de Sambalate pôde ter sido o começo do culto rival estabelecido na Samaria. Já que era o neto de Eliasibe, o sumo sacerdote de Judá pôde ter sido o instrumento para o levantamento de um templo sobre o monte Gerizim. Embora Josefo, em *Antiquities of the Jews*, VIII, situa tudo isto um século mais tarde, é muito provável que estes acontecimentos tivessem lugar na época de Neemias.

● CAPÍTULO 17: INTERPRETAÇÃO DA VIDA

Cinco unidades literárias conhecidas como os livros poéticos são: Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e o Cântico dos Cânticos. Nenhum deles pode ser devidamente classificado como livros de caráter histórico ou profético. Como parte do cânon do Antigo Testamento, proporcionam uma adicional perspectiva da vida dos israelitas ⁴¹².

Os livros poéticos não podem ser datados com certeza. As alusões a únicas datas históricas estão tão limitadas nesta literatura, que o tempo de composição é relativamente insignificante. Tampouco tem primordial importância o autor. Reis, profetas, filósofos, poetas, o povo comum, todos estão representados entre os que contribuíram a sua confecção, muitos dos quais são anônimos.

Nesta literatura estão refletidos os problemas, as experiências, as crenças, a filosofia e a atitude dos israelitas. Tão ampla variedade de interesses é expressa como um chamamento universal. O uso freqüente pelo povo comum por todo o mundo da volumosa literatura escrita desde o Antigo Testamento e seus tempos, indica que os livros poéticos tratam com problemas e verdades familiares a todo o gênero humano. Contudo, as diferentes em tempo, cultura e civilização, as idéias básicas expressadas pelos escritores israelitas em sua interpretação da vida, são ainda vitalmente importantes para o homem em todas partes.

Jó – O problema do sofrimento

O sofrimento humano é o grande problema, antigo como o tempo, discutido no livro de Jó.

Esta questão tem continuado sendo um dos problemas insolúveis do homem. O livro de Jó tampouco proporciona uma solução final à questão. Contudo, verdades de grande significação estão projetadas nesta extensa discussão.

Considerado como uma unidade, o livro de Jó é em sua presente forma, o que poderia classificar-se como um drama épico. Embora a maior parte da composição seja poética, sua estrutura geral é em prosa. Nesta última forma, a narrativa proporciona base para sua total discussão.

Nem a data de seu fundo histórico, nem o tempo de sua composição, podem ser localizados neste livro com certeza, e o autor é anônimo.

O livro de Jó tem sido reconhecido como uma das produções poéticas de todos os tempos. Entre os escritores hebraicos, o autor deste livro utiliza o mais extenso vocabulário; às vezes tem sido considerado como o Shakespeare dos tempos do Antigo Testamento. Neste livro se exhibe um vasto tesouro de conhecimentos, um soberbo estilo de vigorosa expressão, profundidade de pensamento, excelente domínio da linguagem, nobres ideais e um elevado nível ético, além de um genuíno amor pela natureza. As idéias religiosas e filosóficas têm merecido a consideração dos maiores teólogos e filósofos até o presente.

Não só tem uma multiplicidade de interpretações —demasiado numerosas para serem consideradas neste volume—, senão que o texto em si mesmo tem sofrido consideravelmente extensas emendas, conjecturas, fantásticas correções e reconstruções ⁴¹³. Numerosas têm sido as opiniões e as especulações referentes a sua origem.

O leitor que se enfrenta com ele deveria considerar este livro como uma unidade ⁴¹⁴. As variadas interpretações e as numerosas teorias de sua origem merecem a oportuna investigação para os estudiosos avançados, mas a simples verdade contida neste livro como

⁴¹² Para discussão da poesia hebraica e literatura da sabedoria, ver R. K. Harrison. *"Introduction to Old Testament"* (Grand Rapids: Eerdmans, 1969), pp. 965-1.046.

⁴¹³ E. J. Kissane, *The Book of Job* (Nueva York, 1946), p. XII, ressalta que a indulgência de críticos como H. Torcziner, *Das Buch Hiob* (Wien, 1920), que considera Jó como meramente uma coleção de fragmentos, conduz a uma falsa impressão do estado do texto hebraico de Jó. A poesia do mais alto grau, o extenso vocabulário, a grande proporção *harpax legomena*, os sutis e obscuros argumentos e a repetição das mesmas opiniões em palavras diferentes, tudo isso conduz a erros de transcrição e tradição, supondo que os escribas não compreendiam completamente a linguagem.

⁴¹⁴ Ver Aage Bentzen, *Introduction to the Old Testament*, Vol. II, pp. 174-179, 9, quem considera a prosa e a maior parte da seção poética como uma unidade.

uma unidade, é uma significativa faceta da revelação do Antigo Testamento. Para guiar o leitor em sua compreensão da mensagem, este livro pode ser subdividido da seguinte forma:

I. Introdução ou situação histórica

II. O diálogo com os três amigos

a. Ciclo primeiro

Elifaz

Jó

Bildade

Jó

Zofar

Jó

b. Ciclo segundo

Elifaz

Jó

Bildade

Jó

Zofar

Jó

c. Ciclo terceiro

Elifaz

Jó

Bildade

Jó

III. Os discursos de Eliú

IV. Os discursos do Todo Poderoso

A conclusão Jó 42.1-17

Jó 1.1-3.26

Jó 4.1-31.40

Jó 4.1-14.22

Jó 4.1-5.27

Jó 6.1-7.21

Jó 8.1-22

Jó 9.1-10.22

Jó 11.1-20

Jó 12.1-14-22

Jó 15.1-21.34

Jó 15.1-35

Jó 16.1-17.16

Jó 18.1-21

Jó 19.1-29

Jó 20.1-20

Jó 21.1-34

Jó 22.1-31.40

Jó 22.1-30

Jó 23.1-24.25

Jó 25.1-6

Jó 26.1-31.40

Jó 32.1-37.24

Jó 38.1-41.34

O lar pátrio de Jó era o país de Uz ⁴¹⁵. Embora falta a correlação cronológica específica, os tempos em que viveu Jó encaixam melhor na era patriarcal ⁴¹⁶. Os infortúnios deste homem justo dão pé à base para o diálogo que constitui a maior parte deste livro.

Vividamente, a personalidade de Jó aparece retratada em três situações diferentes: em tempos de uma prosperidade sem precedentes, na extrema pobreza, e em seu incomensurável sofrimento pessoal. A fé de Jó vai além do mundano e aponta sempre a uma esperança eterna. E ainda quando o último não está claramente definido, Jó não chega ao completo desespero durante o tempo crucial de seus sofrimentos.

Jó é descrito como uma pessoa temerosa de Deus, que não teve jamais igual em toda a raça humana (1.1,8; 2.3; 42.7-8). O alto nível ético pelo que viveu está além da realização da maior parte dos homens (29-31). Inclusive depois de que seus amigos têm analisando a pauta completa de sua conduta, a moral de Jó e seu agir permanece além de toda repreensão.

Para começar com o relato, Jó era o homem mais rico do Leste. As possessões materiais, porém, não obscurecem sua devoção para Deus. em tempos felizes de contínuas festas, realiza sucessivos sacrifícios para o bem-estar de toda sua família (1.1-5). O uso de sua riqueza em ajudar o necessitado, se reflete em todo o livro.

Repentinamente, Jó fica reduzido a uma extrema pobreza. Em quatro catastróficos acontecimentos, perde todas suas possessões materiais. Duas dessas grandes desgraças, aparentemente, acontecem por causas naturais: os ataques dos sabeus e dos caldeus. As outras duas, um terrível fogo que consume todo e um grande furacão estavam fora do controle humano. Jó não somente fica reduzido a uma total bancarrota, sena que perde a todos seus filhos.

Jó ficou sumido numa terrível confusão, desgarras suas vestes e rapa sua cabeça.

Então, se volta a Deus em adoração. Reconhecendo que tudo o que tinha possuído provinha de Deus, ele também reconhece que na providência de Deus tinha perdido tudo. E por isto o abençoa, não acusando-o de culpa alguma.

Atacado de uma terrível sarna de úlceras malignas (2.7-8), Jó se senta num monturo cheio de cinzas, e desesperadamente procura alívio rascando-se com um caco suas feridas e pústulas. Nesse momento, sua esposa lhe aconselha que amaldiçoe a Deus e morra. De novo,

⁴¹⁵ Provavelmente o nordeste da Arábia ou o Edom. Ver *HarjKr's Bible Dictionarv* p. 792 para discussão do tema.

⁴¹⁶ Razões aduzidas para esta correlação: 1) condições da família; 2) não referência à Lei ou condições religiosas de tempos posteriores; 3) não referência ao ensino dos profetas; 4) a simplicidade de vida é similar a dos patriarcas. Ver S. C. Yoder *Poetry of the Old Testament* (Scottsdale, Pa.: Herald Press, 1948), p. 83.

este homem justo surge acima de toda circunstância, e reconhece a Deus como dono e senhor de todas as vicissitudes da vida.

Três amigos, Elifaz, Bildade e Zofar, chegam a visitá-lo com o propósito de confortá-lo.

Eles apenas se o reconhecem, sumido num estado de agudo sofrimento. Tão surpreendidos estavam, que sentam em silêncio durante sete dias. Jó finalmente rompe sua atitude passiva e amaldiçoa o dia de seu nascimento; a não existência teria sido melhor que suportar tais sofrimentos.

Com a angústia na alma e o tormento físico no corpo, sopesa o enigma da existência numa pergunta: Por que terei nascido?⁴¹⁷ O problema que serve de base na totalidade da discussão, era o fato de que nem Jó nem seus amigos conheciam a razão para aquelas evidentes desgraças e infortúnios. Para eles, a razão de todo é desconhecida. Satanás aparece ante Deus para pôr a prova a devoção de Jó e sua fé. E faz acusação de que Jó simplesmente serviu a Deus pelas recompensas materiais, e lhe é concedida permissão para arrasar todas as possessões do homem mais rico do Leste, ainda que não para danar o próprio Jó. Quando a filosofia resultante de Jó a respeito da vida resiste à de Satanás, Deus concede ao acusador a liberdade de afligi-lo, porém com a específica restrição de não atentar contra sua vida. Embora Jó tinha amaldiçoado o dia de seu nascimento, nunca amaldiçoou Deus. ciente por completo de seus sofrimentos e não achando nenhuma explicação, Jó propõe a pergunta "por que?" enquanto afunda no mistério de sua peculiar sorte na vida.

Com certa repugnância, seus amigos tentam consolá-lo, já que assim ele o tinha feito com muitos em tempos passados (4.1ss). Elifaz, precavidamente, ressalta que nenhum mortal com sabedoria limitada pode aparecer perfeitamente justo ante um Deus onipotente. Falhando em reconhecer a genuína devoção de Jó para Deus, Elifaz chega à conclusão de que está sofrendo a causa do pecado (4-5).

Em resposta, Jó descreve a intensidade de sua miséria, que inclusive seus próprios amigos não compreendem. Para ele, parece como se Deus o tivesse abandonado a um contínuo sofrimento. Em vão deseja com veemência que chegue uma crise na qual possa achar alívio ou bem, a morte para seu pecado (6-7).

Bildade, imediatamente, replica que Deus não transtornaria a justiça. Apelando à tradição e afirmando que Deus não rejeitaria um homem sem mácula, Bildade implica que Jó está sofrendo precisamente por seus próprios pecados (8).

"Como um homem pode ser justo ante Deus?" é a seguinte pergunta de Jó. Ninguém é igual a Deus. Deus é onipotente e age seguindo sua vontade sem ter de render conta a ninguém. Sem árbitro nem juiz que intervenha ou explique a causa de seus sofrimentos, Jó apela diretamente ao Todo Poderoso. Aborrecido da vida em tão insuportável estado, Jó espera o alívio da morte (9-10).

Zofar, decididamente, admoesta Jó por apresentar tais questões. Deus poderia revelar seu pecado; mas a sabedoria divina e o poder de Deus estão fora do alcance da compreensão do homem. Aconselha a Jó que se arrependa e confesse sua culpabilidade, concluindo que a única esperança para o malvado é a morte (11).

Jó, corajosamente, afirma que a sabedoria não está limitada a seus amigos. Toda a vida, tanto a humana como a das bestas, está nas mãos de Deus. de acordo com seus oponentes, reafirma que Deus é onipotente, onisciente e justo. Com uma intensa veemência para com Deus, porém, não comprovando receber nenhum alívio temporal, Jó afunda nas profundezas da desesperação. Num período de dúvida, se pergunta se haverá vida após a morte (12-14).

Elifaz acusa a Jó de falar coisas sem sentido, desrespeitando assim a Deus. Afirmando que é demasiado arrogante, Elifaz insiste que a tradição tem a resposta: o sofrimento é o resultado do pecado. O conhecimento comum ensina que o malvado deve sofrer (15).

Lembrando a seus ouvintes que aquilo não era nada de novo, Jó conclui retamente que seus amigos são uns miseráveis consoladores. Embora seu espírito esteja quebrantado, seus planos desfeitos e sua vida tocando a seu fim, mantém que seu testemunho no céu advogará por ele (16-17).

Bildade tem pouco que agregar. Simplesmente reafirma a asserção de seus colegas, de que o malvado deve sofrer. Todo o que sofre, forçosamente deve ser ímpio (18).

Esquecido pelos amigos, afastado e abandonado por sua família, aborrecido por sua esposa, e ignorado por seus servos, Jó descreve sua solitária condição de estar sofrendo pela mão de Deus. Somente a fé o leva além de suas presentes circunstâncias. E antecipa a futura vindicação sobre a base de sua conduta (19).

A essência da réplica de Zofar é que a prosperidade do malvado é muito curta e breve. Volta obstinadamente a repetir que o sofrimento é a parte que toca ao homem malvado (20).

⁴¹⁷ Note-se que também Jeremias amaldiçoou seu dia de nascimento (Jr 20).

Jó termina o segundo ciclo de discursos, rejeitando as conclusões básicas de seus amigos. Muita gente malvada goza plenamente das coisas boas da vida, recebe um honorável sepultamento e são respeitadas por seus êxitos. Isto sempre foi constatado pelo que observam e por aqueles que têm um amplo conhecimento dos homens e dos assuntos do mundo (21).

No terceiro ciclo de suas discussões, continua o problema de encontrar a solução para Jó, acreditando firmemente que aquele sofrimento é o resultado do pecado, os amigos de Jó chegam à conclusão de que Jó tinha sido um pecador. Já que a causa do sofrimento não pode ser atribuída a um Deus justo, onipotente, deve ser achada no sofrimento individual. Elifaz, portanto, culpa a Jó de pecados secretos, acusa a Jó de que assumiu que Deus, em sua distância infinita não perceberia seu tirânico tratamento com os pobres e os oprimidos. Já que os pecados de Jó são a causa de sua miséria, Elifaz o aconselha que se volte para Deus e se arrependa (22).

Jó aparece confuso. Seu sofrimento continua e os céus permanecem silenciosos. Uma sensação de urgência e de impaciência o surpreende ao ver que Deus não age em seu nome.

Tudo quanto ele tinha feito era totalmente conhecido pelo Deus ao qual tinha servido fielmente com fé e obediência. Ao mesmo tempo, a injustiça, a violência e a iniquidade continuam, e Deus sustenta a vida dos perversos e malvados (23-24).

Bildade fala brevemente. Ignorando os argumentos, tenta que Jó caia de joelhos ante Deus. e nisto, não teve êxito (25).

Jó está de acordo com seus amigos, em que o homem era inferior a Deus (26). Afirmando que ele era inocente, e que não havia razão para seus cargos, ele é o vivo retrato do malvado. Seus amigos não tinham nenhuma garantia de perder sua prosperidade. Embora o homem tem explorado e buscado os recursos da natureza, ele ainda estava confuso em sua busca pela sabedoria. Esta não podia ser comprada, ainda que Deus mostrou sua sabedoria por todo o universo. Poderia o homem achá-la? Somente o temente de Deus, o homem moral, tem acesso a tal sabedoria e a sua compreensão (28).

Jó conclui seu terceiro ciclo de discussões, revisando todo seu caso. Contrasta os dias dourados de extrema felicidade, prosperidade e prestígio com seu presente estado de sofrimento, humilhação e angústia da alma, na consciência de que o que lhe está acontecendo era ordenado por Deus. Com consideráveis detalhes, Jó faz um relato de seu nível ético e integridade em seu trato com os homens. Não manchado pela imoralidade, a vaidade, a avareza, a idolatria, a amargura ou a insinceridade, Jó reafirma sua inocência. Nem o homem nem Deus poderiam sustentar os cargos que seus amigos levantaram contra ele (29-31).

Aparentemente, Eliú tem ouvido pacientemente os debates entre Jó e seus três amigos.

Sendo mais jovem, se retrai de falar até que é compelido a fazê-lo para tratar de discernir o que era verdade de Deus. após denunciar a Jó por sua atitude para com o sofrimento, rejeita suas queixas.

Com a tenra sensibilidade para o pecado e uma genuína reverência para com Deus, Eliú sugere a sublimidade de Deus como mestre que procura disciplinar o homem. A grandeza de Deus, estendida nas obras da criação da natureza, é surpreendente. A compreensão do homem para Deus e seus caminhos está condicionada pela limitação de sua mente. Como poderia o homem conhecer retamente a Deus? portanto, não seria prudente fazê-lo com fatuidade, mas praticar o temor de Deus que é grande em poder, justiça e retidão (32-37).

Numa multidão de palavras, nem Jó nem seus amigos têm resolvido o problema da retribuição, o mistério do sofrimento, ou os disciplinares desígnios no que diz respeito à vida de Jó. Tampouco os discursos sobre o Altíssimo apresentam um razoável argumento que permita uma detalhada e lógica explicação (38-41). A resposta de Deus desde um redemoinho reside na grandeza de sua própria majestade. As maravilhas do universo físico, e as do reino animal, mostram a sabedoria de Deus, além de qualquer concepção ou entendimento. Incluso Jó, que tem respondido a seus amigos repetidamente, reconhece humildemente que ele não poderia responder a Deus. mas Deus continua falando. Acaso não tem Ele criado os monstros do mar tanto como a Jó? Será que Jó teria o poder de controlar o beemote (hipopótamo) e o leviatã (crocodilo)? Se o homem não pode enfrentar-se com essas criaturas, como poderia esperar enfrentar seu criador, o Um que os criou a todos eles?

Jó está estupefato com a sabedoria e o poder de Deus. certamente, os propósitos e desígnios dAquele que tem tal sabedoria e poder, não podem ser questionados por mentes finitas. Quem põe em dúvida a propriedade dos caminhos de Deus no sofrimento dos justos ou a prosperidade do malvado? Os secretos e motivações de Deus em sua justiça com o gênero humano estão além de todo alcance humano. No pó e na cinza, Jó se inclina humildemente em adoração, confessando sua insignificância. Numa nova perspectiva de Deus, assim como de si mesmo, comprova que tem falado além de seu limitado conhecimento e compreensão. Pela fé e a confiança em Deus, ele se sobrepõe às limitações da razão humana na solução dos

problemas, que com tanta audácia apresentara ao silêncio dos céus e antes que este se rompa (42.1-6).

Identificado por Deus como "meu servo", Jó se converte no sacerdote oficiante e intercessor para seus três amigos que tão estupidamente tinham falado. Sua fortuna foi restaurada em dupla medida. Na camaradagem de seus parentes e amigos, Jó volta a experimentar o bem-estar e as bênçãos de Deus, depois do tempo de sua severa provação.

Os Salmos – Hinologia de Israel

Por mais de dois milênios, o livro dos Salmos tem sido a mais popular coleção de escritos do cânon do Antigo Testamento.

Os Salmos foram utilizados em serviços de culto religioso pelos israelitas, começando nos tempos de Davi. A Igreja cristã tem incorporado os Salmos à liturgia e a seu ritual ao longo dos séculos. Em todos os tempos, o livro dos Salmos tem merecido mais interesse pessoal e maior uso em prático e no culto que qualquer outro livro do Antigo Testamento, superando todas as limitações geográficas ou raciais ⁴¹⁸. A popularidade dos Salmos descansa no fato que refletem a experiência comum da raça humana. Compostos por numerosos autores, os vários Salmos expressam as emoções, sentimentos pessoais, a gratidão, atitudes diversas, e interesses da média individual das pessoas. As gentes de todo o mundo têm identificado sua participação na vida com a dos salmistas ⁴¹⁹. Aproximadamente dois terços dos 150 Salmos estão atribuídos a vários autores por seu título. O resto é anônimo. Na identificação feita até agora, 73 se vinculam a Davi, 12 a Asafe, 10 aos filhos de Coré, 2 a Salomão, 1 a Moisés e 1 aos ezraitas Hemã e Etã ⁴²⁰. Os títulos também podem proporcionar informação concernente à ocasião em que foram compostos os Salmos pelas instruções musicais e seu adequado uso no culto ⁴²¹.

Comandante e quando foram colecionados os Salmos, é assunto sujeito a variada e múltipla discussão. Já que Davi tinha tão genuíno interesse em estabelecer o culto, e começou com o uso litúrgico de alguns deles, é razoável associar a primeira coleção com ele, como rei de Israel (1 Cr 15-16). O cantar dos salmos na casa do Senhor também foi um uso introduzido por Davi (1 Cr 6.31). Com toda probabilidade, Salomão, Josafá, Ezequiel e outros concluíram o arranjo e a extensão do uso dos Salmos em subseqüentes centúrias. Esdras, da era post-exílica, pôde ter sido o editor final do livro.

Com poucas exceções, cada Salmo é uma unidade simples, sem relação com o precedente ou o que o segue. Conseqüentemente, a longitude do livro com 150 capítulos é muito difícil de resenhar. Uma divisão quádrupla preservada no texto hebraico e nas mais antigas versões, é como se segue:

- I (Salmos 1-41)
- II (Salmos 42-72)
- III (Salmos 73-89)
- IV (Salmos 90-106)
- V (Salmos 107-150)

Cada uma destas unidades termina numa doxologia conclusiva. Na última divisão, o Salmo final serve como a doxologia conclusiva. Embora se têm feito numerosas sugestões para este

⁴¹⁸ Sobre a base dos textos hebraico e grego e de outras fontes, o uso litúrgico dos seguintes salmos tem sido sugerido na forma que se segue:

30 – Festa da Dedicção 7 – Purim; 29 – Pentecoste
83 ou 135 – Páscoa 137 – comemoração da destruição do templo
29 – últimos dias da Festa dos Tabernáculos
e os que se seguem eram cantados durante a diária oferenda de fogo:
24 – domingo 38 – segunda-feira
82 – terça-feira 94 – quarta-feira
81 – quinta-feira 38 e 92 – sábado

Ver R. H. Pfeiffer, *the Books of the Old Testament* (Nova York: Harper & Brothers, 1957), pp. 195-196.

⁴¹⁹ A presente divisão dos Salmos não aparece nos primeiros manuscritos hebraicos que ainda existem. O número total varia em diferentes arranjos. O Talmude de Jerusalém tem um total de 147. a LXX combina o Salmo 9 e 10, e também 114 e 115, porém divide o 116 e 147 em dois cada um, e agrega um salmo apócrifo, totalizando 150.

⁴²⁰ A frase hebraica "*dedhavidh*" pode, às vezes, significar "pertencentes a Davi", mas o conteúdo de salmos tais como o 3, 34, 51-54, 56, 57, 59, 60, e outros, estabelecem o fato de que Davi é o autor. Em conseqüência, muitos outros poderiam ter sido escritos por ele. Ver J. Young, *Introduction to the Old Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1949), pp. 87, 300. Ver também a tese não publicada de Elaine Nordstrom, "A Chronological Arrangement of the Psalms of David", Wheaton College Library, Wheaton, 111.

⁴²¹ O fato de que alguns dos termos usados nos títulos dos Salmos não fossem compreendidos pelos tradutores da LXX, favorece sua antigüidade.

arranjo, ainda permanece em pé a questão que diz respeito à história ou propósito de tais divisões.

O sujeito da questão parece proporcionar a melhor base para um estudo sistemático dos Salmos. Vários tipos podem ser classificados em certos grupos, já que representam uma similitude de experiência como fundo, e têm um tema comum. Considerando que o saltério inteiro não pode ser devidamente tratado neste breve estudo, a seguinte classificação, com exemplos para cada categoria, pode ser utilizada como sugestão para um ulterior estudo:

I. Orações dos justos	17, 20, 25, 28, 40, 42, 55, etc.
II. Salmos penitenciais	6, 32, 38, 51, 102, etc.
III. Salmos de louvor	65, 95-100, 111-118, 146-150.
IV. Salmos dos peregrinos	120-134.
V. Salmos históricos	78, 105, 106, etc.
VI. Salmos messiânicos	22, 110, etc.
VII. Salmos alfabéticos	25, 34, 111-112, 119, etc.

A necessidade da salvação do homem é universal. Isto está expresso em muitos Salmos nos quais a voz do justo apela a Deus em busca de auxílio. Abatido pela ansiedade, o perigo imediato, um sentimento de vindicação ou uma necessidade para a ressurreição, fazem que a alma se vire para Deus.

Os mais intensamente expressados são os anelos do indivíduo penitente. Com poucas exceções, esses Salmos são atribuídos a Davi. Livremente, ele expressa seus sentimentos da sincera confissão do pecado. ms exemplar é o Salmo 51, cujo fundo histórico se acha em 2 Sm 12.1-13. Totalmente consciente de sua terrível culpabilidade, que se expressa com uma ênfase tripla —o pecado, a Isaque e a transgressão—, Davi não busca evadir-se de sua pessoal responsabilidade. Pasmado e totalmente humilhado, se volta a Deus pela fé, percebendo que um espírito quebrantado e humilhado é aceito por Deus. Os sacrifícios e serviços de um indivíduo arrependido são a delícia do Deus da misericórdia. O Salmo 32 está relacionado com a mesma experiência, e indica a guia divina e louvor que se converte em realidade na vida de um que tenha confessado seu pecado com arrependimento.

Os Salmos de louvor são numerosos. Estas expressões de exultação e gratidão são amiúde a consequência natural de uma grande libertação. O louvor a Deus, com freqüência, se expressa pelo indivíduo que comprova as obras da criação na natureza do Todo Poderoso (Salmos 8, 19, etc.). A ação de graças pelas colheitas (65), a alegria na adoração (95-100), a celebração das festas (111-118), e os "Grandes Aleluias" (146-150) se fazem partes importantes da salmodia de Israel.

Os Salmos dos peregrinos (120-134) estão etiquetados como "Cantos dos Antepassados" ou "Cânticos graduais". O fundo histórico para esta designação é desconhecido. Foram emitidas várias teorias assumindo-se geralmente que esses Salmos estavam associados com as peregrinações anuais dos israelitas a Sião para os três grandes festivais ⁴²². Este grupo distintivo tem sido reconhecido como um saltério em miniatura, já que seu conteúdo representa uma ampla variedade de emoções e experiências.

Nos Salmos históricos, os salmistas refletem as relações de Deus com Israel em tempos passados. Israel teve uma história de variadas experiências que proporcionou um rico transfundo que inspirou seus poetas e escritores de cantos. Em toda a extensão desses Salmos, há numerosas referências aos feitos miraculosos e divinos favores que foram concedidos a Israel em tempos passados.

Os Salmos messiânicos indicavam profeticamente alguns aspectos do Messias como foi revelado no Novo Testamento. Sobressaindo nesta classificação está o Salmo 22, que tem várias referências e que estabelece um paralelo com a paixão de Jesus, retratadas nos quatro Evangelhos. embora este grupo reflita a experiência emocional de seus autores, suas expressões, sob inspiração divina, têm importância profética. Inter-relacionado com a vida e a mensagem de Jesus, este elemento nos Salmos é vitalmente significativo como está interpretado no Novo Testamento, vagamente expressado nos Salmos de culto, as referências messiânicas se fazem mais aparentes ao serem cumpridas em Jesus, o Messias. Outro grupo de Salmos pode ser classificado pelo uso do acróstico em seu arranjo. O mais familiar em sua categoria, é o Salmo 119. Por cada série DE oito versos, se utiliza sucessivamente uma letra do alfabeto hebraico. Em outros Salmos somente se assina uma linha simples para cada letra.

Naturalmente, o uso deste dispositivo não pode ser efetivamente transmitido às versões em outras línguas.

⁴²² Ver Leslie S. M. Caw, "The Psalms" en *The New Bible Commentary*, p. 498.

Com esta análise diante dele, o leitor principiante reconhecerá que o livro dos Salmos é tão diverso como um hinário de igreja. A classificação estendida dos Salmos incrementa necessariamente a duplicação, nas diversas categorias. Que esta consideração não seja senão um princípio para o ulterior estudo de cada Salmo individual.

Os Provérbios – Uma antologia de Israel

O livro dos Provérbios é uma soberba antologia de expressões sábias ⁴²³. Provocativo em estimular o pensamento, um provérbio ressalta uma simples verdade, evidente por si mesma. No uso popular, teve com freqüência uma desfavorável conotação ⁴²⁴. A literatura dos Provérbios, contudo, representa a sabedoria do sentido comum expressada de uma forma breve e simples. No transcorrer do tempo, um provérbio —*mashal* em hebraico— não somente se converteu em um instrumento de instrução, senão que ganhou um uso extensivo como tipo de discurso didático.

A coleção de provérbios preservada no livro de tal nome, contém repetidas rubricas de origem em suas diversas partes. Indicativos de suas numerosas divisões neste livro são estes encabeçamentos:

- 1) Os provérbios de Salomão, Provérbios 1.1
- 2) Os provérbios de Salomão, 10.1
- 3) As palavras do sábio, 22.17
- 4) Provérbios de Salomão copiados pelos homens de Ezequias, 25.1
- 5) As palavras de Agur, 30.1
- 6) As palavras do rei Lemuel, 31.1

Uma breve consideração destas anotações deixa aparente que o livro dos Provérbios é, em sua forma presente, um resumo que abrange séculos de tempo transcorrido. Inclusive, ainda que a maior parte desta coleção está associada com Salomão, resulta obvio que se adicionaram certas partes durante ou posteriormente ao tempo de Ezequias (700 a.C.).

A associação da sabedoria com Salomão está bem testemunhada em Reis e Crônicas.

Os relatos históricos deste grande rei o retratam como o compêndio da sabedoria na glória de Israel em seu período mais próspero. Em humilde dependência de Deus, começou seu reinado com uma oração em solicitude da sabedoria. Em seu amor por Deus, sua preocupação por emitir sempre o juízo justo, e a sábia administração de seus problemas domésticos e estrangeiros, Salomão representa a essência da sabedoria prática (1 Rs 3.3-28; 4.29-30; 5.12).

Sobressaindo por cima de todos os homens sábios, ganhou tal fama internacional que governantes estrangeiros —entre a mais notável, a rainha de Sabá— foram para expressar sua admiração e buscar sua sabedoria (2 Cr 9.1-24).

Versátil em seus trabalhos literários, Salomão fez discursos sobre matérias de comum interesse, tais como plantas e a vida animal. Com o crédito de ter composto 3000 provérbios e cinco cantos, as partes do livro dos Provérbios que lhe são atribuídas não são senão uma amostra de suas palavras de sabedoria ⁴²⁵. A relação entre o livro dos Provérbios e a sabedoria de Amen-en-opete tem restado como problema para ulterior estudo. Já que a fama de Salomão em sabedoria prevaleceu por todo o Crescente Fértil, parece razoável considerar seriamente que a sabedoria egípcia estivesse influenciada pelos israelitas ⁴²⁶. A dívida de Amen-en-opete aos Provérbios parece mais verossímil, se Griffith está no certo ao datar em aproximadamente o 600 a.C., quando os sábios já tinham sido ativos em Israel por vários anos.

Pode muito bem ser que os Provérbios 1-24 sejam, seguramente, dos tempos salomônicos, e proporcionem uma base para a adição de outros provérbios pelos homens de Ezequias (25-29) ⁴²⁷. Aqueles homens, provavelmente, editaram a coleção inteira nos capítulos precedentes. A identidade de Agur e Lemuel e a data para a adição dos dois capítulos finais, permanecem desconhecidas ainda em nossos dias.

⁴²³ Um total de 915 provérbios. Ver Julius H. Greenstone, *Proverbs* (Filadelfia: Jewish Publication Society of America, 1950), p. XII.

⁴²⁴ Ver Nm 21.27; 1 Sm 10.12; Is 14.4; Jr 24.9; Jó 17.6, etc.

⁴²⁵ Os 374 provérbios em Pv 10.1-22.16 podem representar somente uma coletânea feita nos dias de Salomão.

⁴²⁶ Ver R. O. Kevin, *The Wisdom of Amenemopt and its Possible Dependence upon Hebrew Book of Proverbs* (Filadelfia, 1931). Amen-en-opete está datado durante o período 1000-600 a.C. Para ulterior estudo, ver Pritchard *Ancient Near Eastern Texts*, pp. 421-424 e D. Winton Thomas, *Documents from Old Testament Times*, pp. 172-186.

⁴²⁷ Ver E. J. Young, *op. cit.*, pp. 301-302.

Uma variedade de formas poéticas e ditados cheios de sabedoria são aparentes nos Provérbios. Os primeiros nove e os dois últimos capítulos são extensos discursos, enquanto que as seções restantes contêm versos curtos, constituindo cada uma, uma unidade.

O paralelismo, tão característico na poesia hebraica, se usa efetivamente nestes provérbios⁴²⁸. Em paralelismo "sinônimo", o pensamento é repetido na segunda linha do dístico⁴²⁹, exemplificado em 20.13:

*"Não ames o sono, para que não empobreças;
abre os teus olhos, e te fartarás de pão".*

Freqüentemente, a segunda linha será "antitética"⁴³⁰, expressando um contraste. Note-se o exemplo de 15.1:

*"A resposta branda desvia o furor,
mas a palavra dura suscita a ira"*

Num paralelismo "sintético" ou "ascendente", a idéia expressada na primeira linha está completada na segunda. Esta progressão do pensamento está competentemente ilustrada em 10.22:

*"A bênção do SENHOR é que enriquece;
e não traz consigo dores"*

Enquanto muitas partes dos Provérbios estão completas em si mesmas, o livro como unidade merece uma séria consideração para o leitor principiante. Isto conduz por si à perspectiva seguinte:

I. Introdução

Pv 1.1-7

II. Contraste e comparação da sabedoria e da insensatez

Pv 1.8-9.18

- | | |
|---|--------------|
| a. O anelo da sabedoria | Pv 1.8-2.22 |
| Ela guarda de más companhias | Pv 1.8-19 |
| É desprezada pelos ignorantes | Pv 1.20-23 |
| Libera do mal a homens e mulheres | Pv 2.1-22 |
| b. A bênção prática da sabedoria | 2.1-35 |
| Deus faz prosperar o sábio | Pv 3.1-18 |
| Deus protege o sábio | Pv 3.19-26 |
| Deus abençoa o sábio | Pv 3.27-35 |
| c. Os benefícios da sabedoria na experiência | Pv 4.1-27 |
| d. As advertências contra os caminhos da insensatez | Pv 5.1-7.27 |
| Evitar a mulher estranha | Pv 5.1-23 |
| Evitar tratos e negócios desatinados | Pv 6.1-5 |
| Os perigos da preguiça e do engano | Pv 6.6-19 |
| O desatino do adultério | Pv 6.20-7.27 |
| e. A personificação da sabedoria | Pv 8.1-9.18 |
| A sabedoria tem grandes riquezas | Pv 8.1.31 |
| Bênçãos asseguradas ao possuidor da Sabedoria | Pv 8.33-36 |
| O convite ao banquete da sabedoria | Pv 9.1-12 |
| O convite da insensatez | Pv 9.13-18 |

III. Máximas éticas

Pv 10.1-22.16

- | | |
|---|---------------|
| a. Contraste do reto e o incorreto na prática | Pv 10.1-15.33 |
| b. Admoestação para temer e obedecer a Deus | Pv 16.1-22.16 |

IV. As palavras do sábio

Pv 22.17-24.34

- | | |
|---|----------------|
| a. Os caminhos da sabedoria e da insensatez | Pv 22.17-24.22 |
| b. Advertências práticas | Pv 24.23-34 |

V. Coleção dos homens de Ezequias

Pv 25.1-29.27

- | | |
|-----------------------------------|---------------|
| a. Reis e súbditos temerão a Deus | Pv 25.1-28 |
| b. Advertências e lições morais | Pv 26.1-29.27 |

VI. As palavras de Agur

Pv 30.1-33

VII. As palavras de Lemuel

Pv 31.1-31

O título deste livro em sua maior parte se aplica em forma de curtos aforismos em 10.1-22.16, que estão caracterizados como provérbios. A introdução em 1.1-7, contudo, inclui a

⁴²⁸ *Ibid.*, pp. 281-286.

⁴²⁹ Dístico: trata-se de uma composição poética ou estrofe de dois versos que expressam um conceito cabal. Resulta sinônimo de "pareado", ainda que este último termo seja mais utilizado em poesia moderna, enquanto que se utiliza o termo "dístico" em versificação antiga. (N. da T. Fonte: Enciclopédia Encarta de Microsoft).

⁴³⁰ Antitético,a: que denota antítese. Antítese: figura poética que consiste em contrapor duas palavras ou frases de significação contrária, por exemplo: *"os livros estão sem doutor e o doutor sem livros"*. (N. da T. Fonte: Enciclopédia Encarta de Microsoft).

inteira coleção em sua declaração de propósitos. Embora projetado como guia para a juventude, tais provérbios oferecem a sabedoria para todos. sua nota predominante é "o temor de Deus", e a sabedoria tem como chave uma reta relação com Deus. o conhecimento pessoal de Deus é o fundamento para um reto viver. Uma reverência para Deus no diário viver é a verdadeira aplicação da sabedoria.

Um conceito de discussão entre a sabedoria e a insensatez é resumido em 1.8-9.18. está disposta na relação entre mestre e aluno ou pai e filho, com o que escuta ao que freqüentemente se dirige como "meu filho". Da escola da experiência procedem palavras de instrução à juventude, que se adentra nos misteriosos e desconhecidos caminhos da vida.

A sabedoria está personificada. E fala com uma lógica irrefutável. Discute com a juventude para considerar todas as vantagens que oferece a sabedoria, e adverte a gente jovem contra as sendas da estultícia, ressaltando realisticamente os perigos dos crimes sexuais, más companhias e outras más tentações. Numa chamada final, a sabedoria se estende e convida à mesa de um banquete. A ignorância conduz à ruína e à morte; porém os que se decidem pela sabedoria têm assegurado o favor de Deus.

Os provérbios de Salomão preservados em 10.1-22.16 consistem em 375 versos, cada um dos quais normalmente constitui um dístico. A imensa maioria são antitéticos, enquanto que alguns são comparações ou declarações complementares. Vários aspectos da pauta da conduta do sábio e do ignorante situam-se em primeiro plano. A riqueza, a integridade, a observância da lei, o discurso, a honestidade, a arrogância, o castigo, as recompensas, a política, o suborno, a sociedade, a família e a vida nela, a reputação, o caráter; quase todas as frases da vida estão situadas em sua adequada perspectiva.

As palavras da sabedoria em 22.17-24.34 contêm aforismos instrutivos, a maior partes dos quais são maiores que os dísticos da seção precedente. Os perigos da opressão, a etiqueta na mesa real, a insensatez de ensinar aos tolos, o temor de Deus, as mulheres, as bebedeiras e os benefícios da sabedoria recebem consideração neste discurso entre mestre e discípulo.

Os provérbios coletados pelos homens de Ezequias estão agrupados juntos em 25-29. provavelmente a derrota de Senaqueribe e o reavivamento religioso nos dias de Ezequias estimularam o interesse neste propósito literário ⁴³¹. Não resulta ilógico supor que Isaías e Miquéias estivessem entre esse grupo de homens. Estes provérbios proporcionam conselho para os reis e súbditos, com especial atenção à pauta de conduta dos estultos. Nas oportunidades que oferece a vida, o estulto exhibe sua estultícia, enquanto que o homem sábio demonstra as formas da sabedoria.

Os dois últimos capítulos são unidades independentes. Agur, um autor desconhecido, fala das limitações do homem e da necessidade de condução por parte de Deus, por Sua Palavra.

Como coisa característica das antigas formas de literatura, propõe questões retóricas, falando nelas de diversos problemas da vida, concluindo com conselhos práticos.

O capítulo final abre com as instruções de Lemuel, o correspondente aos reis. Num acróstico alfabético, louva a inteligente e industriosa ama de casa — a mãe consagrada a seu lar e a seus filhos é digna do maior louvor.

Eclesiastes – A pesquisa da vida

A filosofia de seu autor e fascinantes experiências são a base profunda do livro do Eclesiastes. Falando como "*Cohélet*" ou como "Pregador", estabelece em prosa e em verso suas pesquisas e conclusões.

Embora este livro esteja associado com Salomão, a questão do autor do mesmo continua sendo um enigma. Escreveu Salomão o Eclesiastes, ou o fez o rei israelita anônimo que representou o epítome ⁴³² da sabedoria? ⁴³³ Tampouco está estabelecida a data de sua escritura.

Quem quer que fosse seu autor, utiliza passagens clássicas de outros livros do Antigo Testamento ⁴³⁴. Trata-se de um profundo tratado, que junto com Jó e os Provérbios está classificado como a literatura da sabedoria dos judeus. era lido publicamente na festa dos Tabernáculos, e incluído pelos judeus nos "*Megilloth*" ou livros utilizados nos dias festivos. A ênfase do autor sobre o gozo da vida, fazia deles uma leitura apropriada na estação anual das diversões ⁴³⁵.

⁴³¹ Greenstone, *op. cit.*, p. 262.

⁴³² Epítome: compêndio de uma obra extensa (N. da T. Fonte: Enciclopédia Encarta de Microsoft).

⁴³³ A congruência de Salomão para tal experiência ou pesquisa está baseada em referências tais como 1 Rs 2.9; 3.12; 5.9-13; 10.2; Ec 1.16; 2.7. Parece ficcionalmente autobiográfico.

⁴³⁴ Comparar Gn 3.19 com Ec 12.7; Dt 4.2 e 12.1 com Ec 4.14; Dt 23.22-25 com Ec 5.3; 1 Sm 15.22 com Ec 4.13; e 1 Rs 8.46 com Ec 7.20.

⁴³⁵ Ver Robert Gordis. *Kohélet - The Man and his World* (Nova York: Block Publishing Co., 1955), p.121.

O Eclesiastes representa uma expressão das vicissitudes do homem, suas venturas e seus fracassos. O autor não apresenta uma filosofia sistemática como Aristóteles, Espinoza, Hegel ou Kant, com seu desenvolvimento, senão que faz uma cuidadosa pesquisa e exame sobre a base das observações e experiências, das que obtém conclusões. Como um todo, limita suas pesquisas às coisas feitas "debaixo o sol", uma frase a qual recorre com frequência. Outra expressão, "tudo é vaidade" (todo é vapor ou fôlego), que expressa em vinte e cinco ocasiões, dá a avaliação do autor das coisas mundanas que ele considera. Em sua fiel deliberação, se volta para Deus.

Para um análise e para ajuda da leitura do Eclesiastes, considere-se o que se segue:

I. Introdução	Ec 1.1-11
Proposição do tema e propósito	Ec 1.1-3
O contínuo ciclo da vida e os acontecimentos	Ec 1.4-11
II. Um exame das coisas temporárias	Ec 1.12-3.22
A sabedoria como objetivo da vida	Ec 1.12-18
O prazer como objetivo	Ec 2.1-11
O paradoxo da sabedoria	Ec 2.12-23
A sabedoria de Deus e o propósito da Criação	Ec 2.24-3.15
A responsabilidade do homem para com Deus	Ec 3.16-22
III. Uma análise da relação econômica do homem	Ec 4.1-7.29
A vida do oprimido é vã	Ec 4.1-16
Vaidade da religião e das riquezas	Ec 5.1-17
A capacidade para o gozo é dada por Deus	Ec 5.18-6.12
A temperança prática em todas as coisas	Ec 7.1-19
O homem caído de seu estado original	Ec 7.20-29
IV. As limitações da sabedoria do homem	Ec 8.1-12.14
A análise do homem limitada a esta vida	Ec 8.1-17
A vida está feita para o gozo do homem	Ec 9.1-12
A sabedoria é prática e benéfica	Ec 9.13-10.20
Conselho para a juventude	Ec 11.1-12.7
Conclusão: o temor de Deus	Ec 12.8-14

De forma cética, o autor propõe esta questão: que é o mais valioso como objeto da vida? Como na natureza, assim na vida do homem existe um repetido ciclo sem fim (1.4-11). Neste mundo não existe nada de novo. Com esta introdução, o autor afirma a futilidade de qualquer coisa que exista debaixo do sol.

Explorando os valores da vida, *Cohélet* busca a sabedoria; mas isto incrementa a tristeza e a dor (1.12-18). Buscando a satisfação em uma vida variada e equilibrada, continua com sua investigação. Como um homem culto, busca misturar o prazer, o riso, o gozo pelos jardins, as mansões, o vinho e a música numa harmoniosa pauta de vida, porém todo é fútil (2.1-11). Num sentido, é paradoxal buscar a sabedoria, já que o homem sábio tenta agir à vista de um futuro que lhe é desconhecido. Por que ao viver como o ignorante, que vive o dia? (2.12-23). Porém Deus tem criado e desenhado todas as coisas para o gozo do homem. No ciclo sem fim da vida, existe um propósito para todas as coisas, que Ele tem feito (2.24-3.15), e em última instância, é responsável ante d. (3.16-22).

Que finalidade tem a situação econômica do homem na vida? Quem goza mais da vida —o que cumpre com as responsabilidades que lhe foram indicadas, como um servo ordinário (4.1-3), ou o industrial, agressivo indivíduo que procura somente ganhar riquezas e popularidade (4.4-16)? O praticar a religião como uma questão de rotina ou o fazê-lo hipocritamente, não é vantajoso. Os ganhos da vida podem trazer a ruína incluso a um rei, já que tudo está sujeito ao que Deus tem previsto por a natureza (5.1-17). A capacidade de gozar as abundantes provisões de Deus, procede precisamente do próprio Deus (5.18-6.12). O aplicar a sabedoria e a temperança em todas as coisas resulta prudente. Desgraçadamente, nenhuma criatura finita consegue uma pauta equilibrada do viver, embora Deus tenha criado o homem bom no princípio (7.1-29).

Nenhum homem alcança a perfeita sabedoria nesta vida. Não conhecendo o futuro, a análise da vida do homem está definitivamente limitada. Quando a morte o destrói, seja justo ou malvado, não tem remédio nem ajuda (8.1-11). Apesar do fato de que a morte chega a todos por igual e que o universo se mostra indiferente às normas da moral, é, contudo, questão de sabedoria o temer a Deus (8.12-17). O homem não pode compreender a vida —e a morte é inevitável—, mas isto não deveria impedir que goze da vida em toda sua plenitude (9.1-12). A sabedoria, porém, deveria ser aplicada em todas as coisas. Valioso e exemplar é o

caso do homem pobre, cuja sabedoria salvou a toda uma cidade (9.13-18). A temperança em todas as coisas deveria regular o gozo do homem pela vida. Uma pequena loucura pode acarretar muita dor e privar de numerosos benefícios (10.1-20).

Certos princípios e práticas devem guardar-se na mente. Partilhar os dons da vida com outrem, inclusive apesar de desconhecermos o futuro (11.1-6). A filosofia epicúrea do viver somente o presente fica assim apresentada. Permitir a juventude gozar da vida até o máximo, e contudo lembrar que no final se encontra Deus (11.7-10). Com uma prudente alegoria da idade madura, a juventude fica advertida de lembrar a seu Criador nos primeiros anos de sua vida.

O deterioro de seus órgãos corporais e faculdades mentais pode anular e torná-lo incapaz de levar a Deus em consideração (17.1-2) ⁴³⁶. A admoestação final para o homem está expressada nos últimos dois versos. O dever do homem é temer a Deus e guardar seus mandamentos, a base para sua responsabilidade para com Deus (12.8-14).

O Cântico dos Cânticos

A inclusão do Cântico dos Cânticos nos livros poéticos permanece enigmática.

Isto resulta evidente pela ampla variedade de interpretações. Embora é impossível assegurar se este livro foi escrito por ou para Salomão, o título associa sua composição com o rei literário de Israel. O conteúdo sugere que este livro pertence a Salomão, cujo nome se cita cinco vezes após seu versículo de abertura.

Há numerosas interpretações desta composição poética. A visão alegórica de judeus e cristãos, a teoria dramática, a teoria do ciclo das bodas, a teoria da literatura do Adonis-Tammuz, e outros pontos de vista, tiveram ardorosos defensores através dos séculos ⁴³⁷. Numa recente publicação, o Cântico dos Cânticos representa uma soberba antologia lírica com cantos de amor, da natureza, do cortejo amoroso e o matrimônio, que vão desde a era salomônica até o período persa ⁴³⁸. Até o presente não há interpretação que goze de uma ampla aceitação entre os eruditos do Antigo Testamento.

O consenso dos eruditos aprova que esta composição tem uma elevada qualidade poética como expressão das cálidas emoções do amor humano. Incorporado como uma unidade no cânon judaico, merece consideração como um simples poema, antes que como uma coletânea de cânticos.

Partes componentes do livro são monólogos, solilóquios e apostrofes ⁴³⁹. Uma caridade de cena —a corte real de Jerusalém, um jardim, um lugar no campo, ou um entorno pastoril— encaixa os componentes das diferentes partes deste poema, com as personagens apresentadas numa ação quase dramática. Devido que se têm perdido tantos detalhes neste cântico de amor, o intérprete se encara com numerosos problemas.

A interpretação literal parece a mais natural ao leitor. A figura principal parece ser uma donzela sulamita que é levada desde um entorno pastoril ao palácio real de Salomão. Conforme o rei galanteia a esta atrativa donzela, seus intentos são rejeitados. O esplendor do palácio e a chamada coral das mulheres da corte fracassam em impressioná-la.

Ela anela apaixonadamente seu antigo amor. Finalmente, seu conflito é resolvido, ao declinar as ofertas do rei e voltar para seu pastor herói.

Para uma interpretação deste livro poético, deste modo, a seguinte análise pode ser utilizada como guia:

I. A donzela sulamita na corte real

Boas-vindas pelas damas da corte

A resposta da donzela

Réplica das damas da corte

Fala o rei

A donzela se dirige às cortesãs

O rei fala à donzela

O apóstrofe da donzela

Fala o rei

Ct 1.1-2.7

Ct 1.2-4

Ct 1.5-6

Ct 1.8

Ct 1.9-11

Ct 1.12-14

Ct 1.15

Ct 1.16-2.1

Ct 2.2

⁴³⁶ *Ibid.* pp. 328-339.

⁴³⁷ Para discussão ver H. H. Rowley, *The Servant of the Lord and Other Essays on the Old Testament*, pp. 187-234. Rowley o considera como uma coleção de canções de namorados. Para uma discussão recente advogando por uma interpretação "natural", ver Meredith Kline. "The Song of Songs". *Christianity Today*, tomo III, n.º 15, 27 abril, 1959, pp. 22 e ss

⁴³⁸ Ver Robert Gordis, *The Song of the Songs* (Nova York: Jewish Theological Seminary, 1954), p. X.

⁴³⁹ Monólogo - Solilóquio: obra dramática em que fala uma única personagem. Apóstrofe: figura que consiste em interromper o discurso para dirigir-se veementemente a uma ou várias pessoas ou coisas personificadas. (N. da T. Fonte: Enciclopédia Encarta de Microsoft).

A donzela às damas da corte	Ct 2.3-7
II. A donzela num palácio campestre	Ct 2.8-3.5
Lembranças de seu amante campestre	Ct 2.8-17
Um sonho	Ct 3.1-5
III. A chamada do rei	Ct 3.6-4.7
A pompa real – entra o rei	Ct 3.6-11
O rei corteja a donzela	Ct 4.1-7
IV. A donzela reflexiona	Ct 4.8-6.3
Alegados de seu amante pastor	Ct 4.8-5.1
Um sonho	Ct 5.2-6.3
V. A súplica renovada do rei	Ct 6.4-7.9
As ofertas de amor do rei	Ct 6.4-13
A apelação das damas cortesãs	Ct 7.1-9
VI. A reunião da donzela e seu amante	Ct 7.10-8.14
Seu anelo pelo pastor amante	Ct 7.10-8.4
O regresso da donzela	Ct 8.5-14

Embora a interpretação literal fala de amor humano, a providencial inclusão deste Lv no cânon judaico, sem dúvida tem uma significação espiritual. o mais verossímil é que os judeus reconhecessem isso ao ler o Cântico dos Cânticos anualmente na Páscoa, que lembrava os israelitas o amor de Deus para eles em sua libertação do cativo egípcio. Para os judeus, o amor material representa o amor de Deus por Israel como está indicado por Isaías (50.1; 54.4-5), Jeremias (3.1-20), Ezequiel (16 e 23) e Oséias (1-3). O vínculo entre Israel (a donzela sulamita) e o pastor amante (Deus), era tão forte que nenhuma apelação de palavra (rei) podia separar a Israel de seu Deus. no Novo Testamento, esta relação tem um paralelo entre Cristo e sua Igreja ⁴⁴⁰. Baseado na interpretação literal, o Cântico dos Cânticos tem sido assim a base de uma aplicação espiritual, tanto no Antigo como no Novo Testamento.

⁴⁴⁰ No Novo Testamento esta mesma relação se anota em Mt 9.15, Jo 5.39, 2 Co 11.2; Ef 5.23-32; Ap 19.7; 21.2,9; 22.17

● CAPÍTULO 18: ISAIAS E SUA MENSAGEM

Para compreender a mensagem deste livro, é necessário estar familiarizado com a situação histórica do profeta e do povo ao que se entregou esta mensagem. Muitas das alusões, referências e advertências podem ser interpretadas incorretamente a menos que os acontecimentos políticos em Judá sejam cuidadosamente considerados, em relação com as nações circundantes.

ESQUEMA 6: TEMPOS DE ISAIAS

787-81	Amasias provavelmente deixado em liberdade de sua prisão, quando Jeroboão II assume sozinho o governo de Israel após a morte de Joás.
768	Uzias assume sozinho o governo em Judá. Morte de Amasias.
760	Data aproximada do nascimento de Isaias.
753	Fim do reinado de Jeroboão em Israel.
750	Uzias doente da lepra.
745	Tiglate-Pileser III começa seu governo na Assíria.
743	Os assírios derrotam a Sarduris III, rei de Urartu. Uzias e seus aliados derrotados pelos assírios na batalha de Arpade.
740	Jotão assume sozinho o governo. Morte de Uzias.
736-35	Os exércitos assírios invadem os filisteus. Guerra sírio-efraimítica após a retirada dos assírios.
733	Invasão assíria da Síria.
732	Damasco conquistado pelos assírios, terminando assim o governo sírio. Peca substituído por Oséias em Samaria.
727	Salmaneser V começa a governar a Assíria.
722	Queda de Samaria. Acesso de Sargão II ao trono da Assíria.
716-15	Ezequias começa a reinar em Judá. Reforma religiosa. Purificação do Templo.
711	Tropas assírias em Asdode.
709-8	Nascimento de Manassés.
705	Senaqueribe começa a governar a Assíria.
702	Bel-Ibni substitui a Merodaque-Baladã no trono da Babilônia.
702-1	A doença de Ezequias. Ameaça de Senaqueribe. Isaias afirma a seguridade. A embaixada babilônica de Merodaque-Baladã no exílio visita Jerusalém.
697-6	Manassés feito co-regente.
688	A segunda ameaça de Senaqueribe a Ezequias.
687-6	Ezequias morre. Manassés governa sozinho.
680.	Isaias pôde ter sido martirizado por Manassés.

Com o profeta em Jerusalém

Muito pouco se conhece a respeito da linhagem de Isaias, seu nascimento, juventude ou educação, além do fato de que foi filho de Amós. Aparentemente nasceu e se educou em Jerusalém.

Já que seu chamamento ao ministério profético está definitivamente datado no ano que morreu Uzias (740 a.C.), é razoável datar seu nascimento entre o 765 e o 760 a.C.

Isaias nasceu em dias de prosperidade. Judá estava voltando a ganhar sua força militar e econômica sob a competente liderança de Uzias. Previamente, a absurda política realizada por Amasias tinha conduzido à invasão de Judá e à opressão por Israel. Este último acontecimento pôde ter promovido o reconhecimento de Uzias como co-regente lá pelo ano 792-91 a.C. Com a mudança de reis em Israel, Amasias foi restaurado no trono (782-81), só para ser

assassinado (768). Isto deu a Uzias o controle único de Judá e a oportunidade de afirmar sua efetiva liderança.

Ominosos acontecimentos logo semearam ameaçadoras sombras através das futuras esperanças de Judá. Na Samaria, à morte de Jeroboão no 753 seguiu-se a revolução e a efusão de sangue até que Menaém se apoderou do trono. Em Judá, Uzias foi tocado pela lepra como um juízo divino por assumir responsabilidades sacerdotais. Embora Jotão foi feito coregente naquele tempo (por volta do 750 a.C.), Uzias continuou no governo ativo. A prosperidade econômica prevaleceu em Judá conforme se espalhava para o sul com suas fronteiras, incluindo o Elate, no Golfo de Acaba. Para o leste, os amonitas eram tributários de Judá.

Mais portentoso foi o acesso ao trono de Tiglate-Pileser III, ou Pul, na Assíria, no 745 a.C.

A subsequente conquista da Babilônia pelos assírios precipitou uma preparação unificada dos governantes palestinos para a agressão assíria. No 743-738, esta expectativa se converteu em realidade, quando o exército assírio avançou para o oeste em diversas campanhas. O rei assírio informa em seus anais que derrotou a força palestina sob o mandado de Azarias ou Uzias de Judá. Thiele data este evento no primeiro ano deste período ⁴⁴¹. Menaém, o rei de Israel, também deveu entregar um forte tributo ao rei da Assíria (2 Rs 15.19).

Sob a ameaça pendente da agressão assíria, aconteceram rápidas mudanças em Israel e as mesmas tiveram suas repercussões em Judá. Quando morreu Menaém, foi sucedido por seu filho Pecaías, que foi assassinado por Peca após dois anos de governo. O último tomou o trono de Samaria no 740-39 e começou uma agressiva política antiassíria. A morte de Uzias, o notável rei de Judá e o mais sobressalente desde os dias de Davi e Salomão, aconteceu no mesmo ano.

Durante este ano de tensão no país e no exterior, o jovem Isaias recebeu seu chamamento profético. É verossímil que tivesse observado os desenvolvimentos internacionais com profundo interesse quando as esperanças de Judá pela sobrevivência nacional se desvaneceram ante os avanços do exército da Assíria. Não está indicada qual tenha sido a atitude religiosa de Isaias naquele tempo. pôde ter estado familiarizado com Amós e Oséias, que se mostravam ativos no Reino do Norte. Como homem jovem, pôde ter estado em contato com Zacarias, o profeta que teve tão favorável influência sobre Uzias. Neste ano crucial, o jovem foi chamado a ser o portavoz da palavra de Deus, para entregar a mensagem de Deus a uma geração encarada com acontecimentos históricos sem precedentes.

Enquanto Peca resistia firmemente aos assírios, um grupo pró-assírio foi ganhando poder em Judá. Aparentemente, este movimento foi o responsável da elevação de Acaz ao trono em 736-35 a.C., quando os exércitos assírios estavam ativos em Nal e Urartu. Acaz pôde ter precipitado a invasão assíria dos filisteus no 734 a.C. Pelo menos, após sua retirada, Peca de Samaria e Rezim de damasco lançaram um ultimato a Acaz para que se unisse a eles em oposição à Assíria. Neste momento, Isaias ficou implicado na marcha dos acontecimentos. Foi especificamente comissionado para avisar o rei de confiar em Deus (Is 7.1ss). ignorando o aviso do profeta, Acaz fez um tratado com Tiglate-Pileser III. Embora Judá foi invadida pelos exércitos sírio-efraimitas e perdeu o Edom como tributário, Acaz sobreviveu ao avanço do exército assírio. As sucessivas campanhas assírias deram por resultado a conquista e capitulação da Síria no 732 a.C. Simultaneamente, Peca foi executado e substituído por Oséias, que assegurou o tributo de Israel ao rei da Assíria. Acaz se encontrou com Tiglate-Pileser em Damasco e selou seu pacto introduzindo o culto de adoração assírio no templo de Jerusalém.

A atividade de Isaias durante o resto do reinado de Acaz é obscura. Deve ter partilhado o profundo interesse e ansiedade dos cidadãos de Judá, a respeito das lutas da Samaria, a uns 70 km ao norte de Jerusalém. Quando Salmaneser sucedeu a Tiglate-Pileser sobre o trono da Assíria, Oséias terminou sua servidão. Seguindo um assedio de três anos pelos assírios, Oséias foi morto, e a Samaria conquistada pelo invasor no 722.

Aparentemente, Acaz foi capaz de manter favoráveis condições diplomáticas com a Assíria, evitando assim a invasão de Judá naquele tempo. Não há indicação de que Acaz pudesse ter conhecido a Isaias como um verdadeiro profeta.

Amanheceu um novo dia para Isaias com a acessão ao trono de Ezequias (716-15 a.C.).

Acaz tinha desafiado o profeta, suportando o culto idolátrico no templo, porém Ezequias perseguiu um radical e diferente curso de ação. Com todo entusiasmo introduziu reformas, reparações e purificação do templo, evitando convites aos israelitas desde Berseba até Dã para unir-se às religiosas atividades de Jerusalém. Enquanto que Isaias não faz menção a estas reformas em seu livro, a celebração nacional da Páscoa e a conformidade com a lei de Moisés devem tê-lo alentado no que concernia ao futuro de Judá.

⁴⁴¹ Para a defesa desta data, ver Thiele, *The Mysterious Numbers of the Kings*, pp. 75-98.

O conhecimento que se tem hoje das relações judaico-assírias durante o reinado de Sargão II (722-705 a.C.) é muito limitado. No relato bíblico, Sargão é somente mencionado uma única vez (Is 20.1). Sabe-se que Asdode foi conquistada pelos assírios no 722 a.C. Isaias finalmente advertiu a seu povo que não deveriam buscar no Egito nenhum apoio, inclusive embora Sabako, o etíope, tinha estabelecido com êxito a XXV Dinastia no ano anterior. Durante três anos, Isaias caminhou com os pés despidos e vestido como um escravo, explicando sua ação como simbólica do fado do Egito e da Etiópia. Que estúpido era seu povo, procurando ajuda egípcia e rebelando-se contra a Assíria! Aparentemente, Ezequias manteve favoráveis relações com a Assíria durante este período, pagando tributos. De acordo com um prisma fragmentário, Sargão se jactou de receber "presentes" procedentes de Judá ⁴⁴². De acordo com isto, Jerusalém esteve a salvo de um ataque durante aquela época.

Enquanto isso, Ezequias estava construindo suas defesas. O túnel de Siloé foi construído de forma que Jerusalém tivesse assegurado um adequado subministro de água em caso de sofrer um assédio prolongado. Muito tempo antes disso, nos dias de Acáz, Isaias tinha declarado valentemente que a Assíria estenderia suas conquistas e seu controle sobre o reino de Judá.

Nos acontecimentos cruciais que se seguiram ao acesso ao poder de Senaqueribe na Assíria (705 a.C.), Isaias tinha advertido a Ezequias, vital e antecipadamente, o que aconteceria.

O nacionalismo emergiu em rebeliões por todo o Império Assírio. O êxito de Senaqueribe em suprimir tais levantamentos foi a substituição de Merodaque-Baladã por Bel-Ibni sobre o trono da Babilônia no 702. No ano seguinte, os assírios dirigiam seu avanço para o oeste. Mediante uma miraculosa intervenção, Ezequias sobreviveu ⁴⁴³. Qual foi a duração da vida de Isaias, é algo desconhecido nos registros existentes.

Aparte de sua associação com Ezequias por volta do 700 a.C., há pouca evidência disponível concernente a seus últimos anos. sem nenhuma evidência escriturística em contra, é razoável concluir com as sugestões indicadas, que Isaias continuou com seu ministério no reino de Manassés.

Se o registro da morte de Senaqueribe é conhecido como de Isaias em origem, então o profeta ainda vivia no 680 a.C., para indicar o que finalmente aconteceu ao rei assírio que falara tão depreciativamente e com opróbrio do Deus em quem Ezequias tinha depositado sua fé. A tradição credits a Manassés o martírio de Isaias; o profeta foi serrado pelo meio quando descoberto escondido no interior do tronco de uma árvore. Desde o ponto de vista de sua longevidade, resulta válido projetar seu ministério até os dias de Manassés. O fato de que Isaias tivesse uns vinte anos quando recebeu seu chamamento profético no 740 a.C. é uma suposição lógica. Sua idade no momento de sua morte, após o 680 a.C., não deveria ultrapassar, aproximadamente, os oitenta anos.

Os escritos de Isaias

Escreveu Isaias o livro que leva seu nome? Nenhum erudito competente duvida da historicidade de Isaias nem do fato de que parte do livro tenha sido escrita por ele. Alguns limitam a construção de Isaias a porções escolhidas desde o 1 ao 32, enquanto que outros lhe dão o crédito dos 66 capítulos completos.

A análise mais popular deste livro é sua divisão tripartite. Embora exista falta de unanimidade entre os expertos em detalhes, a seguinte análise representa um acordo geral entre aqueles que não apóiam a unidade de Isaias ⁴⁴⁴.

O Primeiro Isaias consiste do 1 ao 39. dentro desta divisão, somente seleções limitadas desde o 1 ao 11, 13 ao 23 e 28 ao 32, são realmente adjudicadas à autoria do profeta do século VIII. A maior parte desta seção tem sua origem em períodos subseqüentes.

O Segundo Isaias, ou Deutero-Isaias, 40-55, é atribuído a um autor anônimo que viveu depois do 580 a.C. Este escritor viveu entre os cativos da Babilônia e reflete as condições do exílio em seus escritos ⁴⁴⁵. Apesar do fato de que numerosos eruditos o reputam como um dos mais notáveis profetas do Antigo Testamento, nem seu nome real nem qualquer classe de fatos testemunham sua existência.

⁴⁴² Para a tradução deste registro assírio, ver Pritchard *Ancient Near Eastern Texts*. .p- 87. Esta revolta provavelmente começou no 713, quando Azuri, o rei de Asdode, tentou desprender-se da dominação assíria. Sargão o depôs e nomeou a Aimiti. Rejeitando a nomeação de Sargão, o povo escolheu a Jamani como seu rei. Este último conduziu uma revolta com Judá, Edom e Moabe como aliados, e com a promessa de apoio de parte do Egito. Quando o exército assírio se aproximava, a rebelião fracassou, e Jamani fugiu ao Egito, porém mais tarde se rendeu a Sargão. Pagando tributos, os aliados impediram conseqüências mais graves. Asdode se converteu na capital da Assíria na ocupação daquela zona.

⁴⁴³ Ver capítulo XIII.

⁴⁴⁴ Para exemplos representativos, ver Anderson. *Understanding the Old Testament*, pp. 256 e ss., e o artigo intitulado "Isaiah", no *Harper's Bible Dictionary*, p. 284, e *Interpreter's Bible*, Vol. V, pp. 149 e ss.

⁴⁴⁵ Anderson, *op. cit.*, p. 395.

O Terceiro Isaias, ou Trito-Isaias, 56-66, é atribuído a um escritor que descreve as condições existentes em Judá durante o século V; os eruditos datam seu autor com anterioridade ao retorno de Neemias no 444 a.C.⁴⁴⁶ A maior parte daqueles que apóiam esta análise não limitam o livro de Isaias a três autores. Numerosos escritores, muitos dos quais viveram depois do exílio, já tarde, no século II a.C., fizeram contribuições fragmentárias.

A opinião de que Isaias escreveu a totalidade do livro de seu nome data com anterioridade, pelo menos, do século II a.C.⁴⁴⁷ Embora escritores modernos possam afirmar que há "um acordo universal entre os eruditos por uma diversidade de autores", a unidade de Isaias tem sido defendida com capacidade. A popularidade da moderna teoria tende a eclipsar os argumentos daqueles que têm estado convencidos de que Isaias, o profeta do século VIII, foi o responsável da totalidade do livro.

Defendendo a unidade de Isaias, um escritor tem ressaltado que a moderna teoria não pode ser considerada como completamente satisfatória em tanto que não explica a tradição da origem de Isaias⁴⁴⁸. As declarações os judeus no século II a.C. atribuem a Isaias a totalidade do livro. O recente descobrimento dos rolos do Mar Morto, datando-os no mesmo período anterior, verifica o fato de que o livro inteiro foi considerado como uma unidade naquela época

⁴⁴⁹.

Análise deste livro

O livro de Isaias é um dos mais compreensíveis de todos os livros do Antigo Testamento. No texto hebraico, Isaias se coloca em quinto lugar em extensão, após Jeremias, Salmos, Gênesis e Ezequiel. No Novo Testamento, Isaias é citado por seu nome vinte vezes, que excede o número total de referências de todos os outros profetas nos livros do Novo Testamento.

Vários temas podem ser rastejados a todo o longo do livro. Os atributos e características de Deus, o restante, o Messias, o reino messiânico, as esperanças da restauração, o uso de Deus das nações estrangeiras e muitas outras idéias se encontram freqüentemente nas mensagens do profeta.

A seguinte perspectiva abrange o conteúdo de Isaias:

I. A mensagem e o mensageiro	Is 1.1-6.13
II. Os projetos do reino: contemporâneos e futuros	Is 7.1-12.6
III. Panorama das nações	Is 13.1-23.18
IV. Israel numa posição mundial	Is 24.1-27.13
V. Esperanças verdadeiras e falsas em Sião	Is 28.1-35.10
VI. O juízo de Jerusalém demorado	Is 36.1-39.8
VII. A promessa da divina liberação	Is 40.1-56.8
VIII. O reinado universal de Deus estabelecido	Is 56.9-66.24

Com esta perspectiva como guia, o livro de Isaias pode ser analisado completamente considerando cada divisão por separado.

I. A mensagem e o mensageiro	Is 1.1-6.13
Introdução	Is 1.1
A nação pecadora condenada	Is 1.2-31
Promessa de paz absoluta	Is 2.1-5
A vaidade de confiar nos ídolos	Is 2.6-3.26
A salvação para o restante	Is 4.1-6
A parábola do vinhedo	Is 5.1-30
A chamada ao serviço	Is 6.1-13

Esta passagem pode ser considerada muito bem como uma introdução. Quase todos os temas de maior importância, desenvolvidos mais tarde, estão inicialmente mencionados aqui. Uma leitura cuidadosa e a análise destes capítulos introdutórios proporcionam uma base para a melhor compreensão do resto do livro.

Recebeu Isaias seu chamamento para o serviço profético após ter entregado a mensagem em 1-5?⁴⁵⁰ Por que registra esse chamamento no capítulo 6 em vez do primeiro, como no caso de Jeremias e Ezequiel? Talvez ele quisesse retratar a gravidade pecadora de sua geração, e

⁴⁴⁶ Ver *Harper's Bible Dictionary*, no artigo "Isaiah".

⁴⁴⁷ Anderson, *op. cit.*, p. 399.

⁴⁴⁸ E. J. Kissane, *The Book of Isaiah*, Vol. II., p. LVIII. Ver também a excelente discussão de *Introduction to the Old Testament* (Grand Rapids, 1969), pp. 764-800.

⁴⁴⁹ Ver R. K. Harrison, *op. cit.*, pp. 786 e ss.

assim proporcionar ao leitor uma melhor compreensão da reserva em aceitar a responsabilidade recaída sobre ele neste ministério profético.

Isaias 1 revela e expõe as condições extremamente graves no pecado e na moral. Israel tem esquecido seu Deus e é pior que o boi que, pelo menos, volta para seu dono para que o alimente. As gentes são piores que as de Sodoma e Gomorra em sua formalidade religiosa. Os sacrifícios que fielmente se realizavam de conformidade com a lei, desagradam o Senhor, enquanto prevalece a injustiça social. O sacrifício e a oração são uma abominação para Deus se não se oferecem com um espírito de contrição, humildade e obediência. A condenação pesa sobre o pecador povo de Judá. Sião, que representa a colina do capitólio, está para ser "remida por justiça", significando que o juízo virá sobre todo pecador (Is 1.27-31). A única esperança expressada neste capítulo de abertura se outorga ao obediente (versículos 18-21).

Em direto contraste com esta condenação de Jerusalém, Isaias anuncia e sustenta a maior esperança de restauração. Sem nenhuma incerteza, anuncia que no futuro Sião será destruída e arada como um campo, mas que num subsequente período será restaurada como o centro que governe todas as nações ⁴⁵¹. A paz e a justiça sairão de Sião para todos os povos. Prevalecerá a paz universal quando Sião tenha sido restabelecida como o governo central de todas as nações.

Admoestando seu povo para que se volte a Deus em obediência (2.5), Isaias atrai a atenção aos problemas contemporâneos. Enquanto tenham fé nos ídolos e vivam no pecado, esta esperança não será aplicada. Lhes espera o juízo, mas se promete a salvação àqueles que coloquem sua confiança em Deus (2.6-4.1). através do processo de purificação e juízo, todos gozarão da proteção de Deus e de suas bênçãos. Eles compartilharão a glória da restaurada Sião (4,2-6).

Isaias ilustra vividamente sua mensagem no capítulo 5. A parábola do vinhedo tem sido considerada como uma das mais perfeitas em sua classe, dentro da Bíblia ⁴⁵². Israel é a vinha do Senhor.

Após esgotar todas as possibilidades de fazê-la produtiva, o proprietário decide destruir este vinhedo.

Conseqüentemente, os votos e juízos pronunciados sobre Judá são justos e razoáveis, já que Deus tem exercido seu amor e misericórdia sem perceber os frutos de um viver reto em seu povo escolhido.

Para esta geração pecadora, Isaias é chamado a ser um porta-voz de Deus. não é de estranhar que esteja temeroso e trema quando fica ciente da glória de um Deus santo, cuja justiça requer o juízo sobre o pecado. Assegurado da limpeza e do perdão de seu pecado, Isaias, em voluntária obediência, está de acordo em ser o mensageiro de Deus. Não tem resposta de toda a cidade a seu ministério. O fato de que deva advertir ao povo até que as cidades fiquem destruídas e sem habitantes, teria sugerido que poucos, relativamente, teriam ouvido sua advertência; contudo, não desespera. Lhe é proporcionado um raio de esperança, que quando o bosque seja destruído, ainda restará um tronco, significando com isso um restante da destruição de Judá.

O chamamento de Isaias representa um clímax que encaixa com esta seção introdutória.

Embora a maior parte desta passagem recaia na ênfase sobre a situação pecadora contemporânea do povo e de que o juízo lhes espera, a chamada de um profeta indica a preocupação de Deus por seu povo. no ministério de Isaias, a misericórdia de Deus está expressada a Judá antes que o juízo seja executado.

II. Os projetos do reino: contemporâneos e futuros

Imediata liberação de Rezim e Peca
A invasão assíria pendente
Promessas da completa liberação
Juízo de Efraim, Síria e assíria
Condições de paz e bênção

Is 7.1-12.6

Is 7.1-16
Is 7.17-8.8
Is 8.9-9.7
Is 9.8-10.34
Is 11.1-12.6

A crise que fez surgir a questão dos projetos do reino era a guerra sírio-efraimita do 734. seguindo à invasão assíria aos filisteus, a princípios daquele ano Peca e Rezim assinaram uma

⁴⁵⁰ A Vulgata traduz a resposta de Isaias em 6.5 como "*tacui quia*" ou "porque devo estar calado". Isto segue a opinião rabínica de que Isaias tinha sido desprovido de sua missão para não chamar a atenção de Uzias em assumir deveres sacerdotais, e então foi chamado de novo para o serviço. Kissane, corretamente ressalta que esta opinião estava baseada na confusão de duas palavras hebraicas, "*damah*" (perecer) e "*damem*" (estar calado). Ver Kissane, *op. cit.*, Vol. I, no verso de referência.

⁴⁵¹ Ver Mq 4.1-4, que é paralelo a esta passagem de Isaias. Note-se o contexto em Miquéias.

⁴⁵² Ver Kissane, *op. cit.*, no comentário ao capítulo 5.

aliança para deter os assírios. Quando Acaz recusou unir-se a eles, Israel e Síria declararam a guerra em Judá.

No preciso momento, quando Acaz e seu povo estão aterrados pelos propósitos de invasão, Isaias chega com uma mensagem de Deus. Acaz está inspecionando seu fornecimento de água ao exterior de Jerusalém, em preparação para o ataque que se aproxima, e o possível assédio. A simples advertência de Isaias neste momento crucial é que Acaz não deveria tomar ação alguma, os dois reis aos que ele teme não são senão dois pavios fumegantes prestes a serem extintos ⁴⁵³. Assíria é a ameaça real para Judá (5.26). Conseqüentemente, Isaias adverte a Acaz de confiar em Deus para a libertação ⁴⁵⁴. Assíria se converte no ponto focal da mensagem de Isaias, conforme discute os projetos do reino de Judá. As conseqüências da aliança de Acaz com Pul serão piores que quaisquer das que tenham acontecido em Judá desde a morte de Salomão e a divisão do reino. Como um homem, cujos cabelos são completamente separados de sua cabeça ao serem rapados com uma navalha, assim Judá será tosquiado pela Assíria (7.20). no capítulo 8, Assíria tem a similitude de um rio que passa rugindo sobre a Palestina, e absorvendo a Judá até o pescoço. É notável e digno de menção que Isaias não prediz a terminação da existência nacional de Judá, uma sorte nefasta que seguramente se abaterá sobre Israel e a Síria.

O avanço e êxito da Assíria como uma nação pagã, sem dúvida formula sérios problemas para o povo de Israel. Permitirá Deus que seu povo escolhido seja absorvido por um poder pagão? Isaias declara claramente que Deus aluga a navalha para raspar e provoca o feito de que as águas da Assíria pudessem afogar Judá. Devido a que o povo ignora o profeta, e volta a seus espíritos familiares (Is 8.19), uma prática que foi proibida pela lei (Dt 18.14-22), Deus deve castigá-lo.

Assíria é como uma vara na mão de Deus (Is 10.5). seriam os assírios tão poderosos que pudessem destruir Jerusalém? Achará Jerusalém a mesma sorte, diante do avanço dos exércitos da Assíria, que Calno, Carquemis, Hamate, Arpade, Damasco e Samaria?

O profeta apresenta claramente a verdade básica de um Deus onipotente que utiliza a Assíria como uma vara em sua mão. após ter cumprido seu propósito de levar o juízo sobre seu povo no monte Sião e Jerusalém, Deus tratará com a Assíria. Assim como o machado ou a serra que é manejada pelo artesão, assim a Assíria está sujeita a Deus e a seu controle. a vara não pode utilizar seu dono, nem tampouco Assíria a Deus. Isaias, corajosamente, assegura ao povo de Sião (10.24) que não deveriam temer a invasão da Assíria. O juízo de Deus sobre Jerusalém será cumprido. Assíria assestará seu punho sobre Jerusalém, mas Deus deterá seu rei em seus planos para destruir a cidade. a certeza de que a nação pagã estava sob o controle de Deus, proporciona a base da esperança e tranqüilidade para aqueles que depositam sua confiança no Deus dos Exércitos.

Os projetos do futuro reino oferecem a contrapartida ao desalento e desmoralização temporal no tempo de Isaias. Sua geração deve encarar dias difíceis e escuros.

Com um rei ímpio sobre o trono de Davi e o culto religioso assírio prevalecendo em Jerusalém, os ímpios que restam devem ter sido desencorajados ao antecipar a ameaçadora invasão assíria. Com a certeza da libertação deste inimigo, Isaias oferece uma renovada confiança no futuro.

As esperanças para o futuro reino previamente mencionado (Is 2.1-5), se clarificam nesta passagem. Nele se entremeiam com problemas contemporâneos. Em contraste com governos ímpios, Isaias manifesta os projetos de um reinado piedoso e um rei crente sobre o trono de Davi. Em contraste com o reinado temporal de Judá, elabora a promessa de um reino universal que durará para sempre.

O governante justo é apresentado em 7.14 como Emanuel, que significa "Deus conosco" ⁴⁵⁵. Certamente, o malvado Acaz, que recusou perguntar por um sinal, não compreende o completo significado desta promessa, o cumprimento da qual não tem data. Sem dúvida esta simples promessa é vaga e ambígua para aqueles que ouvem a Isaias dá-la num tempo de crise nacional; eles puderam facilmente tê-la confundido com o nascimento do filho de Isaias, chamado Maer-Salal-Has-Baz. Embora o país de Emanuel (8.5-10) deve ser dominado pelos assírios e logo liberado, a promessa de um futuro de grandeza e liberação fica assegurada em

⁴⁵³ Isaias 7.8, comentário sobre a referência. Kissane segue a Procksh Grotius, Michaelis y Guthe ao ler "seis e cinco" em vez de "sessenta e cinco", e interpreta isto como uma referência geral ao tempo da desintegração do Reino do Norte, que se rebelou contra Assíria e capitulou no 722. Allis, *The Unity of Isaiah*, pp. 11-12, ressalta que sessenta e cinco anos depois desta predição, Esar-Hadom morreu, no 669 a.C. Durante seu reinado, repovoou Samaria com estrangeiros (2 Rs 17.24).

⁴⁵⁴ ver 2 Cr 28 e 2 Rs 16.5ss.

⁴⁵⁵ Para uma discussão representativa deste texto, identificando-o com o Messias, ver Burnes e Kissane em seus comentários à referência. Ver também Allis, *op. cit.* p.12. E. J. Young, *Studies in Isaiah* (Londres: Tyndale Press, 1954), pp. 143-198.

9.1-7. isto se cumprirá com o nascimento de um filho que é identificado como "Deus forte", que estabelecerá um governo e a paz sem fim. Em 11, sua origem davídica fica indicada, porém suas características vão além do humano. Ele é divino no exercício do juízo justo mediante sua onipotência.

O reinado será universal. O conhecimento do Senhor prevalecerá por todo o mundo. Os malvados serão destruídos pela palavra falada do governante justo, ao tempo que uma absoluta justiça ficará assentada entre o gênero humano. Incluso o reino animal será afetado no estabelecimento deste reinado. Sião já não será mais objeto de ataque e conquista, senão que será o centro do governo universal e da paz, já indicado em 2. o capítulo 12 expressa o louvor e a gratidão dos cidadãos do futuro reino. Deus —não o homem— tem estabelecido sua morada em Sião, a sede do Santo de Israel.

III. Panorama das nações

Condenação da Babilônia e seu poder

Queda dos filisteus – nenhuma esperança de recuperação

Moabe castigado por seu orgulho

Sorte da Síria e Israel

Egito conhecerá o Senhor dos Exércitos

Asdode e aliados derrotados pela Assíria

Queda da Babilônia

A desgraça do Edom

A sorte da Arábia

A destruição pendente sobre Judá

Tiro julgada e restaurada

Is 13.1-23.18

Is 13.1-14.27

Is 14.28-32

Is 15.1-16.14

Is 17.1-18.7

Is 19.1-25

Is 20.1-6

Is 21.2-10

Is 21.11-12

Is 21.13-17

Is 22.15-25

Is 23.1-18

A visão panorâmica das nações é vitalmente relacionada ao reino e a seus projetos nos precedentes capítulos. Durante o último século e a metade da existência nacional de Judá, desde o tempo de Isaias até a queda de Jerusalém, reis e reinos caem e surgem. Para o povo de Judá e Jerusalém, que teve a consciência de que eram o povo escolhido por Deus, mediante o qual Sião seria definitivamente restabelecido, afinal, essas profecias que implicavam a outras nações eram vitalmente significativas.

Vários temas básicos ficam aparentes nas mensagens concernentes através nações.

Embora apresentados nos precedentes doze capítulos, estão mais totalmente desenvolvidos e inter-relacionados nesta passagem. Assíria, que foi o problema número um para Judá, em Isaias e subseqüentes períodos recebe pouca consideração nesta passagem. A atenção está focalizada nas nações proeminentes.

A soberania e a supremacia de Deus são básicas através da totalidade desta passagem.

O título de "Deus dos Exércitos" se dá pelo menos vinte e três vezes nestes 11 capítulos. Isaias reconhece a Deus como tal quando viu o "Rei, Jeová dos Exércitos", no momento de seu chamamento para o ministério profético (6.5)⁴⁵⁶. no Senhor dos Exércitos, que utiliza a Assíria como uma vara para o juízo, descansa a certeza do estabelecimento de um reino que durará para sempre (9.7).

Os propósitos e planos deste Senhor estão freqüentemente expressados em todas as mensagens que concernem às nações. O juízo procedente de Deus não cairá sobre as nações por acidente, senão de acordo com um plano divino.

O orgulho e a arrogância são castigados quando Deus é esquecido, sem importar que isso aconteça em nações pagãs, em Israel, em Judá ou em qualquer indivíduo como Sebna, o mordomo (22.15-25). Nenhuma pessoa altaneira ou orgulhosa, e nenhuma nação com este pecado poderão escapar ao juízo divino.

Babilônia, com seu rei, será também levada a julgamento. Embora o apogeu de sua força em Babilônia ficava ainda no futuro, Isaias predisse nos dias de Ezequias (39) que Babilônia seria responsável do cativeiro de Judá. Para a gente que sobrevivesse à destruição de Jerusalém, sob o poder da Babilônia, esses capítulos devem ter tido uma vital e especial importância. O juízo aguardava a este reino que foi temporariamente utilizado no plano de Deus para purgar Judá de seus pecados. Naquele tempo, o povo já tinha sido testemunha da queda da Assíria e esta passagem lhes assegurava que Babilônia seria igualmente julgada.

Embora a Babilônia esteja especificamente mencionada, o rei da Babilônia não está identificado. Os comentários diferem amplamente em relacionar isto a vários reinos e numerosos reis da Babilônia ou da Assíria. O princípio básico, vontade, é que qualquer nação ou indivíduo que se exalte a si mesmo por acima de Deus será destronado mas cedo ou mais

⁴⁵⁶ Em quatro das referências, o título aparece como "Senhor Jeová dos Exércitos". Quando Davi desafiou a Golias, foi "em nome do SENHOR dos Exércitos, o Deus dos exércitos de Israel", 1 Sm 17.45.

tarde pelo Senhor dos Exércitos. As dificuldades de relacionar os detalhes desta passagem com a Babilônia, historicamente, e a falta de acordo em identificar este rei na história, pode sugerir que o que se implica é muito mais que um poder temporal ou um governante determinado. Este rei arrogante pode representar as forças do mal que se opõem a Deus, aparentes na raça humana desde a queda do homem (Gn 3). Este poder do mal implicará a indivíduos ou nações em oposição ao Onipotente até o juízo final, quando Deus atue de uma vez por todas. A destruição da nação do mal, representada por Babilônia, é igualada com a sorte corrida por Sodoma e Gomorra, que nunca voltaram a ser repovoadas. A deposição do tirano ou do malvado, representado pelo rei da Babilônia, indica que todos aqueles que estão associados com ele serão destruídos, suprimindo assim toda oposição. A finalidade da destruição é significativa.

Em contraste, o tema da restauração de Israel e das esperanças de seu reino, aparece por toda esta passagem. A seguridade de que Israel terá um reino universal com Sião como capital, apresentada em 2, era o tema principal em 7-12, onde uma ênfase especial se coloca sobre o governante justo. Nestes capítulos, o tema das últimas esperanças de Israel não se esquece. É o Senhor dos Exércitos quem decretou a queda da Babilônia (21.10). Israel é ainda a herança de Deus (19.25), embora deva ser temporalmente julgada. Não somente será restaurada a nação de Israel (14.1-2), senão que permitirá aos estrangeiros que se refugiem nela. Sião foi fundada pelo Senhor (14.32), e será o recipiente das ofertas (18.7). ao tempo que outras nações e reis são julgados, um governante justo será estabelecido sobre o trono de Davi (16.5). tais foram as promessas sem paralelo de restauração repetidamente dadas a Israel para tranqüilidade e esperança nos períodos em que os israelitas foram submetidos aos juízos de Deus.

IV. Israel numa posição mundial

A destruição de Jerusalém

O restante justo e o malvado informe ao Senhor dos Exércitos em Sião

Canto de louvor pelos remidos

Oração do restante na tribulação

Seguridade de liberação e retorno a monte Sião

Is 24.1-27.13

Is 41.1-13a

Is 24.13b-23

Is 25.1-26.6

Is 26.7-19

Is 26.20-27.13

Nestes capítulos, o restante se converte no ponto focal de interesse. Por toda a extensão dos períodos de juízo, um restante fiel recebe a certeza de sobrevivência e se promete a restauração; poderá uma vez mais gozar das bênçãos de Deus sob o governante justo, sobre monte Sião.

As mensagens de Isaias foram com freqüência relacionadas com acontecimentos contemporâneos. A condenação de Jerusalém tinha sido claramente anunciada em seu capítulo de abertura, e repetida enfaticamente em subseqüentes mensagens. Em 24.1-13a, Isaias desenha a ruína que espera a amada cidade de Judá. Jerusalém será desolada e suas portas reduzidas a ruínas.

Isto virou realidade no 586 a.C.

O restante, contudo, é reunido desde distantes terras da costa e dos confins da terra (24.13ss), enquanto que o malvado é castigado pelo Senhor dos Exércitos. As maravilhas do céu que contêm o sol e a lua estão associadas aqui, igual que em outras passagens, com este grande juízo que acontece assim que o Senhor reine em Sião⁴⁵⁷. O contexto desta passagem parece indicar um alcance a escala mundial. O que aconteça àqueles que se oponham a Deus e ao estabelecimento do restante fiel de Sião num reino universal que não tem fim, dificilmente possa ficar limitado a uma situação local ou nacional.

É muito apropriado o canto dos remidos que segue em 25.1-26.6, em que eles respondem com ações de graças e louvor, enquanto se gozam em sua salvação e desfrutam das bênçãos do Senhor. A repreensão, o sofrimento e a vergonha desaparecerão conforme Deus faça desaparecer todas as lágrimas e elimine a morte.

A oração em 26.7-19 expressa o veemente desejo do povo em tempos de grande tribulação e sofrimento, antes que sejam reunidos novamente.

Israel anela a esperança, enquanto está presa da angústia e espera sua libertação. Governada pelos malvados, como vítimas de injustiças prevalecentes, eles expressam sua fé em Deus e sua esperança, apelando a Ele para sua divina intervenção.

A liberação está prometida na réplica (26.20-27.13). Israel, a vinha do Senhor, será uma vez mais frutífera. Purgada de seus pecados, a gente ser reunida, um a um, como o restante, para renderem culto ao Senhor em Jerusalém.

⁴⁵⁷ Comparar Is 13.10; 34.4; Jl 2.10-11; Mt 24-29-30; At 2.19-20, e numerosas outras passagens.

V. Esperanças verdadeiras e falsas em Sião

Prevalece o plano de Deus

Futilidade de uma aliança com o Egito

Bênçãos para os que confiam em Deus

Nações julgadas. Israel restaurada em Sião

Is 28.1-35.10

Is 28.1-29.24

Is 30.1-31.9

Is 32.1-33.24

Is 34.1-35.10

As alianças com estrangeiros eram um constante problema em Jerusalém durante os dias do ministério de Isaías. Por intrigas políticas e a diplomacia, os chefes de Judá esperavam assegurar sua sobrevivência como nação, ao alinhar-se com os vitoriosos. Acáz substituiu seu pai Jotão sobre o trono de Davi quando o grupo pró-assírio ganha o controle sobre Judá no 735. Desafia as advertências de Isaías que faz uma aliança com Tiglate-Pileser nos primeiros anos de seu reinado. Ezequias, o seguinte rei, une-se em aliança com Edom, Moabe e Asdode para resistir a Assíria. Esta coalizão antecipa o apoio do Egito; porém Asdode cai no 711, enquanto que as outras nações oferecem tributo a Assíria para impedirem a invasão.

Isaías adverte constantemente contra a loucura estúpida de confiar em outras nações. O profeta denomina essas alianças um "aliança com a morte". Por contraste, seu conselho é que deveriam depositar sua fé em Deus, o verdadeiro Rei de Israel. Tanto se for Acáz, o rei ímpio, ou Ezequias, o governante crente, o qual responde com amistosas promessas à embaixada babilônica, o profeta Isaías não deixa de chamar a atenção aos chefes de Judá por dependerem de outras nações em lugar de buscar a Deus para sua libertação.

Nenhum destes capítulos nesta seção está especificamente datado. Já que a aliança com o Egito recebe tão proeminente consideração em 30-31, esta passagem inteira pode estar datada nos dias de Ezequias, quando Judá tinha esperanças de liberar-se a si mesma da dominação assíria⁴⁵⁸. Nos primeiros anos de Senaqueribe este interesse na ajuda egípcia sem dúvida apresentou um grave problema em Jerusalém.

Reflete 28-29 o mesmo fundo histórico? Refere-se a "aliança com a morte" em 28.15 a uma aliança com o Egito nos dias de Ezequias, ou poderia referir-se, possivelmente, à aliança realizada por Acáz com Tiglate-Pileser no 734 a.C.? A última opinião merece alguma consideração. Acáz, em vez de depositar sua fé em Deus, ignora a Isaías, aliando-se com os assírios. O passo da crise da guerra sírio-efrimita e a sorte aparentemente venturosa de uma união judaico-assíria no 732, quando Acáz, pessoalmente, se encontra com Tiglate-Pileser em Damasco, pôde ter sido a ocasião de uma excessiva celebração em Jesus. Acáz e seus ímpios associados, que estão apoiados pelos sacerdotes e profetas na introdução do culto assírio em Jerusalém, provavelmente constituem o auditório ao qual Isaías dirige as severas palavras de advertência e repreensão em 28-29. Acáz e os que o apóiam, sem dúvida, chegam à conclusão de que o espantoso açoitamento da invasão assíria (28.15) não afetará a Judá, porque tem sido feito um tratado com aquela poderosa nação.

Tanto se os primeiros capítulos desta passagem refletem uma aliança com a Assíria ou com o Egito, a advertência é clara, de que tais propósitos acabarão no fracasso. Onde o Egito está especificamente identificado (30.2), a advertência explicitamente estabelece que a dependência da ajuda egípcia não está nos planos de Deus. a humilhação e a vergonha serão seu destino. Em 31.1-3 se traça um vivido contraste entre os egípcios, com seus cavalos e carros de combate, e o Senhor, a quem Judá deveria consultar. Quando o Senhor estenda sua mão contra eles, tanto os egípcios como aqueles aos que ajudem, perecerão. Assíria, igualmente, será sacudida pelo terror (30.31) e esmagada (31.8-9). Isto não se cumprirá pelos esforços do homem, nem pela espada, senão pelo decreto do Senhor de Sião. Os ferozes assírios serão destruídos e se converterão nas vítimas da traição (33.1). por último, a ira e a vingança de Deus se executará sobre todas as nações do mundo (34.1ss). em consequência, a confiança em qualquer nação mediante uma aliança não pode nunca servir como adequado substituto de uma simples fé em Deus.

A antítese a esta advertência contra as alianças políticas, é a admoestação para confiar em Deus. A provisão em Sião e a promessa relacionada com seu estabelecimento estão feitas de tal forma que aqueles que exerçam a fé, não terão necessidade de estar ansiosos (28.16)⁴⁵⁹. O plano de Deus para Sião, como está desenvolvida nesses capítulos, permite uma base razoável para a fé dos outros, os que desejam depositar sua fé no Senhor.

Dois simples ilustrações sugerem que Deus tinha um propósito eterno em suas ações com seu povo (28. 23-39). Um agricultor não deve roçar seu campo repetidamente sem ter um

⁴⁵⁸ Ver Kissane, *op. cit.*, em discussão sobre os capítulos 28-29.

⁴⁵⁹ "Precipitar-se" é o significado usual deste verbo. Os gregos o lêem como "não será envergonhado", e assim está anotado em Rm 9.33. (N. da T.: nas versões portuguesas de Almeida se utiliza o termo "apressar-se"). Um nome substantivo da mesma raiz utilizado em Jó 20.2, significa "ansiedade". Ver Kissane, *op. cit.*, como referência.

propósito. O ara com o objeto de semear, para que ao seu devido tempo possa recolher a colheita. Tampouco o grão é trilhado nem chacoalhado numa ação sem fim. O propósito do trilhado é separar o grão da palha. O propósito de Deus não é destruir Israel, senão evitar o juízo para a purificação de seu povo, separando as pessoas justas das más. Jerusalém, chamada Ariel, estará sujeita a juízo, porém o Senhor dos Exércitos intervirá e proporcionará sua rápida recuperação (29.1-8).

Embora Israel somente tem uma religião formal, honrando a Deus com os lábios antes que com o coração (29.9-24), Deus trará uma transformação. Como um oleiro, Deus cumprirá seu propósito. Israel será mais uma vez abençoado, voltando a ganhar prestígio, prosperando e multiplicando-se entre todas as nações. Ainda que seja um povo rebelde (30.8-14), tem a seguridade da restauração da fé em Deus (30.15-26).

A justiça prevalecerá sob o justo rei de Sião (32.1-8), e esta futura esperança não oferece escusa para a complacência. O povo de Jerusalém está advertido de que o juízo e a destruição precederão essas bênçãos até que o Espírito se manifeste desde o alto (32.9-20). A oração do sofrimento e a dos aflitos (33.2-9) não ficará sem recompensa. Os pecadores serão julgados, enquanto que o restante justo gozará das bênçãos do Senhor (33.10-24).

A seu devido tempo se produzirá a reunião de todas as nações para um juízo do mundo e a restauração de Sião (34-35). Previamente já foi indicado que Deus peneiraria as nações na peneira da destruição (30.27-28). Incluso os exércitos dos céus responderão quando o juízo seja executado. Edom, que representava uma avançada civilização desde o século XIII ao VI a.C.⁴⁶⁰, e era extremamente rica nos tempos de Isaias⁴⁶¹, é apresentada após todas as nações do mundo sujeitas a juízo. Sião e Edom representam respectivamente o lugar geográfico para as bênçãos de Deus e seus juízos. Já que o dia da vingança é um tempo de recompensa para a causa de Sião, este juízo poderia ser dificilmente restringido a Edom. Muitas outras nações foram culpáveis de ofenderem a Sião.

A glória de Sião, como está desenhada em 35, permite um esperançador contraste com os horríveis juízos de Deus sobre as nações pecadoras. Os que restem voltarão à terra prometida, que tem sido transformada de um deserto num país de abundância. Deus tem remido seus justos das garras dos opressores e os retornará a Sião para que gozem de uma felicidade imperecível. Sião triunfará sobre todas as nações.

VI.O juízo de Jerusalém demorado

Miraculosa liberação da Assíria
A recuperação de Ezequias e salmo de louvor
Predição do cativo da Babilônia

Is 36.1-39.8

Is 36.10-37.38
Is 38.1-22
Is 39.1-8

Estes capítulos⁴⁶² têm sido várias vezes etiquetados com o nome de "O livro de Ezequias". O rei de Judá é confrontado com o ultimato de render Jerusalém aos assírios.

Oralmente assim como por escrito, Senaqueribe, trata de desconcertar a Ezequias e seu povo, acossando-os a respeito de confiarem no Egito ou em Deus para sua libertação. Sarcasticamente, o rei assírio oferece a Ezequias dois mil cavalos se ele tem cavaleiros para montá-los.

Fazendo uma lista com a série de cidades conquistadas cujos deuses não ajudaram em nada, Senaqueribe afirma que ele está enviado por Deus, e que a oração pelo restante de Judá é ridícula. Ezequias se refugia na oração, estendendo literalmente a carta diante dele, conforme apela a Deus para sua libertação⁴⁶³. Isaias anuncia decididamente e com valentia a seguridade de Jerusalém. Inclusive quando a presença dos assírios tenha entorpecido a ceifa das safras para sua próxima colheita, os invasores serão expulsos a tempo para ceifar o que tenha crescido da sementeira.

A terrível doença de Ezequias acontece, aparentemente, durante este período de pressão internacional. Quando Isaias o adverte que se prepare para a morte, Ezequias ora seriamente, recebendo a seguridade de parte de Isaias de que sua vida será estendida a quinze anos mais. A liberação da ameaça assíria chega simultaneamente. O sinal confirmatório é o miraculoso retorno da sombra sobre o relógio de sol que Acáz tinha obtido provavelmente da Assíria,

⁴⁶⁰ Ver Nelson Glueck, *The Other Side of the Jordan* (New Haven, Conn.: 1940). pp. 145 e ss.

⁴⁶¹ Ver Pritchard, op. cit., pp. 291-292.

⁴⁶² Embora Kissane, op. cit. Vol. I, p. 395, mantém a unidade de Isaias, os capítulos 35-39 foram originalmente compilados pelo autor de Reis. Ele anota a J. Benbauer, *Commentarius in Isaiam Prophetam*, ed. F. Zorrell, 1922 e N. Schlogl, *Das des Propheten Jesaja* (Viena, 1915), como os eruditos que apóiam a origem destes capítulos como de Isaias, que são sobre Ezequias, mais tarde incorporados em 2 Reis.

⁴⁶³ Para uma provável seqüência cronológica dos acontecimentos registrados aqui, ver páginas 208 -210.

mediante seus contatos pessoais com Tiglate-Pileser ⁴⁶⁴. Em sinal de gratidão por sua liberação pessoal e a recuperação de sua saúde, Ezequias responde com um salmo de louvor.

As felicitações por seu restabelecimento lhe chegam desde sua embaixada na Babilônia, enviadas por Merodaque-Baladã. A cordial recepção de Ezequias dos babilônicos é a ocasião para uma significativa predição. A indagação de Isaias implica esperanças de que os babilônicos ajudariam a Judá a desprender-se da supremacia assíria. Em simples, embora firmes palavras, o profeta adverte a Ezequias que os tesouros serão levados à Babilônia e que seus filhos servirão como eunucos nos palácios babilônicos. Inclusive no apogeu do poder da Assíria, Isaias prediz o cativo da Babilônia para Judá, 75 anos antes dos dias da supremacia da Babilônia.

Ainda que a situação internacional (por volta do 700 a.C.) possa ter garantido um prognóstico da capitulação de Judá ao poder da assembléia, Isaias especificamente prediz o exílio de Judá na Babilônia. Seu cumprimento não está datado além da declaração de que aconteceria subseqüentemente ao reinado de Ezequias.

VII. A promessa da divina liberação

Tranqüilidade mediante a fé em Deus
Israel como servo escolhido de Deus
O ideal contra o servo pecador
Israel recuperado do cativo da Babilônia
Babilônia demolida com seus ídolos
Chamada de Deus ao Israel pecador
Israel alertada na esperança
Liberação mediante um servo que sofre
Salvação para Israel e os estrangeiros

Is 40.1-56.8

Is 40.1-31
Is 40.1-29
Is 42.1-25
Is 43.1-45.25
Is 46.1-47.15
Is 48.1-50.11
Is 51.1-52.12
Is 52.13-53.12
Is 54.1-56.8

A promessa de liberação divina em 40-56 não está necessariamente relacionada a qualquer particular incidente da época de Ezequias. A perspectiva desta passagem é o exílio de Israel na Babilônia ⁴⁶⁵. Nos últimos anos de seu ministério, Isaias pôde muito bem ter estado preocupado com as necessidades do povo que ia ser levado ao exílio quando Jerusalém fosse deixado em ruínas e a existência nacional de Judá terminada a mãos dos babilônicos. A ascensão do malvado Manassés ao trono de Davi, sem dúvida, escurece os projetos imediatos dos justos que ainda estão com o povo. Seguramente com Isaias eles anteciparam a iminência da condenação de Judá ao ser testemunhas do derramamento de sangue inocente em Jerusalém.

Para Isaias, o exílio que deve produzir-se é verdadeiro. Que Babilônia seja o destino de seu exílio final é igualmente certo, já que ele especificamente indica isto em sua mensagem a Ezequias (39). As condições do exílio são bem conhecidas para Isaias e seu povo em Jerusalém. Os assírios não somente levam com eles ao exílio o povo da Samaria no 722, senão que as conquistas das cidades em Judá por Senaqueribe no 701, indubitavelmente, devem ter produzido muitos cativos entre os conhecidos de Isaias. Cartas e informes procedentes daqueles exilados retratam as condições prevalecentes entre eles.

Com feitos históricos e as predições de 1-39 como fundo, Isaias tem uma mensagem mais apropriado de esperança e tranqüilidade para aqueles que anteciparam o exílio da Babilônia.

Muitos detalhes ficam significativos como algumas predições se convertem em históricas em subseqüentes períodos. Em todas as ocasiões, não obstante, é uma mensagem de seguridade e esperança para aqueles que depositaram sua confiança e sua fé em Deus.

Vários temas se entremeiam ao longo desta magnífica passagem. Com a liberação como tema básico, não somente estão a seguridade e a esperança dadas, senão a provisão para o cumprimento destas promessas, que estão vividamente descritas. Em alcance e magnitude, assim como em excelente literária, esta grande mensagem é insuperável. Sem dúvida, foi uma fonte de tranqüilidade e bênção para o auditório imediato de Isaias, assim como para aqueles que foram ao exílio na Babilônia.

A liberação e restauração se desenvolvem em três aspectos: o retorno de Israel do cativo sob Ciro, a liberação do pecado, e o definitivo estabelecimento da justiça quando Israel e os estrangeiros gozarão para sempre das bênçãos de Deus. O alcance do cumprimento abrange um longo período de tempo. O cumprimento inicial é preenchido em parte com o retorno do

⁴⁶⁴ Ver Kissane, *op. cit.*, e como referência, Is 38.7-8.

⁴⁶⁵ Ver Dr. Moritz Drechsler, *Der Prophet Jesaja Ubersetzt und Erklärt, Zweiter Theil, Zweit Halfte* (ed. por Franz Delitzsch y August Hahn). Devido a que Drechsler não completou su trabalho sobre Isaias, o comentário nos capítulos 40-66 é completamente o trabalho de Hahn; num apêndice a este comentário, Delitzsch desenvolve o ponto de vista de que Isaias 40-66 não refletem os dias de Ezequias incluso ainda esteja escrito por Isaias; senão que está escrito desde a situação do exílio na Babilônia. E. J. Young, *op. cit.*, p. 20, considera este apêndice como uma "característica especialmente válida" do comentário de Drechsler.

cativeiro sob Zorobabel, Esdras e Neemias; a expiação pelo pecado se produziu historicamente em tempos do Novo Testamento, e o estabelecimento do reino universal ainda está pendente.

A garantia desta grande liberação descansa em Deus, que pode realizar todas as coisas.

Como cativos buscando socorro e ajuda, o povo não necessitou uma mensagem de condenação.

Aqueles que estiveram sujeitos a realidade do exílio, foram cientes de seu passado pecado pelo qual estavam sofrendo de acordo com as advertências do profeta Isaias. Para inspirar a fé e assegurar a tranqüilidade, Isaias carrega a ênfase sobre os atributos e características de Deus.

O capítulo de abertura apresenta esta promessa de liberação com um magnífico estilo.

Enquanto sofre no exílio, Israel recebe a seguridade da paz e o perdão por sua iniquidade em preparação para a revelação da glória de Deus, que será mostrada ante todo o gênero humano, segundo Deus estabelecer seu governo em Sião. Onipotente, eterno e infinito em sabedoria, Deus criou todas as coisas, dirige e controla todas as nações e tem um perfeito conhecimento e compreensão de Israel em seus sofrimentos. Aqueles que esperam em Deus, prosperarão. A fé no Onipotente, que não pode ser comparado aos ídolos, proporciona paz e esperança.

Este gráfico retrato dos infinitos recursos de Deus é um apropriado prelúdio ao majestoso desenvolvimento do tema da liberação. As freqüentes referências a Deus ao longo dos seguintes capítulos, estão baseadas na certeza de que Ele não tem limitações no cumprimento de suas promessas feitas a seu povo. em toda a passagem, os planos e propósitos de Deus estão intercalados com a seguridade da liberação. As palavras de tranqüilidade têm um seguro fundamento. O Senhor Deus de Israel é único, incomparavelmente grande, e transcende em todas as obras de suas mãos. Com freqüência, se apresentam contrastes entre Deus e os pagãos, desenhados vividamente. Confiar num deus feito pelo homem (46.5-13) é ironicamente ridículo em contraste com a fé no único Deus de Israel ⁴⁶⁶. O tema do servo é fascinante é intrigantemente interessante. A palavra "servo" está repetida vinte vezes, apresentada no 41.8 e mencionada finalmente no 53.11. A identidade do servo pode ser ambígua em alguns aspectos. Em um número de usos, o servo é identificado com o contexto. Para uma introdutória consideração desta passagem, note-se que o servo pode referir-se a Israel ou ao servo ideal que tem um papel significativo na liberação prometida.

O uso inicial da palavra "servo" está especificamente identificado com Israel (41.8-9).

Deus escolheu a Israel quando chamou a Abraão e assegurou a seu povo que seriam restaurados e exaltados à categoria de nação, por acima de todas as outras nações. Contudo, Israel como servo de Deus se mostra cego, surdo e desobediente (42.19). Isto já estava indicado para Isaias em seu chamamento, de forma tal que o juízo foi anunciado sobre a Judá pecadora (1-6).

Já que Deus criou e escolheu esta nação, não a abandonará (44.1-2,21). A libertação do exílio é assegurada. Jerusalém será restaurada nos dias de Ciro. Israel será devolvido do cativeiro da Babilônia (48.20).

No princípio desta passagem, o servo ideal está identificado como um indivíduo mediante o qual Deus trará justiça às nações (42.1-4). Este servo, também escolhido por Deus, será dotado pelo Senhor com o Espírito, de tal forma que não falhará em cumprir o propósito de estabelecer a justiça na terra e estender Sua lei em terras distantes (Is 2.1-5 e 11.1-16). Em contraste com a nação que foi escolhida, mas que falhou, o servo ideal cumprirá o propósito de Deus.

Israel, em seu fracasso, se encontra na necessidade da salvação. Deverá prover-se à expiação pelo pecado de Israel, o qual Deus prometeu apagar. Para lograr isto, o servo ideal (49.1-6) tem sido escolhido, não só para levar a salvação a Israel, senão para ser a luz dos gentios. Por último, este servo terá todas as nações prostradas diante dele (49.7, 23). Antes que isto seja cumprido, porém, é necessário fazer um sacrifício pelo pecado. Este servo que deve ser exaltado (52.13), deve primeiramente realizar expiação pelo pecado, mediante o sofrimento e a morte. Assim, o servo ideal está identificado com o servo do sofrimento.

O servo do sofrimento está dramaticamente retratado em 52.13; 53.12. Basicamente significativo é o fato de que este servo é inocente e justo. Em contraste com Israel, que sofreu pelo seu pecado em medida dupla (40.2), este servo sofre somente pelo pecado dos outros.

Mediante este sofrimento se proporciona a expiação.

O especial uso da palavra "servo" em 53.11 provê a imputação de justiça àqueles cujas iniquidades e pecados são perdoados mediante o sacrifício. Este servo não vacilará nem falhará no propósito para o qual foi comissionado. A redenção está prometida com sua morte.

⁴⁶⁶ O nome de Jeová ou "Senhor" se dá 421 vezes em Isaias. 228 vezes em 1-39 e 193 em 40-60. para discussão sobre o particular, ver R. D. Wilson.

A imediata preocupação dos exilados na Babilônia é o projeto de fazê-los voltar a Jerusalém. Isto estava prometido para o tempo de Ciro, a quem Deus designou como um pastor. Enquanto Deus se serviu da Assíria como de uma vara em sua mão para executar o juízo (7-12), o governante Ciro será usado para levar os cativos de volta a Jerusalém. Se promete uma grande restauração mediante este servo na final exaltação de Sião por cima de todas as nações (49.1-26). Isto já tinha sido freqüentemente mencionado em precedentes capítulos. A sobressalente e significativa liberação, contudo, é a provisão para a expiação pelo pecado, feita possível somente mediante a morte do servo que sofre.

Esta salvação é tão única e diferente que Israel é alertada, numa magnífica linguagem, de tomar nota do sofrimento e da morte do servo ideal. Por três vezes Israel é admoestada a ouvir, em preparação para a libertação que vai chegar (51.1-8). Como Deus escolheu a Abraão e o multiplicou para convertê-lo numa grande nação, assim Sião será confortada com bênçãos universais e um triunfo imperecível. Em três cantos seguintes, Israel é chamado a sair do sono em que está imersa (51.9-52.6). Os mensageiros são alertados para proclamar a paz e o bem em antecipação do retorno do Senhor a Sião (52.7-12). Mas a mensagem de paz apresentada na seguinte passagem não é a da libertação do exílio, senão a provisão para a liberação do pecado por meio do servo que sofre.

Quando o servo retorna a Sião em triunfo, as nações e reis ficaram assombrados de que o exaltado servo seja aquele que não reconheceram em seu sofrimento. Como uma raiz na terra seca, tem prosperado. Desprezado e descartado, este homem de dores foi tratado com iniquidade e levado como um cordeiro à morte. Desprovido de justiça e de juízo, foi condenado a morte por sua própria geração. Porém Deus aceitou a este servo em sua morte como sacrifício pelo pecado, mediante o qual muitos obtiveram a justiça. Por levar sobre si os pecados de muitos, a este servo se assegura uma herança e um despojo com o grande e o forte.

De uma nação árida e sem frutos, Deus obterá um povo próspero (54.1-17). Israel é temporariamente julgada e abandonada. Da mesma forma que Deus permitiu ao destruidor que levasse a destruição e o juízo, assim assegura também a prosperidade a seu povo, pessoas que estão identificadas como seus servos. Eles não serão envergonhados e não serão derrotados, senão que possuirão as nações e será estabelecidas a justiça e a retidão.

A mensagem de perdão e de esperança se expressa para um e para todos em 55.1-56.8. A resposta a este convite gratuito traz vida. Quando malvado abandona seu caminho e o homem injusto abandona pensamentos, pode gozar da misericórdia do Senhor e obter o perdão de Deus, já que a explicação está provida na morte do servo que sofre. A salvação é oferecida ao que se volta a Deus, ao abandonar seus caminhos de pecado. A disposição universal é aparente no fato de que os estrangeiros e os eunucos se conformarão com os caminhos do Senhor. As nações estranhas e o povo distante se associarão por si mesmos ao Senhor. O templo será a casa de oração para todos os povos. Os sofrimentos da alma serão satisfeitos pela ação do homem de dores, e muitos indivíduos procedentes de todas as nações se converterão em justos servidores do Senhor.

VIII. O reinado universal de Deus estabelecido

A justiça própria frente às normas de Deus
O redentor traz bênçãos a Sião
Deus discerne o genuíno
O novo céu e a nova terra

Is 56.9-66.24

Is 56.9-59.21
Is 60.1-63.6
Is 63.7-65.16
Is 65.17-66.24

Tendo desenvolvido o tema da liberação tão adequadamente, Isaias reverte às condições contemporâneas de seu povo. A glória de Sião em seu último estado, tem significação somente como o indivíduo tem a certeza da participação, daqui a comparação entre o justo e o injusto.

Nos capítulos de abertura, se põem de manifesto de forma aguda as distinções (56.9-59.21) entre as práticas religiosas como as observava Isaias e os requerimentos de Deus. A fenda entre o disposto por Deus e o que fazem os homens é tão óbvia, que esta passagem representa um chamamento ao indivíduo para que se afaste da prática corriqueira e se conforme aos requerimentos da verdadeira religião.

A idolatria e a opressão do pobre prevalecem entre o laicato assim como entre os chefes, os que estão considerados como guardiões cegos (56.9-57.13). Simultaneamente, oram e jejuam, esperando que Deus os favoreça com juízos justos (58.1-5). O pecado e a iniquidade na forma de injustiça social, opressão, atos de violência e derramamento de sangue continua em aberta prática (59.1-8). Deus está desgostado com tais ações —o juízo e a condenação esperam ao culpável. Por contraste, Deus se deleita na pessoa que é contrita e humilde de coração (57.15).

Os jejuns verdadeiros que aprazem ao Senhor implicam a prática do Evangelho social: afastar-se dos malvados, alimentar o faminto e aliviar o oprimido (58.6ss. Ver também capítulo 1). Essas pessoas têm a certeza de receber a resposta de suas orações, de guia e abundantes bênçãos (versículo 11). Aqueles que substituem o prazer e os negócios no dia santo de Deus com uma genuína e sincera complacência em Deus, têm assegurada a promessa de Seu favor (versículos 13-14). A conformidade e a prática ritualística não reúnem os requerimentos de Deus para a verdadeira religião.

Já que os pecados nacionais e iniquidades separaram o homem de Deus (69.1-15a), Ele assegura ao povo justo a divina intervenção e a liberação, enviando um redentor a Sião.

Quando Ele não encontre a nenhum da raça humana que possa intervir adequadamente, envia um redentor vestido com roupas de vingança, portador da couraça da justiça e o capacete da salvação. Este vindicará o justo (59.15b-21).

A gloriosa perspectiva de Sião está desenhada uma vez mais com a vinda do redentor para estabelecer a Israel como o centro e o deleite de todas as nações (60.1-22). Esta capital será conhecida como a cidade do Senhor e o Sião do Santo de Israel. A glória de Deus se estenderá tão universalmente que o sol e a lua não serão precisos já mais. Este reinado continuará para sempre, como está previamente indicado por Isaías 9.2-7 e outras passagens similares, a data do cumprimento de tudo isso não está indicada além da simples e conclusiva promessa de que Deus a trará a seu devido tempo.

Em preparação para a glória vindoura que será revelada, Deus envia seu mensageiro a Sião, ungido pelo Espírito do Senhor (61.1-11). Este mensageiro virá com boas novas para proclamar o tempo do favor de Deus, quando o desgraçado seja aliviado, os cativos possam ser deixados em liberdade, os doloridos sejam confortados e o desespero se converta em louvor. O povo de Deus será conhecido como os sacerdotes do Senhor, ao tempo que outros conhecerão as bênçãos divinas com seu ministério. A justiça e o louvor se elevarão desde todas as nações.

A vindicação e restauração de Sião segue em ordem natural (62.1-63.6). Sião, que foi esquecida e desolada, se converterá na delícia de Deus, ao gozar com seu povo, como um noivo o faz com sua noiva. Os que aguardam são alentados a apelar a Deus dia e noite até que Jerusalém seja restabelecida como o louvor das nações.

Uma vez mais, as linhas de demarcação estão claramente estabelecidas nos capítulos seguintes (63.7-65.16), entre os que receberão as bênçãos do Senhor e os ofensores que estarão sujeitos à maldição de Deus. A passagem inicial (63.7-64.12) representa um chamamento a Deus em solicitude de ajuda e socorro. Sobre a base do favor de Deus para Israel no passado, a oração expressa uma demanda para a divina intervenção. Deus é vituperado por ser a causa dos erros do povo e do endurecimento de seu coração (63.17), entregando-os ao poder da iniquidade (64.7), e fazendo deles o que são. A resposta de Deus a sua oração (65.1-7) reflete a atitude para com o que é justo por si mesmo, que O tem ignorado durante o tempo que Ele esteve disponível. Eles menosprezaram seus chamamentos e fracassaram em voltar a Ele no dia da misericórdia —sua apelação da justiça própria chega demasiado tarde.

O dia do juízo está sobre eles (65.8-16). Aqueles que não responderam ao chamamento de Deus nem ouviram quando Ele falou que estavam condenados, ignoraram a misericórdia de Deus que antecede ao juízo. Ao contrário, os servos de Deus, mencionados sete vezes nesses nove versículos, são os receptores de suas eternas bênçãos.

Finalmente, Isaías descreve as últimas bênçãos para os justos em Sião em termos de um novo céu e uma nova terra (65.17-66.24). Jerusalém de novo é o ponto focal desde onde tais bênçãos se estenderão universalmente. As condições de paz prevalecerão inclusive entre os animais. Inclusive embora o céu é trono de Deus e a terra seu escabelo, Ele se deleita nos homens que têm sido humildes e contritos de espírito. Ainda que tenham estado sujeitos ao desprezo e o escárnio, triunfarão no estabelecimento de Sião, ao tempo que os ofensores estarão todos sujeitos à condenação. Conforme sejam julgados os inimigos, se fará aparente que Deus tem as mãos estendidas sobre seus servos. Os remidos procedentes de todas as nações compartilharão as bênçãos de Sião, enquanto que aqueles que se rebelaram estarão sujeitos a um castigo que não terá fim (66.24).

● CAPÍTULO 19: JEREMIAS, UM HOMEM DE FORTALEZA

Viver com Jeremias é compreender a seu povo, sua mensagem e seus problemas. Ele tem muito a dizer a sua própria geração conforme os adverte da condenação que pende sobre ela. Mas comparado com Isaías, dedica relativamente pouco espaço às futuras esperanças de restauração. O juízo é iminente neste tempo, especialmente após a morte de Josias. Concentra-se nos problemas correntes num esforço para fazer voltar sua geração a Deus. Um homem com uma mensagem vital durante os últimos quarenta anos da existência nacional de Judá como reinado, Jeremias relata mais de suas experiências pessoais que o que faz qualquer outro profeta em tempos do Antigo Testamento.

ESQUEMA 7: TEMPOS DE JEREMIAS

650	Nascimento de Jeremias (data aproximada).
648	Nascimento de Josias.
641	Acesso de Amom ao trono de Davi.
640	Acesso de Josias.
632	Josias começa sua busca de Deus (2 Cr 34.3).
628	Josias começa as reformas.
627	O chamamento de Jeremias ao ministério profético.
626	O acesso de Nabopolassar ao trono da Babilônia.
622	O livro da lei achado no templo. A observância da lei. Páscoa.
612	Queda de Nínive.
610	Harã capturada pelos babilônicos.
609	Josias é assassinado. Joacaz reina por três meses. O exército assírio-egípcio abandona o cerco de Harã e se retira à Carquemis. Jeoiaquim substitui a Joacaz em Judá.
605	Os egípcios de Carquemis derrotam os babilônicos em Quramati. Os babilônicos derrotam decisivamente os egípcios de Carquemis. primeiro cativo de Judá. Jeoiaquim busca alianças com a Babilônia. Nabucodonosor acede ao trono da Babilônia.
601	Batalha inconclusa entre babilônicos e egípcios.
598	Morre Jeoiaquim. Cerco de Jerusalém.
597	Joaquim, feito cativo após os três meses de seu reinado. Segundo cativo. Zedequias chega a ser rei.
588	O assédio a Jerusalém começa o 15 de janeiro. Acesso de Hofra ao trono egípcio.
586	19 de julho: os babilônicos entram em Jerusalém. 15 de agosto: queima do templo. Morte de Gedalias. Emigração ao Egito.

Um ministério de quarenta anos ⁴⁶⁷

Pelo tempo em que Manassés anunciou o nascimento do príncipe herdeiro da coroa, Josias, o nascimento de Jeremias em Anatote seguramente recebeu pouca atenção ⁴⁶⁸ Tendo crescido neste povoado a somente 5 km ao nordeste da capital, Jeremias foi muito versado nas pessoas correntes que circulavam por toda Jerusalém.

⁴⁶⁷ Ver capítulo 14 para um panorama dos acontecimentos políticos durante a vida de Jerusalém.

⁴⁶⁸ S. L. Caiger *Lives of the Prophet* (Londres, 1949), p. 174, sugere que Jeremias tinha doze anos no 640 a.C., datando seu nascimento no 652, e fazendo-o quatro anos mais velho que Josias. E. A. Leslie *Jeremiah*, p. 22, e B. Skinner, *Prophecy and Religion*, p. 24, sugerem que Jeremias tinha uns 20 anos quando aconteceu seu cha mamento. Isto poderia datar seu nascimento depois do 648 a.C.

Josias chegou ao trono à idade de 8 anos, quando Amom foi morto (640 a.C.). Oito anos mais tarde, ficou evidente que o rei de dezesseis anos já estava preocupado com a obediência a Deus. após quatro anos mais, Josias tomou medidas positivas para purgar sua nação da idolatria. Santuários e altares de deuses estranhos foram destruídos em Jerusalém e em outras cidades desde Simeão, ao sul da capital, até Naftali, no norte. Durante seus primeiros anos, Jeremias deve ter ouvido freqüentes discussões em seu lar a respeito da devoção religiosa do novo rei.

Durante o período desta reforma a escala nacional, Jeremias foi chamado ao ministério profético, por volta do 627 a.C. Onde estava ou quando o recebeu, não está registrado no capítulo 1. Por contraste com a majestosa visão de Isaías ou a elaborada revelação de Ezequiel, o chamamento de Jeremias é único por sua simplicidade. Não obstante, ele se viu definitivamente chamado pela divina Potestade para ser um profeta. Em duas simples visões, este chamamento foi confirmado.

A vara de amendoeira significa a certeza do cumprimento da palavra profética, enquanto que a panela a ferver indica a natureza de sua mensagem. conforme se fez ciente de que encontraria muita oposição, também recebeu a divina certeza de que Deus o fortificaria e o capacitaria para suportar os ataques, e que o livraria em tempos de dificuldades.

Pouco é o que se indica nos registros escriturísticos que concernam às atividades de Jeremias durante os primeiros dezoito anos de ser ministério (627-609). Tanto se participou ou não nas reformas de Josias, publicamente, que começaram no 628 e culminaram com a observância da Páscoa no 622, não está registrado pelos historiadores contemporâneos nem pelo próprio profeta. Quando foi descoberto no templo "O livro da lei", era a profetisa Hulda e não Jeremias quem explicava o conteúdo ao rei. Contudo, a simples declaração de que Jeremias chorou a morte de Josias no 609 (2 Cr 35.25) e o comum religioso de ambos, tanto o profeta como o rei, garantem a conclusão de que ele apoiou ativamente a reforma de Josias.

É difícil determinar quantas mensagens de Jeremias registradas em seu livro refletem os tempos de Josias. O cargo de que Israel era apóstata (2.6) está geralmente datado nos primeiros anos de seu ministério ⁴⁶⁹. Incluso apesar do renascimento nacional não ter chegado à massa, é muito verossímil que uma aberta posição a Jeremias acontecesse em sua mínima expressão nos tempos de Josias e seu reinado.

Embora o problema nacional da interferência assíria tinha diminuído, de forma que Judá gozava de uma considerável independência sob Josias, os acontecimentos internacionais na zona Tigre-Eufrates chegaram até Jerusalém e foram observados com o maior interesse.

Sem dúvida, qualquer temor de que o ressurgir do poder babilônico no leste tivesse serias implicações para Jerusalém, estava moderado pelo otimismo da reforma de Josias.

As notícias da queda de Nínive no 612, seguramente foram muito bem recebidas em Judá, como a certeza de não sofrer mais interferências da parte da Assíria. O temor da reativação do poder assírio fez que Josias se aprestasse com prontidão a bloquear os egípcios em Megido (609 a.C.), evitando uma ajuda dos assírios que se estavam retirando ante o avanço das forças da Babilônia.

A súbita morte de Josias foi crucial para Judá, igual que para Jeremias pessoalmente. Enquanto que o profeta lamentava a perda de seu piedoso rei, sua nação era lançada num redemoinho de conflitos internacionais. Joacaz não reinou senão três meses antes que Neco, do Egito, o tomasse prisioneiro e colocasse a Jeoiaquim sobre o trono de Davi em Jerusalém. Não somente fez esta súbita mudança dos acontecimentos que Jeremias ficasse sem o apoio político piedoso de seu povo, senão que inclusive foi abandonado às malandragens dos chefes apóstatas que gozavam do favor de Jeoiaquim.

Os anos 609-586 foram os mais difíceis, sem paralelo em todo o Antigo Testamento.

Politicamente, o sol descia para a existência nacional de Judá, enquanto que todo tipo de conflitos internacionais lançaram suas sombras de extinção, que por último deixaram Jerusalém reduzida a ruínas. Em questões religiosas, a maior parte dos velhos malvados que tinham sido banidos por Josias, retornaram no governo de Joacaz. Os ídolos cananeus, egípcios e assírios foram abertamente instaurados, após o funeral de Josias ⁴⁷⁰. Jeremias, sem temor e persistentemente, advertia seu povo do desastre que se aproximava. Já que ministrava a uma nação apóstata com um governo ímpio, estava sujeito à perseguição de seus mesmos concidadãos. Uma morte pelo martírio sem dúvida teria sido um alívio comparado com o constante sofrimento e a angústia que suportava Jeremias, enquanto continuava seu ministério entre um povo cuja vida nacional estava em processo de desintegração. Em lugar de obedecer a mensagem de Deus, entregueada pelo profeta, perseguiram o mensageiro.

⁴⁶⁹ para um arranjo cronológico do livro de Jeremias, ver Eimer A. Leslie, *Jeremiah* (Nova York: Abingdon Press, 1954). Neste arranjo, ele assume (p. 113) que Jeremias permaneceu silencioso desde o 621 até o 609 a.C.

⁴⁷⁰ Ver Caiger, *op. cit.*, p. 194.

Uma crise após a outra levaram Judá a uma mais próxima destruição, ao tempo que as advertências de Jeremias continuavam ignoradas. O ano 605 a.C. marcou o começo do cativeiro da Babilônia para alguns dos cidadãos de Jerusalém, enquanto Jeoiaquim solicitava uma *aliança* com os invasores babilônicos ⁴⁷¹. Na luta do Egito e a Babilônia durante o resto de seu reinado, Jeoiaquim cometeu o fatal erro de rebelar-se contra Nabucodonosor, precipitando a crise do 598-7. não somente a morte acabou bruscamente com o reinado de Jeoiaquim, senão que seu filho Joaquim e aproximadamente 10.000 cidadãos destacados de Jerusalém foram levados ao exílio. Isto deixou a cidade com uma fraca aparência de existência nacional, ao tempo que as classes restantes mais pobres controlavam o governo sob o mando do rei marionete Zedequias.

A luta política e religiosa continuou por outra década conforme as esperanças nacionais de Judá iam esfumando-se. Às vezes, Zedequias se preocupava a respeito do conselho de Jeremias; porém, com maior frequência cedia à pressão do grupo pró-egípcio em Jerusalém, que favorecia a rebelião contra Nabucodonosor. Em consequência, Jeremias sofria com seu povo enquanto agüentavam o assédio final de Jerusalém. Com seus próprios olhos, o fiel profeta viu o cumprimento das predições que os profetas anteriores a ele tinham apregoado tão freqüentemente. Após quarenta anos de pacientes advertências e avisos, Jeremias foi testemunho do horrível resultado: Jerusalém foi reduzida a um fumegante montão de ruínas, e o templo, destruído por completo.

Jeremias encarou com maior oposição e encontrou mais inimigos que qualquer outro profeta do Antigo Testamento. Sofreu constantemente pela mensagem que proclamava. Quando quebrou a botija de oleiro diante da assembléia pública dos sacerdotes e dos anciãos no vale do Hinom, foi arrestado no átrio do templo. Pasur, o sacerdote, bateu nele e o pôs no cepo durante toda a noite (19-20). Em outra ocasião, proclamou no átrio do templo que o santuário seria destruído. Os sacerdotes e os profetas se levantaram contra ele em massa e pediram sua execução. Enquanto Aicão e outros príncipes se uniram na defesa de Jeremias, salvando sua vida, Jeoiaquim derramou o sangue de Urias, outro profeta que tinha proclamado a mesma mensagem (26).

Um encontro pessoal com um falso profeta chega na pessoa de Hananias (28).

Jeremias aparece publicamente descrevendo o cativeiro da Babilônia, levando um jugo de madeira. Hananias o tirou, o quebrou e negou a mensagem. após uma breve reclusão, Jeremias apareceu uma vez mais como porta-voz de Deus. De acordo com sua predição, Hananias morreu antes de acabar o ano.

Outros profetas se mostraram ativos em Jerusalém, o mesmo que entre os cativos na Babilônia, opondo-se a Jeremias e a sua mensagem (29). Entre estes, estão Acabe, filho de Colaías, e de Zedequias, filho de Maaséias, os que excitam os cativos a neutralizar o aviso de Jeremias de que deveriam permanecer 75 anos em cativeiro. Semaías, um dos cativos, inclusive escreveu a Jerusalém para incitar a Sofonias e seus sacerdotes colegas a enfrentar-se com Jeremias e encarcerá-lo.

Outras passagens refletem a oposição procedente de outros profetas cujos nomes não se citam.

Inclusive a gente da mesma cidade se levanta contra Jeremias. Isto se vê nas breves referências de 11.21-23. Os cidadãos de Anatote ameaçaram com matá-lo se não cessava de profetizar no nome do Senhor.

Seus inimigos se encontravam igualmente entre os governantes. Bem lembrado entre as experiências de Jeremias está seu encontro com Jeoiaquim. Um dia, Jeremias enviou seu escriba Baruque ao templo a ler publicamente a mensagem do juízo do Senhor, com a admoestação de arrepender-se.

Alarmados, alguns dos chefes políticos informaram daquilo a Jeoiaquim; ainda que avisaram a Jeremias e a Baruque para que se escondessem. Quando o rolo foi lido diante de Jeoiaquim, este desprezou e desafiou a mensagem, queimando o rolo no braseiro e ordenando em vão o arresto do profeta e seu escriba.

Jeremias sofreu as conseqüências doutor uma vacilante política sob o fraco governo de Zedequias. Isto chegou a ser especialmente crucial para o profeta nos anos finais do reinado de Zedequias. Quando o assédio dos babilônicos foi temporalmente levantado, Jeremias foi arrestado a sua saída de Jerusalém, com o cargo de simpatizar com a Babilônia, e foi espancado e encarcerado. Quando acabou o assédio, Zedequias procurou o conselho do profeta. Em resposta à repulsa de Jeremias, o rei o condenou a ficar preso no átrio da guarda. Sob pressão, Zedequias de novo abandonou o profeta a mercê de seus colegas políticos, os que lançaram o profeta numa cisterna, onde o deixaram para que se afogasse na lama. Ebede-

⁴⁷¹ D. J. Wiseman, *Chronicles of Chaldecum Kings*, p. 26.

Meleque, um eunuco etíope, resgatou Jeremias e o devolveu só átrio da guarda, onde Zedequias teve outra entrevista com ele antes da queda de Jerusalém.

Inclusive depois da destruição de Jerusalém, Jeremias é frustrado com freqüência em seu intento de ajudar seu povo (42.1-43.7). Quando os chefes desalentados e apátridas apelaram finalmente a ele para assegurar a vontade de Deus sobre eles, Jeremias esperou a guia do Senhor. Porém quando os informou de que deveriam permanecer na Palestina com o objeto de gozar das bênçãos de Deus, o povo deliberadamente desobedeceu, emigrando para o Egito, e levando o ancião profeta com eles.

Jeremias teve relativamente poucos amigos durante os dias de Jeioaquim e Zedequias. O mais leal e devoto foi Baruque, que serviu ao profeta como secretário. Baruque registrou por escrito as mensagens do profeta, e as leu no átrio do templo (36.6). O serviu também como administrador, enquanto Jeremias esteve na prisão (32.9-14), e finalmente acompanhou seu mestre ao Egito.

Entre os chefes da comunidade que salvaram Jeremias da execução diante das demandas dos sacerdotes e dos profetas (26.16-24), estavam os príncipes conduzidos por Aicão.

Durante o assédio a Jerusalém, quando Jeremias foi abandonado para morrer no poço, Ebede-Meleque demonstrou ser um verdadeiro amigo na necessidade. Zedequias respondeu com bastante interesse pessoal para garantir ao profeta segurança no átrio da guarda durante o que restou do assédio a Jerusalém.

Passando através de tempos de oposição e de sofrimentos, Jeremias experimentou um profundo conflito interior. Uma dor penetrante feriu sua alma ao comprovar que seu povo, endurecido de coração, era indiferente a suas advertências e avisos, e que estaria sujeito aos severos juízos de Deus. Esta foi a causa de seu chorar dia e noite, não pelo sofrimento pessoal que teve de suportar (9.1). Conseqüentemente, o apelativo de "profeta chorão" para Jeremias denota força e valor, e a férrea vontade de encarar-se com as amargas realidades do juízo que pendia sobre seu povo.

Ao longo de todo seu ministério, Jeremias não pôde escapar da convicção, recebida de Deus, de que era Seu mensageiro. Fiel à experiência humana, afundou nas profundidades da desesperação em tempos de perseguição, amaldiçoando o dia em que havia nascido (20).

Quando permanecia silencioso para evitar as conseqüências, a palavra de Deus se convertia num fogo que o consumia, empurrando-o a continuar em seu ministério profético. Continuamente experimentou o divino sustento que lhe fora prometido no capítulo 1. Ameaçado com freqüência e à borda da morte nas circunstâncias da vida, Jeremias foi providencialmente sustentado como uma testemunha vivente para Deus nos tempos de completa decadência para a vida nacional de Judá.

Quanto viveu Jeremias após seus quarenta anos de ministério em Jerusalém, é algo desconhecido. Em Tafnes, a moderna Tell-Defene no delta do Nilo oriental, Jeremias pronunciou sua última mensagem datada documentalmente (43-44)⁴⁷². Provavelmente, Jeremias morreu no Egito.

O livro de Jeremias

As divisões do livro de Jeremias para um propósito de perspectiva são menos aparentes que em muitos outros livros proféticos. Por um breve resumo de seu conteúdo, podem anotar-se as seguintes unidades:

I. O profeta e seu povo	Jr 1.1-18.23
II. O profeta e os líderes	Jr 19.1-29.32
III. A promessa da restauração	Jr 30.1-33.26
IV. Desintegração do reino	Jr 34.1-39.18
V. A emigração ao Egito	Jr 40.1-45.5
VI. Profecias concernentes a nações e cidades	Jr 46.1-51.64
VII. Apêndice ou conclusão	Jr 52.1-34

O moderno leitor de Jeremias pode sentir-se confuso pelo fato de que os acontecimentos datados e as mensagens não estão em ordem cronológica. Existem, além disso, muitas passagens que não estão datadas em absoluto. Portanto, é difícil arranjar com absoluta certeza o conteúdo deste livro em seqüência cronológica⁴⁷³. O capítulo 1, que registra o chamamento de Jeremias, está datado no ano décimo terceiro de Josias (627 a.C.). Os capítulos 2-6 são geralmente reconhecidos como a mensagem de Jeremias a seu povo durante os primeiros anos

⁴⁷² Sir Petrie escavou e verificou este lugar em 1883-84. ver G. A. Barton, *Archaeology and the Bible*, p. 28.

⁴⁷³ Ver o comentário por Leslie, *op. cit.*, que representa o mais recente intento de arranjar o livro de Jeremias de forma cronológica. Note-se também a Caiger, *op. cit.*, p. 222, e Davis, *Dictionary of the Bible*, em "Jeremiah".

de seu ministério (ver 3.6). em que medida pode estar relacionado do 7 ao 20 com o reino de Josias ou o de Jeoiaquim, resulta verdadeiramente difícil de determinar. Passagens especificamente datadas no reino de Jeoiaquim, são: 25-26; 35-36, e 45-46.

Os acontecimentos acontecidos durante o reinado de Zedequias estão registrados no 21, 24, 27-29, 32-34 e 37-39. os capítulos 40-44 refletem os acontecimentos subseqüentes a queda de Jerusalém no 586 a.C., enquanto que outros são difíceis de datar.

I. O profeta e seu povo

Introdução

Chamamento ao serviço

Condição apóstata de Israel

A fé nos templos e ídolos é condenada

A aliança sem obediência é fútil

Dois sinais do cativo

A oração intercessora é inútil

O sinal do iminente cativo

A fé no homem denunciada

Uma lição na olaria

Jr 1.1-18.23

Jr 1.1-3

Jr 1.4-19

Jr 2.1-6.30

Jr 7.1-10.25

Jr 11.1-12.17

Jr 13.1-27

Jr 14.1-15.21

Jr 16.1-21

Jr 17.1-27

Jr 18.1-23

Em seu ministério, Jeremias esteve associado com os únicos cinco reis de Judá. Quando foi chamado para seu ministério profético, Jeremias tinha aproximadamente a mesma idade que Josias, uns 21 anos, quem estava governando no reino desde que tinha oito anos.

Respondendo à chamada divina, Jeremias percebeu perfeitamente o fato de que Deus tinha um plano e um propósito para ele, incluso antes do momento de seu nascimento. estava comissionado por Deus e divinamente fortalecido contra o temor e a oposição. Estava também bem equipado: a mensagem não era sua, ele era somente o instrumento humano a quem Deus confiou Sua mensagem para seu povo.

Duas visões suplementam seu chamamento. A amendoeira é a primeira árvore em mostrar sinais de vida na Palestina, com a chegada da primavera. Tão certo como o florescer das amendoeiras em janeiro, era a certeza de que a palavra de Deus seria mostrada. A panela a ferver indica a natureza da mensagem, o juízo explodiria no norte.

Em seu chamamento, Jeremias é claramente informada de que terá de enfrentar oposição. A essência de sua mensagem é o juízo de Deus sobre a Israel apóstata. Em conseqüência, deve esperar a oposição procedente de reis, príncipes, sacerdotes e do laicato. Com esta sombria advertência, lhe chega a certeza do apoio de Deus.

A condição apóstata de Israel é impressionante (2-6). Os israelitas são culpáveis de terem desertado de Deus, a fonte das águas vivas e o manancial de todas suas bênçãos.

Como substituto, Israel tem buscado e escolhido deuses estranhos que Jeremias compara com cisternas rompidas que não podem conter água. O render culto a deuses estranhos é comparável ao adultério nas relações matrimoniais. Como uma esposa infiel abandona a seu esposo, assim Israel tem abandonado a Deus. o exemplo histórico do juízo de Deus sobre Israel no 722 a.C., deveria ser suficiente aviso. Como um leão rugidor em seu covil, Deus levanta as nações para que levem o juízo sobre Judá. Israel tem desprezado a misericórdia divina. O tempo da ira de Deus chegou e o mal que explode sobre Judá é o fruto de suas próprias culpas (6.19).

O auditório de Jeremias se mostra cético a respeito da chegada do juízo divino (7-10)⁴⁷⁴. Ignora suas valentes afirmações de que o templo será destruído, acreditando complacentemente que Deus tem escolhido seu santuário como seu lugar de permanência e na confiança também de que Deus não permitirá que governantes pagãos destroem o lugar que esteve saturado com sua glória nos dias de Salomão (2 Cr 5-7). Jeremias indica as ruínas que estão no norte de Jerusalém como evidência de que o tabernáculo não salvou Siló da destruição em tempos passados⁴⁷⁵. E tampouco o templo assegurará a Jerusalém contra o dia do juízo.

A obediência é a chave para uma reta relação com Deus. Por seus males sociais e a idolatria, o povo tem feito do templo um refúgio de ladrões, ainda quando continuam realizando os

⁴⁷⁴ Leslie, *op. cit.*, p. 114, e Anderson, *Understanding the Old Testament*, p. 331, identificam os capítulos 7 e 26 como o mesmo incidente. T. Laetsch, *Jeremiah* (St. Louis, 1952), pp. 71 e ss., data o capítulo 7 nos dias de Josias. Note-se nesta análise as razões avançadas para a última data. Conclui que o capítulo 7 encaixa dentro das reformas de Josias.

⁴⁷⁵ Embora o relato escriturístico permaneça em silêncio, os eruditos geralmente reconhecem a possibilidade de que Siló tenha sido destruída nos dias de Eli e Samuel. Ver W. F. Albright, *Archaeology and the Religion of Israel*, p. 104.. Ver Jeremias 7.12-4 e 26.6-9.

sacrifícios prescritos. A religião formal e ritual não pode servir como substituto para a obediência a Deus.

Jeremias se sente amargurado pela dor e o sofrimento ao ver a indiferença de seu povo. deseja orar por sua nação, mas Deus proíbe sua intercessão (7.16). Nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém, estão rendendo culto a outros deuses ⁴⁷⁶. É demasiado tarde para Judá, desejar interceder em seu nome. Entretanto, o povo encontra sua tranqüilidade no fato de que são os custódios da lei (8.8), e esperam que isto os salvará da condenação predita. Porém ao profeta é lembrado que o terrível juízo é coisa certa.

Sentindo-se esmagado em sua própria alma, Jeremias comprova que a colheita se passou, o verão terminou e seu povo não será salvo. Queixando-se, demanda se é que não existe algum balsamo de Gileade para curar seu povo. e então, chora dia e noite por eles.

Incluso embora o juízo vem sobre a nação, Deus lhe dá a segurança de que o indivíduo que não se glória em seu poder ou em sua sabedoria, senão que conhece e compreende o Senhor na formosa prática da bondade, a justiça e a retidão na terra, é o que está conforme com o aviso de Deus. Deus, como rei das nações, deve ser temido (10).

De novo, Jeremias é comissionado para anunciar a maldição de Deus sobre o desobediente (11). A obediência é a chave para sua relação na aliança com Deus desde o princípio de sua nacionalidade (Êx 19.5). A aliança em si mesma é ineficaz e inútil sem obediência. Com ídolos e altares tão numerosos como as cidades de Israel e as ruas de Jerusalém, o povo tem merecido o juízo. Jeremias, novamente, conhece a proibição de rogar por seu povo (11.14). ameaçado e advertido por seus próprios concidadãos de Anatote, sente-se totalmente desmoralizado a medida que vê a prosperidade da maldade. E ora, rogando sempre a Deus (12.1-4). Em resposta, Deus lhe requer que ultrapasse maiores dificuldades e lhe assegura que a ira de Deus que consome está a ponto de desatar-se e mostrar-se por todo Israel.

Dois símbolos desenham o juízo de Deus que pende sobre Judá (13.1-14): Jeremias aparece em público com um novo cinturão de linho. Com a ordem de Deus, o leva até o Eufrates para escondê-lo numa fenda de uma rocha ⁴⁷⁷. Após um certo tempo, volta a tomar a prenda, que no Oriente é considerada como o ornamento mais íntimo e prezado de um homem. Está podre e totalmente inservível. Da mesma forma, Deus está planejando expor seu povo escolhido a juízo nas mãos das nações.

Os recipientes, sejam botijas de argila ou de peles de animais, cheios de vinho, também são simbólicos. Os reis, profetas, sacerdotes e cidadãos estarão também cheios de vinho e de borracheiras, que a sabedoria se desvanecerá em estupefação e desamparo em épocas de crise. O obvio resultado será a ruína do reino ⁴⁷⁸. Conforme o profeta vê aproximar-se a condenação que pende sobre Judá, comprova que seu povo é indiferente e continua desobediente e rebelde (13.15-27). Ele vê sua tristeza, expressada em amargas lágrimas, quando seu povo vá ao cativeiro. É lembrado que o povo sofrerá por seus próprios pecados. Esqueceram de Deus. Como um leopardo é incapaz de mudar as manchas de sua pele, assim Israel não pode mudar seus malvados caminhos.

Uma grave seca traz sofrimento a seu povo, assim como aos animais (14.1ss).

Jeremias encontra-se profundamente comovido. De novo intercede por Judá, confessando seus pecados. Uma vez mais, Deus lhe lembra que não deve interceder, já que nem com jejuns nem com ofertas evitará o juízo que se aproxima. Jeremias apela então a Deus para que salve seu povo, já que são os falsos profetas os responsáveis em fazê-los errar. Quando eleva a Deus a lamurienta questão a respeito da total repulsa de Judá, esperando que Deus escute seu rogo recebe a mais soberba réplica: ainda se Moisés e Samuel intercedessem por Judá, Deus não se enternecerá. Deus manda a espada para matar, os cães para destrocarem as carnes, as aves e as bestas para devorarem Judá pelos seus pecados, porque seu povo o rejeitou a Ele, e tem desprezado suas bênçãos. Desolado e atravessado pela dor, Jeremias tenta mais uma vez ter a tranqüilidade na palavra de Deus, sendo assegurado da divina restauração e fortaleza para prevalecer contra toda oposição.

⁴⁷⁶ Para uma discussão sobre a idolatria durante o tempo de Manassés, a qual Josias tratou de eliminar mas que retornou após sua morte, ver W. L. Reed. *The Asherah in the Old Testament* (Ft. Worth, Texas: Texas Christian University Press, 1949). Também os comentários por Laetsch e por Leslie a referências da Escritura.

⁴⁷⁷ P. Volz, *Jeremias*, p. 149, interpreta isto como uma parábola. H. Schmidt, L. M. Crossen *Propheten*, 2.a ed., pp. 219-220, sugere uma identificação local, enquanto que W. Rudolph, *Jeremias* (Tübingen. 1947), como referência, interpreta isto como uma visão. Peake, *Jeremiah*, II, p. 193, Leslie, *op. cit.*, p. 86 y Laetsch, *op. cit.*, pp. 136-137, consideram isto como uma experiência real na qual o profeta foi duas vezes ao Eufrates, perto de Carq uemis. Caiger, *op. cit.*, pp. 192-193, considera a Jeremias como um homem de médios, que tinha grandes propriedades e dinheiro como recursos, e que inclusive pôde ter visitado a corte da Babilônia na época de Nabopolassar.

⁴⁷⁸ Embora Leslie *op. cit.*, p. 228, data isto perto do fim do reinado de Zedequias, a atitude do povo em ignorá-lo pôde ter sido mais apropriada em tempos de Josias, já que parecia mais ridículo pensar num governante bêbado nos dias de Josias que em épocas subseqüentes.

O tempo é raramente indicado nas mensagens proféticas. A iminência do juízo sobre Judá, contudo, está muito claramente revelado (16.1ss). Jeremias é proibido de casar-se. Se o fizer, exporia sua esposa e filhos, caso tê-los, às terríveis condições da invasão, o assédio, a fome, a conquista e o cativo. A condenação de Judá está próxima e certa. Deus retirou sua paz, porque eles o desterraram de seus corações, servido e adorado a ídolos e recusado obedecer a Sua lei. Em consequência, Deus enviará caçadores e pescadores para buscar a todos os que sejam culpados, de forma que Judá conheça seu poder. Os pecados de Judá estão inscritos com uma ponta de diamante, e são publicamente visíveis sobre as pontas do altar, de tal forma que não há oportunidade de fugir da tremenda irritação do Onipotente. Uma vez mais, se perfilam os caminhos das bênçãos e das maldições (17.5ss).

Na olaria, Jeremias aprende a lição de que Israel, assim como as outras nações, é como a argila em mãos do oleiro (18). Como o oleiro pode descartar, remodelar ou jogar fora um vaso falhado, assim Deus pode fazer o mesmo com Israel. A aplicação é pertinente; Deus aporta seu juízo pela desobediência. Incitado por esta advertência, o auditório se confabula para livrar-se do mensageiro.

II. O profeta e os líderes

Os sacerdotes e os anciãos - Jeremias é encarcerado
 Zedequias conferencia com Jeremias
 Cativo para reis e falsos profetas
 O copo do furor para todas as nações
 Aicão salva Jeremias do martírio
 Falsos profetas em Jerusalém e Babilônia

Jr 19.1-29.32

Jr 19.1-20.18
 Jr 21.1-14
 Jr 22.1-24.10
 Jr 25.1-38
 Jr 26.1-24
 Jr 27.1-29.32

Numa dramática demonstração diante de uma assembléia de anciãos e sacerdotes no vale de Hinom, Jeremias afirma corajosamente que Jerusalém será destruída (19.1ss)⁴⁷⁹. quebrando uma botija de oleiro, mostra o destino que espera a Judá. Em consequência, Pasur, o sacerdote, bate em Jeremias e o confina ao cepo da porta de Benjamim durante uma noite. Numa grave, porém normal reação, Jeremias amaldiçoa o dia em que nasceu (20), mas afinal resolve seu conflito, comprovando que a palavra de Deus não pode ser confinada.

A ocasião para a troca de mensagem entre Zedequias e Jeremias (21) é o cerco de Jerusalém, que começou o 15 de janeiro do 588 a.C.⁴⁸⁰ Com o exército babilônico rodeando a cidade, o rei se preocupa a respeito dos projetos de libertação. Ele está familiarizado com a história de sua nação, e sabe que em tempos passados Deus tem derrotado miraculosamente os exércitos invasores (ver Is 37-38). Em resposta à arrogante petição de Zedequias, Jeremias prediz especificamente a capitulação de Judá. Deus está lutando contra ela e fará com que o inimigo chegue até a cidade e a queime com fogo. Somente rendendo-se Zedequias poderá salvar sua vida.

Em sua mensagem geral, talvez durante o reinado de Jeoiaquim, o profeta Jeremias denuncia aos governantes malvados que são responsáveis da injustiça e a opressão (22).

Concretamente, prediz que Joacaz não voltará do cativo egípcio, senão que morrerá naquela terra, e Jeoiaquim (22.13-23), precipitando a maldição de Deus no juízo dos maus caminhos, terá o sepultamento de um jumento, sem que ninguém lamente sua sorte. Por contraste (23), Israel recebe a seguridade de que voltará a agrupar-se no futuro de forma tal que o povo possa gozar da segurança e da retidão sob um governante davídico que será conhecido pelo nome de "Jeová, justiça nossa". Em consequência, os sacerdotes contemporâneos e profetas são denunciados em voz alta como falsos pastores que descaminham o povo.

Depois de que Joaquim e alguns importantes cidadãos de Judá foram levados ao cativo da Babilônia no 597 a.C., Jeremias tem uma mensagem apropriada para o povo restante (24). Aparentemente têm orgulho pelo fato de que escaparam do cativo e se consideram a si mesmos favorecidos por Deus. Numa visão, Jeremias vê duas cestas de figos.

Os figos bons representam os exilados que voltarão. O povo que resta em Jerusalém, será descartado como o são os figos ruins. Deus tem rejeitado seu povo e os fará objeto de zombaria e de maldição onde quer que sejam levados e espalhados.

No crucial ano quarto do reinado de Jeoiaquim (605 a.C.), Jeremias de novo continua com uma palavra apropriada do Senhor (25)⁴⁸¹. Lembra com atenção que durante vinte e três anos

⁴⁷⁹ Este incidente está melhor datado nos dias de Jeoiaquim. Resulta duvidoso que qualquer sacerdote tivesse encarcerado a Jeremias nos dias de Josias. Ver comentários por Laetsch e Leslie como referências.

⁴⁸⁰ Embora pelo menos 17 anos separem os acontecimentos dos capítulos 20 e 21, Leslie sugere que o relato em 21 alivia o duro tratamento recebido por Jeremias em 20. Ver também Rudolph, *op. cit.*, p. 116.

⁴⁸¹ Ver capítulo 15.

têm estado ignorando suas advertências e conselhos. Em consequência, por sua desobediência, Deus traz seu servo Nabucodonosor à Palestina e os sujeitará a um cativeiro de setenta anos. Com o copo de vinho do furor como figura, Jeremias declara às pessoas que o juízo começará em Jerusalém, se estenderá a numerosas nações dos arredores e finalmente visitará a própria Babilônia.

Próximo ao começo do reinado de Jeoiaquim, Jeremias se dirige ao povo que vai render culto no templo (26), advertindo-lhes que Jerusalém ficará reduzida a ruínas ⁴⁸². E cita o exemplo histórico da destruição de Siló, cujas ruínas podem ainda ver-se ao norte de Jerusalém. Incitado pelos sacerdotes e profetas, o povo reage violentamente. Se apoderam de Jeremias. Depois que o príncipe escutou os cargos que lhe faziam, acerca de que merecia a pena de morte, todos escutaram a apelação do profeta. E ele os lembrou que derramariam sangue inocente com sua execução, já que Deus o havia enviado. Como os chefes comprovam que Ezequias, em tempos passados, não matou a Miquéias por pregar a destruição de Jerusalém, arrazoam que, do mesmo modo, Jeremias não merece a pena de morte. Embora Aicão e os príncipes salvem a vida de Jeremias, o rei ímpio, Jeoiaquim, é responsável do arresto e martírio de Urias, que proclamou a mesma mensagem.

Um dos atos mais impressionantes de Jeremias no terreno profético, aconteceu no ano 594 a.C. (27). Embora Zedequias era um vassalo de Nabucodonosor, existia uma constante revolta em prol da rebelião. Emissários procedentes do Edom, Moabe, Amom, Tiro e Sidom se reuniram em Jerusalém para unir-se ao Egito e a Judá numa conspiração contra a Babilônia. Diante de tais representantes, aparece Jeremias levando um jugo e anuncia que Deus tem dado todas essas terras em mãos de Nabucodonosor. Portanto, é prudente submeter-se à Babilônia. Para Zedequias, tem uma especial palavra de aviso, de não ouvir os falsos profetas. Jeremias também adverte os sacerdotes e ao povo, de que os vasos que restam no templo e os demais ornamentos, serão levados longe pelos conquistadores. Os delegados forasteiros são alertados de que não se deixem enganar pelos falsos profetas. A submissão a Nabucodonosor é a ordem divina. A rebelião somente trará a destruição e o exílio.

Pouco depois disto, o falso profeta Hananias se opõe decididamente a Jeremias.

Procedente de Gabaom, Hananias anuncia no templo que dentro de dois anos Nabucodonosor devolverá os vasos sagrados e os exilados levados à Babilônia no 597. Diante de todo o povo, toma o jugo de madeira que Jeremias tem colocado, o faz em pedaços e pretende assim demonstrar o que o povo fará com o jugo da Babilônia. Jeremias vai temporalmente a reclusão, porém volta mais tarde com uma nova mensagem de Deus. Hananias tem quebrado as barras de madeira do jugo, porém Deus as têm substituído por barras de ferro, que serão a escravidão de todas as nações.

Hananias é advertido que por sua falsa profecia morrerá antes que acabe o ano. No sétimo mês daquele mesmo ano, o funeral de Hananias, sem dúvida foi a pública confirmação da veracidade da mensagem de Jeremias.

Inclusive os chefes que estão entre os exilados causam a Jeremias problemas sem fim. Sua preocupação pelos cativos da Babilônia está expressada numa carta enviada com Elasa e Gemarias ⁴⁸³. Estes proeminentes cidadãos de Jerusalém foram enviados por Zedequias a Nabucodonosor, sem dúvida, para assegurar a lealdade de Judá, incluso enquanto a rebelião estava sendo planejada em Jerusalém. Em sua carta, Jeremias adverte aos exilados que não acreditem nos falsos profetas que predicam um retorno em breve. Os lembra que o cativeiro durará setenta anos. incluso prediz que Zedequias e Acabe, dois os falsos profetas, serão arrestados e executados por Nabucodonosor.

A carta de Jeremias inicia uma ulterior correspondência (29.24-32). Semaías, um dos líderes na Babilônia que está planejando um rápido retorno a Jerusalém, escreve a Sofonias, o sacerdote, administrador do templo. Repreende a Sofonias por não censurar a Jeremias, e lhe adverte que confine o profeta no cepo por escrever aos exilados. Quando Jeremias ouve a leitura dessa carta, denuncia a Semaías e indica que nenhum de seus descendentes participará das bênçãos da restauração.

III. A promessa da restauração

O restante é restaurado. Uma nova aliança

A compra de propriedades por Jeremias

Jr 30.1-33.26

Jr 30.1-31.40

Jr 32.1-44

⁴⁸² Se Jeremias deu esta mensagem nos dias de Josias (capítulo 7) e a repetiu durante o reinado de Jeoiaquim (capítulo 26), a reação da massa se deve à mudança do clima religioso e as atitudes dos dois reis.

⁴⁸³ Ver Leslie, *op. cit.*, p. 209. Elasa era o filho de Safã, secretário de Josias no estado. O irmão de Elasa, Gemarias, estava a cargo da câmara do átrio de cima no Templo onde Baruque leu a mensagem de Jeremias publicamente (36.10). o outro representante enviado por Zedequias foi Gemarias, o filho de Hilquias, o sacerdote do reinado de Josias.

Jeremias, especificamente, assegura a Israel sua restauração. Os exilados serão devolvidos a sua própria terra para servirem a Deus sob um governante designado como "Davi seu rei" (30.9).

Quando Deus destrua todas as nações, Israel será restaurada após um período de castigo. Deus, que em espalhado Israel, levará de volta a Sião tanto a Judá como a Israel, numa nova aliança (31.31).

Nesta nova relação, a lei será inscrita em seus corações e todos conhecerão a Deus com a certeza de que seus pecados têm sido perdoados. Tão certo como as luminárias dos céus estão em seus orbes fixados, assim é certa a promessa da restauração de Deus para sua nação, Israel.

As futuras esperanças de restauração estão mais realisticamente impressas sobre Jeremias (32) durante o assédio de Babilônia a Jerusalém no 587 a.C. Enquanto está confinado no átrio da guarda, ele é divinamente instruído para adquirir uma parcela de propriedade em Anatote, procedente de seu primo Hanameel. Quando este último aparece com a oferta, Jeremias compra logo o campo. Com meticuloso cuidado, o dinheiro é pesado, o documento da compra se faz por duplicado, é assinado e selado com testemunhas. Baruque, então, escreve instruções de colocar o original e a cópia em vasos de barro para maior segurança ⁴⁸⁴. Às testemunhas e aos observadores, esta transação deve ter-lhes parecido a coisa mais ridícula. Quem poderia ser tão ingênuo como para comprar uma propriedade quando a cidade estava a ponto de ser destruída? Mais surpreendente é o fato de que Jeremias, que por quarenta anos tinha profetizado a capitulação do governo de Judá, adquirisse então o título de propriedade de uma parcela de terreno. Este ato profético tinha uma grande significação: está de acordo com a simples promessa de Deus de que naquela terra as coisas e os campos seriam novamente adquiridos. A inversão de Jeremias representava simplesmente a futura prosperidade de Judá.

Após ter completado sua transação, Jeremias se coloca em oração (32.16-25). A espada, a fome e a peste são uma terrível realidade conforme continua a fútil resistência contra o assédio da Babilônia. Jeremias mesmo está perplexo pela compra que tem realizado numa época em que a misericórdia de Deus tem abandonado Israel, que está sendo destruída e levada a cativo. O fiel profeta é advertido que Jerusalém levantou a ira de Deus pela idolatria e a desobediência (32.26-35). Contudo, Deus, que os espalha, os trará de regresso e restaurará sua fortuna (32.36-44).

Enquanto a ruína nacional se aproxima velozmente, Jeremias recebe um plano de promessa de restauração. Com uma admoestação de apelar a Deus, o Criador, o povo, por meio de Jeremias, é alentado a esperar coisas desconhecidas.

Naquela terra que está então nas fauces da destruição, surgirá um ramo justo que brotará do povo de Davi para que prevaleça de novo a justiça e a retidão. O governo davídico e o serviço levítico serão restabelecidos. Jerusalém e Judá serão uma vez mais a delícia de Deus. esta aliança será tão segura como os períodos alternantes fixos do dia e da noite. Conforme o grande juízo que Jeremias tem estado anunciando durante quarenta anos está a ponto de chegar a sua culminação na destruição de Jerusalém, as promessas e as bênçãos para o futuro estão vividamente impressas sobre o fiel profeta.

IV. Desintegração do reino

Os chefes infiéis em contraste com os recabitas
Aviso aos chefes e ao laicato
A queda de Jerusalém

Jr 34.1-39.18

Jr 34.1-22
Jr 35.1-36.32
Jr 37.1-39.18

Os anos mais escuros da existência nacional de Judá estão brevemente resumidos nesses capítulos. A destruição de Jerusalém é o maior de todos os juízos na história de Israel e no Antigo Testamento. Os acontecimentos registrados em 35-36, que vêm desde o reinado de Jeoiaquim, sugerem uma razoável base para juízo que se converte em realidade nos dias de Zedequias.

O rei Zedequias tem sido freqüentemente advertido do juízo que se aproxima. Então, quando os exércitos da Babilônia estão realmente cercando Jerusalém (588), Zedequias percebe de uma forma específica que a capital de Judá será queimada mediante o fogo. A única esperança para ele é render-se a Nabucodonosor (34). Recusando conformar-se à obediência do aviso de Jeremias, Zedequias aparentemente busca a forma de achar um

⁴⁸⁴ Para uma detalhada descrição do costume de escrever em duplicado os convênios no século IV a.C., de acordo com os papiros de Elefantina, ver Volz, *op. cit.*, e E. Sellin, *Kommenlar zuñí Alten Testament*, pp. 306 e ss. também está citado em Laetsch *op. cit.*, p. 261.

compromisso que o substitua. De acordo com uma aliança entre o rei e seu povo, todos os hebreus escravos são libertados em Jerusalém ⁴⁸⁵. A motivação para este ato dramático não está indicada. Talvez os escravos tivessem virado uma responsabilidade ou, possivelmente, poderiam lutar no assédio como homens livres. Com toda certeza, aquilo não foi motivado totalmente por uma questão religiosa, com o desejo de conformar-se à lei, já que revogaram seu pacto tão logo como o cerco foi temporalmente levantado, enquanto os babilônicos perseguiam os egípcios (37.5). em termos que não deixam lugar à dúvida, Jeremias anuncia que o temível juízo de Deus sobre Zedequias e todos os homens que quebraram os termos do pacto se produzirá inevitavelmente (34.17-22). Os babilônicos retornarão para queimarem a cidade de Jerusalém.

Nos capítulos 35-36 estão registrados os incidentes históricos dos tempos de Jeoiaquim, indicando claramente que tal atitude de religiosa indiferença tem prevalecido demasiado tempo em Judá. Numa ocasião, Jeremias conduz alguns recabitas, que tinham-se refugiado em Jerusalém, enquanto os babilônicos ocupavam a Palestina, ao templo ⁴⁸⁶. Jeremias lhes ofereceu vinho, porém eles recusaram, em obediência ao mandado de seu antecessor, Jonadabe, que vivera nos dias de Jeú, rei de Israel. Durante 250 anos, eles foram fiéis a uma legislação feita por homens, sem beber vinho, nem semear vinhedos, nem construindo casas, mas vivendo em tendas. Se os recabitas se conformavam com um juízo humano, quanto mais deveria o povo de Judá obedecer a Deus, quem repetidamente enviara seus profetas para adverti-los contra a servidão aos ídolos? Em contraste com a maldição de Deus que estava sendo enviada contra Jerusalém, os recabitas seriam abençoados.

Jeoiaquim, o filho do piedoso Josias, não só é desobediente, senão que desafia a Jeremias e a sua mensagem. no quarto ano de seu reinado, Jeremias instrui a Baruque para registrar as mensagens que ele dera previamente. No ano seguinte, enquanto o povo se reúne em Jerusalém para observar o jejum, Baruque publicamente lê a mensagem de Jeremias no átrio do templo, advertindo o povo de se afastar de seus malvados caminhos. Alguns dos príncipes se assustam e avisam o rei, que ordena que o rolo seja levado a sua presença. Enquanto Jeremias e Baruque se escondem, o rolo é lido ante Jeoiaquim, que o destroça e queima no braseiro. Apesar de que o rei ordena seu arresto, eles não são achados por nenhuma parte. Sob o mandado de Deus, o profeta mais uma vez dita sua mensagem a seu escriba. Desta vez, se anuncia um juízo especial pronunciado contra Jeoiaquim por ter queimado o rolo (36.27-31). As condições serão tais ao tempo de sua morte, que não terá sepultamento real, senão que seu corpo ficará exposto ao calor do dia e ao frio da noite.

Alguns dos acontecimentos ocorridos durante o cerco de Jerusalém estão registrados em 37-39. Com o fim de alcançar clareza, a ordem dos acontecimentos pode ser tabulada da seguinte forma ⁴⁸⁷:

Começa o assédio o 15 de janeiro do 588	Jr 39.1; 52.4
Aviso a Zedequias	Jr 34.1-7
Entrevista de Zedequias – Réplica de Jeremias	Jr 21.1-14
Convênio para libertar os escravos	Jr 34.8-10
Levanta-se temporalmente o cerco	Jr 37.5
Os escravos reclamados – Repulsa de Jeremias	Jr 34.11-22
Jeremias arrestado, espancado e encarcerado	Jr 37.11-16
A continuação do cerco	
Entrevista de Zedequias – Jeremias transferido	Jr 37.17-21
Aquisição da propriedade por Jeremias	Jr 32.1-33.26
Jeremias lançado na cisterna	Jr 38.1-6
Ebede-Meleque resgata a Jeremias	Jr 38.7-13
As últimas entrevistas de Zedequias e Jeremias	Jr 38.14-28
Jerusalém conquistada o 19 de julho do 586	Jr 39.1-18
Jerusalém destruída o 15 de agosto do 586	2 Rs 25.8-10

Durante o assédio de dois anos e meio, Jeremias avisa constantemente ao rei que render-se aos babilônicos seria o melhor para ele. Ao longo de todo este período, Zedequias parece frustrado e indeciso entre voltar-se a Jeremias em busca de conselho ou ceder ao grupo de

⁴⁸⁵ Ver Êx 21.2-11 e Dt 15.12-18.

⁴⁸⁶ Os recabitas, assim chamados por Recabe, cujo filho Jonadabe se mostrou ativo em ajudar a Jeú na expulsão de Baal e seu culto no Reino do Norte no 841 a.C. Sua origem provém de Hamate, um queneu dos dias de Moisés. Ver 1 Cr 2.55; Nm 10.29-32; Jz 1.16; 4.11, 17; 1 Sm 15.6; 27.10; 30.29.

⁴⁸⁷ para datar acontecimentos durante este período, ver Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings* pp. 153-166.

pressão pró-assírio para continuar a resistência contra os babilônicos. Em vão espera melhores notícias de Jeremias.

Finalmente, os babilônicos irrompem em Jerusalém. Zedequias foge e consegue chegar até Jericó; porém é capturado e levado ante Nabucodonosor, em Ribla. Após ser obrigado a presenciar a morte de seus filhos e a de numerosos nobres, Zedequias é cegado e levado cativo à terra do exílio. Assim se cumpria a profecia, aparentemente contraditória, de que Zedequias nunca veria a terra à qual era levado cativo⁴⁸⁸.

V. A emigração ao Egito

Estabelecimento em Mispá sob Gedalias
Derramamento de sangue e desunião
Em rota para o Egito
Mensagens de Jeremias no Egito
A promessa a Baruque

Jr 40.1-45.5

Jr 40.1-12
Jr 40.13-41.18
Jr 42.1-43.7
Jr 43.8-44.30
Jr 45.1-5

Jeremias recebe o mais cordial tratamento de mãos dos conquistadores babilônicos.

Ainda que amarrado e levado a Ramá, é deixado em liberdade por Nebuzaradã, o capitão da guarda de Nabucodonosor. Livrado a sua eleição, Jeremias escolhe permanecer com os que ficam na Palestina, incluso ainda quando recebe a certeza de um tratamento favorável se vá para a Babilônia.

Com Jerusalém feita um montão de ruínas fumegantes, os que restam na Palestina se estabelecem em Mispá, provavelmente a atual Nebi Samwil. Situada aproximadamente a uns 16 km ao norte de Jerusalém, a cidade de Mispá se converte na capital da província babilônica de Judá, sob o mando de Gedalias, governador ao serviço de Nabucodonosor.

Espalhadas por todo o território há muitas guerrilhas dispersas pelo exército da Babilônia. no princípio procuram o apoio de Gedalias, porém umas quantas semanas mais tarde, Ismael, um daqueles capitães, é utilizado por Baalis, líder dos beduínos amonitas, num complô para matar a Gedalias. Em poucos dias, Ismael mata brutalmente setenta dos oitenta peregrinos em rota a Jerusalém, procedentes do norte, e força os cidadãos de Mispá sem marchar ao sul, esperando pegá-los em Amom, através do Jordão. A caminho, são resgatados por Joanã em Gabaom, e levados a Quimã, uma estação de caravanas perto de Belém, enquanto Ismael escapava.

Mudanças repentinas encontram os que restam sem lar e totalmente desalentados. Em poucos meses não somente viram Jerusalém reduzida às cinzas, senão que tinham sido desalojados de seu assentamento em Mispá. Em desesperada necessidade de um guia, se voltam a Jeremias.

Ainda que tentam marchar ao Egito por médio dos babilônicos, o povo está com Jeremias para inquirir do Senhor o futuro que lhes aguardava, após um período de dez dias, que põe a prova sua paciência, Jeremias tem uma resposta. devem permanecer na Palestina (42.10). a emigração ao Egito supõe a guerra, a fome e a morte. Com deliberada desobediência e carregando sobre Jeremias o fato de não lhes ter entregado a mensagem completa de Deus, Joanã e seus seguidores levam o restante para o Egito (43.1-7). Ao passo que o povo se move em massa, Jeremias e seu escriba Baruque, sem dúvida carente de alternativa, vão com eles. E em Tafnes, no Egito, Jeremias adverte a seu povo por uma mensagem simbólica, que Deus enviará seu servo Nabucodonosor ao Egito para executar o juízo (43.8-13).

No seguinte capítulo, Jeremias bosqueja os recentes acontecimentos numa mensagem final.

Jerusalém está em ruínas porque os israelitas têm ignorado os avisos de Deus enviados mediante seus profetas. O mal que tem caído sobre eles é justo e reto em vista de sua desobediência. Israel se converteu numa maldição e um escárnio entre todas as nações, porque tem provocado a ira de Deus. Então o povo é apóstata, e assim desafia a Jeremias, cujas palavras são inúteis para movê-los ao arrependimento. Claramente lhe dizem que não obedecerão e afirmam que o mal tem caído sobre eles porque cessaram de adoram a rainha dos céus. As palavras finais de Jeremias como indicam que o juízo de Deus lhes espera e quando chegue, comprovarão que Deus está cumprindo sua palavra.

Embora o capítulo 45 registra um acontecimento que aconteceu por volta de duas décadas depois, neste ponto tem uma particular segurança no livro de Jeremias. pouco depois do primeiro cativo no 605 a.C., Baruque recebeu instruções para pôr por escrito a mensagem de Jeremias.

Evidentemente, Baruque lamenta e se sente desesperado ao antecipar a terrível condenação e juízo que esperam a Judá. Pessoalmente, ele não vê nada na frente que não seja penúria, pobreza, fome, guerra ou desolação. Baruque é admoestado a não procurar grandes

⁴⁸⁸ Ver Ez 12.13; 17.16; Jr 32.4-5; 34.3-5.

coisas, senão a comprovar que a vida em si mesma é um dom de Deus. Deus lhe assegura que sua vida será salva como preço da guerra. Após a destruição de Jerusalém, Baruque está ainda com Jeremias, indicando que Deus tem cumprido sua promessa.

VI. Profecias concernentes a nações e cidades

Jr 46.1-51.64

Egito	Jr 46.1-28
Filistéia	Jr 47.1-7
Moabe	Jr 48.1-47
Amom	Jr 49.1-6
Edom	Jr 49.7-22
Damasco	Jr 49.23-27
Quedar e Hazor	Jr 49.28-33
Elão	Jr 49.34-39
Babilônia	Jr 50.1-51.64

O quarto ano de Jeoiaquim foi um momento crucial na história política de Judá. Na decisiva batalha de Carquemis, os babilônicos desfizeram os egípcios, e assim, subsequentemente, os exércitos triunfantes de Nabucodonosor ocuparam a Palestina. Com o desenvolvimento dos problemas internacionais tão graves para Judá, o profeta Jeremias emite um número de adequadas mensagens datadas no quarto ano de Jeoiaquim. Significativas entre elas figuram as profecias que concernem às nações⁴⁸⁹. Não só Egito sofre a derrota em Carquemis, senão que, por último, Nabucodonosor avança 800 km Nilo acima para castigar Amom em Tebas (46). Por contraste, Israel será tranqüilizado. Filistéia será arruinada por uma invasão procedente do norte (47). A vida nacional de Moabe será destruída bruscamente e sua glória convertida em vergonha. A causa de seu orgulho, não pode escapar à destruição, mas seu retorno do cativeiro, no final, está assegurado (49.1-6). Edom também é condenada. Repentinamente, será reduzida desde sua exaltada posição, de tal forma que os transeuntes assobiarão diante dele (49.7-22). Damasco, Quedar, Hazor e Elão, de igual forma, esperam seu juízo correspondente (49.23-39).

Babilônia recebe a mais extensa consideração nas profecias contra as nações (50.1-51.64). esta, que é a maior e mais poderosa de todas as nações durante as duas últimas décadas da vida nacional de Judá, será humilhada por seu pergunta. O Senhor dos Exércitos enviará os medos contra ela. Ante o Deus Onipotente e grande Criador, a poderosa nação de Babilônia, com seus ídolos, se encara com a destruição. Com essas palavras de denúncia, Jeremias convida a Seraías, um irmão de Baruque, à Babilônia (51.59-64). Após ler esta mensagem de juízo sobre a Babilônia, Seraías amarra o rolo a uma pedra e o lança ao Eufrates. De uma forma similar, Babilônia está condenada à perdição para não voltar a levantar-se jamais.

VII. Apêndice ou conclusão

Jr 52.1-34

Conquista e saqueio de Jerusalém	Jr 52.1-23
Condenação dos oficiais	Jr 52.24-27
Deportações	Jr 52.28-34

Este breve sumário do reinado de Zedequias, a queda de Jerusalém e as deportações, conclui adequadamente o livro de Jeremias. após quarenta anos de pregar, Jeremias é testemunha da mensagem que ele tem proclamado com toda fidelidade. Zedequias e os seus sofrem as conseqüências de sua desobediência. Os vasos sagrados e os ornamentos do templo e seu átrio estão enumerados nos versículos 17-23, como levados à Babilônia antes que o templo fosse destruído, de acordo com as predições de Jeremias. Joaquim, quem se entrega, recebe generosa acolhida e tratamento, e finalmente é deixado em liberdade no final do reinado de Nabucodonosor.

Lamentações

O tema do livro das Lamentações é a destruição e a desolação que caem sobre Jerusalém no 586 a.C. É reconhecido que é justo Deus castigar sua nação escolhida pela sua desobediência. Já que Deus é fiel, existe a esperança na confissão do pecado e uma implícita fé nEle.

Descritivas do conteúdo deste livro são as palavras hebraicas "*qinoth*" ou "*dirges*", no Talmude, a palavra grega "*threnoi*" ou "*eltígies*" na Septuaginta, e "*threni*" ou "*lamentações*" nas versões latinas. Os judeus lêem este livro no dia nono de Ab, em comemoração da

⁴⁸⁹ Leslie, *op. cit.*, p. 161, sugere que a lenda em 46.1 data a seção inteira 40 no ano 605.

destruição de Jerusalém. Os anciãos rabinos atribuem este livro a Jeremias, agrupando-o com o Ketubim, ou cinco rolos, que eram lidos em várias cerimônias públicas.

Num arranjo, os primeiros quatro capítulos são acrósticos alfabéticos. Cada capítulo tem 22 versículos ou um múltiplo desse número. As 22 letras do alfabeto hebraico estão utilizadas com êxito para que cada versículo comece em 1 e 2. Os capítulos 3 e 4 designam três e dois versículos respectivamente a cada letra hebraica. Embora o capítulo 5 tem 22 versículos, não representam nenhum acróstico alfabético. Esta pauta alfabética, também utilizada em numerosos Salmos, escapa ao leitor de versões.

O livro das Lamentações foi atribuído a Jeremias até poucos séculos atrás ⁴⁹⁰. O talmude, a Septuaginta, os pais da igreja antiga e os líderes religiosos do século XVIII também consideram que o profeta foi o autor. Desde então, numerosas sugestões vinculam as Lamentações a vários autores desconhecidos e não identificados durante os séculos VI e III a.C. ⁴⁹¹ A mais razoável e natural interpretação sugere que este livro expressa os sentimentos e as reações de uma testemunha ocular. Entre estes conhecidos procedentes de tal período, Jeremias parece ser o melhor qualificado. Por quatro décadas ele havia profetizado a destruição de Jerusalém.

Atravessando a cidade em seu caminho rumo ao Egito, deve ter dirigido um último olhar às ruínas de sua amada cidade, que por quatro séculos tinha representado a glória e o orgulho de sua nação, Israel. Quem poderia ter disposto de melhores elementos para escrever as Lamentações que o profeta Jeremias?

O livro das Lamentações pode ser subdividido na seguinte forma:

I. Passado e presente de Jerusalém	Jr 1.1-22
Condições desoladoras	Jr 1.1-6
Memórias do passado	Jr 1.7-11
O sofrimento enviado por Deus	Jr 1.12-17
A justiça de Deus reconhecida	Jr 1.18-22
II. As relações de Deus com Sião	Jr 2.1-22
A ira de Deus ao descoberto	Jr 2.1-10
A busca da tranqüilidade	Jr 2.11-22
III. Se analisa o sofrimento	Jr 3.1-66
A realidade do sofrimento	Jr 3.1-18
A fé de Deus para o contrito	Jr 3.19-30
Deus é o autor do bem e do mal	Jr 3.31-39
A única esperança está em Deus	Jr 3.40-66
IV. O pecado é a base do sofrimento	Jr 4.1-22
A parte do sofrimento que se deve suportar	Jr 4.1-12
O cargo do derramamento de sangue inocente	Jr 4.13-22
V. A oração do que sofre	Jr 5.1-22
Confissão do pecado	Jr 5.1-18
A apelação final	Jr 5.19-22

De forma realista, o autor vê a Jerusalém em ruínas. Uma vez foi como uma princesa, agora está reduzida à vassalagem. Em contraste com sua passada glória, ela está então num estado de sofrimento e desespero. Aqueles que a vêem ao passar não podem conceber sua tristeza. Não há ninguém que a console.

A ira de Deus se mostrou em Sião (2). O Senhor terminou com a lei e todas as observâncias religiosas, tem suprimido os sacerdotes, profetas e reis, e tem permitido que o inimigo aniquile seus palácios e seu santuário. Exposta a que assobiem ao vê-la, e à zombaria dos inimigos que a rodeiam, lamurientemente procura consolo.

O sofrimento é uma amarga realidade. O próprio Jeremias pôde ter experimentado tal tratamento a mãos de seu próprio povo, como está descrito em 3.1-18. a glória de Jerusalém tem desaparecido; não há esperança para ela, aparte de uma divina intervenção. Para aqueles que buscam a Deus —os contritos—, o sofrimento está suavizado pelas misericórdias eternas do Todo Poderoso. Como autor do bem e do mal, Deus leva o juízo sobre os malvados (versículos 19-39). Pela confissão do pecado e a fé nEle, existe a esperança de que Ele os vingará (versículos 40-66).

⁴⁹⁰ Em 1712, Herman von der Hardt, numa publicação em Helmstaedt, atribui os cinco capítulos das Lamentações a Daniel, Sadraque, Mesaque, Abedenego e Joaquim. Ver Laetsh, *op. cit.*, p. 375.

⁴⁹¹ Para discussões representativas de não ser Jeremias o autor das Lamentações, ver R. H. Pfeiffer, *Introduction to the Old Testament*, pp. 722-723.

O destino de Sião parece ser pior que o de Sodoma. A brusca destruição aparece como preferível a um contínuo sofrimento pelo pecado. Conduzida por falsos profetas e sacerdotes, Jerusalém tem derramado o sangue inocente dos justos. Conseqüentemente, ela tem sido submetida a sua presente situação, enquanto se aguardam dias melhores (4.22).

O capítulo final expressa uma oração para a misericórdia de Deus. o autor descreve vividamente o apuro do povo de Deus como exilados em terras estranhas. Poderá o Senhor esquecer a seu povo? Sião está em ruínas e Israel parece estar abandonada. Com o coração dolorido e esmagado pela dor, o autor faz sua angustiada chamada ao Deus que reina para sempre, implorando-lhe que restaure os seus. Na confissão do pecado e uma implícita fé em Deus descansa a apelação final para a restauração.

● CAPÍTULO 20: EZEQUIEL, A ATALAIA DE ISRAEL

Ezequiel esteve profundamente implicado nos problemas de sua geração.

Começando seu ministério como profeta na véspera da capitulação de Judá, seis anos antes da destruição de Jerusalém, não pôde escapar ao desastre nacional. Esteve também vivendo com a aguda consciência da gravidade da situação de sua nação, conforme se aproximava a crise do terrível juízo de Deus. Sua mensagem é específica, pertinente, e se concentrou nas circunstâncias com as que tiveram de enfrentar-se seus concidadãos no exílio. Quando a destruição de Jerusalém virou história, voltou sua atenção às futuras esperanças de Israel como nação.

ESQUEMA 8: TEMPOS DE EZEQUIEL

621	Nascimento de Ezequiel. Reformas de Josias – Ministério de Jeremias
612	Queda de Nínive.
609	Morte de Josias. Joacaz governa três meses – Jeoiaquim é rei
605	Batalha de Carquemis. Reféns tomados de Jerusalém vão à Babilônia.
601	Batalha egípcio-babilônica nas fronteiras do Egito.
598	Jeoiaquim se rebela contra a Babilônia.
597	Joaquim e umas 10.000 pessoas, incluído Ezequiel, feitos cativos.
594	Embaixada enviada por Zedequias à Babilônia (Jr 29.3) Zedequias aparece em Babilônia (Jr 51.59)
593	Chamamento de Ezequiel 1.1 y 3.16.
592	Tabuinha designando rações para Joaquim. Os anciãos conferenciam com Ezequiel - Ez 8.1-11.25.
591	Os ancião conferenciam com Ezequiel - Ez 20.1
588	O cerco a Jerusalém começa em janeiro - Ez 24.1.
587	Profecias de Ezequiel - Ez 29.1, 30.20; 31.1.
586	Os babilônicos entram em Jerusalém – Zedequias foge – 19 de julho O templo é incendiado – 15 de agosto Profecia contra Tiro - Ez 26.1
585	Chegam os fugitivos – 8 de janeiro - Ez 33.21 Lamentação sobre Egito - Ez 32.1 y 17
573	Visão de Ezequiel - Ez 40.1.
571	A última profecia datada de Ezequiel - Ez 29.17.
561	Joaquim liberado da prisão – 26 de março do 561 a.C. – 2 Rs 25.27 (de acordo com Thiele, um cálculo de Nisã a Nisã é utilizado em Ezequiel, enquanto Reis utiliza Tishri a Tishri; o primeiro começa em abril e o segundo, em outubro).

UM PROFETA ENTRE OS EXILADOS

Na época do nascimento de Ezequiel (622-21 a.C.)⁴⁹², Jerusalém estava em movimento com a maior celebração da Páscoa em séculos, conforme o reinado de Josias respondia temporalmente a suas reformas de âmbito nacional. Não só as esperanças religiosas prevaleceram de forma otimista, senão que a decadente influência da dominação assíria na

⁴⁹² Para um recente estudo sobre a data de Ezequiel, ver Carl Gordon Howie *The Date and Composition of Ezequiel*, Journal of Biblical Literature Monograph Series, Vol. IV, (Filadélfia 1930). De acordo com o capítulo 2, "The Date of the Prophecy" pp. 27-46, o ministério de Ezequiel desde o 593 (1.2) até o 571 a.C. (29.17), sobre a base dos fatos e da tradição.

Palestina deu lugar ao ressurgir de projetos mais brilhantes no aspecto político. Assurnasirpal, cujo reinado como governante da Assíria acabou no 630 a.C., não fora sucedido por reis suficientemente poderosos como para resistirem os agressores medos e os avanços dos babilônicos. As notícias da queda de Nínive no 612, sem dúvida, aliviaram a Judá dos temores de que os exércitos assírios se propusessem novamente ameaçar sua independência.

Com as atividades religiosas florescendo no templo, com o apoio real, Ezequiel, um membro da família sacerdotal, deve ter desfrutado de agradáveis relações com o devoto povo de Judá. Seu lar deve ter estado situada na muralha oriental de Jerusalém, de tal forma que os átrios exteriores foram seu campo de jogo e os recintos adjuntos ao templo foram as salas de aula para seu treinamento formal e sua educação ⁴⁹³. Aqueles anos juvenis sob a sombra de Salomão no templo o familiarizaram com todos os detalhes do magnífico edifício, assim como com a diária ministração ritual. Além disso, Ezequiel pôde muito bem ter assistido a seu pai e a outros sacerdotes durante os anos de sua adolescência. Em conseqüência, quando foi levado à Babilônia, deve ter conservado vívidas lembranças do templo e do que significou na vida do povo.

Apesar de que Ezequiel, como um menino de 9 anos, pôde não ter sido impressionado com as notícias da queda de Nínive, os acontecimentos que se seguiram não puderam evitar causá-lhe uma indelével impressão em seus anos de formação juvenil. Após a subida partida de Josias e seu exército rumo a Megido, para que o avanço egípcio ao norte fosse bloqueado, e ajudar assim os assírios que se retiravam, Josias é morto (609 a.C.). Todos os cidadãos de Jerusalém devem ter ficado surpresos diante de tão drásticas mudanças. O funeral de Josias, a coroação de Joacaz, o subsequente cativo deste último e a coroação de Jeoiaquim como um vassalo egípcio sobre o trono de Davi, tudo isso aconteceu em apenas três meses. O mais perturbador de tudo devem ter sido as notícias da decisiva batalha de Carquemis no 605, conforme os babilônicos levaram vantagem de sua vitória para perseguirem os egípcios em retirada sob o mando de Neco, até as fronteiras do Egito. Talvez Ezequiel, como um jovem de dezesseis ou dezessete anos, se considerasse afortunado por ter escapado, sendo incluído com Daniel e outros que foram tomados como reféns para a Babilônia no 605 a.C.

Embora ele nunca menciona ou se refere a Jeremias, é pouco provável que não soubesse da mensagem deste profeta que era tão bem conhecido em Jerusalém. Seguramente Ezequiel deve ter sido testemunha da reação da massa no sermão de Jeremias no templo (Jr 26), quando os príncipes recusaram permitir a execução de Jeremias pelo povo e seus líderes religiosos. Talvez ficasse confuso pelo fato de que Jeoiaquim pudesse ter derramado o sangue de Urias, o profeta, e ter queimado com tanta decisão o rolo de Jeremias, sem ter sido submetido a um imediato juízo.

Quando Ezequiel estava na faixa de seus vinte anos, os cidadãos de Jerusalém estavam perturbados pela política estrangeira de Jeoiaquim. No 605, quando os egípcios se retiraram a suas fronteiras, Jeoiaquim se converteu num vassalo de Nabucodonosor, ao tempo que este tomava reféns para serem levados ao exílio ⁴⁹⁴. No ano seguinte, Jeoiaquim e outros reis reconheceram a Nabucodonosor como soberano, ao tempo que os exércitos babilônicos marchavam sem encontrar resistência por toda a Sírio-Palestina. Após três anos de sobrevivência, Jeoiaquim se rebelou e Nabucodonosor retornou à Palestina no 601 ⁴⁹⁵. Aparentemente, Jeoiaquim resolveu seu problema mediante a diplomacia e continuou como governante no trono davídico, enquanto os babilônicos e egípcios se comprometiam numa batalha decisiva. Vacilando em sua lealdade, Jeoiaquim, afinal, precipitou o advento de graves problemas. Talvez tivesse esperanças de que o Egito o salvaria quando se rebelasse mais uma vez.

Antes que as forças mais importantes da Babilônia chegassem, porém, a morte de Jeoiaquim levou a Joaquim ao trono. Quando os babilônicos sitiaram Jerusalém, a cidade foi salva da destruição pela rendição de Joaquim. Aproximadamente 10.000 dos cidadãos mais destacados de Judá acompanharam seu jovem rei à terra do exílio.

Desta vez, Ezequiel não estava presente meramente para observar o que acontecia aos outros. O exílio se converteu em parte de sua pessoal experiência. Na idade de 25 anos, foi repentinamente transferido de Jerusalém e do templo, que era seu centro de interesse como sacerdote, ao campo dos exilados junto das águas da Babilônia. embora o templo não fora destruído, muitos de seus vasos sagrados foram destroçados pela rudeza e barbárie dos

⁴⁹³ Ver Stephen L. Caiger, "Lives of the Prophets", p. 223.

⁴⁹⁴ Para discussão destes acontecimentos, ver Dr. J. Wiseman, *Chronicles of Chaldean Kings*, pp. 23-32, e sua tradução da tabuinha B. M. 21946, pp. 67-74. Ver também Dn 1.1.

⁴⁹⁵ Ver 2 Rs 24.1.

invasores, que os tomaram como botim de guerra, e utilizaram depois em seus templos pagãos ⁴⁹⁶.

Neste novo entorno, Ezequiel e seus companheiros de cativo se estabeleceram em Tel-Abibe, nas margens do rio Quebar, não longe da Babilônia. aos exilados foram entregues parcelas de terra, e aparentemente viveram sob certas favoráveis condições. Foi-lhes permitida a organização das questões civis e religiosas, de tal forma que os anciãos estivessem em condições de achar a tranquilidade e, no passar do tempo, desenvolver interesses comerciais.

Assim, os exilados tiveram uma considerável liberdade e oportunidades para estabelecer um respeitável nível de vida ⁴⁹⁷. Ao que parece, o pior de tudo seu cativo, foi o fato de que não pudessem voltar à Palestina. Embora aquilo era uma impossibilidade política, conforme Nabucodonosor incrementava seu poder e domínio, eles permaneciam otimistas. Os falsos profetas entre os exilados asseguravam ao povo um rápido retorno a sua terra nativa ⁴⁹⁸. Informes de Jerusalém, onde Hananias prediz que o jugo babilônico será destruído em dois anos (Jr 28.1ss), alentam os exilados com a esperança de um rápido retorno ao lar pátrio. Quando Jeremias avisa por carta que deverão se estabelecer e permanecer setenta anos no cativo, os falsos profetas se fizeram mais ativos (Jr 29). Semaías escreve a Jerusalém carregando a Jeremias com a responsabilidade de seu cativo, e pedindo que o coloquem no cepo. Numa carta pública aos exilados, Jeremias, por sua vez, identifica a Semaías com um falso profeta. Aparentemente, a atividade do falso profeta e de outros iguais a ele chegou a ser tão grave que dois de seus líderes foram executados.

No quarto ano de seu reinado (594 a.C.), Zedequias faz uma viagem a Babilônia. Tanto se lhe foi permitido aos exilados se agruparem na Babilônia para verem Zedequias conduzindo um carro como se não, é coisa duvidosa, já que além de sua excitação, a aparição de Zedequias em pessoa levantou as esperanças para um breve retorno. Mais verossímil é que tivessem afogado seus propósitos de libertação, e se tiver imposto a predição de Jeremias, de que Jerusalém seria destruída durante o curso de suas vidas.

No ano seguinte, Ezequiel recebe o chamamento ao ministério profético. Não se indica até que ponto ele partilhou as falsas esperanças de seus companheiros de exílio. É comissionado para ser como uma atalaia de seus camaradas do exílio. Sua mensagem é essencialmente a mesma que Jeremias tinha proclamado com tanta insistência; isto é, a destruição de Jerusalém. Em oposição aos falsos profetas, Ezequiel é chamado para advertir ao povo que sua bem amada cidade será destruída. Não poderão voltar a seu país Natal num futuro próximo.

Em sua apresentação, Ezequiel é um mestre da alegoria. O simbolismo, as experiências pessoais dramatizadas e as visões, estão mais intimamente entremeados em sua vida e seu ensino que em qualquer outro profeta dos tempos do Antigo Testamento. Desde o tempo de seu chamamento, no 593, até as notícias da destruição de Jerusalém, ele está informado, e Ezequiel dirige seus esforços ao convencimento do povo de que Jerusalém está esperando o juízo de Deus. em vista das condições do pecado e da idolatria que prevalecem na terra de Judá, é razoável esperar a queda de Jerusalém. Em seu ministério público, assim como em sua resposta à demanda feita pela delegação de anciãos, Ezequiel afirma valentemente que Jerusalém não pode fugir ao dia da retribuição que se aproxima.

Os projetos da restauração constituem o tema de sua nova mensagem. Com a destruição de Jerusalém e do templo como fato real, os exilados talvez foram condicionados a ouvirem a mensagem da esperança. Se conhece pouco a respeito dos anos subseqüentes ao exílio de Ezequiel.

A última referência datada em seu livro estende seu ministério até o ano 571 a.C. (29.17).

Aparte do fato de saber que foi casado, não se conhece nada tampouco com relação a sua família. Já que tinha trinta anos no momento de seu chamamento, não pôde ter vivido para ver a queda da Babilônia e o retorno dos exilados, sob o reinado de Ciro, rei da Pérsia.

O livro de Ezequiel

Desde um ponto de vista literário, o livro de Ezequiel ressalta em distinção com Ageu e Zacarias como os melhores datados entre os livros proféticos ⁴⁹⁹. Os dados do livro e suas datas ao longo de todo o escrito estão cronologicamente em ordem, com a exceção de 29.17;

⁴⁹⁶ ver Dn 5.1-4.

⁴⁹⁷ Ver C. R. Whitney *The Exile Age* (Londres, 1957). Também ver os precedentes capítulos sobre Esdras, Neemias e Ester neste volume.

⁴⁹⁸ Comparar Jr 29.21 e Ez 13.3,16. Após a queda de Jerusalém, Ezequiel volta sua atenção às esperanças para o futuro.

⁴⁹⁹ Howie, *op. cit.*, p. 46, reconhece as datas individuais por todo o livro como corretas, embora nem todos os materiais dados entre duas datas tenham, necessariamente de pertencerem a ele, cronologicamente.

e 17. Isto acontece nas profecias contra as nações datadas no 589 e 571, respectivamente. O resto das datas está em cronológica seqüência, desde o 593 a.C., em 1.1, até o 585 a.C. em 33.21, quando as notícias de Jerusalém e seu destino trágico chegam a ele. A data final está anotada em 40.1, situando a visão do estado restaurado de Israel para o ano 573 a.C.

O livro de Ezequiel está logicamente dividido em três partes principais. Os capítulos 1-24 descrevem a condenação pendente de Jerusalém. A seção imediata (25-32) está dedicada às profecias contra as nações estrangeiras. Os restantes capítulos (33-48) marcam uma mudança completa na ênfase, já que a crise antecipada na primeira seção aconteceu com a destruição de Jerusalém. O novo tema é o avivamento e a restauração dos israelitas em sua própria terra. Para uma análise mais detalhada deste livro, pode ser usada a seguinte subdivisão:

I. O chamamento e a comissão de Ezequiel	Ez 1.1-3.21
II. A condenação de Jerusalém	Ez 3.22-7.27
III. O templo abandonado por Deus	Ez 8.1-11.25
IV. Os líderes condenados	Ez 12.1-15.8
V. Condenação do povo escolhido de Deus	Ez 16.1-19.14
VI. A última medida completa	Ez 1-24.27
VII. Nações estrangeiras	Ez 1-32.32
VIII. Esperanças para a restauração	Ez 33.1-39.29
IX. O estado restaurado	Ez 40.1-48.35

O conteúdo deste livro, tal e como está considerado aqui, é estimado como a composição literária de Ezequiel ⁵⁰⁰. O estabelecimento para seu ministério na Babilônia entre seus concidadãos está ali. Embora Jerusalém seja o ponto focal da discussão em 1-24, o contexto não requer que o autor esteja na Palestina, após o chamamento de Ezequiel ao ministério profético ⁵⁰¹. É significativo levar em conta que ele discute o destino de Jerusalém com os exilados, e em nenhum momento indica que se esteja dirigindo aos residentes em Jerusalém em pessoa, como fez o profeta Jeremias.

I. O chamamento e a comissão de Ezequiel	Ez 1.1-3.21
Introdução	Ez 1.1-3
Visão da glória de Deus	Ez 1.3-28
A atalaia de Israel	Ez 2.1-3.21

A data é no 593 a.C. Em seu quinto ano na Babilônia, os cativos não têm mais brilhantes perspectivas de um breve regresso à pátria. Estão confusos e desassossegados ao ouvirem os falsos profetas contrapor-se às advertências de Jeremias. A execução de dois falsos profetas, Acabe e Zedequias, por Nabucodonosor, evidentemente não escureceu suas esperanças de retornar a Jerusalém num futuro próximo. Em meio a sua confusão, Ezequiel é chamado para seu ministério profético.

O chamamento de Ezequiel é do mais impressionante. Comparado com a visão de Isaias e a simples comunicação a Jeremias, a chamada de Ezequiel ao serviço profético pode ser descrita como fantástica. Tem lugar junto ao rio Quebar, nas redondezas da Babilônia. Não há nenhum templo à vista com o qual pudesse ter associado a presença de Deus. É grande a distância entre ele e Jerusalém, de tal forma que ele apenas se tem lembranças do santuário onde Deus tinha manifestado sua presença nos dias de Salomão. Se Babilônia estava à vista, Ezequiel poderia ter visto os grandes templos de Merodaque e outros deuses babilônicos, que já tinham sido reconhecidos pelo triunfante conquistador Nabucodonosor. E ali, naquele entorno pagão, Ezequiel recebe um chamamento para ser o porta-voz de Deus.

Ezequiel é ciente da presença de Deus mediante uma visão (1.4-28).

Inicialmente sua atenção fica presa numa grande nuvem brilhante com fogo. Quatro criaturas elaboradamente descritas aparecem, indo de um lado ao outro como o relâmpago numa tempestade. Essas criaturas parecem ter características tanto naturais como sobrenaturais.

Intimamente relacionadas com cada criatura, há uma roda que se move em todo momento. Com o espírito das criaturas nas rodas, a conduta é espetacular mas ordenada. Por meio de asas para cada criatura, se deslocam sob o firmamento. Ezequiel também vê um trono sobre o

⁵⁰⁰ Para um sumário de várias teorias do autor, ver Whitley, *op. cit.*, pp. 82 e ss.

⁵⁰¹ Ver Howie, *op. cit.*, capítulo I, "The Residence of Ezequiel", pp. 5-26, para uma das variadas teorias sobre o lugar do ministério de Ezequiel. Howie conclui que o ministério de Ezequiel se produziu na Babilônia. Whitley, *op. cit.*, pp. 54 e ss., não aceita esta opinião tradicional.

qual está sentada uma pessoa que tem um parecido com um ser humano, com sua forma rodeada pelo brilho de um arco-íris. Sem explicar ou interpretar todas essas coisas, Ezequiel diz que todas essas manifestações, em aparência, têm parecido com a glória de Deus. ali, num país pagão, longe do templo de Jerusalém, Ezequiel toma consciência da presença de Deus ⁵⁰², embora ele caia prostrado diante daquela divina manifestação, Deus lhe ordena que se levante, ao tempo que o Espírito o enche e o capacita para obedecer. Dirigindo-se a ele como "filho do homem", ele é comissionado para ser um mensageiro para seu próprio povo que é desobediente, teimoso e rebelde ⁵⁰³. A mensagem lhe é entregue em forma simbólica. É-lhe ordenado comer um rolo de lamentações, angústias e dores que em sua boca se troca na doçura do mel.

Avisado por antecipado que o povo não o ouvirá, nem aceitará sua mensagem, é-lhe ordenado que não os tema. ao desaparecer a glória de Deus, o Espírito faz ciente a Ezequiel da realidade literal de que se encontra entre os exilados de Tel-Abibe, perto do rio Quebar. Pasmado por tudo o que tem visto, fica reflexionando sobre todas aquelas coisas, durante sete dias.

Após uma semana de silêncio, Ezequiel é comissionado para ser como uma atalaia para a casa de Israel (3.16-21). Vivendo entre seu povo, fica ciente de sua própria responsabilidade para o que deve adverti-lhes. Se eles perecem apesar de seu aviso, ele não será culpado. Contudo, se falhar em adverti-los e eles perecerem, ele será carregado com o peso do sangue derramado. Sendo um guardião fiel, trata-se de uma questão de vida ou morte.

II. A condenação de Jerusalém

A destruição descrita

A idolatria traz juízo

Ez 3.22-7.27

Ez 3.22-5.17

Ez 6.1-7.27

Mediante uma simbólica ação, Ezequiel não só chama a atenção dos exilados, senão que vividamente descreve o destino que pende sobre Jerusalém. Sob estritas ordens de ser surdo e falar somente a seu auditório como o Senhor o ordenou, Ezequiel grava um bosquejo de Jerusalém num tijolo de argila. Colocando os elementos precisos de guerra em sua volta, o profeta demonstra o futuro imediato da cidade, tão bem conhecida e tão amada pelos que escutam. Eles não necessitam de uma explicação verbal, já que estão totalmente familiarizados com cada rua da cidade da qual foram tão recentemente tirados pelos conquistadores babilônicos.

Por um período de 390 dias, Ezequiel jaz sobre seu lado esquerdo, representando assim o castigo de Israel, o Reino do Norte. Por outros 40, jaz sobre o lado direito, sanguinário o juízo que aguarda a Judá, o Reino do Sul. Durante este tempo, as rações prescritas para Ezequiel, normal às consideradas num assédio, ficam limitadas a um subministro de umas 340 gramas de pão e menos de um litro de água. Para cozer seu pão, Ezequiel recebe instruções de utilizar excrementos humanos como combustível, descrevendo desta forma a imundícia de Israel. Isto resulta tão aborrecível para Ezequiel, que Deus lhe permite que o substitua por excrementos de vaca. Uma razoável interpretação sugere que o profeta dorme normalmente cada noite, porém durante o dia representa o fado de Jerusalém, ao jazer de lado. Recusa comprometer-se em conversações ordinárias e fala somente como dirigido por Deus. Sem dúvida, pela pauta de sua conduta, a totalidade da comunidade de exilados vá de quando em vez à casa de Ezequiel para verem por si mesmos o que o profeta está demonstrando ⁵⁰⁴.

No final deste período (5.1ss), quando a peculiar conduta de Ezequiel é conhecida por toda a colônia de exilados, o povo deve ter ficado surpreendido ao vê-lo rapar sua cabeça e sua barba, dividindo cuidadosamente seus cabelos em três partes iguais, pesando-as. Ao queimar um terço, cortar outro em pedaços pequeníssimos com a espada, e espalhar o último terço ao vento, Ezequiel, de forma realística, demonstra a enuncia o que Deus fará com Jerusalém em Seu juízo.

⁵⁰² A presença de Deus com seu povo estava vividamente manifestada em Israel sempre, desde a sua libertação do Egito. Ver Êx 14.19, 20, 24; Nm 10.11-12, 34, etc. Quando Salomão dedicou o templo, a visível presença de Deus numa nuvem foi identificada como a glória de Deus. ver 2 Cr 5.14 e 7.3. Já que Ezequiel era um sacerdote, pôde tê-lo surpreendido achar estas manifestações em um entorno pagão, tão longe do templo.

⁵⁰³ Esta designação está exclusivamente utilizada por Ezequiel no Antigo Testamento, com exceção de Dn 7.13. Isto aumenta a ênfase de que na presença de Deus, o profeta é humano e meramente um "filho do homem".

⁵⁰⁴ Ver H. L. Ellison, *Ezekiel: The Man and His Message* (Grand Rapids: Eerdmans, pp. 31-35, para uma lógica interpretação. Em vista que os dados apresentados em 1.1 e 8.1,5 permitem um intervalo de 413 dias, parece razoável assumir que os últimos 40 dias do ano dos 390 para Israel e os 40 dias para Judá foram coincidentes, já que ambos são partilhados no exílio. Para Israel, os 390 dias se estenderiam desde a divisão no 391 até aproximadamente o 539 a.C., quando caiu a Babilônia. A LXX lê 190 em vez de 390 em 4.5,9.

Um terço de sua população morrerá de fome e de peste, outro terço cairá pela espada, e o terço restante será espalhado pelo vento. Deus não terá compaixão deles. Os cargos contra eles são que têm escarnecido do santuário de Deus com abominações e coisas detestáveis (5.11).

Os detalhes do juízo pendente estão claramente delineados em 6-7. Por onde quer que os israelitas tenham rendido culto aos ídolos, as vítimas da fome e da peste, e às da espada, jazarão espalhadas por toda a terra. Os corpos mortos diante de seus altares serão o silencioso testemunho de que os deuses que adoraram não poderão salvá-los. Para reforçar a ênfase, Ezequiel recebe a ordem de chutar no chão e bater palmas. Por este severo juízo, Deus fará que o reconheçam como ao Senhor ⁵⁰⁵. A terrível destruição está próxima. A sentença de Deus em todos seus temíveis aspectos, está a ponto de ser executada sobre Judá e Jerusalém. A injustiça, a violência, o orgulho estão sujeito à ira de Deus. O assunto está terminado. Ninguém responde aos sons da trombeta que chama a guerra. A espada os rodeia, enquanto que a fome prevalece dentro da capital. Deus está voltando seu rosto para que possam profanar seu santuário e permite que todos os ladrões façam sua rapina. Por causa de seus crimes sangrentos, Ele traz o pior das nações contra eles. Os profetas, anciãos, sacerdotes e o rei, todos fracassarão ao tempo que o desastre vira uma realidade em Judá. O Todo Poderoso está realmente julgando-os sobre a base de seus terríveis pecados.

III. O templo abandonado por Deus

O lugar da visão

A idolatria em Jerusalém

O juízo executado

A misericórdia de Deus no juízo

Ez 8.1-11.25

Ez 8.1-4

Ez 8.5-18

Ez 9.1-10.22

Ez 11.1-25

No tempo de catorze meses, o espetacular ministério de Ezequiel faz ressurgir o interesse popular e a reação entre os exilados. O oportuno tema do fado de Jerusalém é de preocupação corriqueira para um povo que tem um interesse e um intenso desejo de voltar a seu país Natal à primeira e mais rápida oportunidade. Têm a noção de que Deus não destruirá seu povo, que é o custódio da lei, nem seu templo, que representa sua glória e presença com eles (Jr 7-12). A seu devido tempo (592 a.C.), uma delegação de anciãos chega a conferenciar com o profeta. Com os ancião aparentemente esperando diante dele, Ezequiel tem uma visão das condições e dos acontecimentos que sobrevirão no templo (8.1-11.25). Ele relata esta mensagem como está indicado na declaração conclusiva da passagem ⁵⁰⁶. Qual é a análise das condições em Jerusalém desde o ponto de vista de Deus, segundo está revelado por Ezequiel? As condições religiosas são um distante grito da conformidade à lei e aos princípios de Deus. embora a glória do Senhor está ainda em Jerusalém, Ezequiel vê quatro horríveis cenas de práticas idolátricas nas sombras do templo. Uma razoável interpretação é reconhecer com Keil que nem todas essas práticas prevaleceram realmente no próprio templo, senão que a visão representa as condições idolátricas existentes por todo Judá ⁵⁰⁷. Mais conspícua é a imagem do ciúme. Talvez isto seja uma representação feita pelo homem do Deus de Israel, uma explícita violação do primeiro mandamento. Seja qual for seu significado, a imagem do ciúme é uma temível provocação ao santo Deus de Israel ⁵⁰⁸. Como representantes de Israel, os setenta anciãos adoram os ídolos no templo. Aparentemente eles têm concepções humanísticas de um Deus onisciente. Na entrada da porta norte do templo, as mulheres estão chorando por Tamuz, o Deus da vegetação que morreu no verão e voltou à vida ao chegar a estação das chuvas ⁵⁰⁹. No átrio ulterior, entre o pórtico e o altar, vinte e cinco homens estão de face ao leste, adorando o sol, coisa que estava explicitamente proibida (Dt 4.19;17.3) ⁵¹⁰. Essa provocação é a causa de que Deus deixa livre sua ira em seu juízo. Os culpados estão advertidos. A glória de Deus se desloca desde o querubim até o umbral do templo. A misericórdia, porém, precede o juízo,

⁵⁰⁵ A expressão "E saberão que eu sou o Senhor" se dá nesta simples forma 54 vezes, e em variações, outras 18 vezes mais. Deus se dá a conhecer a si mesmo em graça ou em juízo, para que eles comprovem que Deus estava agindo. Para discussão deste tema, ver Ellison, *op. cit.*, pp. 37-39.

⁵⁰⁶ Ellison, *op. cit.*, p. 40, sugere que Ezequiel falou intermitentemente aos anciãos que tinha diante dele.

⁵⁰⁷ Ver C. F. Keil, *Commentary on Ezekiel*, em referência a 8.1-4.

⁵⁰⁸ De acordo com G. E. Wright, *The Old Testament against its Environment*, pp. 24 e ss., nenhuma imagem de jovem tem sido jamais achada pelos arqueólogos.

⁵⁰⁹ Para uma maior descrição, ver G. A. Cooke, *Ezekiel I*, pp. 96-97. Isto representa um antigo rito religioso que procede de aproximadamente o ano 3000 a.C. Na Babilônia, a forma popular este mito foi comum durante a época do Antigo Testamento e nos tempos de Canã até a Babilônia..

⁵¹⁰ A posição destes homens parece justificar a inferência de que eles representam o sacerdócio. Ellison, *op. cit.*, p. 43, e outros, identificam isto com o culto de Shamash, o Deus sol da Babilônia, carregando a esses vinte e cinco líderes o fato de que os deuses da Babilônia estavam derrotando a jovem, Deus de Israel.

conforme um homem vestido com ornamentos de linho marca a todos os indivíduos que deploram a idolatria no templo. Começando pelos anciãos do templo, os seis executores vão por toda Jerusalém matando a todos aqueles que não têm a marca sobre a testa. Comovido pela dor, Ezequiel apela a Deus em sua misericórdia, porém é-lhe lembrado que Jerusalém está cheia com sangue e injustiça. Este é o tempo da ira —Deus tem esquecido o país.

Quando o homem vestido de linho informa que tem identificado e marcado a todos os justos por toda a cidade, Ezequiel vê a manifestação da glória de Deus que tinha visto no momento de seu chamamento. Nesta aparição, as criaturas viventes na parte sul do templo são identificadas como querubins. O homem vestido de linho recebe então o divino mandado de ir e colocar-se entre as rodas que giram e o querubim, para obter brasas ardentes e espalhá-las sobre a cidade de Jerusalém. A divina glória se transfere então desde o átrio até a porta oriental do templo.

Ezequiel é levado pelo Espírito à porta oriental, onde vinte e cinco homens responsáveis pelo bem-estar de Jerusalém estão reunidos (11.1-13). Sob a liderança de Jaazaniaz e Pelatias, dois príncipes cuja identidade é incerta, aqueles homens interpretam erroneamente as advertências e ficam comprazidos na esperança de que Jerusalém os protegerá dos juízos de Deus ⁵¹¹. A falácia disto é evidente para Ezequiel, com a morte de Pelatias.

Jerusalém não será um caldeiro para protegê-los da condenação pendente, eles serão julgados nos limites de Israel. O povo de Deus tem desobedecido a seus mandamentos e conformado sua conduta seguindo a pauta das nações circundantes.

Esmagado pela dor, Ezequiel cai sobre seu rosto diante de Deus, implorando-lhe que salve os que restam. Em réplica, é-lhe assegurado que Deus, que tem espalhado seu povo, o voltará a reunir, trazendo-os de novo ao lar pátrio. Na terra do exílio, Deus será um santuário para eles. Quando sejam trazidos de volta à terra de Israel, Ele transmitirá um novo espírito sobre eles e um novo coração, condicionando-os para a obediência.

Em conclusão, Ezequiel vê nesta visão a partida da presença de Deus. A glória de Deus que pairou sobre Jerusalém, agora se dirige à montanha oriental da cidade. Jerusalém, com seu templo, é abandonada para o juízo. A destruição que pende sobre ela é somente uma questão de tempo.

A visão (8.11) revela a Ezequiel as condições em Jerusalém como vistas por Deus.

Como um antigo cidadão de Jerusalém, Ezequiel estava familiarizado com a prevalecente idolatria, porém então, como um guardião comissionado para a casa de Israel, ele compartilha a divina perspectiva. O copo da iniquidade de Judá está cheio quase até transbordar. Esta divina revelação, Ezequiel a comparte com os exilados (11.25).

IV. Os líderes condenados

Demonstração do exílio
Os falsos líderes
A condição sem esperança

Ez 12.1-15.8

Ez 12.1-20
Ez 12.21-14.11
Ez 14.12-15.8

Por uma ação simbólica, Ezequiel manifesta ante seu auditório israelita na Babilônia as amargas experiências em abastecer para os residentes que permanecem em Jerusalém. O mais patético é a última partida de um cidadão que é forçado a marchar de seu lar, sabendo que sua cidade está condenada e que se encaminha rumo ao exílio. Ezequiel demonstrou isto ao sair de seu lar através de um buraco da muralha, levando sobre seus ombros um fardo contendo algumas coisas necessárias. De forma similar, o príncipe de Jerusalém fará sua saída final da capital de Judá (12.1-16). Descrevendo as condições nos últimos dias do assédio, Ezequiel come ansiosamente seu pão e bebe sua água com temor e tremor (12.17-20).

Os chefes religiosos são responsáveis por enganar o povo, assegurando-lhes a paz, quando a ira de Deus os está aguardando. As mulheres, do mesmo modo, foram culpadas de causar no povo que se acredite em mentiras ⁵¹². Todos os que profetizam falsamente estão condenados pelo mal que causaram falando. Ezequiel, com coragem, acusa os anciãos, que concorrem diante dele para perguntar ao Senhor, levando ídolos em seus corações. O profeta os urge a que se arrependam, não seja que a ira de Deus caia também sobre eles.

Jerusalém é tão pecadora, que não haverá ninguém que possa salvá-la de sua destruição (14.12-15.8).

⁵¹¹ Ellison, *op. cit.*, pp. 45-47, interpreta isto como uma predição das condições que existiam durante o assédio alguns anos mais tarde. Os chefes pró-egípcios ignoraram os avisos de Jeremias e tinham a confiança de que Jerusalém resistiria, como sua fé fanática no templo, indicando por Jr 7.4. Contudo, aqueles chefes foram executados em Ribla, 2 Rs 25.18-21.

⁵¹² "Feiticeira" seria um melhor termo moderno que "profetisa" para as mulheres descritas em 13.17-23, de acordo com Ellison, *op. cit.*, pp. 56-57. As únicas outras "profetisas" mencionadas nas Escrituras são Miriã, Débora, Hulda e Noadia.

Muito verossimilmente, o povo acredita que a causa do grupo de justos que há na cidade, Deus posporá seus juízos, como tinha feito no passado. Em uma final e solene advertência, Ezequiel diz a seu auditório que incluso ainda que Noé, Daniel ou Jó estivessem em Jerusalém, Deus não salvaria a cidade. eles somente poderiam salvar a si mesmos. Como uma vinha no bosque, disposta para ser queimada, assim os habitantes de Jerusalém esperam o juízo de Deus.

V. Condenação do povo escolhido de Deus

A história espiritual de Israel
O rei infiel
A responsabilidade individual
Lamentação pelos príncipes de Israel

Ez 16.1-19.14

Ez 16.1-63
Ez 17.1-24
Ez 18.1-32
Ez 19.1-14

Em linguagem alegórica, Ezequiel descreve a corrupção da religião israelita. quando Israel era como um menino recém-nascido, inerte e desamparado, eles foram escolhido por Deus e ternamente nutridos como o povo de sua eleição. Gozando dessas divinas bênçãos, Israel cometeu deliberadamente a idolatria em sua apostasia, como uma prostituta em seus passos pecaminosos. Em lugar de ser devotos de Deus, desperdiçaram as coisas materiais que tão abundantemente lhes tinham subministrado. Os pais, inclusive, chegaram a oferecer seus filhos em sacrifício aos ídolos. Através do tempo, acariciaram o favor das nações pagãs, tais como Egito, Assíria e Caldeia. A queda de Samaria deveria ter sido interpretada como um aviso dado a tempo ⁵¹³. A sentença contra Judá conclui com uma promessa de resistência (16.53-63). Deus lembrará sua aliança com eles em reconciliação após eles ter sido devidamente castigados por seus pecados.

Em outra alegoria ou charada (17.1-24), Ezequiel apresenta a condenação política de Judá, ilustrando especificamente o precedente capítulo. O rei da Babilônia, como uma águia ou um abutre que se lança sobre a copa de um cedro, tem interrompido a dinastia davídica. O rei substituto, obviamente Zedequias, rompera seu convênio com a Babilônia e voltará ao Egito em busca de ajuda, em lugar de depositar sua fé em Deus. em conseqüência, será tomado e levado cativo para morrer na terra do exílio.

Aparentemente, os exilados chegaram à conclusão de que estão sofrendo a causa dos pecados de seus pais (18.1ss.). Seguramente, o exílio era um lugar de sofrimento coletivo (11.14-21), porém em claro sem definidos termos, Ezequiel traça uma linha de demarcação entre os justos e os infiéis. Incluso ainda que todos devam sofrer no presente, a última distinção entre eles é uma questão de vida ou morte, os injustos perecem, os justos viverão. Como as leis básicas do Pentateuco estão dirigidas ao indivíduo, assim Ezequiel ressalta a responsabilidade de cada israelita.

Tendo tratado com o problema do indivíduo, Ezequiel reverte ao tema de máxima importância: o destino de Jerusalém. Em uma lamentação (19.1-14), expressa o patético desenvolvimento que terão os acontecimentos, mostrando o príncipe de Judá como um leão capturado com cepos e engaiolado para sua deportação à Babilônia. Ele lamenta que a destruição do reino seja tão completa, e que não sobre nem uma vara nem um cetro para governar ⁵¹⁴.

VI. A última medida completa

O fracasso de Israel
O juízo em processo
Conseqüências da infidelidade
Ezequiel moderado para o juízo

Ez 1-24.27

Ez 20.1-44
Ez 20.45-22.31
Ez 23.1-49
Ez 24.1-27

Durante dois anos, o profeta, como uma atalaia, tem advertido fielmente o povo. Mais uma vez, no 591, uma delegação de anciãos assenta-se diante dele, para inquirir a vontade do Senhor. Zedequias ainda está no trono de Jerusalém.

Ezequiel revisa mais uma vez a história de Israel. Desta vez, ressalta que Deus escolheu a Israel no Egito, lhe deu sua lei, e os levou à terra de Canaã, mas eles não fizeram outra coisa senão provocá-lo com seus ídolos, ritos pagãos e sacrifícios, em seu furor, Deus os espalhou, e finalmente os voltará a trazer, purificados em graça a seu Pai nome (21.1-44).

A pronúncia desta revisão carrega a ênfase do juízo que se segue como seqüência natural. Deus está acendendo um fogo para consumir o Negueve (20.45-49). Está aafiando sua

⁵¹³ Ver Jr 3.6-13.

⁵¹⁴ Ver Is 6.13.

espada, levando o rei da Babilônia a Jerusalém num ato de juízo (21-22). Os príncipes têm derramado sangue inocente, o povo é culpado dos males sociais, quebrantando a lei e esquecendo a Deus. Jerusalém se converterá num forno para purificar o povo, enquanto se derrama Sua ira.

O pecado das alianças com os estrangeiros está desenvolvido no capítulo 23, segundo Samaria, chamada de Aolá, e Jerusalém, chamada Aolibá, levam sobre si o cargo da prostituição.

As alianças com nações estranhas, que freqüentemente implicam o reconhecimento de deuses pagãos, constituem uma grave ofensa para o Senhor ⁵¹⁵. Desafortunadamente, Judá falhou em ver a queda da Samaria como um aviso. Em vista de seus pecados, Jerusalém está advertida de que os caldeus virão a exercitar seu juízo sobre eles ⁵¹⁶. O copo do furor de Deus está na mão.

No mesmo dia 15 de janeiro de 588, quando os exércitos babilônicos rodearam Jerusalém, Ezequiel recebeu outra mensagem (24) ⁵¹⁷. Não se indica se Ezequiel dramatizou isto numa ação simbólica ou a produziu verbalmente em forma de alegoria. Tendo diante dele um cordeiro escolhido na panela, que representa a Jerusalém, Ezequiel extrai a conseqüência da destruição. A panela com manchas de ferrugem, figurando manchas de sangue, é colocada sobre o fogo até que se funde. No processo de sua fundição, as manchas sangrentas são tiradas, ilustrando claramente com isso que as manchas de sangue de Jerusalém serão tiradas só por meio da completa destruição. No curso desta representação gráfica, morre a esposa de Ezequiel.

Como um sinal significativo para seu auditório, se ordena a Ezequiel não levar luto publicamente. Tampouco o povo o levará quando receba as notícias de que o templo de Jerusalém tem sido destruído. O Deus soberano faz isto para que eles saibam que Ele é o Senhor.

Em conclusão, Deus assegura a Ezequiel que quando as notícias do fado de Jerusalém lhe chegarem, sua surdez acabará.

VII. Nações estrangeiras

Amom, Moabe, Edom e Filistéia

Fenícia

Egito

Ez 1-32.32

Ez 25.1-17

Ez 26.1-28.26

Ez 29.1-32.32

As profecias datadas nestes capítulos, com a exceção do 29.17-21, ocorrem durante o décimo ou décimo segundo ano do cativo de Ezequiel. Isto aproxima o período do assédio e cerco de Nabucodonosor em Jerusalém, no 588-86. Com a capitulação de Jerusalém pendente, surge sem dúvida a questão de a que nação, entre as outras, terá Deus planejado levar a Judá. Deverão eles que ir lá para juízo?

No capítulo que abre esta passagem, os amonitas, moabitas, edomitas e filisteus são denunciados pelo orgulho e gozosa atitude ante a sina de Judá. Embora aliados a Judá para conjurar-se numa rebelião contra Babilônia (Jr 27.3), eles a abandonaram ao ouvir o fragor do combate da invasão de Nabucodonosor. Por sua arrogância e seu ódio para com a religião de Israel, serão castigados. A execução contra eles começa no seguinte período; mas o completo cumprimento desta predição espera o último estabelecimento da supremacia de Israel em sua própria terra. Através de Israel, Deus levará sua vingança contra Edom (25.14).

As mais longas passagens estão dirigidas contra os fenícios e suas cidades de Tiro e Sidom, e contra Egito. Com os exércitos de Babilônia concentrados sobre Jerusalém, os exilados podem ter imaginado por que Fenícia e Egito escaparam ao vingativo assalto de Nabucodonosor.

Numa análise de maior extensão, Ezequiel trata o destino de Tiro e seu príncipe com uma adequada lamentação para cada um deles (26.1-28.19). Sidom, que era de menor importância, recebe somente uma breve consideração (28.20-23). Em contraste, Israel será restaurada (28.24-26). A condenação de Tiro é certa, já que Deus está levando a Nabucodonosor contra ela ⁵¹⁸. A lamentação de Tiro descreve a perda da glória e a supremacia que tinha gozado em sua estratégica situação, em sua beleza arquitetônica, sua força militar e,

⁵¹⁵ a demanda de um rei nos dias de Samuel (1 Sm 8.5) reflete o fato de que o povo estava impressionado com os reis pagãos. Salomão fez uma aliança com o Egito (1 Rs 3.1). No Reino do Norte, Jeú pagou tributo ao rei assírio Salmaneser III, como é sabido pelo Obelisco Preto, ver Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, p. 280. O Reino de Judá esteve mais seriamente implicado com a Assíria, por Acáz (2 Rs 16.7 e Is 7.1-17), que desafiou a Isaias ao fazer uma aliança com Tiglate-Pileser III. Note-se também Ezequiel e os babilônicos em Is 39.6.

⁵¹⁶ Note-se a advertência da condenação de Jerusalém anunciada por Isaias (Is 39.6, 2 Rs 20.17).

⁵¹⁷ O ano nono e o mês décimo (15 de janeiro de 588 a.C.). Ver Parker ;v Dubberstein, *Babylonian Chronology*, p. 26; e Thiele, *The Mysterious Numbers of Hebrew Kings*, p. 164.. Note-se também Jr 39.1 e 2 Rs 25.1

sobre tudo, em sua fabulosa riqueza comercial ⁵¹⁹. Tampouco Sidom escapará da destruição (28.24-26).

Para traçar um paralelo da queda de Tiro, Ezequiel fala do destino do príncipe que governa a cidade e o reino de Tiro (28.1-10). Ainda que bom aos próprios olhos, o rei de Tiro é somente um homem no que a Deus se refere. Por suas vãs aspirações, será castigado.

Egito, que usualmente joga uma parte vital nas relações internacionais de Judá, recebe uma extensa consideração nestas profecias (29-32). Em sua associação com Israel, a nação de Egito tem sido como uma cana, que se abandona ao inimigo quando chega a conquista.

Egito e seus governantes também estão inculcados de orgulho —o Faraó se vangloria de que o Nilo, do qual depende a existência do Egito, tinha sido feito por ele.

A conquista e a rapina aguardam o Egito. Embora seja restaurada num período de quarenta anos de desolação, Egito nunca chegará a adquirir sua antiga posição. Nunca proporcionará de novo uma falsa segurança para Israel. Deus enviará a Nabucodonosor ao Egito para que o despoje de sua riqueza, já que os homens maus possuem a terra. Os divinos atos do juízo serão evidentes na destruição dos ídolos em Mênfis e na derrota das multidões em Tebas.

Em forma de advertência, Egito é comparada com a Assíria, que sobressaía como um cedro do Líbano por acima de todas as outras árvores (31.1-18) ⁵²⁰. Como o poderoso reino da Assíria, Egito cairá. Ezequiel compara a destruição com sua descida ao Hades. Um ano e dois meses mais tarde, após ter sabido da queda de Jerusalém, se lamenta mais uma vez da humilhação que pende sobre o Egito (32.1-16). O canto fúnebre do funeral (32.17-32), tal vez datado no mesmo mês ⁵²¹, expande a lamentação situando já na lista seis nações para ir ao Hades.

Egito, em seu destino, se unirá a poderes tão grandes como Assíria, Elão, Meseque e Tubal, e as nações vizinhas tais como Edom os sidônios e os príncipes do norte —sem dúvida, uma referência aos governantes sírios. Todos eles darão as boas-vindas ao Egito no Hades, no dia da calamidade.

VIII. Esperanças para a restauração

A atalaia com uma nova comissão
Os pastores de israelitas
Contraste entre Edom e Israel
Promessa de restauração e triunfo

Ez 33.1-39.29

Ez 33.1-33
Ez 34.1-31
Ez 35.1-36.38
Ez 37.1-39.29

A mensagem de Ezequiel está ligada aos tempos em que ele vive. Desde a época de seu chamamento, no 593 a.C., tem conduzido, pela palavra e pela ação simbólica, o destino de Jerusalém. Durante o cerco de Jerusalém foi-lhe dada uma mensagem concernente ao lugar das nações estrangeiras na economia do Deus de Israel. Com a destruição de Jerusalém cumprida, Ezequiel, uma vez mais, dirige sua atenção às esperanças nacionais de Israel.

Um fugitivo procedente de Jerusalém informa a Ezequiel e aos exilados, em janeiro de 585 a.C., que a cidade capitulou verdadeiramente diante do exército da Babilônia. Sem dúvida, os informes oficiais na Babilônia tinham anunciado previamente a conquista de Judá.

Provavelmente, a data marcada (33.21-22) esteja intimamente relacionada com a totalidade do conteúdo deste capítulo ⁵²². Deus, que tinha previamente revelado a Ezequiel o fato da queda de Jerusalém na véspera da chegada deste mensageiro, o convida então a falar de novo. Esta terminação de seu período de surdez é um sinal da divina confirmação (24.27).

⁵¹⁸ O cerco de Tiro, 586-573 a. C., finalizou quando Etbaal, rei de Tiro, reconheceu a supremacia de Babilônia. a cidade-ilha não foi conquistada até que Alexandre Magno, construindo uma plataforma ou cais no 322 a.C., para forçar sua completa submissão.

⁵¹⁹ Para um breve tratamento desta profecia, ver Ellison, *op. cit.*, pp. 99-116.

⁵²⁰ Esta mensagem está datada em maio-junho do 587 a.C. Os exilados estavam esperando que Egito tivesse salvado Jerusalém da destruição dos babilônicos, os que tinham começado o assédio em janeiro do 588. Sobre o uso do termo "Assíria", como acontece no texto hebraico em Ezequiel 31.3, comparar as versões King James, American Standard e a Revised Standard. (N. da T.: nas versões portuguesas a minha disposição, na NVI e na ACF figura o termo "Assíria", enquanto na PJFA se utiliza o termo "o assírio").

⁵²¹ Keil, *op. cit.*, como referência, sugere que isto foi composto 14 dias depois. No mês décimo segundo (32.1). devido a um erro do copista, o mês foi aqui omitido. A Bíblia de Jerusalém segue à grega e insere "o primeiro mês". Já que 32.1 está datado no décimo segundo mês, parece razoável datar isto no mesmo mês, permitindo a seqüência cronológica.

⁵²² Ellison, *op. cit.*, p. 118, escreve "décimo primeiro" em 33.21, sobre a base de Hebreus 8ss., alguns manuscritos da LXX e a siríaca, identificando esta data com agosto do 586 a.C. Ver também Doederlein e Hitzig em seus comentários à referência. G. A. Cuuke em ICC *op. cit.* assume um duplo sistema de datas. De acordo com Thiele em seu completo estudo da cronologia, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, p. 161-166, e a carta da página 74-75, Zedequias fugiu de Jerusalém no 19 de julho do 586, e a destruição final de Jerusalém começou o 15 de agosto do 586. embora normalmente era uma jornada de três meses de duração, este fugitivo particular chegou ao exílio em janeiro do 585 a.C.

Deus já havia condicionado a Ezequiel ao lembrá-lo de que ele era uma atalaia da casa de Israel (33.1-20). Dirigindo-se de novo a ele como "filho do homem", ele é o responsável de advertir seu próprio povo.

Após a chegada do fugitivo, Ezequiel é preparado para a mensagem de transição (33.24-33). O restante não arrependido que está na Palestina, transfere então sua confiança desde o templo destruído ao fato de que eles são a semente de Abraão ⁵²³. Com Jerusalém em ruínas, seguramente nenhum dos que se encontram entre o auditório de Ezequiel é o bastante estúpido para pensar que pode tentar uma rebelião com êxito frente a Nabucodonosor. Ezequiel é advertido que o povo será o bastante curioso para escutar sua mensagem; porém não o obedecerá.

O tema da esperança começa com uma discussão dos pastores de Israel (34-1.31).

Em contraste com os falsos pastores, que estão condenados por seu egoísmo, Deus aparece descrito como o verdadeiro Pastor de Israel ⁵²⁴. Olhando no futuro distante dos israelitas, é-lhe assegurado sua restauração nacional. Fazendo uma aliança de paz com eles, Deus os restabelecerá em sua própria terra para gozar das bênçãos sem limites sob o mando do pastor identificado como "meu servo Davi" ⁵²⁵. Já que a história não tem dados do cumprimento desta promessa para Israel, parece razoável antecipar esta realização no futuro.

A tese da restauração de Israel está desenvolvida em 35.1-36.38, em contraste com a antítese da destruição de Edom. Edom ou monte Seir está carregado com os delitos de inimizade, ódio sangrento, avidez e cobiça da terra de Israel, e incluso de blasfêmia contra Deus ⁵²⁶. Edom, incluindo todas as nações (36.5), está já marcada para sua devastação. Em contraste, os israelitas serão reunidos desde todas as nações e mais uma vez gozarão do favor de Deus em sua própria terra. Israel tem profanado o nome de Deus entre as nações; porém Ele agirá trazendo-os de novo em graça a Seu nome. Por uma transformação, Deus lhes transmitirá um novo coração e um novo espírito, purificando-os na preparação para que sejam Seu povo.

Sem dúvida, tanto Ezequiel como seu auditório devem ter-se perguntado como aconteceria tal coisa. Com Jerusalém em ruínas e o povo no exílio, as perspectivas não podiam ser mais escuras e sombrias. Em 37.1-39.29, a restauração de Israel em triunfo sobre todas as nações, é desenvolvida e desenhada. Por divina revelação, Ezequiel chega à certeza de que tudo isso terá seu cumprimento.

O Espírito do Elohíim conduz a Ezequiel ao meio de um vale cheio de ossos secos.

Deus convida o profeta a falar àqueles ossos. Ante seu total assombro, Ezequiel vê como os ossos se animam com a vida. Esta ressurreição dos ossos mortos significa o reavivamento e a restauração da totalidade da casa de Israel, incluindo tanto o Reino do Norte como o do Sul. Serão reunidos como os israelitas serão reagrupados, procedentes de entre as nações, com a específica promessa de que um rei governará sobre eles. O governante ou "pastor", de novo identificado como "meu servo Davi", deverá ser o príncipe para sempre, em tanto o povo se conforma aos estatutos e ordenanças de Deus. Na terra de Israel, Deus estabelecerá uma vez mais seu santuário de forma tal que todas as nações conhecerão que Ele tem santificado e purificado sua nação de Israel.

O estabelecimento de Israel não permanecerá oculto nem sem desafio. Nações procedentes das partes do norte, especialmente Gogue e Magogue, reunirão em massa seus exércitos para lutar contra Israel nos últimos dias. Vivendo em cidades sem cercar e gozando de uma propriedade sem precedentes, Israel se converterá no objeto cobiçado dos inimigos invasores procedentes do norte. Isto, porém, será um dia de divina vindicação. As forças da natureza, em forma de terremotos, chuva, saraiva, fogo e enxofre serão deixados livres contra o feroz invasor. A confusão, o derramamento de sangue e a pestilência prevalecerão enquanto lutam um contra o outro. Aves de rapina e bestas selvagens devorarão os exércitos de Gogue e Magogue e o inimigo ficará sem ajuda, permitindo assim que Israel tome todos seus despojos de guerra. Durante sete meses, sepultarão os mortos e purificarão a terra.

Com todas as nações cientes dos juízos de Deus, se assegura a restauração da boa fortuna de Israel. Eles viveram com segurança na terra onde ninguém terá medo. Não ficará ninguém entre as nações, quando o Senhor verter seu Espírito sobre elas.

⁵²³ Ver Jr 40-43 sobre a atitude do resto em não querer seguir a advertência de Jeremias.

⁵²⁴ "Pastor", aqui é utilizado metaforicamente com o significado de "rei", de acordo com Ellison *op. cit.*, p. 121. Ver Salmo 23, para o perfeito pastor. Também João 10.

⁵²⁵ Ver Ellison *op. cit.*, pp. 119-122, para um sumário dos governantes de Israel pertencentes à linhagem de Davi que jamais foram reconhecidos como reis.

⁵²⁶ Esaú e seus descendentes, conhecidos como edomitas, se estabeleceram no Monte Seir, ao sul do Mar Morto (Gn 36). Note-se a contínua animosidade no Antigo Testamento entre Israel e Edom (ver Nm 21, etc.).

IX. O estado restaurado

O novo templo

Normativas para o culto

A terra das bênçãos

Ez 40.1-48.35

Ez 40.1-43.12

Ez 43.13-46.24

Ez 47.1-48.35

O tempo da Páscoa, durante o mês de Nisã (573), sem dúvida lembra aos exilados o maior milagre que Deus tenha praticado em nome de Israel, a qual liberou do cativeiro do Egito. Durante os catorze anos que tinham se passado desde a destruição de Jerusalém, os exilados, provavelmente adaptados a seu novo entorno, não tiveram nenhuma esperança de um imediato retorno. Quanto muito, se acreditassem na predição de Jeremias referente a um período de exílio de setenta anos, somente uns poucos dos que tinham sido tomados em Jerusalém poderiam ter retornado. Indubitavelmente, a promessa de Ezequiel da definitiva restauração lhes assegurou do amor de Deus e de Seu cuidado pela nação de Israel.

Ezequiel teve outra visão. Similar à revelação dos capítulos anteriores, o profeta vê a realidade da restauração. De novo, o ponto focal é o templo de Jerusalém, que simboliza a presença real de Deus com seu povo. Um homem sem nome, o mais provável um anjo do Senhor, toma a Ezequiel para realizar uma visita do templo, suas redondezas e a terra da Palestina.

A glória de Deus, que primeiramente abandonou o templo a sua condenação, então retorna a seu sagrado santuário. Mais uma vez, Deus habita ali entre seu povo. Ezequiel é instruído para observar bem aquela viagem da restaurada Israel. Tudo o que vê e ouve, o partilha com seus companheiros do exílio (40.4).

Desde o vantajoso ponto do topo de uma montanha, Ezequiel vê uma estrutura parecida a uma cidade, representando o templo e seu entorno ⁵²⁷. O guia, com uma vara de medir na mão, inspeciona cuidadosamente as muralhas da área do templo e a de vários edifícios, ao tempo que conduz a Ezequiel naquela espetacular viagem. O mais extraordinário da viagem pelo templo é a reparação da glória de Deus, que Ezequiel identifica com a revelação que teve no canal de Quebar (ver 1 e 8-11). A Ezequiel é-lhe assegurado então que aquele é o novo templo que Deus estabelecerá para sua eterna morada com seu povo. nunca mais se desprezará o nome de Deus com a idolatria. Aos penitentes e contritos, que estão entre o auditório de Ezequiel, esta mensagem do templo restaurado oferece-lhes a esperança. E são alentados a conformarem suas vidas em obediência aos requerimentos de Deus (43.10-13).

As novas normativas para um culto aceitável estão cuidadosamente prescritas (43.13-46.24). Ezequiel vê o altar e toma nota das ofertas e sacrifícios que proporcionam ao povo uma base aceitável para sua aproximação a Deus. ao entrar no templo, se prostra em reconhecimento da glória de Deus que enche todo o santuário. Uma vez mais, recebe instruções para marcar bem as ordenanças e detalhes para aqueles aos que se permitirá officiar no novo templo. Por romper a aliança e profanar o templo com a idolatria, o sacerdote está sujeito a grave castigo. Deus abençoará Israel com uma classe sacerdotal restaurada e um príncipe que ensinará ao povo, estabelecerá a justiça e observará as festas e as estações.

A visão culmina nas viagens de Ezequiel pela terra de Israel (47.1-48.35).

Começando nas portas do templo, o profeta vê um rio que sai para o sul de embaixo do umbral até a Arábia, fornecendo água fresca para a abundante vida do mar e para a irrigação da terra, na produção de frutos. A totalidade da zona ressurgue com uma nova vida e a indústria da pesca floresce, abundando a vida nas aldeias em toda a terra. A terra de Canaã está cuidadosamente dividida em parcelas para cada tribo, desde a entrada de Hamate no norte até o rio do Egito no sul. O príncipe e os levitas receberão uma parcela próxima à cidade onde o templo está situado ⁵²⁸. Esta cidade, na qual se manifesta a divina presença de Deus, é identificada como "O SENHOR ESTÁ ALI".

Israel restaurado à terra prometida —esta é a esperança que Ezequiel tem para sua geração na terra do exílio. Deus reagrupará seu povo em triunfo e o abençoará mais uma vez.

⁵²⁷ Para um diagrama do templo e seus edifícios como estão descritos aqui, ver F. Davidson, *The New Bible Commentary*, sob o artigo intitulado "Ezequiel", pp. 664-665.

⁵²⁸ O tema básico de Ezequiel 33-48, que Israel será restaurado a sua própria terra como fato supremo, sob o mandado de um príncipe, concorda com o tema de Isaías, que assegura que Israel gozará de um período absoluto de paz universal, quando Sião seja o ponto focal de todas as nações sob o controle de seu governante ideal, que deverá executar a perfeita justiça. Ver Is 2, 4, 11, 35 e 65-66.

● CAPÍTULO 21: DANIEL, HOMEM DE ESTADO Y PROFETA

Eminente entre os judeus exilados na Babilônia, Daniel como homem ganhou a dual distinção de ser um político e um profeta. Elevando-se da servidão à situação de homem de estado, prosperou na liderança política sob os governantes medo-persas por mais de seis décadas. Entremeadas no livro que leva seu nome, estão as experiências pessoais de Daniel, assim como suas revelações proféticas concernentes a futuros acontecimentos ⁵²⁹. Daniel nasceu no reino de Judá, durante o reinado de Josias e foi, provavelmente, em seus primeiros anos quando foi levado cativo, no 605 a.C. Nos começos do capítulo que abre o livro, reflete as convicções religiosas de Josias e Jeremias que, certamente, devem tê-lo influenciado a ele e a outro jovem judeu de seu tempo.

Embora as esperanças de Judá para que continuasse sua independência puderam ter ressurgido com a queda de Nínive, elas foram bruscamente desfeitas quando Josias foi morto em Megido (609). Judá se converteu num súbdito do Egito pouco depois, e o Faraó Neco colocou a Jeoiaquim no t. as tentativas de Jeoiaquim de submissão a Nabucodonosor devem ter sido uma surpresa para Daniel e seus companheiros, que foram tomados como reféns e levadas à capital da Babilônia ⁵³⁰. A familiaridade de Daniel com as línguas hebraica e aramaica fica aparente em seus escritos ⁵³¹. Peculiar deste livro é o ter a mais extensa passagem em língua aramaica de todo o cânon do Antigo Testamento.

Uma popular característica de Daniel é a dupla visão mediante a qual se designam os primeiros seis capítulos como históricos e os seis finais como proféticos. É digno de notar que, nos primeiros, Daniel se refere a si mesmo em terceira pessoa, e atua como o agente da revelação. Nos últimos capítulos escreve em primeira pessoa, registrando mensagens proféticas reveladas a ele de forma sobrenatural.

Dando ênfase aos aspectos proféticos, o livro de Daniel conduz por si mesmo à seguinte análise ⁵³²:

a. Introdução histórica	Dn 1.1-21
b. Os reinos gentios	Dn 2.1-7.28
c. A nação de Israel	Dn 8.1-12.13

Este bosquejo leva em conta sua composição bilíngüe. A passagem aramaica (2.4b-7.28) tem uma mensagem de especial interesse para as nações pagãs, indicando sua ordem de sucessão, caráter e destino. Os capítulos escritos em hebraico focalizam a atenção sobre o papel particular de Israel nos acontecimentos internacionais.

Para um estudo inicial do livro de Daniel, a perspectiva histórica é essencial. As variadas revelações que procedem de Daniel são consecutivas à luz dos acontecimentos contemporâneos. Para situar o livro em seu dispositivo histórico, pode ser útil o seguinte análise cronológico:

I. O reino de Nabucodonosor

Os judeus cativos na corte

Dn 1.1-21

⁵²⁹ Dois pontos de vista prevalecem correntemente a respeito da unidade e ao autor deste livro:

1) Para o ponto de vista de que foi escrito por Daniel e de sua própria mão, no século VI a.C., ou foi compilado pouco depois, ver a extensa discussão por R. K. Hamson, *Introduction to the Old Testament* (Grand Rapids, 1969.), pp. 1.105-1.134.

2) Para a perspectiva de que este livro representa uma literatura apocalíptica, escrita ou compilada durante a era macabea no século II a.C., ver G. A. Larue, *Old Testament Life and Literature* (Boston: Allyn and Bacon, 1968), pp. 402-409. O primeiro ponto de vista é a base para a interpretação oferecida nesta análise.

⁵³⁰ Ver D. J. Wiseman, *Chronicles of Chaldean Kings*, p. 26. Ver, também, o capítulo 15 deste volume.

⁵³¹ Daniel pôde ter aprendido aramaico em Jerusalém antes de ter sido feito cativo. Já a princípios do século VII a.C., o aramaico era utilizado como linhagem internacional no Egito, Fenícia e Síria. R. A. Bowman, "Arameans, Aramaic and the Bible", *Journal of Near Eastern Studies*, 7 (1948), 71-73.

⁵³² Para uma discussão das passagens proféticas de decisão, ver R. D. Culver, *Daniel und the laltcr Days* (Westwood. N. J.: Revell Co., 1954). Para análise e bosquejo, ver pp. 98-104.

Daniel e o sonho do rei	Dn 2.1-49
Os três amigos em juízo	Dn 3.1-30
A humilhação do rei	Dn 4.1-37
II. A era Nabônido-Belsazar	
A bestial natureza dos reinos	Dn 7.1-28
Os reinos identificados	Dn 8.1-27
Na véspera da queda da Babilônia	Dn 5.1-30
III. Nos tempos medo-persas	
A preocupação de Daniel por seu povo	Dn 9.1-27
Sobre o juízo por sua religião	Dn 5.31-6.28
A revelação final de Daniel	Dn 10.1-12.13

Durante o reinado de Nabucodonosor ⁵³³

Entre os reféns tomados em Jerusalém, estavam Daniel e seus três amigos, Hananias, Misael e Azarias ⁵³⁴. Selecionados para um treinamento especial no colégio real, estes jovens judeus se encararam com o problema da profanação, quando lhes foi oferecido o luxuoso cardápio da corte pagã.

Daniel, como porta-voz do grupo, com valentia, embora cortesmente, apelou ao mordomo chefe para proporcioná-lhes um cardápio de sua eleição, sobre a base de uma prova de dez dias. Ao final daquele período, o mordomo se comprazeu em verificar que Daniel e seus amigos tinham melhor saúde que os outros jovens. Antes que passasse o tempo, ficou obvio para os supervisores que aqueles jovens hebreus estavam dotados com uma extraordinária destreza e sabedoria. Quando foram entrevistados pelo rei, Daniel e seus três amigos receberam as mais altas honras e foram reconhecidos como muito superiores a todos os homens sábios da corte real (1.17- 21).

A afinidade da religião e a política deve ter provocado uma indelével impressão sobre Daniel. Em várias ocasiões, durante o ano do acesso ao trono de Nabucodonosor, que alcançou seu máximo expoente na celebração do festival do Dia de Ano Novo, o rei reconheceu os deuses Nabu e Merodaque ao levá-los em procissão pública, que terminou no templo de Akitu ⁵³⁵. Daniel deve ter ficado perplexo quando viu a Nabucodonosor estender suas conquistas no nome daqueles deuses pagãos.

Durante o primeiro ano de seu reinado, o triunfante Nabucodonosor de novo fez que seus exércitos marchassem rumo ao oeste, exigindo tributo dos reis da Síria e da Palestina ⁵³⁶. De particular interesse para Daniel deve ter sido a anotação de Jeoiaquim na lista de reis tributários e o fato de que Nabucodonosor tivesse reduzido a ruínas a Ascalom antes de seu retorno a Babilônia, a princípios do 603 a.C.

O cronista da Babilônia informa pouco acerca da atividade de Nabucodonosor durante seu segundo ano. Para Daniel, contudo, a mais interessante experiência é sua aparição pessoal diante deste monarca, o maior dos da Babilônia (2.1-49).

O rei Nabucodonosor teve um sonho que o sumiu na mais completa perplexidade.

Chamando a todos os homens sábios da corte ante sua presença, pediu-lhes que relatassem e interpretassem dito sonho ⁵³⁷. Sob ameaça de morte, os sábios, freneticamente, ainda que em vão, imploraram do rei que lhes relatasse seu sonho. Daniel, sabedor do dilema existente, solicita uma entrevista com Nabucodonosor. Enquanto se fazem os arranjos necessários, Daniel e seus três companheiros apelam com empenho diante de Deus, para que lhes revele o mistério a eles. Numa visão durante a noite, Deus dá a conhecer a Daniel o sonho do rei e sua interpretação. Levado diante da presença de Nabucodonosor, Daniel lhe diz que Deus lhe revelou os mistérios do futuro do rei.

Em seu sonho, Nabucodonosor viu uma brilhante imagem, com uma cabeça de ouro, peitos e braços de prata, ventre e coxas de bronze, pernas de ferro e pés de ferro e barro cozido.

Diante dele, essa imagem foi esmagada por uma pedra, que causou sua completa desintegração.

Daniel informa a Nabucodonosor que ele é a cabeça de ouro a quem Deus deu aquele grande império. O segundo e terceiro impérios serão inferiores. O quarto reino representado pelo ferro, esmaga os outros reinos, porém a mistura de ferro e barro cozido nas pernas e pés

⁵³³ Os primeiros dez anos do reinado de Nabucodonosor tem sido em grande medida ilustrados pela tabuinha do Museu Britânico 21.946, lida e interpretada por D. J. Wiseman. Ver *op. cit.*, pp. 67-74 e 23- 27.

⁵³⁴ Os nomes babilônicos para Daniel e seus três amigos eram Beltesazar, Sadraque, Mesaque e Abedenego.

⁵³⁵ Wiseman, *op. cit.*, p. 27. Ver S. A. Fallis, *The Antiquity of Iraq* (Copenhagen: fcjnar Munksgaard, 1956). Cap. XIII "Sacrifices and Festivals", pp. 668-711.

⁵³⁶ Wiseman, *op. cit.*, B. M. 21.946, pp. 69 e 28. Ver também 2 Reis 24.1.

⁵³⁷ "O assunto me tem escapado" (Dn 2.5). A interpretação preferível é que isto se refere ao mandado do rei e não ao seu sonho. Se eles pudessem dizê-lhe o conteúdo de seu sonho, então teria confiado em sua interpretação.

indica sua última divisão. eventualmente, Deus estabelecerá um reino que nunca será destruído. Como a pedra que despedaça a totalidade da imagem, assim este reino terminará com todos os reinos anteriores quando seja permanentemente estabelecido.

Após ouvir esta interpretação, Nabucodonosor concede honras a Daniel, reconhecendo a Aquele que revelou seu segredo como o Deus dos deuses e o Senhor dos reis ⁵³⁸. Daniel é elevado à categoria de governador da província da Babilônia e situado à cabeça dos homens mais sábios. A sua demanda, seus três amigos, cujos nomes babilônicos eram Sadraque, Mesaque e Abedenego, recebem cargos de responsabilidade em outros lugares da província, enquanto que Daniel permanece na corte real.

Durante o curso de seu reinado, Nabucodonosor erige uma grande imagem na planície de Dura (Dn 3.1) ⁵³⁹. Esta imagem pôde ter tido a forma de um obelisco com uma base de 270 cm, chegando até uma altura de 27 m, resplandecente de ouro. Em sua dedicação, se cita a todo o povo, sob ameaça de morte, para que se prostre em adoração. Quando os três amigos de Daniel recusam fazê-lo, se avisa do fato imediatamente ⁵⁴⁰. Arrestados e levados ante o rei, são lançados dentro de uma fornalha acesa. Com grande assombro, o rei pagão observa que os jovens não sofrem o menor dano e que estão acompanhados de uma quarta pessoa ⁵⁴¹. Quando lhes ordena que saiam fora, Nabucodonosor confessa que seu Deus os liberou e emite um decreto proibindo que ninguém fale contra o Deus de Sadraque, Mesaque e Abedenego.

A humilhação de Nabucodonosor e sua restauração (4.1-37) é tão significativa, que emite um decreto real, relatando sua experiência ⁵⁴². Reconhecendo que Deus o humilhara e o restaurara, distingue publicamente a Deus como governante de um reino que não terá fim.

Nabucodonosor tem outro sonho que o some em confusão. De novo chama os sábios da corte, desta vez relatando-lhes o que sonhara. Quando os sábios se declaram incapazes de dar uma explicação, Daniel, também conhecido como Beltessazar, é chamado para ser consultado. Neste sonho, Nabucodonosor viu uma árvore estendendo-se para acima até os céus. Era tão gigantesca e frutífera que proporcionava sombra, alimento e refúgio para as bestas e as aves.

A seu devido tempo, um santo vigilante dos céus deu ordens de talar a árvore, deixando-a reduzida a um simples tronco.

Daniel interpreta o sonho da seguinte forma: a árvore representa a Nabucodonosor como rei do grande império da Babilônia —ao ser cortada a árvore em pedaços, assim Nabucodonosor será rebaixado desde sua posição real a uma bestial existência por sete períodos de tempo, até que comprove que ele não é supremo. Daniel informa ao rei que o decreto provém do Altíssimo e o adverte para endireitar seus passos pelo caminho reto, para que seu reinado possa ser prolongado.

Parece que Nabucodonosor ignora este aviso. Sob sua supervisão, a cidade de Babilônia se converteu na mais extraordinária capital dos tempos antigos. Muralhas maciças com canais rodeavam a cidade em cujo interior se conservavam os templos de Merodaque e Ishtar. Na famosa porta de Ishtar, leões e dragões de metais resplandecentes marcavam o impressionante começo da rua da procissão que conduzia ao palácio real. Para sua rainha meda, Nabucodonosor construiu os jardins pendentes que os gregos consideraram como uma das sete maravilhas do mundo. Vangloriando-se de todas aquelas realizações, Nabucodonosor é subitamente atacado de licantropia ⁵⁴³, em juízo divino ⁵⁴⁴, privado de seu reino e relegado à vida das bestas do campo por um período designado como de "sete tempos". Quando a razão volta a ele, é reintegrado a seu trono. Numa proclama oficial, ele reconhece que o Altíssimo é onipotente entre todo o exército dos céus, assim como entre os habitantes da terra, e em

⁵³⁸ Uma razoável interpretação é o reconhecimento da protesta precedente (2.27 -28) por Daniel, dando todo o crédito a Deus. ao honrar a Daniel, o rei expressou seu reconhecimento pelo Deus de Daniel, 2.46 -47. Ver H. C. Leupold, *Exposition of Daniel* (Columbus, Ohio: Wartburg Press, 1949).

⁵³⁹ A data não se dá no texto hebraico. Se o texto grego é correto ao inserir o ano 18 "de Nabucodonosor", então esta exibição de orgulho aconteceu no 586 a.C., no ano em que Jerusalém foi conquistada pelos babilônicos. Que esta era uma imagem de Nabucodonosor, parece ser uma inferência razoável.

⁵⁴⁰ Não se indica onde estava Daniel neste momento. Já que o relato da Escritura não faz menção dele, a questão está sujeita a conjecturas. Resulta do mais carente de razão inferir, sobre a base do caráter de Daniel segundo descrito em todo o livro, que rendesse culto a esta imagem.

⁵⁴¹ Nabucodonosor utiliza uma terminologia pagã para identificar a este ser sobrenatural. Para a tradução de "filho dos deuses", Dn 3.25, ver S. D. Driver, *The Book of Daniel* (Cambridge Bible Series), Cambridge University Press, 1900), como referência. Ver também Leupold, *op. cit.*, como referência, e E. J. Young, *The Prophecy of Daniel* (Grand Rapids: Eerdmans, 1949).

⁵⁴² Na Escritura não se dá a data nem a exata duração do tempo da humilhação de Nabucodonosor. Presumivelmente, aconteceu em alguma ocasião durante as duas últimas décadas de seu reinado.

⁵⁴³ Doença ou mania na qual o enfermo se figura estar convertido em lobo (N. da T., Fonte: Enciclopédia Encarta de Microsoft).

⁵⁴⁴ Para conhecimento e precisão histórica, ver Pfeiffer, *op. cit.*, p. 758.

louvor e oração confessa também que o Rei dos céus é justo e reto em todos seus caminhos e capaz de abater o orgulhoso.

A era Nabônido – Belsazar

Anos da história da Babilônia passam em silêncio no que diz respeito ao livro de Daniel.

O magnífico reinado de quarenta e três anos de Nabucodonosor terminou com sua morte no 562 a.C. Após dois anos de governo de Awel-Merodaque, e quatro de Neriglissar, o império da Babilônia chega a seu fim sob Nabônido (556-539 a.C.). Belsazar, um filho de Nabônido, cuja identidade como co-regente e administrador do reinado babilônico está estabelecida além de toda discussão, se menciona em três capítulos de Daniel ⁵⁴⁵. Os acontecimentos do capítulo 5 estão especificamente relacionados com os dias finais de Belsazar, quando a cidade de Babilônia é ocupada pelo exército medo-persa (outubro de 539 a.C.). A data exata dos capítulos 7 e 8 depende do ano em que Daniel datasse o começo do reinado de Belsazar, já que ele foi co-regente com Nabônido. As tabuinhas do contrato estão datadas no reino de Nabônido. De acordo com os registros babilônicos, Belsazar está associado como co-regente de seu pai a princípios do 553 a.C. ⁵⁴⁶ Em consequência, as datas dos capítulos 7 e 8 no primeiro e terceiro ano do reino de Belsazar devem ser designadas ao período de 553-539 a. C.

Os acontecimentos históricos contemporâneos ocorridos durante o tempo de Belsazar e Nabônido têm importância como fundo para as visões registradas nos capítulos 7 e 8.

Já tinha se passado mais de meio século desde que Daniel claramente identificou a Nabucodonosor como a cabeça de ouro, após cujo reinado surgiria um reino menor (2). Seguramente Daniel estava completamente ciente do surgir de Ciro, quem após subir ao trono da Pérsia e Ansham no 559 a.C., tinha ganhado o controle sobre Média (550 a.C.), que por sua vez transtornou o equilíbrio do poder até o ponto de pôr em perigo a Babilônia. Por volta do 547 a.C., Ciro tinha marchado com seus exércitos para o noroeste, derrotando decisivamente a Creso da Lídia. A causa de sua experiência política, Daniel deve ter compreendido bem a subida ao poder da Pérsia, enquanto o reino de Babilônia se desintegrava sob os sucessores de Nabucodonosor.

Por aquela época, Daniel teve duas visões em três anos, na primeira visão (7), viu quatro grandes bestas surgir do mar movido pelos quatro ventos do céu. Um leão com asas de águia, que é derrubado enquanto se mantém erguido sobre duas patas, proporciona a mente de um homem. A segunda é uma besta com forma de urso, erguida, com três costelas na sua boca, à qual é ordenado devorar muita carne. Na seguinte surge um leopardo com quatro asas e quatro cabeças. A quarta é uma besta não descrita, com dentes de ferro para devorar e triturar os resíduos da destruição. Três de seus dez chifres são substituídos por um chifre com olhos parecidos com os de um homem, e uma boca que devora grandes coisas. Depois aparece um trono no qual se senta um indivíduo vestido de branco e que está identificado como o Ancião de dias. Os livros são abertos, o juízo é entregue. O corpo da besta não descrita está marcado pelo fogo, ao tempo que o resto das bestas estão desprovidas de seu poder. O Ancião de dias, então, ostenta o domínio sobre todos os reinos e o entrega a um "como um filho de homem", e estabelece seu reinado permanentemente.

Daniel está perturbado e busca uma explicação. Em resposta, é informado que as quatro bestas representam quatro reis terrenos. Eventualmente os santos do Altíssimo possuirão o reino que durará para sempre. a quarta besta representa um quarto reino que se estenderá por todo o mundo. Os dez chifres significam dez reis, três dos quais serão substituídos por um que desafia o Altíssimo, inclusive tentando mudar os tempos e a lei.

Depois de passados três períodos e meio, é julgado e destruído. Os santos do Altíssimo se encarregam do reino que durará para sempre. Embora Daniel está grandemente perplexo por seu sonho e sua interpretação, pondera tais coisas em sua mente; talvez tratando de relacioná-las com os acontecimentos corriqueiros.

No terceiro de Belsazar, Daniel tem outra visão (8.1-27). Ainda que não dá o lugar de sua residência nesta ocasião, o lugar da visão é Susã, ao longo dos ribeiros do rio Ulai ⁵⁴⁷. Esta cidade estava sob o controle persa e mais tarde se converteu na importante capital de verão sob o governo de Dario o Grande (522-486 a. C.).

Diante de Daniel, nas margens do rio, aparece um carneiro com dois chifres desiguais. Este carneiro permanece tranqüilo até que é atacado por um bode que vem do oeste. Após o último

⁵⁴⁵ Ver H. H. Rowley. *The Servant of the Lord and Other Essays on the Old Testament* (Londres 1952). Note-se também o artigo de Rowley "The Historicity of the Chapter of Daniel", em *Journal of Theological Studies*, XXXII (1930-31), 12-31.

⁵⁴⁶ J. Finegan, *Light from the Ancient Past*, pp. 189-190.

⁵⁴⁷ O Ulai é identificado como o Eulacus que passava por Susã antes de desembocar no rio Choaspes. Ver M. S. y J. S. Miller, *Harper's Bible Dictionary* (Nova York, 1952), p. 788.

ter destrocado o primeiro, o grande chifre do bode é quebrado e substituído por quatro chifres distinguidos. Além destes quatro, há um outro chifre pequeno que avança para o sul para pisar o santuário por um período de 2300 dias.

Uma vez mais, Daniel sente o desejo de clarificação. O anjo Gabriel o informa que esta visão é para o final dos tempos. O carneiro com dois chifres representa os reis da Medo-Pérsia. O bode está identificado com a Grécia, com o grande chifre representando o primeiro rei. Os quatro reinados que emergem da Grécia não serão fortes até que um rei poderoso de grande fortaleza se erga. Desatará uma vasta destruição de seu poder contra o povo sagrado e o Príncipe do exército será quebrado subitamente sem intervenção humana.

Daniel fica tão turvado por esta visão que é incapaz de retomar os negócios do rei durante vários dias. Sabendo que os medo-persas estão a ponto de absorver o reino da Babilônia, Daniel tem razão em estar preocupado. A capacidade com a que Daniel serve ao governo da Babilônia após a morte de Nabucodonosor não está indicado, porém Belsazar se volta a ele na véspera de sua morte.

É o ano 539 a.C. Confiado em que a Babilônia está fora de toda possível conquista, Belsazar reuniu um milhar de seus oficiais que suas esposas para um banquete. Bebem o vinho nos vasos de ouro e prata que Nabucodonosor confiscara do templo de Jerusalém.

Simultaneamente, os deuses pagãos feitos pelo homem são livremente reconhecidos.

Enquanto bebe diante de seus senhores sobre uma elevada plataforma, de acordo com o costume oriental, o rei percebe subitamente uma mão que escreve algo sobre uma parede. Aterrorizado, Belsazar chama os homens sábios da Babilônia para que leiam aquilo e o interpretem, oferecendo como recompensa um vestido de púrpura, um colar de ouro e o terceiro lugar no reino ⁵⁴⁸. Ouvindo a situação em que se encontra o rei, a rainha irrompe no banquete e o lembra de que há um homem em seu reino ao qual Nabucodonosor nomeou como o chefe dos sábios da Babilônia ⁵⁴⁹. Imediatamente, Daniel é levado ante Belsazar. Não importando-se da recompensa, Daniel assegura ao rei que ele interpretaria a mensagem da parede. Em simples palavras, o lembra que Nabucodonosor, a quem Deus tinha confiado um grande reino, foi reduzido a um estado de besta até reconhecer que o Altíssimo governa. O ainda que familiarizado com isso, Belsazar tinha falhado em honrar a Deus. a mão e sua escritura foram enviadas por Deus. a interpretação é bem clara. Deus terminou o reino e o dividiu entre os medos e os persas. No que diz respeito a Belsazar, já tinha sido pesado na balança e achado deficiente.

Por mandado real, foram concedidas a Daniel honras reais e foi aclamado como o terceiro no reino. Contudo, as últimas horas do reino da Babilônia estavam se passando rapidamente.

Naquela mesma noite, Belsazar foi morto e a cidade da Babilônia ocupada pelos medo-persas (Dn 5.3-31)

Os tempos dos medo-persas

Os medo-persas conquistam e ocupam a grande capital da Babilônia sem desc. A finais de outubro do 539, o próprio Ciro entra em triunfo e permanece na famosa cidade para celebrar o festival do Ano Novo ⁵⁵⁰. Dario, o medo, que conquistou Babilônia, aparentemente serviu às ordens de Ciro. Já que não existe nem uma única tabuinha ou inscrição que tenha sido encontrada e que leve seu nome, se têm produzido numerosas teorias para sua identificação.

Baseado em fatos novos, sua identidade com Gubarú, o governador da Babilônia sob Ciro, garante a conclusão de que Dario, o medo, pode ser considerado como uma personagem histórica ⁵⁵¹. De acordo com o relato de Daniel, Dario esteve a cargo da ocupação da Babilônia e foi o governante do reino caldeu. Embora medo por nascimento, governa sob as leis dos medos e dos persas.

As experiências pessoais de Daniel, registradas nos capítulos 6 e 9, se relacionam com o reino de Dario. O versículo final do capítulo 6 implica que, a continuação, Daniel esteve associado com Ciro. Sua final revelação está datada no terceiro ano de Ciro. Talvez por essa época, Dario tivesse morrido, ou Daniel tenha sido trasladado, de forma que fosse diretamente responsável a Ciro. Na crise da ocupação da Babilônia pelos invasores, Dario reconheceu imediatamente a Daniel, nomeando-o como um dos três sátrapas ou presidentes de seu governo. Com toda probabilidade, passou um certo tempo antes que os outros dois sátrapas

⁵⁴⁸ Já que Belsazar foi co-regente com Nabônido, o terceiro lugar no reino era o melhor que podia oferecer como recompensa.

⁵⁴⁹ A rainha se refere a Nabucodonosor como o "pai" de Belsazar, Dn 5.11. Na língua semítica esta palavra se usa com oito matizes diferentes. Aqui pôde ter sido usada como uma referência no sentido de antepassado. Ver o artigo "Daniel", por E. Young em *The New Bible Commentary* (F. Davidson, ed.), p. 674.

⁵⁵⁰ Pritchard, *Ancient Near Eastern Texts*, pp. 315-316.

⁵⁵¹ John C. Whitcomb, Jr. *Darius the Mede* (Grand Rapids Eerdmans, 1959). Ver também seu exame das teorias alternadas à luz da evidência bíblica.

agissem contra Daniel, numa tentativa de depô-lo do cargo (6.1-28). Enquanto isso, Daniel pôde haver tido a experiência registrada no capítulo 9.

O fato de que os medo-persas substituíam os babilônicos como o reinado mais importante depois Próximo Oriente, não surpreende a Daniel. Já muito cedo em sua vida, no segundo ano de Nabucodonosor, no 603 a.C., Daniel explicou claramente aos maiores reis da Babilônia que outros reinos seguiriam no curso do tempo. Durante o reinado de Belsazar, a identificação do seguinte reinado foi revelada. Quando permaneceu diante do trêmulo rei, nas vésperas da queda da Babilônia, Daniel declarou lisa e claramente que os medos e os persas ficariam com o reino.

Quando a crise já havia realmente acontecido, e a supremacia dos medo-persas foi estabelecida, Daniel ficou ansioso por conhecer que significação teria aquilo para seu próprio povo. lendo as profecias de Jeremias, observa cuidadosamente que tinha sido profetizado um período de cativeiro que duraria setenta anos ⁵⁵². Embora não faz menção disso, Daniel pôde também ter lido a respeito de Ciro no livro de Isaias (44.28-45.1), onde Ciro é identificado como o pastor a quem Deus usaria para libertar seu povo e fazê-lo regressar a Jerusalém. Ciro já tinha estado na cena internacional durante várias décadas. Poderia ser possível que os judeus recebessem então permissão por voltarem? Aparentemente o édito para seu retorno ainda não tinha sido ditado nem publicado.

Daniel estava muito familiarizado com as predições dadas por Jeremias. Quase setenta anos tinham se passado desde que o primeiro grupo de judeus, incluindo a ele mesmo, tinha sido levado ao exílio desde Jerusalém, no 605 a.C. Comprovando que o tempo de seu cumprimento era iminente, Daniel ora confessando os pecados de Israel e reconhecendo que Deus é justo em todos seus juízos.

Gabriel ilumina a Daniel no concernente ao futuro de Israel. Uma relação geral da sucessão dos impérios do mundo já lhe fora dada. Aqui, a atenção é focalizada sobre a nação de Israel, no plano de Deus. setenta semanas representam o período no qual Israel verá o cumprimento das promessas de Deus ⁵⁵³. Os acontecimentos atribuídos a este período para o povo de Daniel e sua sagrada cidade, foram como se segue:

- 1) Acabar com a transgressão
- 2) Acabar com os pecados
- 3) Fazer uma reconciliação pela iniquidade
- 4) Aportar uma justiça que perdure para sempre
- 5) Fechar a visão e a profecia
- 6) Ungir o mais santo

Dividindo o período total em unidades menores, uma era de sete mais sessenta e duas semanas, permite a aparição e a separação de um indivíduo identificado como "o ungido". A cidade e o santuário estão para serem destruídos por um povo do qual surgirá um príncipe que fará uma aliança com muitos por uma semana. Esta aliança leva à consideração da semana septuagésima como o tempo e a duração de sua relação. Contudo, em meio desta semana, o príncipe quebrantara a aliança, sendo a causa do sacrifício e trazendo a desolação até que o destruidor seja consumado.

Sem levar em conta as variadas interpretações desta explicação, em certa forma ambígua, como está exemplificada em numerosos escritos sobre estas profecias, o próprio Daniel recebe a certeza de que sua nação, pela qual ele está em oração constante, tem um lugar definido no plano de Deus. Sem dúvida, Daniel se sente grandemente alentado quando Ciro, pouco depois de ter subjugado a Babilônia, emite uma proclama alentando os judeus a que retornem a seu lar pátrio.

Quando Ciro organiza seu reino, Daniel serve como um dos três sátrapas. Desde muito tempo atrás se tinha distinguido como um sábio administrador, de modo tal que seus outros dois colegas ficaram com inveja. Sem terem achado nenhuma irregularidade em seus deveres oficiais, o incriminaram por suas práticas religiosas, até o extremo de lançá-lo na cova dos leões. Quando Dario encontrou a Dn, sem o menor dano, entre as feras, reconheceu em público, numa proclama a tal efeito, que Deus tinha libertado a Daniel —o Deus vivente que faz sinais e maravilhas nos céus e na terra como o governante de um reino que não tem fim.

A revelação final de Daniel (10.1-12.13) está datada no terceiro ano de Ciro. Por então, o homem de estado e profeta já estava bem estabelecido no governo medo-persa. Se Daniel tinha menos de vinte anos quando foi feito cativo, andaria então por volta dos oitenta.

⁵⁵² Comparar Jr 25.11 e 29.10 com Dn 9.1-2.

⁵⁵³ Para um resumo da evidência de que cada uma dessas setenta semanas se refere a um período de sete anos, ver Alva J. McClain, *Daniel's Prophecy of the Seventy Weeks* (Grand Rapids: Zondervan, 1940). Para uma discussão da profecia das setenta semanas (Dn 9.24-27), ver Culver, *op. cit.*, pp. 135-160.. Para uma representativa interpretação amilenar, ver E. J. Young, *The Prophecy of Daniel*, como referência.

Desde o ponto de vista de sua idade, pelas responsabilidades oficiais no governo, não resulta verossímil que considerasse seriamente participar do êxodo que organizaria o povo judeu para seu retorno a Jerusalém. Apesar de tudo, teve um interesse geral no bem-estar e nas esperanças futuras de seu povo.

Daniel gasta três semanas jejuando e levando luto. No dia vigésimo quarto do primeiro mês, está na ribeira do Tigre, quando percebe a um homem, vestido de linho branco, que tem características sobrenaturais. Quando Daniel vê aquela visão, e escuta o som de suas palavras, cai sobre seu rosto e se some num sono profundo. Os homens que estão com ele fogem.

Daniel acorda e é convidado a ficar em pé. Aquele homem lhe assegura que sua oração tem sido ouvida. Devido à interferência do príncipe da Pérsia, a resposta tem sido demorada. Já que Daniel é um homem muito amado que se humilha a si mesmo com a oração, este divino mensageiro veio, com a ajuda de Miguel, um dos príncipes chefes, para revelar o futuro de Israel. Embora fraco e tremendo, Daniel recebe uma força sobrenatural que o condiciona para ouvir a mensagem. O mensageiro o informa que está a ponto de acabar seu conflito com o príncipe da Pérsia e, a seguir, deverá esperar um encontro com o príncipe da Grécia. Antes de marchar, comparte com Daniel o conteúdo do livro da verdade (10.21).

Quatro reis sucederam a Ciro sobre o trono da Pérsia, o último dos quais faria que os gregos se levantassem a causa do excessivo de suas riquezas. Um rei mais poderoso procedente da Grécia vem para sentar-se como lhe apraz, ainda que sua vida seja subitamente cortada. Seu reino se dividirá em quatro (11.2-4). Por algum tempo, um agudo conflito rugirá entre o rei do norte e o rei do sul (11.5-20). Após que isso aconteça, uma pessoa vil e desprezível surge para desafiar o rei do sul em repetidas batalhas. Em sua raiva, profana o templo e causa o contínuo oferecimento de fogo que cessará quando muitos homens no conflito tenham morrido (11.21-35).

Um rei obstinado que é o mais desafiante de todos, se exalta a si mesmo por acima dos deuses, inclusive desafiando ao Deus de deuses (11.21-35). Durante um tempo, estende seu controle até o Egito, Etiópia e Líbia; porém por último encontra sua condenação num furioso conflito.

Que acontece, nesse ínterim, com o povo de Daniel? Na época deste terrível conflito, Miguel, o príncipe de Israel, surge para liberá-lo. Uma ressurreição acontece quando muitos são restaurados numa vida sem fim; outros sofrerão um desprezo eterno. Com a certeza de que aqueles que sejam sábios e prudentes e tornem ao justo, são os receptores das bênçãos de Deus, a Daniel se aconselha para que sele a mensagem que lhe foi revelada. No final dos tempos, muitos a lerão para incrementarem seu conhecimento.

Daniel vê a dois indivíduos, um a cada margem do rio. Voltando-se para o homem das vestes brancas, pergunta o concernente à terminação daquelas maravilhas. Alçando as mãos ao céu, o homem vestido de branco jura "por aquele que vive eternamente" (Dn 12.7) que tais maravilhas se terminarão após três períodos e meio de tempo. Isto também é o ponto final para esperar o poder do povo santo. Daniel ainda está confuso. Escuta as palavras, porém não compreende. Inquirindo do homem das vestes brancas, é advertido de que continue com seu caminho, e as palavras ficam fechadas e seladas até o tempo do fim. Muitos serão purificados e compreenderão, e outros continuarão numa excessiva maldade e não compreenderão.

Incluso ainda quando os acontecimentos que devam vir não estão claros para Daniel, a ele é prometido descanso, e lhe será entregue um lugar no fim do tempo. Com esta esperança pessoal e a seguridade de que seu povo triunfará finalmente, Daniel recebe instruções de acabar e selar este livro.

● CAPÍTULO 22: EM TEMPOS DE PROSPERIDADE

A independência política, a expansão e a prosperidade caracterizaram Israel durante o apogeu do êxito de Jeroboão. Desde os dias do derramamento de sangue e da opressão no 841 a.C., a dinastia de Jeú, eventualmente conduziu o Reino do Norte ao topo do prestígio político e econômico durante a primeira metade do século VIII. Eliseu continuava com seu ministério, mantendo-se como o mensageiro de Deus durante aqueles anos tumultuados de princípios da dinastia de Jeú.

O sangue marcou os passos de Jeú ao trono da Samaria. Não satisfeito com matar os reis de Judá e Israel, Jeú tinha matado por prazer, até exterminar a família real. Acicatado por um traíçoeiro fanatismo, reuniu a todos os entusiastas de Baal para um massacre massivo.

O êxito local de Jeú foi logo escurecido pelos problemas internacionais. A horrenda morte de Jezabel não provocou certamente a boa vontade da Fenícia. Jerusalém, com seu rei como vítima da revolução da Samaria, foi lançada a um redemoinho sangrento sob o terror de Atalia. Moabe se rebelou contra Israel. Desde Damasco, Hazael pressionou ferozmente para o sul, ocupando o território israelita ao leste do Jordão. Jeú estava desamparado —demasiado fraco para salvar o povo de Gileade e Basã da opressão síria. Além disso, achou necessário enviar tributos a Salmaneser III, com o objeto de evitar a ominosa ameaça da invasão assíria⁵⁵⁴. Hazael chegou a ser o pior inimigo de Israel. Enquanto governou a Síria existiram problemas e dificuldades para Jeú e seus sucessores. Hazael não só invadiu Basã e Gileade, senão que também avançou para o sul na Palestina, para capturar Gate. Além disso, ameaçou com a conquista de Jerusalém (2 Rs 12.17). Rodeado e oprimido pelos sírios, Israel parecia ter um futuro sem esperança. Aparentemente, os estados vizinhos levaram vantagem da importância de Israel por repetidas pilhagens e saqueios (Amós 1.6-12).

Pouco antes do final do século, as perspectivas de alívio para Israel começaram a surgir com a morte de Hazael. Com Assíria dominando Damasco, Israel teve a oportunidade de ressurgir mais uma vez no concerto internacional. Em seguida Joás tinha disposto uma poderosa força de combate para desafiar o novo rei sírio, Ben-Hadade, em seu controle do território israelita. No despertar para o êxito, a morte de Eliseu o veterano profeta de Israel, chegou como um golpe tremendo para Joás.

O exército de Joás era tão grande que Amasias, o rei de Judá, pediu-lhe emprestados cem mil homens para ajudar à submissão do Edom. Seu êxito nesta aventura fez a Amasias tão arrogante que voltou as tropas israelitas contra Joás, num desafio para encontrar-se as forças de Judá com as de Israel na batalha. Quando sua advertência verbal foi ignorada, Joás invadiu Judá, destruiu parte das muralhas de Jerusalém, devastou o palácio e tomou reféns que levou a Samaria. Com Judá como vassalo de Israel, Amasias deve ter sido feito prisioneiro ou, pelo menos, destronado por um extenso período⁵⁵⁵. Jonas fez sua aparição por esta época⁵⁵⁶. Sua predição foi precisa e, sem dúvida, popular.

Declarou que Jeroboão estava a ponto de reclamar o território perdido a Hazael em tempos passados. Certamente, não transcorreu muito antes de seu êxito militar, a extensão territorial e a prosperidade econômica se fez uma realidade sob a enérgica e agressiva política de Jeroboão II (793-753 a. C.). Com a Síria debilitada pela pressão de Hadade-Nirari III, Jeroboão voltou a recuperar seu território nacional desde o Mar Morto até "a entrada de Hamate" (o passo entre o Líbano e sua cordilheira e monte Hermom). Em consequência, Jeroboão II teve sob seu controle um domínio maior que qualquer outro de seus predecessores.

As relações comerciais se expandiram. Floresceu o comércio internacional além de tudo o conhecido por Israel desde os dias de Salomão. Nesta era de êxito econômico e expansão territorial, Samaria se fortificou contra qualquer invasão estrangeira⁵⁵⁷. Com a Síria como

⁵⁵⁴ J. B. Prichard *Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament*. 2.a ed., p.280. Ver também capítulos 12 e 13 deste volume, para uma eventual discussão.

⁵⁵⁵ E. R. Thiele, *The Mysterious Numbers of the Hebrew Kings*, pp. 68-72.

⁵⁵⁶ Jonas viveu em Gathefeh, a uns 5 km ao noroeste de Nazaré.

⁵⁵⁷ Ver André Parrot, *Samaría, the capital of Kingdom of Israel* (Londres: SMC Press, 1958).

estado-tampão, os israelitas esqueceram complacientemente o perigo que representava a Assíria. Embora Judá começou a mostrar sinais de um reavivamento político e econômico, o Reino do Sul era ainda pouco forte e estava comparativamente adormecido, ao tempo que Jeroboão continuava governando na Samaria.

Com Israel em seu apogeu, dois profetas fizeram sua aparição: Amós e Oséias. Cada um deles, por turno, tratou de despertar os cidadãos de Israel de seu letargo, porém nenhum deles conseguiu que o povo voltasse de sua apostasia.

Jonas – A missão de Nínive ⁵⁵⁸

Jn 1.1-4.11

Jonas teve uma mensagem popular para pregar em Israel. Em épocas de opressão, a promessa de dias prósperos foi muito bem acolhida. Sem dúvida, o cumprimento de única predição, na extensão do território de Israel sob Jeroboão, aumentou sua popularidade em seu lar pátrio.

Não há indicação de que tivesse uma mensagem de advertência ou de juízo para liberar seu próprio povo (2 Rs 14.25).

O sermão de Jonas aos ninivitas não foi senão adulação. O juízo e a condenação para esta cidade estrangeira está resumido no tema: "Daqui a quarenta dias Nínive será destruída". Quando finalmente ele completou esta afirmação, registrou suas experiências no livro que leva seu nome. Observe-se a seguinte breve análise:

- | | |
|--|-------------|
| I. A viagem de Jonas para o oeste, num itinerário de ida e volta | Jn 1.1-2.10 |
| II. Uma missão de pregação com êxito | Jn 3.1-10 |
| III. A lição para Jonas | Jn 4.1-11 |

Jonas foi divinamente comissionado para ir a Nínive, uma desagradável missão para um israelita. Durante os tempos de Jeú, Israel tinha pagado tributo ao rei assírio Salmaneser III. Jonas conhecia o sofrimento a qual a Síria estava sujeita, repelindo os ataques recentes dos assírios. Por que deveria expor-se a tão perigosa missão? As atrocidades dos assírios, que mais tarde aterrorizaram as nações em sua missão a Tiglate-Pileser III, podem ter sido praticadas naquele tempo. desde o ponto de vista humano, Assíria era o último lugar que um israelita teria escolhido para uma aventura missionária.

Jonas começou sua viagem numa direção oposta. Em Jope, abordou um barco que se dirigia ao Mediterrâneo ocidental, ao porto de Târsis. Em rota para seu destino, uma tormenta de grande magnitude encheu de alarme os corações da tripulação, ainda que o mal tempo não fosse coisa desconhecida para eles. Enquanto Jonas dormia, os marinheiros atacados de pânico esvaziaram o barco e apelaram a seus deuses. Jonas foi convidado a levantar-se e a unir-se a suas orações pagãs. Os passageiros restantes decidiram que Jonas era o responsável de sua desgraça. Temerosos da ira divina, o lançaram pela borda. Imediatamente cessou a tormenta e prevaleceu uma grande calma no mar. No que diz respeito aos marinheiros, a questão estava resolvida. Não assim para Jonas. Seus problemas apenas tinham começado.

Tinha sido engolido por um grande pez ⁵⁵⁹. Três dias e três noites Jonas deveu permanecer no ventre do monstro marinho.

Apelando a Deus, reconheceu francamente que estava perdido, a não ser por uma divina intervenção. Fez a simples promessa de que cumpriria seus votos uma vez que fosse liberado. E assim, sob o poder divino, o pez levou a Jonas até depositá-lo em terreno seco.

Mais uma vez Jonas é convidado a ir a Nínive. Desta vez se dirigiu rumo ao leste, à distante terra da Assíria, aproximadamente a 1287 km de Israel. Localizada na margem oriental do

⁵⁵⁸ Correntemente, um tratamento popular do livro de Jonas é para compreendê-lo como um conto curto para propaganda religiosa, talvez no século IV a.C. Ver B. W. Anderson, *Understanding the Old Testament* (Englewoods Cliffs, 1957), pp. 503-504. Para um tratamento mais elaborado, ver R. H. Pfeiffer, *Introduction to the Old Testament*, p. 587ss. Aage Bentzen, *Introduction to the Old Testament*, Vol. II (2.a ed., 1952), pp. 144-147 e ss. o consideram, com Bewer, como uma parábola. Para uma defesa do livro de Jonas como registro histórico, ver A. Ch. Aalders, *The problem of the Book of Jonah* (Londres: Tyndale Press, 1948) e E. J. Young, *An Introduction to the Old Testament*, pp. 254-258. Para uma representativa interpretação histórica, ver Frank E. Gaebelien, *The Servant and the Dove* (Nova York: Our Hope Press, 1946), pp. 143. Keil e Delitzsch, *Commentary on the Minor Prophets*, Vol. I., pp. 379-417. *The Minor Prophets*, Vol. I, (Nova York: Funk and Wagnalls, 1885), pp. 371-427.

⁵⁵⁹ Não tem por quê tratar-se de uma baleia, senão de um "grande pez". Jn 1.17, Mt 12.40. para uma moderna analogia com a experiência de Jonas, veja-se o relato de John Ambrose Wilson, em que uma baleia perto das Ilhas Falkland (Malvinas argentinas) engoliu um membro da tripulação de um barco, que foi resgatado três dias mais tarde, revivido de sua inconsciência, e que depois disso continuou vivendo normalmente. Ver *Princeton Theological Review*, "The Sign of the Prophet Jonah", XXV (1927), 636. Para a possibilidade de uma baleia engolir um homem, ver o artigo "How to Test the Story of Jonah". por G. Macloskie em *Bibliotheca Sacra*, LXXII, 336 e ss

Tigre, Nínive era uma grande cidade, com numerosos subúrbios além de suas muralhas ⁵⁶⁰. Ali Jonas começou sua missão de pregar. Sofisticado e pecador como era aquele povo, as gentes o escutaram e ouviram sua advertência: "em quarenta dias Nínive será destruída". Apenas tinha começado Jonas seu itinerário, quando o povo respondeu. Arrependendo-se, vestiram de saco e jejuaram, voltando-se a Deus com fé ⁵⁶¹. Assim que sua mensagem se deixou ouvir no palácio, o rei entrou em ação ⁵⁶². Mudaram suas vestes reais por sacos, se cobriram com cinzas. Para os cidadãos de Nínive, emitiu um decreto real, admoestando-os a que voltassem a Deus seus caminhos pecadores e se arrependessem ⁵⁶³. Jonas se desconcertou ao ver tão amplos sinais de arrependimento. Para sua grande surpresa, sua missão tivera um êxito impressionante. E para sua decepção, a cidade não foi destruída; foi salva, ao responder Deus com sua misericórdia ao arrependimento do povo ⁵⁶⁴. Talvez Jonas experimentasse uma reação nervosa. É difícil avaliar seu estado mental e físico, não só por sua azarada viagem, senão ao ter de pregar uma mensagem de juízo divino a um povo estranho. De qualquer forma, Jonas ficou terrivelmente confuso ⁵⁶⁵. Não satisfeito com a resposta que Deus lhe dera como aviso, Jonas se retirou a uma colina próxima, desde a qual podia ver a cidade que tinha sido indicada para sua destruição.

Parece que o período de quarenta dias não tinha acabado ainda, e assim ele antecipou a possibilidade da condenação que se aproximava sobre Nínive.

Refugiado à sombra de uma aboboreira, Jonas recebeu alento quando Deus fez com que a planta crescesse rapidamente, brindando-lhe uma abobada de sombra para protegê-lo do calor do dia.

Porém Jonas tinha uma outra lição que aprender. Em lugar de ser testemunha da ruína da cidade, um verme destruiu a planta que tanto o havia deliciado. Deus ressaltou com isso que o profeta estava muito mais preocupado com seu próprio conforto que a respeito do bem-estar das 120.000 crianças inocentes que ainda não tinham chegado à idade do discernimento ⁵⁶⁶. Para Deus, a conversão dos assírios era muito mais importante que a preservação da planta que servia para o desfrute de uma única pessoa.

O que aconteceu afinal não está relatado no livro que leva seu nome. Aparentemente, Jonas voltou ao seu lar pátrio, para registrar e deixar constância de sua missão em Nínive ⁵⁶⁷.

Amós – Pastor e profeta

Am 1.1-9.15

Nos últimos anos do reinado de Jeroboão, Amós proclamou a palavra de Deus no Reino do Norte. Amós chegou a Samaria procedente do pequeno povoado de Tecoa, localizado a uma 8 km ao sul de Belém. Para ganhar-se a vida, pastoreava ovelhas e cultivava sicômoros ⁵⁶⁸. Enquanto estava entre os pastores de Tecoa, Amós recebeu o chamamento de Deus para ser um profeta. Esta chamada foi tão clara como o cristal, de forma tal que quando o sumo sacerdote lhe chamou a atenção em Betel, Amós recusou ser silenciado (7.10-17).

A mensagem de Amós refletiu o luxo e a comodidade de Israel durante o reinado de Jeroboão ⁵⁶⁹. O comércio com a Fenícia, a passagem do tráfego das caravanas através de Israel e a Arábia, e a expansão para o norte a expensas da Síria, aumentaram extraordinariamente as arcas de Jeroboão. O rápido crescimento do nível de vida entre os ricos ampliou a distância entre classes. Prevaleceram os males sociais. Com uma sagaz visão das coisas, Amós observou a corrupção moral, o luxo egoísta e a opressão dos pobres, enquanto a riqueza rapidamente acumulada produzia mais ricos. Numa linguagem simples, porém cheia de força, denunciou, corajosamente, os males que se tinham introduzido na vida social, política e econômica de

⁵⁶⁰ "Nínive, a grande cidade"; isto inclui a própria cidade e seus subúrbios. Desde 1100 a.C., Nínive foi utilizada como uma das residências reais. Depois do 722, Sargão II fez dela sua capital, e continuou sendo a primeira cidade da Assíria até sua queda no 612 a.C.

⁵⁶¹ Para uma discussão da "fé" dos ninivitas, ver Pusey, *op. cit.*, p. 415.

⁵⁶² Gaebelain aventura a opinião de que o rei assírio em questão é ou bem Hadade -Nirari III (aprox. 811-782 a.C.) ou Salmaneser IV (aprox. 782-772 a.C.). Ver *op. cit.*, p. 119.

⁵⁶³ Para uma discussão sobre a reforma —ainda que não seja mencionada na fusão secular—, ver Aalders, *op. cit.*, pp. 6-7.

⁵⁶⁴ Ver os tratamentos de Deus no passado. Deus assegurou a Abraão que Sodoma e Gomorra seriam salvas em graça de dez justos (Gn 18). Ver também Êx 32 e 1 Rs 21.29, onde Deus demora seu juízo por misericórdia.

⁵⁶⁵ Ver Gaebelain, *op. cit.*, p. 129. Ver também 1 Rs 19.4, Jr 20, Jó 3.

⁵⁶⁶ Pusey, *op. cit.*, p. 246, estima a população de Nínive em 6000.000 habitantes.

⁵⁶⁷ A tradição de que Jonas foi sepultado no outeiro de Nebi Junus, marcado por uma mesquita, no lugar onde estivera Nínive, carece de suporte histórico. Ver W. B. Robinson, em seu artigo sobre Jonas.

⁵⁶⁸ Ao furar este fruto com forma de figo, os insetos do interior ficam em liberdade, e o processo de maturação é assim acelerado.

⁵⁶⁹ Está universalmente conveniado entre os eruditos que Amós profetizou durante os dias de Jeroboão. Seu reino terminou no 753 a.C., de acordo com E. R. Thiele, *op. cit.*, p.70.

todo Israel. Nos rituais religiosos, não havia substituto para a justiça, sem a qual a nação de Israel não poderia escapar ao juízo de um Deus justo.

Por quanto tempo profetizou Amós? Já que chegou de Judá ao domínio de Jeroboão para denunciar a aristocracia da riqueza e do luxo, é razoável assumir que seu ministério somente foi tolerado por um breve período de tempo. O que aconteceu a Amós após que Amasias informasse dele a Jeroboão, é algo que não está registrado. Pode ter sido encarcerado, expulsado ou incluso martirizado⁵⁷⁰. Com lucidez literária e um magnífico estilo, Amós predica a mensagem de Deus para sua geração⁵⁷¹. Numa clássica simplicidade, descreve seu encontro com a pecadora nação contemporânea. Para uma breve análise do livro de Amós, note-se o seguinte:

I. Introdução	Am 1.1-2
II. Denúncia das nações	Am 1.3-2.16
III. As acusações ampliadas de Deus contra Israel	Am 3.1-6.14
IV. O plano de Deus para Israel	Am 7.1-9.15

Deve ter-se em conta como Amós começou sua missão predadora. Anunciando valentemente o juízo para as nações circundantes, atraiu a atenção dos israelitas. A ação do profeta, verossimilmente provocou uma alegria maliciosa em mais que uns poucos corações endurecidos.

Damasco foi a primeira a ser denunciada. Seguramente alguns dos israelitas mais velhos puderam lembrar de como Hazael havia trazido a destruição sobre eles, pela invasão, ocupação e o cativeiro durante o reinado de Jeú. Outros, no auditório de Amós, lembraram com desagrado os filisteus, que traficaram com cativos em seu comércio com Edom. Tiro tinha sido culpável do mesmo lucrativo negócio. Os edomitas, que eram notórios por sua animosidade e ódio para com Israel, já desde os dias de Jacó e Esaú, não puderam escapar ao juízo e castigo de Deus. As atrocidades dos amonitas e os traçoeiros moabitas, com suas más ações, foram igualmente indicados pelo juízo divino.

Enquanto os israelitas escutaram aquelas terríveis denúncias feitas por Amós, se alegraram, indubitavelmente, pelo fato de que o juízo divino estiver dirigido a seus pecadores vizinhos.

Aqueles pagãos se mereciam o castigo. Por então, Amós já tinha avisado a Israel ao julgar seis nações circundantes. O sétimo na lista era o próprio reino de Judá. Talvez o povo de Jerusalém tinha-se refugiado no orgulho de ser e considerar-se a atalaia da lei e do templo. Amós, sem temor, os condenou por sua desobediência e desprezo da lei. Com toda certeza, isto resultava mais agradável aos israelitas nacionalistas, que se ressentiam do orgulho religioso de Judá.

Caso Amós tiver concluído sua mensagem por ali, poderia ter sido mais popular; porém não foi assim o caso. Os seguintes na ordem do dia eram os próprios israelitas aos que estava falando. Os males sociais, a imoralidade, a profanação —tudo aquilo existia em Israel. Deus não podia deixar passar tais pecados no povo de sua aliança, ao qual tinha remido do Egito. Se outras nações mereciam o castigo, muito mais o merecia a própria Israel. Não, não escapariam ao escrutínio do Senhor.

Certamente, era íntima a relação entre Deus e Israel (3.1-8). De todas as nações da terra, Deus tinha escolhido a Israel para ser o povo de sua aliança. Porém, havia pecado. Somente restava uma alternativa: Deus deveria castigá-lo. O falho em apreciar e medir os maiores privilégios e as mais abundantes bênçãos, traria a visita de Deus em seu juízo.

Será que o juízo chega por casualidade? Por uma série de questões retóricas, onde a resposta é evidentemente "Não", Amós expressou a verdade evidente de que o mal ou o castigo não chegam a uma cidade sem o conhecimento de Deus. Deus o revela aos profetas. E quando Deus fala a um profeta, que pode este fazer, senão profetizar? Em conseqüência, Amós não tinha alternativa.

Deus tinha-lhe falado. Ele estava sob a divina compulsão para pronunciar a palavra de Deus.

Apelando aos vizinhos pagãos como testemunhas, Amós perfila seus cargos contra Israel (3.9-6.14). Em Samaria, os ricos bebiam e gozavam a expensas dos pobres. Persistindo naqueles males, multiplicaram as transgressões com sacrifícios rituais. Ao mesmo tempo, odiavam a reprovção, resistiam à verdade, aceitavam subornos, descuidavam o necessitado e afligiam o justo. Em essência, tinham tornado a justiça em veneno. A avaliação de Deus das

⁵⁷⁰ R. H. Pfeifer. *The books of the Old Testament* (Nueva York 1957) p. 300, sugere que o ministério de Amós esteve limitado a poucos meses. Amasias informou que o país não podia suportar tão duras palavras (Am 7.10).

⁵⁷¹ Bentzen, *op. cit.*, p. 139, sugere que o livro de Amós foi compilado em Judá, já que Jeroboão é mencionado antes de Uzias em 1.1

condições de Israel deixou somente uma alternativa. O exílio em massa tinha sido decretado para os israelitas.

Incluída nestes cargos estava a explícita aclaração da condenação que se aproximava. Um adversário rodearia o país. Nem a religião nem a política salvariam Israel quando os altares de Betel e os palácios de marfim fossem derrubados sob as pancadas dos invasores. Como peixes colhidos com anzóis, os cidadãos de Israel seriam arrastados ao exílio. Deus estava levando a uma nação sobre eles em juízo, para oprimir a terra desde a fronteira do norte em Hamate até um rio do Egito.

A misericórdia tinha precedido o juízo ⁵⁷². Deus tinha enviado a seca, as pragas e a peste para despertar Israel ao arrependimento; porém o povo não tinha respondido.

Continuando em sua vida ímpia, tinham antecipado o dia em que o Senhor lhes traria as bênçãos e a vitória. Que trágica ilusão! Amós ressaltou que para eles este seria um dia de escuridão antes que de luz. Como um homem que corre perseguido por um leão, somente para deparar-se com um urso, assim Israel encarava a inevitável calamidade no dia do Senhor. Deus não podia tolerar seus rituais religiosos, festas e sacrifícios ao tempo que eram culpados de pecados contra seus concidadãos. Sua única esperança para viver era buscar a Deus, odiar o mal, amar o bem, e demonstrar a justiça em sua total pauta de vida. Já que não tinham respondido às repetidas advertências e avisos, o juízo de Deus era irrevogável. Deus não podia ser subornado mediante ofertas e sacrifícios para afastar a aplicação de Sua justiça. A completa ruína, e não o triunfo, os aguardava no dia do Senhor.

O plano de Deus para Israel estava claramente perfilado, eles tinham ignorado Sua misericórdia.

O juízo estava agora pendente. Em cinco visões, Amós previu os futuros acontecimentos, aonde lhe fora dado uma mensagem de advertência (7-9). Aquelas visões aclaravam vividamente a condenação em marcha. Em ordenada progressão, as quatro primeiras visões — os gafanhotos, o fogo, o prumo e o cesto de frutos— conduziam à quarta, que significava a real destruição.

Quando Amós viu a terrível formação de gafanhotos, sentiu-se profundamente comovido por seu povo. De ser libertados da terra, seriam roubados de seu sustento, incluso ainda se o rei tinha sua participação na erva serôdia. Imediatamente, Amós gritou: "Senhor DEUS, perdoa, rogo-te" (7.2), e a mão de Deus do juízo foi detida.

Logo a seguir, o profeta percebeu um fogo destruidor que Deus estava a ponto de soltar em juízo contra Israel. Amós não podia suportar o pensamento de que o povo de Deus fosse consumido pelo fogo. Mais uma vez intercedeu, e em resposta, Deus evitou o juízo.

Na terceira visão, o Senhor aparecia com um prumo em sua mão, para inspecionar um muro. Isto significava claramente a inspeção de Deus para com Israel. Ninguém sabia melhor que Amós que os israelitas não poderiam passar este exame; porém o profeta foi advertido com antecipação que Deus não passaria novamente a mão com misericórdia. Por duas vezes Deus tinha estendido sua complacência misericordiosa, mas agora os santuários seriam derrubados. A família real se encarava com a espada.

Aparentemente, esta mensagem era demasiado forte para os que o ouviam em Betel.

Amasias, o sacerdote, se levantou em cólera contra Samuel. imediatamente avisou o rei, e logo a seguir encarou o profeta com o dilema e o ultimato de voltar a Judá e ganhar lá sua vida.

Com a firme convicção de que Deus o tinha chamado, Amós anunciou valorosamente a condenação de Amasias. Não somente seria morto e sua família exposta ao sofrimento, senão que, além do mais, Israel seria arrancado de raiz e levado ao exílio.

Na quarta visão, lhe apareceu uma cesta de frutos de verão. Enquanto o prumo significava a inspeção, a fruta de verão indicava a iminência do juízo. Como a fruta madura espera ser consumida, assim Israel estava presta para a condenação. Aquele era o fim, Deus não esperaria mais. Os opressores, os que quebrantavam o sábado e os negociantes sem escrúpulos, eram chamados para renderem contas de suas ações. Os lamentos iriam substituir a música. As condições pendentes eram tais, que o povo desejaria ouvir a palavra de Deus, mas não poderiam achá-la. Todos pereceriam no juízo.

Na visão final, o Senhor aparece junto ao altar para executar a sentença contra Israel.

O tempo chegara para destruir as cidades e derrubar toda a estrutura do templo. Deus, que havia repartido entre eles a bondade, estava agora dirigindo a execução. Deus tinha colocado seu olho sobre eles pelo mal, e não pelo bem. Não importa aonde fugissem, não poderiam escapar do cativoiro.

Israel está a ponto de ser peneirada para separar o grão dentre as nações.

⁵⁷² A exortação a preparar-se para o encontro com Deus, (4.12), não representava outra "oportunidade". Tendo desperdiçado a misericórdia divina, eles foram solenemente advertidos de que se preparassem para o castigo de Deus.

Todos os profetas tiveram uma mensagem de esperança. Em seu parágrafo final, Amós insere uma promessa alentadora (9.11-15). A dinastia davídica será restaurada, o reino será reafirmado.

Todas as nações sobre as quais "é invocado meu nome" serão tributárias de Israel. O vigor e o êxito prevalecerão mais uma vez, quando a fortuna de Israel seja recuperada. O tempo chegará quando Israel seja restabelecida em sua própria terra, e nunca mais voltará a ser abatida.

Oséias – O mensageiro do amor de Deus

Os 1.1-14.9

Oséias, cujo livro é o primeiro na lista dos profetas menores, começou seu ministério na última década do governo de Jeroboão. Em contraste com Amós, cujo ministério parece ter sido breve, Oséias continuou por várias décadas no reino de Ezequias. Com toda probabilidade, ele foi testemunha da queda de Samaria. Oséias não está mencionado em outros livros e é conhecido por nós somente porque registra fatos que são citados no livro que leva seu nome. Ainda sendo um homem do norte, seu ministério pode ter-se estendido a ambos reinos (ver 6.4).

Demos uma olhada aos tempos de Oséias. Nasceu e se criou numa época de prosperidade e de paz. Para o final deste período, quando Israel tinha um lugar proeminente entre as nações da Palestina, Oséias começou seu ministério anunciando o juízo de Deus sobre a dinastia reinante de Jeú. Antes que se passassem muitos anos, a nação levava luto pela morte de Jeroboão, o notável governante do Reino do Norte. O ano 753-2 a.C. levou o derramamento de sangue e a morte até o palácio real. Zacarias governou seis meses, quando o assassino Salum acabou com a dinastia de Jeú. Após o governo de um mês, Salum foi assassinado por Menaém. Embora a capital estava sobressaltada, o Reino do Norte manteve o *status quo* econômico durante os primeiros anos do reinado de Menaém.

A cena internacional mudou bruscamente. Tiglate-Pileser se apoderou do trono da Assíria no 745. Isto marcou o reavivamento de uma agressão pelo oeste, que pôs o Crescente Fértil sob o controle assírio durante o seguinte século. Ultimamente, sob reis sucessivos, o cinturão comercial do velho mundo que chegava até Tebas tinha sido controlado desde a capital assíria. O terror se apoderou das nações que se viram sob a ominosa ameaça dos exércitos triunfantes de Tiglate-Pileser. Havia razão para sentir medo. Sob a nova polca militar da Assíria, o nacionalismo foi submetido ao remover as populações das cidades conquistadas, levando-as a distantes partes do império. Por sua vez, os estrangeiros foram assentados em terras ocupadas, para evitar as subseqüentes rebeliões. Uma vez conquistada por Assíria, era mais difícil, certamente, para qualquer nação o poder liberar-se do jugo imposto.

Tempos turbulentos perturbaram os reinos da Palestina durante a segunda metade do século VIII a.C. Inicialmente Uzias, o rei de Judá, capitaneou a coalizão palestina contra o avanço assírio, porém sem êxito duradouro⁵⁷³. Menaém reteve seu trono somente em troca de pagar excessivos tributos, extraíndo-os a viva força de seu povo para entregá-los ao monarca assírio⁵⁷⁴. Embora isto resolveu o problema temporalmente, Menaém levantou o ressentimento dos cidadãos ricos de Israel. Após sua morte, seu filho Pecaías somente governou por dois anos, antes de ser assassinado numa rebelião contra a liderança que favorecia a política pró-assíria.

Peca, o assassino, levou vantagem da concentração dos assírios na campanha de Urartu.

Aliando-se com os sírios de Damasco, se preparou para o dia do retorno dos assírios. Esta tentativa abortada de libertar Israel da ameaça assíria, somente piorou as coisas. Por volta do 732 a.C., Rezim, o rei sírio, foi morto na ocupação de Damasco pelos assírios. Israel tinha pouca chance, já que Acáz, o rei de Judá, tinha feito aliança com Tiglate-Pileser.

Peca foi destronado numa morte sangrenta, para deixar passagem a Oséias, quem imediatamente assegurou ao rei assírio sua lealdade e o tributo de Israel.

Oséias começou seu reinado como vassalo da Assíria. Quando Salmaneser substituiu a Tiglate-Pileser no trono da Assíria, no 727 a.C., os israelitas tentaram outra rebelião. Em poucos anos, os exércitos de Salmaneser V rodearam Samaria. Após um assédio de três anos, a capital israelita capitulou no 722 a.C. Passadas três décadas depois da morte de Jeroboão, o Reino do Norte foi reduzido de um lugar de governo entre as nações da Palestina a uma província assíria.

Estas turbulências e vicissitudes do reino naquelas décadas quase apagaram a voz do profeta Oséias. Os tempos eram tão bons, nos primeiros anos de seu ministério, que os israelitas não queriam ser perturbados por advertências proféticas. A dinastia de Jeú tinha

⁵⁷³ Ver G. E. Wright, *Biblical Archaeology*, p. 161.

⁵⁷⁴ Pritchard, *op. cit.*, p. 283.

retido, afortunadamente, o trono durante quase um século. Antes de que se passasse muito tempo, contudo, a predição de Amós do exílio de Israel cobrou uma portentosa significação quando a política militar dos assírios desarraigou as populações nas terras ocupadas e as enviou a lugares distantes do império, levando à prática o exílio. As repetidas mortes de palácio, a invasão assíria, os pesados tributos e contribuições, as vacilantes alianças com estrangeiros e, finalmente, a queda da Samaria, figuraram nos turbulentos tempos do ministério de Oséias.

Passando tudo ao longo das tribulações e problemas dos cambiantes tempos, Oséias fielmente serviu a sua geração como porta-voz de Deus. Não se dão detalhes a respeito de seu chamamento ao ministério profético, além do fato de que o Senhor falou com ele. Oséias foi compelido a descrever o fato de que Deus ainda amava a um Israel que tinha voltado a seus antigos pecados. Pacientemente, rogou a seu povo que se arrependesse, enquanto via o reino deslizar-se desde a posição arrogante que tinha com Jeroboão II, ao nível de uma província assíria ocupada.

Durante seu longo ministério, Oséias partilhou o empenho de seu povo num reino titubeante. Com compaixão e amor por seus concidadãos, manifestou uma sensitiva resposta às necessidades de Israel em sua pecadora condição. Além de sua experiência pessoal, expressou num tom de tristeza o amor de Deus por um povo que tinha falhado em responder a sua bondade.

Não se dão datas específicas no livro de Oséias. Já que Jeroboão e Uzias são mencionados no versículo inicial, é geralmente conveniado que Oséias começou seu ministério por volta do 760 a.C., nos últimos anos do reinado de Jeroboão ⁵⁷⁵. Certamente, suas predição concernente à dinastia de Jeú no primeiro capítulo e possivelmente as sucessivas mensagens nos primeiros três capítulos do livro, foram publicamente dados antes da morte de Jeroboão. É razoável associar as mensagens dos capítulos 4-14 com os acontecimentos que espalharam as grandes sombras da dominação assíria sobre a terra da Palestina. Para uma análise completa de sua mensagem, como está registrada no livro que leva seu nome, pode considerar-se a seguinte perspectiva:

I. O matrimônio de Oséias e sua aplicação a Israel	Os 1.1-3.5
II. As acusações de Deus contra Efraim	Os 4.1-6.3
III. A decisão de Deus de castigar Efraim	Os 6.4-10.15
IV. A resolução de Deus nos juízos e misericórdia	Os 11.1-14.9

Única entre os profetas foi a experiência matrimonial de Oséias. Sob divina compulsão, Oséias casou com Gomer. No curso do tempo, lhe nasceram três filhos, Jizreel, Lo-Ruama e Lo-Ami, esta relação de família se converteu na base para várias mensagens que Oséias entregou a seu povo na primeira década de seu ministério.

A brevidade de Oséias no informe de seu matrimônio e a vida de família, deixa um número pendente de problemas ⁵⁷⁶. A despeito disso, o leitor não pode falhar em ver a progressiva revelação da mensagem de Deus através de Oséias. Com o nascimento de cada filho, a advertência do juízo pendente era apresentada com maior força e exata clareza.

O nome "Jizreel" remove numerosas lembranças de triste memória nas mentes dos israelitas. Como cidade real de Israel, estava associada com o assassinato de Nabote por Jezabel.

Correntemente, isso lembrava os israelitas que a poderosa dinastia reinante de Jeú marcou seu caminho para o trono com um excessivo derramamento de sangue em Jizreel (2 Reis 9-10).

Desta forma, Oséias advertiu a sua geração que o Reino do Norte estava perto de seu fim. Seu poder seria destruído e ficaria quebrado no vale de Jizreel.

Outra advertência chegou a Israel com o nascimento da filha de Oséias, Lo-Ruama. O significado "não compadecida" levou aos israelitas a mensagem de que Deus retiraria sua misericórdia. Já não os perdoaria totalmente. Subseqüentemente, o nascimento do terceiro filho trouxe o anúncio de que Deus estava fazendo mais severas suas relações com Israel. Na aliança existia um mútuo laço de união entre Deus e seu povo. Então Oséias deu a notícia a

⁵⁷⁵ Certamente, um período de três a dez anos deve ser concedido para o matrimônio de Oséias e o nascimento de seus três filhos. Não se indica que quantidade de tempo desse período foi contemporâneo de Jeroboão. Com a data terminal de Jeroboão como o 753 a.C., pareceria razoável datar o começo do ministério de Oséias aproximadamente no 760 a.C.

⁵⁷⁶ As duas básicas interpretações desta passagem são a literal e a alegórica. Para um breve sumário, ver Bentzen *op. cit.*, pp. 131-133; para uma extensa interpretação, ver os comentários gerais.

Israel de que aquele laço seria dissolvido. Já não era Israel o povo de Deus; nem Deus, o Deus de Israel. A relação da aliança tinha alcançado seu ponto de ruptura.

Apesar de tudo, Oséias, olhando ao longe no futuro, injetou um raio de esperança nos projetos de total abandono de Deus ⁵⁷⁷. A sentença contra Israel ia realmente ser executada; porém, chegaria um dia quando tanto Israel como Judá seriam reunidas de novo sob um único governante em sua própria terra. Esta multidão incontável seria identificada como os "filhos do Deus vivente".

Oséias, então, voltou aos problemas contemporâneos. A esperança da última restauração necessitava pouca ênfase quando sua geração estava a ponto de perder o favor de Deus. a fórmula legal do divórcio (2.2) indica que o profeta dissolveu seu matrimônio com a adúltera Gomer. De igual forma, Israel, por sua terrível atuação, é culpável de adultério. O grão, o vinho, o azeite, a prata e o ouro que Deus tinha generosamente subministrado a seu povo, tinham sido utilizados pelos israelitas em oferendas a Baal. Israel, como sua conduta tinha demonstrado, não "sabia" nem percebia que Deus tinha-lhe outorgado todas aquelas coisas boas ao povo de sua aliança ⁵⁷⁸. Então, Deus estava a ponto de visitá-los com seu juízo.

Todas as festividades religiosas cessariam. Israel seria castigada por sua apostasia ao ser desarraigada e exilada —abandonada por Deus.

E mais uma vez, o futuro ficava desvendado. A seu devido tempo, Deus concederia a graça de restaurar a Israel (2.14-23). O dia se aproximava em que a aliança seria renovada de tal forma que mais uma vez gozaria das bênçãos do Altíssimo como povo de Deus. esta promessa foi confirmada na própria existência de Oséias (3.1-5). O profeta foi convidado a buscar sua esposa e reinstalá-la em sua família. Mas, onde estava ela? O que tinha acontecido com ela?

Aparentemente, ela tinha ido embora e tinha chegado a um limite tal de imoralidade que ninguém tinha necessidade de sua companhia. Oséias a achou na praça do mercado, sendo oferecida à venda ao melhor concorrente ⁵⁷⁹. Indo muito além de suas obrigações morais e religiosas, pagou seu preço e pôs nela seu amor, renovando os votos de seu matrimônio. Esta ação simbolizava a atitude de Deus para com a adúltera Israel ⁵⁸⁰. A simples promessa de Deus é que Israel, mais uma vez, será restaurada nos últimos dias sob o governo de um rei, Davi.

Que cargos tinha Deus contra Israel? Linguagem blasfema, mentira, assassinato, roubo, adultério e crime —todos esses foram os sintomas do fracasso de Israel em reconhecer a seu Deus. o povo tinha ignorado a lei de Deus ⁵⁸¹ e, em consequência, Deus o havia rejeitado. Em sua idolatria, Efraim era pior que uma prostituta ⁵⁸². Os sacerdotes e os profetas igualmente tinham falhado até o extremo de que incluso Judá foi advertida de não se contaminarem com Efraim. O sacerdote, o rei e o povo foram alertados no fato de que o juízo se aproximava (5.1). com trombetas ressoando o alarme por toda a terra, Deus estava avisando Israel que estava a ponto de abandoná-la. Não tinha buscado a Deus, senão que tinha olhado para a Assíria em busca de ajuda. Deus ia abandoná-la até o tempo em que Israel genuinamente O buscasse (6.1-3).

Que faria Deus com Efraim? Esta pergunta sobressai na objetiva discussão representada por 6.4-10.15. Esta seção reflete a mensagem de Oséias durante as décadas em que Efraim estava em transe de desintegração sob a esmagadora marcha e o avanço da máquina assíria de guerra. Gradativamente, as nuvens do exílio foram expandindo uma sombra crescente sobre Efraim e, por último, foram extintos os últimos raios das esperanças nacionais de Israel.

Em relação com a aliança, o amor de Israel por Deus tinha vacilado constantemente.

Repetidamente, Deus havia tratado de fazer voltar seu povo de seus caminhos errados, ao enviar os profetas para chamar sua atenção. Em outras ocasiões, Ele a tinha visitado com calamidades e juízos. Ainda persistia em substituir as ofertas pelo verdadeiro amor e a lealdade. Quando Deus tiver revivido a Israel após seu castigo, que acharia? Ações más, engano, roubo, bebedices —tudo isso era nauseabundo para Deus, como um bolo a meio cozer. Ninguém em Israel buscava realmente a Deus. Efraim era demasiado orgulhosa. Agindo como uma pomba facilmente enganada, os oficiais buscavam a segura ajuda do Egito ou da Assíria pela diplomacia, esperando assim fugir do juízo de Deus. em vez de confiar em Deus,

⁵⁷⁷ Para uma proveitosa discussão, ver C. F. Keil.

⁵⁷⁸ A palavra "conhecer" ou "conhecimento" é usada freqüentemente por Oséias e não se refere meramente a uma compreensão intelectual. O problema é que o povo não ajusta suas vidas ao requerimento de Deus.

⁵⁷⁹ Para uma discussão desta mulher no capítulo 3 e sua identificação com Gomer, ver Norman Snaith, *Mercy and Sacrifice* (Londres: SMC Press, 1953), pp. 27-38.

⁵⁸⁰ Possivelmente ela tinha-se convertido numa escrava concubina de outro homem, ou talvez retornou com seu pai, a quem Oséias pagou um segundo tributo nupcial.

⁵⁸¹ Ver Êx 19.1-6, onde a obediência é a chave para uma reta relação de Israel com Deus como povo santo.

⁵⁸² Oséias utiliza com freqüência a palavra "Efraim" para designar o Reino do Norte, em contraste com Judá. A aliança foi feita em tempos de Moisés com a totalidade da nação. A divisão política no 931, ainda existente em tempos de Oséias, não existirá na restauração. Ver também Ez 37.

continuavam manifestando sua dependência de Baal. que podia fazer Deus, senão executar a sentença contra o povo infiel e ingrato!

Outra acusação contra Israel era que os reis tinham sido entronizados sem a aprovação de Deus. Fazendo ídolos, o povo tinha-se afastado e desprezado o Decálogo, que claramente limitava seu pacto e lealdade a Deus, quem os libertou da escravidão do Egito ⁵⁸³. Além disso tudo, a multiplicação de altares e sacrifícios não resultava agradável a Deus, entretanto que não estava acompanhada das devidas atitudes. A hipocrisia religiosa de Israel era patente para Deus nos dias de Oséias. A causa de sua evidente maldade, a morte e a destruição aguardavam a todo Israel. O rei seria completamente destronado na terminação do reino (8.1-10.15).

Como poderiam o eterno amor de Deus e sua justiça para com o Israel rebelde serem resolvidos? Poderia Deus abandonar por completo e esquecer-se de seu povo? A solução a este problema se dá em 11.1-14.9. Israel era o filho de Deus ⁵⁸⁴. No Egito, Deus tinha confirmado sua aliança com os israelitas e os havia redimido de sua escravidão. Como um pai cria com carinho a seu filho vacilante, o provê em todas suas necessidades e lhe outorga seu amor sem medida, assim Deus tinha-se cuidado continuamente de Israel. Agora, o povo tinha pecado e estava na necessidade de receber a correspondente disciplina o castigo deveria chegar, mas não voltariam ao Egito. Assíria era designada como a terra do exílio ⁵⁸⁵. Ainda lutando com o problema do amor compassivo para com um filho descaminhado e contumaz, a mensagem profética faz uma transição desde uma ameaça a uma promessa pela questão de "Como poderei abandonar-te, oh, Efraim?". O problema é resolvido ao enviar a Israel ao exílio com a seguridade de que retornará. Tanto Judá como Efraim são culpáveis de confiar no Egito e na Assíria, procurando ajuda. Israel tem provocado a ira de Deus e se convertido em repreensão para Ele. Por um tempo, irá à nação como um leão devorador para executar a sentença decretada sobre ela. Isto não pode ser alterado, porém no futuro, Deus será sua ajuda. Esta promessa proporciona a Israel consolo, e será como uma baliza durante os escuros dias do exílio.

Para seu povo, Oséias dá uma simples fórmula para que volte a Deus: abandonar os ídolos, transferir sua fé e confiança da Assíria a Deus, e confessar suas iniquidades. Somente em Deus acharão a misericórdia os que estão abandonados pelo Pai (14.1-4).

A última esperança é a restauração de Israel. O dia chegará em que os ídolos serão abandonados e a devoção para Deus terá uma plenitude piedosa. Restaurada em sua própria terra, Israel gozará mais uma vez da prosperidade material e das bênçãos divinas.

⁵⁸³ Ver as advertências dadas por Moisés em Dt 28.15-68.

⁵⁸⁴ Aqui Deus é representado como um pai que tem compaixão e que ama seu filho, enquanto previamente a aliança entre Deus e Israel está figuradamente expressada por um laço matrimonial.

⁵⁶⁹ Compárese la versión Cipriano de Valera (1960) y KSV en Os. 11:5. La primera sigue el texto hebreo, diciendo «No volverá a tierra de Egipto». La última, omite el «no» siguiendo el texto griego.

⁵⁸⁵ Compare-se a versão Cipriano de Valera (1960) e a KSV em os 11.5. A primeira segue o texto hebraico, dizendo "Não voltará à terra do Egito". A última omite o "não", seguindo o texto grego. (Nas versões portuguesas, figura: "*Acaso não voltarão ao Egito...?*" na NVI [interrogativo], e "*Não voltará para a terra do Egito*" [negativo], nas versões ACF e PJFA. - N. da T.)

● CAPÍTULO 23: AS NAÇÕES ESTRANGEIRAS NAS PROFECIAS

Três profetas menores dedicam sua atenção sobre uma nação estrangeira cada um: Obadias sobre Edom, Naum sobre Assíria e Habacuque sobre Caldéia. Diferentemente de Isaías, Amós e outros profetas, os autores destes oráculos apenas se referem a outras nações. Oferecem alento ou acusam seu próprio povo somente em forma de contraste ou comparação.

Os três livros não proporcionam informação que possa satisfazer a curiosidade concernente à vida pessoal dos profetas. Ao mesmo tempo, as limitadas referências à acontecimentos contemporâneos fazem impossível datar com certeza suas respectivas carreiras. Conseqüentemente, existem problemas em relacionar esses homens com os tempos em que viveram.

Obadias – O orgulho de Edom

Ob 1-21

O livro mais reduzido do Antigo Testamento é o de Obadias. Não temos meios de saber nada a respeito do profeta, aparte de seu nome, e não há base para identificá-lo com qualquer outra pessoa que leve esse nome. As datas sugeridas para o ministério de Obadias, baseadas no conteúdo de seu oráculo, vão desde o tempo de Amós até a última parte dos tempos de Jeremias⁵⁸⁶. A profecia se divide em quatro seções:

I. A segura posição do Edom	Ob 1-9
II. As desgraças de Jerusalém	Ob 10-14
III. O destino de Edom	Ob 15-16
IV. o triunfo de Israel sobre Edom	Ob 17-21

Edom é orgulhoso. Seguro em sua inexpugnável fortaleza rochosa, os edomitas refletem a atitude daqueles que estão por acima do perigo da invasão e da conquista. Não só se vangloriam de sua seguridade dentro de sua fortaleza natural, senão que, além disso, são orgulhosos e soberbos em sua pretendida sabedoria. Embora comprazidos em sua crença de que nada lhes acontecerá, a divina humilhação pende sobre eles. Os ladrões somente podem roubar o suficiente para eles, e os vindimadores deixam algumas uvas, porém Edom aguarda a pilhagem pelos confederados que, sem dúvida, conhecem bastante a respeito dos tesouros que têm escondidos. Decepcionados por aliados e amigos, os edomitas chegarão a comprovar que nem sua sabedoria nem seu poder podem salvá-los (versículos 1-9).

Está justificado o juízo sobre Edom? Os cargos contra ele estão claramente estabelecidos e declarados. No dia da calamidade de Jerusalém⁵⁸⁷, os edomitas se recriaram no mal alheio e até tinham entregado fugitivos ao inimigo, sendo culpados de flagrante injustiça (versículos 10-14).

O dia do Senhor será um dia de render contas para todas as nações. Obadias, porém, está especialmente preocupado com Edom e sua relação com o estado e a situação final de Judá. Edom será julgada por suas ações. Beberá do copo do furor e se desvanecerá como se nunca tivesse existido (versículos 15-16).

⁵⁸⁶ Para uma data precoce para Obadias, ver E. B. Pusey, *The Minor Prophets*, 1, pp. 143-369, e C. F. Keil, *The Twelve Minor Prophets*, I, pp. 337-378. Para uma discussão da data posterior ao 600 a.C., ver R. H. Pfeiffer, *Introduction to the Old Testament*, pp. 584, 586 e Aage Bentzen, *Introduction to the Old Testament*, II, pp. 143-144. O último permite considerar uma data que chega até o 312 a.C., quando Petra estava sob o controle árabe, de acordo com Diodoro Siculus.

⁵⁸⁷ Notem-se as numerosas vezes em que Jerusalém esteve sujeita às invasões no Antigo Testamento:

- 1) 1 Reis 14.25-26 – Sisaque nos dias de Roboão
- 2) 2 Crônicas 21.16-17 – Os filisteus e árabes em tempos de Jorão
- 3) 2 Reis 14.13-14 – Joás com Israel, em tempos de Amasias
- 4) 2 Reis 24.1 y ss – Nabucodonosor no 605-586.

Keil, *op. cit.*, e outros, datam Obadias no reinado de Jorão. D. W. B. Robinson, "New Bible Commentary", p. 170, e outros, datam Obadias após a queda de Jerusalém.

Por contraste, o monte de Sião será restabelecido. Enquanto Edom desaparece sem um único sobrevivente, os israelitas serão restaurados com segurança em sua própria terra, desde o Negueve no sul até Sefarade no norte, com o Senhor como governante. Incluso os exilados de Sefarade retornarão para partilhar a reclamação das cidades do Negueve ⁵⁸⁸. Monte de Esaú, uma vez representativa do orgulho e da altivez dos edomitas, será governada desde o monte Sião (versículos 17-21).

Naum – A sorte de Nínive

Na 1.1-3.19

Os matizes internos do livro de Naum oferecem uma evidência fiável para datar este profeta na segunda metade do século VII. A referência de Naum à queda de Tebas faz o 661 a.C. o *terminus a quo* e a menção da queda de Nínive sugere o 612 a.C. como o *terminus quem* para o período de sua carreira. Dentro destes limites é, certamente, impossível fixar uma data exata para seu ministério.

A conquista de Tebas por Assurbanipal representava o máximo ponto do avanço sírio, a uns 530 quilômetro ao sul do Cairo ⁵⁸⁹. Mas não se passou muito tempo e as rebeliões começaram a transtornar o império de Assurbanipal. Seu próprio irmão, Samasumukim, nomeado governador da Babilônia por Esar-Hadom, deu lugar a uma rebelião fracassada e pereceu na queima da Babilônia no 648 a.C. ⁵⁹⁰ Quando morreu Assurbanipal, por volta do 633, as rebeliões explodiram com êxito em várias zonas, para advertir a Assíria de sua próxima condena. Ciaxares assumiu o reinado da Média e em menos de uma década Nabopolassar esteve bem estabelecido sobre o trono da Babilônia. aliando suas forças com os medos e os babilônicos, convergiu sobre a Assíria para efetuar a destruição de Nínive no 612 a.C. ⁵⁹¹ Aos poucos anos, o Império Assírio estava absorvido pelos vencedores.

Seguramente, Naum estava familiarizado com alguns desses acontecimentos. Embora Elcos, a aldeia Natal de Naum, não tenha sido nunca identificada com certeza, é verossímil que ele fosse um cidadão de Judá ⁵⁹². A Naum lhe resultavam conhecidas as calamidades que Judá teve de suportar durante o século da dominação assíria. Não há dúvida de que estava à par da opressão assíria, por meio da qual até Manassés, rei de Judá, foi levado ao desterro por uma temporada.

A seguinte análise sugere os temas importantes como estão desenvolvidos no livro de Naum:

- | | |
|---|--------------|
| I. A majestade de Deus no juízo e na misericórdia | Na 1.1-14 |
| II. O cerco de Nínive e sua destruição | Na 1.15-2.13 |
| III. A razão da queda de Nínive | Na 3.1-19 |

A majestade de Deus é o tema introdutório de Naum. Soberano e Onipotente, Deus governa de forma suprema na natureza. Os malvados —inimigos de Deus por suas ações— continuarão porque Deus é tardio em sua cólera. A seu devido tempo, a vingança de um Deus zeloso será manifestada. Para aqueles que confiam nEle, serão salvos no dia da ira, porém o inimigo será completamente destruído (1.1-8) ⁵⁹³. Aparentemente, alguns dentre o auditório de Naum estavam na dúvida a respeito do cumprimento de sua predicação (1.9). Com certeza, o profeta declara que o juízo de Deus é tão decisivo que não têm por que temer nem sentir aflição de Nínive de novo. as dificuldades que Assíria impôs sobre Judá não se repetirão (1.12-13).

Dirigindo-se aos assírios, Naum prediz que esta destruição apagará seu nome a perpetuidade.

Para Judá, a destruição de Nínive é o alívio da opressão. De forma pitoresca, o profeta fala do mensageiro que vem com as boas novas (1.15). o povo é admoestado a renovar sua devoção religiosa em gratidão por sua libertação. Por contraste com esta breve exortação para Judá, a mensagem para Nínive contém uma grave advertência. Naum vividamente descreve o

⁵⁸⁸ Isto, provavelmente, seja uma referência a Zafarda, um distrito do sudoeste, aonde Sargão exilou os israelitas (2 Rs 17.6). Comparar Julius A. Bewer, *Obadiah and Joel in International Critical Commentary* (Nova York: Scribner's Sons, 1911), pp. 45-46. Para a identificação com Sardes, *Cpada* nos monumentos persas, a capital de Lídia na Ásia Menor onde existia uma colônia judia no princípio do reinado de Ciaxares (464-424), ver o *Interpeter's Bible* como referência (Vol. 6, p. 867). Comparar também C. C. Torrey "The Bilingual Inscription from Sardis", *American Journal of Semitic Languages and Literature*, XXXIV (1917-1918), pp. 185-198.

⁵⁸⁹ Tebas era conhecida como No e No-Amom, Na 3.8

⁵⁹⁰ Ver D. J. Wiseman, *Chronicles of Chaldean Kings*, pp. 6-7.

⁵⁹¹ Ver Pritchard, *Ancient Eastern Texts*, pp. 303-305.

⁵⁹² Elcos pôde ser sido um povoado entre Gaza e Jerusalém, perto do Neite-Jibrim. Ver *The New Bible Commentary*, F. Davidson, ed. p. 727, para várias tradições concernentes a Elcos.

⁵⁹³ Em hebraico este poema de início é um acróstico alfabético.

assédio, a conquista e a total ruína da capital da Assíria (2.1-13). Esta orgulhosa cidade dos assírios, que semeou calamidades em Jerusalém, está agora sujeita ao horrível efeito de um assédio no qual prevalecerá a mais completa confusão. O inimigo entra, destroça e reduz Nínive a ruínas, deixando-a totalmente desolada.

Os cidadãos de Nínive têm precipitado esta catástrofe; eles são inculcados de uma mentalidade exageradamente comercial, sem escrúpulos e cruel rapina. Descrevendo vividamente uma das mais dramáticas cenas de batalhas existentes na literatura do Antigo Testamento, Naum descreve os carros de guerra avançando e carregando os cavaleiros, enquanto esmagam os cadáveres dos defensores de Nínive ante as nações que tão cruelmente tinham oprimido. Todos a olharão de relance, com desprezo, sem que um só lamente sua ruína.

A destruição de Tebas se cita por comparação (3.8-15). A despeito de suas vastas fortificações, esta populosa cidade egípcia foi conquistada e destruída pelos assírios no 661 a.C.⁵⁹⁴ É Nínive melhor do que Tebas? Forte, fortificada e apoiada por Pute e Líbia, a cidade de Tebas não pôde suportar o assalto assírio. Tampouco agüentará Nínive no dia de seu ataque. Suas fortificações serão ineficazes sob a esmagadora carga do inimigo que avança como um fogo devastador.

Na final descrição do destino de Nínive, Naum utiliza a figura da praga de gafanhotos, tão familiar para a mentalidade dos orientais. Comparando a população de Nínive com os gafanhotos, o profeta prediz que se espalhará pela cidade buscando refúgio, mas será espargida longe e desaparecerá. A diferença de Judá, a nação de Assíria não tem esperanças de ter um restante. Além disso, todos se gozarão de sua destruição, já que nenhum povo tinha escapado às atrocidades e saqueios da máquina de guerra assíria.

Habacuque – Deus utiliza os caldeus

Hq 1.1-3.19

Com toda certeza, Habacuque foi testemunha do declive e queda do império assírio no transcurso de sua vida. Sincronizado com a decadência assíria e sua influência em Judá, chega o reavivamento com a chefia de Josias. Simultaneamente com estes acontecimentos, chegou o ressurgir do poder da Média e Babilônia na parte oriental do Crescente Fértil. A queda de Nínive pôde ter acontecido antes que Habacuque fizesse sua aparição como porta-voz de Deus.

A descrição da violência, a luta e a apostasia, tão freqüentes em Judá durante os tempos de Habacuque (1.2-4), parece encaixar com o período imediatamente seguinte à morte de Josias no 609. Os caldeus não se tinham ainda manifestado como uma ameaça suficiente forte para Judá, já que o controle do Egito se estendia desde o Eufrates, até a batalha de Carquemis (605 a.C.)⁵⁹⁵.

Conseqüentemente, os anos transcorridos entre 609 e o 605 proporcionam uma conveniente base para a mensagem de Habacuque⁵⁹⁶. O diálogo entre Habacuque e Deus é digno de mencionar-se. O profeta apresenta a questão filosófica de uma aparente discrepância entre os fatos da história e a revelação divina.

Finalmente, ele resolve suas dificuldades expressando sua fé em Deus. O fato básico para a totalidade da discussão é o uso de Deus de um povo pagão para castigar a seu próprio povo.

Como guia para ulterior consideração da mensagem de Habacuque, pode ver-se a seguinte perspectiva:

- | | |
|---|-------------|
| I. Por que Deus permite a violência? | Hq 1.1-4 |
| II. Deus levanta os caldeus para castigar Judá | Hq 1.5-11 |
| III. Por que deveriam os malvados castigar os justos? | Hq 1.12-2.1 |
| IV. A vida justa pela fé e a esperança | Hq 2.2-4 |
| V. Denúncia da injustiça | Hq 2.5-20 |
| VI. Um salmo de louvor ⁵⁹⁷ | Hq 3.1-19 |

Habacuque se sente turvado pelos males que prevalecem em sua geração. Impera a injustiça, a violência e a destruição continuam, a Torá é ignorada, e a respeito disto o profeta

⁵⁹⁴ Homero (*Ilíada*, IX 383), descreve a Tebas com seus templos, obeliscos, esfinges e 100 portas, como uma das mais belas cidades do mundo antigo.

⁵⁹⁵ Ver Wiseman, *op. cit.*, pp. 19-23.

⁵⁹⁶ A maior parte dos eruditos datam Habacuque nas proximidades do final do século. Para sua ulterior discussão, ver Pfeiffer, *op. cit.*, pp. 597-600, e Young, *Introduction to the Old Testament*, pp. 263-265.

⁵⁹⁷ Para discussão sobre Habacuque 3, como uma unidade separada, ver Pfeiffer, *op. cit.*, pp. 597-600. O comentário dos rolos do Mar Morto discute somente os dois primeiros capítulos. Para um tratamento por W. F. Albright, que considera a totalidade do livro como "substancialmente o trabalho de um simples autor", ver seu artigo "The Psalm of Habakkuk", em *Studies in Old Testament Prophecy*, H. H. Rowley ed., pp. 1-18.

apela impacientemente a Deus; porém, nada muda. Por quanto tempo ignorará Deus sua oração e tolerará tais condições?

A resposta de Deus está em marcha; os rudes e impetuosos caldeus estão se aproximando. Rápidos em seu avanço, espalham o terror com a captura de novas terras, a destruição das fortalezas e a supressão dos reis. Deus está permitindo a esses ferozes conquistadores que levem a justiça a Judá (1.5-11).

Utiliza Deus os malvados para castigar os infiéis em Judá? É que não são os ofensores entre o povo de Deus —não importa o quão culpáveis sejam— ainda melhores que os brutos idólatras procedentes da Babilônia? Habacuque imagina se a revelada natureza de Deus como santa e justa e as atuais condições dos pagãos invasores, garantem realmente a acusação de que Deus permita isso. turvado e perplexo porque Deus tem ordenado aos caldeus que executem seu juízo, Habacuque espera paciente a resposta (1.12-2.1).

O profeta é convidado a registrar a revelação. Esta divina mensagem é tão significativa que deveria ser preservada para futuras considerações. A predição é certa em seu cumprimento, embora o tempo não tenha chegado ainda. Simples e, contudo, profundo, é o básico princípio aqui expressado: o justo deverá viver em sua fidelidade ⁵⁹⁸. Por contraste, a nação opressora será depois visitada com a maldição. A fé em Deus é a pedra de toque da perseverança numa vida de fidelidade.

Olhando em volta, Habacuque vê uma vívida demonstração dos males que prevalecem. Ele enumera aqueles que são soberbos e seguros em suas formas de proceder:

- 1) Os agressores injustos (2.6-8)
- 2) Aqueles que justificam suas más ações (2.9-11)
- 3) Os que derramam sangue para proveito pessoal (2.12-14)
- 4) Aqueles que decepcionam seus vizinhos (2.15-17)
- 5) Aqueles que confiam nos ídolos (2.18-19)

Observando agudamente aquelas múltiplas manifestações de presunção a respeito dele, Habacuque encontra alívio na realização de que o Senhor está em seu santo templo.

Imediatamente será pronunciado o solene aviso de que toda a terra deveria guardar silêncio diante dEle.

Esses pensamentos evocam um salmo de louvor dos lábios do profeta. Conhecidas para ele são as grandes obras de Deus em épocas passadas. Com uma chamada para que Deus se lembre de sua misericórdia em sua ira, Habacuque implora dEle que fale de novo conhecer seus poderosos feitos. Deus manifestou sua glória e utilizou a natureza para levar a salvação a seu povo de Israel quando os trouxe desde o deserto e os estabeleceu na terra prometida. Habacuque deseja suportar as presentes calamidades com o conhecimento de que o dia de Deus e sua ira cairão sobre o agressor. Embora os campos e os rebanhos falhem em suas provisões materiais, ele ainda se gozará no Deus de sua salvação. Mediante uma fé viva em Deus, o profeta reúne força para encarar-se a um futuro incerto.

⁵⁹⁸ O pronome hebraico é ambíguo. A LXX lê "por minha fidelidade", sugerindo que os justos viverão porque Deus tem essa divina faculdade. O uso no Novo Testamento reduz "fidelidade" a "fé". Comparar Rm 1.17, Gl 3.11, Hb 10.38. (N. da T.: a ACF e a PJFA portuguesas mencionam "fé", enquanto a NVI utiliza "fidelidade").

● CAPÍTULO 24: DEPOIS DO EXÍLIO

Depois que as esperanças nacionalistas de Judá foram perdidas e ficaram reduzidas a pó, com a queima de Jerusalém no 586, o profeta Jeremias acompanhou um restante de judeus ao Egito e ali concluiu seu ministério. Ezequiel, um profeta entre os exilados da Babilônia, dedicou sua mensagem aos projetos e perspectivas de uma última restauração do lar pátrio. Seu ministério profético provavelmente terminou por volta do 570 a.C. Com a volta dos judeus a seu país nativo, Ageu e Zacarias começaram a exercer sua eficaz influência, estimulando os judeus em seus esforços para reconstruírem o templo. Antes de que transcorresse outro século, Malaquias surgiu em Judá como um profeta do Senhor.

Os tempos da reconstrução de Jerusalém ⁵⁹⁹

As predições escritas de Jeremias concernentes a um período de setenta anos do cativeiro dos judeus já eram conhecidas e estavam em circulação entre os exilados na Babilônia.

De frente aos judeus se estendiam dias transcendentais. Pouco depois da queda da Babilônia, Ciro assinou um pertinente decreto. Revertendo a política de desarraigar de seu lar os povos conquistados —uma prática dos assírios e dos babilônicos de quase dois séculos—, Ciro favoreceu o povo judeu e outros povos cativos com uma proclama na qual lhes era permitido voltar a sua terra Natal. Aproximadamente cinqüenta mil judeus se reuniram na longa viagem desde a Babilônia a Jerusalém, para restaurar seus destinos nacionais sob a chefia de homens tais como Zorobabel e Josué (Esdras 1-3).

Os judeus voltaram cheios de otimismo e começaram a tremenda tarefa de reconstruir seu país. Erigiram um altar e restituíram o culto em Jerusalém, de acordo com a lei de Moisés. Com renovado entusiasmo, tornaram a celebrar as festas e as ofertas prescritas. Corajosamente, empreenderam a reconstrução do templo no segundo ano depois da volta do exílio. Enquanto muitos gritavam de alegria, outros choraram enquanto refletiam na belíssima estrutura salomônica que tinha sido reduzida a um montão de ruínas pelos exércitos da Babilônia cinco décadas antes.

O otimismo deu passo ao desalento. Recusando a ajuda da população misturada na província da Samaria, os judeus se converteram em vítimas do ódio. Tão hostis foram seus vizinhos do norte que o projeto de reconstrução foi completamente abandonado por quase dezoito anos.

Não foi senão até o segundo ano do reinado de Dario (520 a. C.), quando os judeus estiveram em condições de renovarem seus esforços. Naquele tempo, os profetas Ageu e Zacarias insuflaram o zelo e o patriotismo de uma nova geração ⁶⁰⁰. Menos de um mês depois de que Ageu fizesse sua aparição em público, o povo recomeçou o programa de reconstrução.

Seu incentivo aumentou quando umas semanas mais tarde Zacarias se uniu a Ageu em mensagens de repreensão, alento e segurança. Zorobabel e Josué deram a seu povo uma valente chefia no nobre esforço, a despeito da oposição de Tatenai (Esdras 4-6). Quando o último apelou ao rei persa, Dario fez uma investigação e emitiu um édito favorável aos judeus. No termo de cinco anos, o povo de Judá viu cumpridas suas esperanças na reedificação do novo templo.

⁵⁹⁹ Para uma mais completa discussão dos tempos de Zacarias e Ageu, ver capítulo 16 (Jr 25.11, 29.10; Dn 9.1-2). Enquanto os governantes da Babilônia continuaram no poder, as esperanças de um regresso ao lar pátrio foram escassas. Para aqueles que estavam familiarizados com a mensagem de Isaías (44.28-45.1), uma nova esperança deve ter surgido quando Ciro, o persa, emergiu frente aos destinos políticos e militares de seu país como líder absoluto. Com sua conquista da Babilônia no 539, a profecia de Jeremias levantou um renovado interesse entre os piedosos e os devotos (Dn 9.1-2).

⁶⁰⁰ Amplas revoluções aconteceram durante os primeiros anos do reinado de Dario. Tanto se influíram ou não nas atividades destes dois profetas, não se indica em seus escritos, embora Pfeiffer, em *Introduction to the Old Testament*, pp. 602-607, interpreta a Ageu 2.6-9 e a Zacarias 2.6ss como referências para suas condições não estabelecidas desta época. Ver também Albright, *The Biblical Period*, p. 50. Certamente, Esdras 5 representa a Dario como muito favoravelmente inclinado aos judeus.

Ageu e Zacarias apenas se são mencionados no livro de Esdras (5.1-2 y 6.14) como profetas que ajudaram a Zorobabel e Josué. A efetividade de seu ministério e o impacto que causaram sobre o povo de Judá se aprecia mais claramente em seus escritos.

Ageu – Promotor do programa de construção

Ag 1.1-2.23

Pouco se conhece a respeito de Ageu, além de sua identificação como profeta. Muito provavelmente nasceu na Babilônia e retornou com a migração a Jerusalém nos anos 539-38 a.C. Sua tarefa específica foi induzir os judeus a renovarem seu trabalho no templo.

Começando a finais de agosto do 520 a.C., Ageu emitiu quatro mensagens ao povo, antes que terminasse esse ano. A brevidade de seu livro pode indicar que ele registrou somente suas mensagens orais. A seguinte perspectiva do livro está baseada em quatro oráculos:

I. Admoestação e resposta do povo	Ag 1.1-15
II. A maior glória do novo templo	Ag 2.1-9
III. A seguridade das bênçãos	Ag 2.10-19
IV. Uma mensagem pessoal	Ag 2.20-23

A segunda década, depois que se colocou a primeira pedra ao templo, transcorreu rapidamente. O entusiasmo religioso expressado quando se lançaram os fundamentos tinha sido decisivamente sufocado pelos hostis samaritanos. Enquanto isso, o povo tinha-se dedicado à construção de seus próprios lares.

Ageu dirigiu suas primeiras palavras a Zorobabel, o governador, e a Josué, o sumo sacerdote. Valentemente, declarou que não era justo que o povo demorasse a construção do templo. Voltando-se ao laicato, os lembrou de que o Senhor dos Exércitos era forte e possuidor de todas as bênçãos materiais. Em lugar de dedicarem seus esforços ao santo projeto, tinham-se dedicado a construir seus próprios lares. Portanto, a seca e as más colheitas tinham sido seu prêmio (1.1-11).

Até então, nenhum profeta tinha gozado de tão rápidos resultados em Judá. O povo respondeu entusiasmaticamente à exortação de Ageu. Vinte e cinco dias depois, Ageu teve a satisfação de ver renovada a atividade na construção (1.12-15).

A construção do novo templo continuou a passos agigantados por quase um mês antes que Ageu entregasse uma nova mensagem. A ocasião se produziu no último dia da Festa dos Tabernáculos ⁶⁰¹. Até ali, somente tinha havido uma colheita escassa e portanto a celebração foi notavelmente medíocre em comparação com as elaboradas festividades no átrio do templo nos tempos pré-exílicos. Provavelmente, deviam restar ainda uns poucos dentre os anciãos que tinham visto o anterior templo —menos em número, contudo, que no 538 a.C., quando a nova fundação tinha sido assentada. Comparando o que se fazia com a estrutura salomônica, ficaram pessimistas e desencorajados. O trabalho se retrasava conforme o espírito do desânimo começou a penetrar na totalidade do grupo.

A oportuna mensagem de Ageu salvou a situação. Admoestando os judeus a renovarem seus esforços, o profeta lhes assegurou que Deus, através de seu Espírito, estava entre eles. Além disso, lhes chegou a palavra procedente do Senhor dos Exércitos: Deus sacudiria as nações, o Senhor faria que a glória daquele templo excedesse a do primeiro, e o Todo Poderoso forneceria a paz e a prosperidade naquele lugar. Embora a promessa era inequívoca e específica, o tempo para seu cumprimento está velado nas ambíguas palavras "daqui a pouco". Para a geração de Ageu, esta promessa foi uma fonte de alento em sua tarefa imediata.

Após dois meses de rápido progresso no programa da construção, Ageu recebeu outra mensagem de Deus ⁶⁰². O povo tinha experimentado anos de escassez no período em que tinha descuidado a construção do templo, porém assim que tinham recommençado os trabalhos, Deus os abençoaria abundantemente. Embora a semente não tinha sido segada, eles marcaram

⁶⁰¹ esta festa era observada no sétimo mês, desde o dia décimo quarto até o vigésimo primeiro. Comparar Lv 23.34.

⁶⁰² naquele tempo, Zacarias já tinha entregado sua mensagem de abertura sobre o arrependimento. Note-se a cronologia para estes dois profetas:

Durante o segundo ano de Dario:

1ª mensagem de Ageu (1.1), 6º mês, 1º dia. -

Começa a reconstrução (1.15), 6º mês, 24º dia (1.15). -

2ª mensagem de Ageu (2.1), 7º mês, 21º dia. 1ª mensagem de Zacarias, 8º mês.

3ª e 4ª mensagens de Ageu (2.1), 9º mês, 24º dia. Visões noturnas de Zacarias (1.7), 11º mês, 24º dia

Durante o quarto ano de Dario :

- 2ª mensagem de Zacarias, 9º mês, 4º dia.

aquele dia como o começo das bênçãos materiais muito maiores ⁶⁰³. Melhores colheitas viriam para deus desfrute imediatamente.

No mesmo dia teve uma mensagem pessoal para Zorobabel. Como descendente da linhagem real e como governador de Judá, ele representava o trono de Davi. Naquele dia, quando Deus faça estremecer os céus e a terra, derrube os Ts, e destrua a força das nações pagãs, o Senhor dos Exércitos fará um selo para Zorobabel. Já que tais acontecimentos não aconteceram nos tempos de Zorobabel, a promessa dirigida a ele o foi como feita a um representante da linha hereditária do trono de Davi, a qual aguarda seu cumprimento ⁶⁰⁴. A declaração, estabelecendo que ele era escolhido pelo Senhor dos Exércitos, proporcionou o valor necessário para a efetiva chefia num tempo em que os governadores persas naquela zona ameaçavam com deter a construção em Jerusalém.

Zacarias – Israel no mundo do ocaso

Zc 1.1-14.21

Jerusalém fervia com atitude e movimento, quando Zacarias anunciou suas declarações apocalípticas. Nos dias de vacilação que seguiram a Ageu em sua segunda mensagem, Zacarias recebeu ulterior inspiração para os bandos em luta dos judeus. com toda probabilidade, pertencia à linhagem sacerdotal de Ido, que tinha retornado à Palestina (Ne 12.1,4,16). Se ele é o sacerdote citado em Ne 12.16, era ainda um homem jovem no 520 a.C., quando começou seu ministério.

As mensagens de Zacarias em 1-8 estão definitivamente relacionadas com a época da reconstrução do templo. O resto deste livro pode ser razoavelmente datado No-Amom últimos anos de sua vida e subseqüentes à dedicação do templo. Observe-se a seguinte análise do livro de Zacarias ⁶⁰⁵:

I. A chamada ao arrependimento	Zc 1.1-6
II. As visões noturnas	Zc 1.7-6.8
III. A coroação de Josué	Zc 6.9-15
IV. O problema do jejum	Zc 7.1-8.23
V. O pastor-rei	Zc 9.1-11.17
VI. O governante universal	Zc 12.1-14.21

As palavras de abertura de Zacarias seguem em pós da mensagem de alento de Ageu na Festa dos Tabernáculos. Citando a desobediência de seus antepassados a modo de advertência, Zacarias apóia o esforço de seu colega para ativar os judeus. Somente uma genuína mudança de coração evocará o favor de Deus (1.1-6).

O segundo oráculo de Zacarias chega numa seqüência de visões noturnas ⁶⁰⁶. Em rápida sucessão se apreciam, descritos pelo profeta, os acontecimentos corriqueiros e os problemas com os que se encarava o povo. Com cada aspecto desta revelação, chegam as provisões de Deus para seu estímulo. Embora cada visão merece um estudo especial a respeito de sua significação para o futuro, o efeito de conjunto de panorama era vitalmente significativo para o auditório de Zacarias em sua nobre luta durante aqueles meses cheios de ansiedade.

Quatro cavalheiros aparecem na cena do começo. Voltando de uma patrulha de rigor, informam que todo está em calma. Em resposta a uma pergunta que se refere ao fado de Jerusalém, o Senhor dos Exércitos anuncia que Sião será confortado na restauração do templo de Jerusalém (1.7-17).

Quatro chifres e quatro carpinteiros são apresentados então ao profeta. A destruição dos primeiros pelos últimos representa a ruína das nações responsáveis da dispersão de Judá, Israel e Jerusalém (1.18-21).

Um homem que tinha na mão um cordel de medir aparece à vista de Zacarias. Tão populosa e próspera terá ficado Jerusalém que será necessário alargá-la além das muralhas. Quando o

⁶⁰³ Embora as chuvas do nono mês tiveram um decidido efeito sobre as colheitas no ano seguinte, note -se que Ageu fez esta predição enquanto que as sementes estavam ainda nos celeiros.

⁶⁰⁴ Ver C. F. Keil, *The Twelve Minor Prphets*, Vol. II, como referência a Ageu 2.20-23. O anel de selo era a mais prezada riqueza e um sinal de autoridade no Oriente. Ver também E. J. Young, *Introduction to the Old Testament*, p. 265.

⁶⁰⁵ Para um tratamento representativo de Zacarias, designando 9-14 para o período grego, ver Pfeiffer, *op. cit.*, 607-612. Para uma discussão das variadas teorias sobre dois Zacarias, ver Young, *op. cit.*, pp. 269-273. Para uma interpretação de Zacarias como um só, ver *The New Bible Commentary*, pp. 748-763. Ver também C. L. Feinberg, *God Remembers*, (Wheaton, 111.: Van Kampen Press, 1950). Note-se a seleta bibliografia de Feinberg com sua valoração para ulterior estudo, pp. 281-283.

⁶⁰⁶ Zacarias começou seu ministério aproximadamente dois meses mais tarde que Ageu, quando o program a da construção já tinha sido completamente ativado.

Senhor apareça como a glória desta cidade, Ele será também como uma muralha de fogo protetor. Reunindo a Israel, o Senhor aterrorizará as nações de tal forma que se convertam num despojo para o povo que uma vez foi levado em cativo. Judá será de novo herança de Deus quando o Todo Poderoso escolha, mais uma vez, a Jerusalém como seu lugar de morada (2.1-13).

Em outra visão ainda, Zacarias vê a Josué vestido com roupas sujas. Satanás, o acusador do sumo sacerdote de Israel, é repreendido por Deus, que tem escolhido a Jerusalém. Josué é vestido logo com os devidos ornamentos. Condicionado por sua obediência, Josué recebe a seguridade de que então pode representar aceitavelmente a seu povo diante de Deus. a promessa para o futuro está investida no servo identificado como "o renovo"⁶⁰⁷. Num único dia o Senhor dos Exércitos apagará todas as culpas da terra, para que regressem a paz e a prosperidade (3.1-10).

Especialmente digna de notar-se é a visão do castiçal de ouro com duas oliveiras. Por sua importância, Zacarias é acordado por um anjo. O recipiente que serve como depósito reservatório para a lâmpada, aparentemente estava continuamente alimentado pelo óleo das duas oliveiras. Mediante esta visão, chega a seguridade para Zorobabel de que Deus, por meio de seu Espírito, cumpriria seu propósito. Zorobabel tinha começado a construção do templo e a completaria. Mantendo a vigília, o Senhor de toda a terra é ajudado por dois ungidos, que obviamente são Josué (3.1-10) e Zorobabel (4.1-14; Ageu 2.20-23).

Certamente a seguinte visão é dramática. Zacarias vê um rolo voador, de um tamanho fantástico (uns 4,5 m por 9 m), que anuncia uma maldição contra o roubo e o perjúrio. A maldição é enviada pelo Senhor para consumir toda a culpa que há sobre a terra (5.1-4).

Imediatamente depois, chega o necessário para suprimir a maldade. Uma mulher, que representa a iniquidade da terra, é levada a Babilônia com uma ânfora.

Na visão final, uns carros de guerra partem dos quatro pontos cardeais para patrulhar a terra. De novo, o Senhor de toda a terra exerce um controle universal como o fez na primeira visão mediante os cavaleiros (6.1-8).

A situação em Jerusalém se aproximava rapidamente a um estado crítico quando Zacarias entregou esta série de mensagens, que lhe chegaram durante a noite em visões. Tinham se passado exatamente cinco meses desde a reconstrução do templo em seu começo, em resposta à mensagem de Ageu. Entretanto, Tatenai e outros oficiais persas tinham chegado a Jerusalém para investigar o que ali acontecia, implicando que os judeus estavam rebelando-se contra a Pérsia (Esdras 5-6). Embora não ordenam logo um cese dos trabalhos, tomam nota de todos os nomes dos chefes judeus, e fazem uma relação formal a Dario. Não está indicado quanto tempo transcorreu desde o envio da mensagem ao rei até que receberam a resposta. é provável que os judeus não conhecessem o veredicto do rei da Pérsia, quando Zacarias começou suas profecias.

Sem dúvida, haveria muitos que se perguntaram por quanto tempo estariam em condições de continuar o programa construtivo empreendido. Já tinham sido detidos uma vez; poderia acontecer de novo. o problema de seu imediato futuro que dependia do decreto do rei persa, molestou bastante a comunidade judaica.

Durante os dias da incerteza, o profeta teve uma mensagem alentadora. Mediante aquela série de visões noturnas, lhe chegou a certeza de que Deus, que vigia sobre toda a terra, tinha prometido a restauração de Jerusalém. As nações, em cujas mãos os israelitas tinham sofrido tanto, seriam destruídas, como os quatro carpinteiros destruíram os quatro chifres. A paz e a plenitude estavam asseguradas na promessa da expansão de Jerusalém fora de suas muralhas. Já que a muralha da cidade proporcionava seguridade contra o inimigo nos tempos do Antigo Testamento, o pacífico lugar além dos muros implicava liberdade de ser atacado. Na visão de Josué se fez provisão para uma adequada intercessão em favor de Israel. Imediatamente depois foi-lhe dada a seguridade de que Zorobabel seria revestido de poder pelo Espírito de Deus para completar a construção do templo. Apesar da maldição aplicada aos malvados e pecadores, a iniquidade estava sendo realmente suprimida da terra. Em conclusão, a patrulha de carros sob o mando do Senhor da terra levaria a tranqüilidade aos reconstrutores do templo. A todos aqueles que foram receptivos à mensagem do profeta e exerceram sua fé em Deus, aquela oportuna palavra deve ter-lhes proporcionado um verdadeiro alento, em momentos em que tanta ansiedade existia enquanto não se recebia o veredicto de Dario.

Extraordinária e profética foi a ação simbólica do profeta (6.9-15). Com uma coroa de ouro e prata, e acompanhado por três judeus da Babilônia, Zacarias coroou a Josué como sumo sacerdote⁶⁰⁸. Muito significativa também foi a eleição de Josué, para significar o Renovo que

⁶⁰⁷ Ver Is. 4.2 e 11.1, Jr 23.15, Zc 6.12. Ver também Is. 42.1 e 52-13.

⁶⁰⁸ O plural "coroas" em hebraico denota uma simples coroa de ouro e prata misturados, ou várias diademas. Ver Keil, *op. cit.*, em seu comentário sobre 6.11.

construiria o templo quando as nações, de longe, prestariam seu apoio e ajuda ⁶⁰⁹. A glória, a honra e a paz acompanham a este governante em sua combinação única de realeza e sacerdócio. Estas dignidades estavam separadas em Judá inclusive nos dias de Zacarias.

A coroa simbólica era para ser colocada no templo como monumento comemorativo. A mensagem do profeta seria certificada pela imediata ajuda que iam receber (6.15).

Tampouco se indica com que prontidão chegou a resposta de Dario. Porém chegou com o veredicto favorável para os judeus. Dario, o rei persa, não somente anulou a tentativa de Tatenai e seus colegas de governo para deter a construção, senão que ordenou que eles ajudassem aos judeus com subministros materiais e com tributos e ajuda econômica (Esdras 6.6-15).

Dois anos se passaram no programa da construção. Uma delegação de Betel chega a Jerusalém com uma consulta referente ao jejum ⁶¹⁰. Zacarias os lembra de que da ira de Deus tinha caído sobre Jerusalém por causa de que seus antepassados não obedeceram a lei nem escutaram os profetas, que os advertiram (7.4-14). O Senhor dos Exércitos é zeloso por Sião e restaurará Jerusalém. Os que restem serão reunidos desde o leste e desde o oeste de forma tal que uma ligação satisfatória e de mútua dependência será forjada entre Deus e seu povo (8.1-8).

A imediata aplicação a seu auditório é dada em 8.9-19. A admoestação de Zacarias é que se dupliquem os esforços no programa de reconstrução. Deus fez de Israel um objeto de zombaria entre as nações, porém agora se propõe fazer o bem para seu próprio povo. Permitirá que a verdade, a justiça e a paz prevaleçam entre eles. Permitirá também que o jejum se torne em dias de alegria ⁶¹¹. Quando Deus é reconhecido em Jerusalém, o povo ambicionará o favor divino. Os judeus serão procurados pelas nações porque reconhecerão que Deus está com seu povo (8.20-23).

Não se dá a data para a última parte do livro de Zacarias. Já que não se dão referências ao projeto da reconstrução, é verossímil que esta mensagem fosse dada após a dedicação do templo. Presumivelmente isto representa uma mensagem de Zacarias durante um período posterior a sua carreira profética.

Enquanto as nações circundantes estão sujeitas à ira de Deus (9.1-8), Jerusalém tem projetos de contar com um rei triunfante (9.9-10). Embora humilde e simples em aparência, o rei é justo e levará a salvação. Em seu domínio universal, falará de paz a todas as nações.

Em nome de Jerusalém, o Senhor dos Exércitos exercitará seu poder protetor contra o inimigo (9.11-17). Ele salvará seus filhos, já que são o rebanho de seu povo. Como uma ovelha sem pastor, os israelitas estão dispersos, mas Deus os resgatará. Eles virão desde todas as nações, inclusive desde terras distantes, enquanto que o orgulho dos pagãos cairá por terra (10.1-12).

Os pastores infiéis de Israel estão a ponto de serem consumidos num terrível juízo (11.1-3). Mediante um segundo ato simbólico, Zacarias é convidado a converter-se no pastor de Israel (11.4-7) ⁶¹². Num sentido, o profeta está agindo com a capacidade do Senhor dos Exércitos, quem é o verdadeiro pastor de Israel ⁶¹³. Enquanto ele assume este papel, Deus descreve a terrível sorte que aguarda a Israel em mãos dos falsos pastores. Israel está condenada. Em vão o pastor tenta salvar seu rebanho, porém este o detesta. Patético também é o fado do rebanho entre os traficantes de ovelhas cujos pastores não se cuidam delas. De igual modo, Deus exporá Israel para sofrer entre as nações, a causa de ter rejeitado seu verdadeiro pastor.

Mesmo que abandonada às nações para seu juízo, Israel tem um lugar nos planos de Deus. O dia chegará em que Israel se converterá numa pedra onerosa para as nações. Sião se sentirá reforçada e Judá emergirá com a vitória sobre todas as nações que foram contra ela (12.1-9).

⁶⁰⁹ Normalmente a coroa real era entregue ao governante político. R. H. Pfeiffer, *op. cit.*, pp. 605-606 troca o texto, lendo "Zorobabel" por "Josué" em 6.11, e afirma que Zorobabel estava coroado em secreto, porém suprimido como governador pelos persas. Falta a evidência que apóie esta teoria. Ver *New Bible Commentary*, p. 754. Albright, *op. cit.*, p. 50, não vê indicação de que Zorobabel fosse, de jeito nenhum, desleal à coroa.

⁶¹⁰ Ver também Keil, *op. cit.*, na discussão deste referência.

⁶¹¹ Notem-se os dias de jejum e os eventos comemorados pelos judeus no cativeiro:

4º mês, 9º dia - As portas de Jerusalém derrubadas por Nabucodonosor (Jr 39.2-3; 52.6-7)

5º mês, 10º dia - A queima do templo (Jr 52.12-13)

7º mês, 3º dia - Morte de Gedalias (2 Rs 25.22-25)

10º mês, 10º dia - Começo do cerco a Jerusalém (2 Rs 25.1)

⁶¹² Para um resumo das variadas interpretações desta passagem, ver ver Feinbcrg. *op. cit.*, pp. 197-217.

⁶¹³ Ver Ez 34.11-31, Is 40.10-11, e outros que estão claramente identificados com o último Messias. Comparar também o Salmo 23 e João 10.

Nesse dia de vitória, os israelitas se tornarão num espírito de graça e de súplica Àquele que uma vez rejeitaram (12.10-14) ⁶¹⁴. O povo de Jerusalém terá e se servirá de uma fonte para limpar-se do pecado e da sujeira. Não só o povo, senão também a terra será limpa. Os ídolos serão banidos da memória e os falsos profetas, relegados ao esquecimento (13.1- 6).

O sofrimento e a dor do verdadeiro pastor terão como resultado a dispersão das ovelhas. Embora perecerão dois terços do povo, o restante sobreviverá aos fogos purificadores. Esses tornarão a Deus e reconhecerão que é o Senhor (13.7-9).

No dia do Senhor, todas as nações serão reunidas em Jerusalém para a batalha. Desde o monte das Oliveiras, o Senhor resistirá aos inimigos e se converterá no rei de toda a terra.

Jerusalém, com um subministro de água sobrenatural, ficará estabelecida em segurança. A oposição, presa do pânico, se desintegrará de tal forma que a riqueza de todas as nações será recolhida sem interferência. Todos os sobreviventes irão a Jerusalém a adorar ao Rei, o Senhor dos Exércitos, e a guardar a Festa dos Tabernáculos. Com Jerusalém estabelecida como o ponto focal de todas as nações, o culto a Deus será purgado de toda impureza a tal grau que toda a vida possa redundar em seu engrandecimento.

Malaquias – O aviso profético final

MI 1.1-4.6

A única menção do nome "Malaquias" está no primeiro versículo deste livro.

Já que Malaquias significa "meu mensageiro", a Septuaginta o considera como um nome comum. O fato de que todos os outros livros neste grupo estejam associados com os nomes dos profetas, favorece o reconhecimento de Malaquias como seu nome próprio.

É difícil afirmar o tempo em que se desenvolveu o ministério de Malaquias. O segundo templo já estava em pé, o altar dos sacrifícios em uso e os judeus e sua comunidade estavam sob a jurisdição de um governador persa. Isto coloca sua atitude com posteridade aos tempos de Ageu e Zacarias, quando o templo tinha sido reconstruído. Se conhece tão pouco a respeito da condição do estado de Judá desde a dedicação do templo e até a chegada de Esdras, que é impossível fixar uma data conclusiva para as profecias de Malaquias. O conteúdo do livro tem conduzido a alguns a associarem a Malaquias com os tempos de Neemias ⁶¹⁵. Outros preferem datá-lo com anterioridade à estância de Esdras em Jerusalém, aproximadamente no 460 a.C. ⁶¹⁶ Malaquias tem a distinção de ser o último dos profetas hebraicos ⁶¹⁷. Chega como um mensageiro final para advertir a uma geração apóstata. Com vigorosa clareza, perfila a vida e a esperança final do justo em contraste com a maldição que aguarda aos malvados. Sua mensagem entra nas seguintes subdivisões:

I. Israel como nação favorecida de Deus	MI 1.1-5
II. A falta de respeito de Israel para Deus	MI 1.6-14
III. Repreensão aos sacerdotes infiéis	MI 2.1-9
IV. A Judá infiel	MI 2.10-16
V. Requerimentos de Deus	MI 2.17-3.15
VI. O destino final dos justos e dos malvados	MI 3.16-4.6

A peculiar relação de Israel com Deus é o tema introdutório da mensagem de Malaquias. O Senhor dos Exércitos tem escolhido a Jacó. Edom, que descende de Esaú, o irmão gêmeo de Jacó, não voltará a estar em condições de afirmar-se sobre Israel. O domínio do Senhor se estenderá além das fronteiras de Israel, para incluir à subjugada terra do Edom (1.2-5).

Todavia, Israel tem desonrado a Deus. Ao oferecê-lhe animais impuros ou roubados em sacrifício, o povo demonstra seu desrespeito para Deus. eles não se atreveriam a tratar a seu governador dessa forma. O nome de Deus é reverenciado entre as nações, mas não em Israel. Ele não será tratado desta maneira por seu povo escolhido. A fraude garante a maldição divina (1.6-14).

Os sacerdotes são retirados para sua retribuição. Deus tem feito uma aliança com a tribo de Levi, de forma tal que, mediante eles, o conhecimento e a instrução podem ser transmitidos ao

⁶¹⁴ Ver Zc 11.8, onde o verdadeiro pastor é detestado.

⁶¹⁵ C. F. Keil, *op. cit.*, pp. 423-429, seguindo a Vitringa em enlaçar a Malaquias com Neemias. E. J. Young, *op. cit.*, p. 276, apóia esta posição.

⁶¹⁶ Ver R. H. Pfeiffer, *op. cit.*, p. 614. e J. T. H. Adamson, "Malaquias", em *The "en the Bible Commentary*, pp. 764-767.

⁶¹⁷ Para profetas datados mais tarde por certos eruditos do Antigo Testamento, ver a discussão representativa de Anderson, *Understanding the Old Testament*, p. 449, para Joel, 503-504 para Jonas, e 515-520 para Daniel. Não se dispõe de evidência histórica para fixar uma data precisa para Joel, Jonas e Daniel, e não são considerados como personagens históricas por Anderson.

povo. Por infidelidade em sua responsabilidade, chegarão a serem desprezados pelo povo ao qual eles conduzem (2.1-9).

O povo de Judá tem profanado o santuário, pelos matrimônios mistos com gentes pagãs. As esposas estrangeiras têm introduzido a idolatria. Igualmente saturados de divórcios, o povo não pode merecer a aceitação de suas ofertas diante do Senhor dos Exércitos (2.10-16).

Depois de tudo isso, Malaquias lembra bruscamente a seu auditório que têm irritado a Deus por seu fracasso em buscar os caminhos justos, Deus está a ponto de enviar seu mensageiro a seu templo para julgar, purificar e refinar a seu povo. Os cargos contra eles são: feitiçaria, adultério, perjúrios, o falho em entregar os dízimos, e a injustiça social para com os assalariados, as viúvas, os órfãos e os estrangeiros. Por sua conduta, eles menosprezaram a sabedoria de servir a Deus fielmente (2.17-3.15).

Deus é conhecedor daqueles que lhe temem, eles são sua especial possessão. Registrados no memorial, os justos estão designados para a salvação no dia da ira de Deus.

Aqueles que têm sido presunçosos e promoveram a maldade, perecerão como a palha num campo em chamas após a colheita. O temor de Deus, por outra parte, se acrescentará (3.16-4.3).

Em conclusão, Malaquias exorta a sua própria geração para que obedeça a lei de Moisés (4.4-6). Com o terrível dia do Senhor pendente, o profeta os lembra que o juízo será precedido por um período de misericórdia aliviado com a chegada de Elias. Profético em importância, o nome "Elias" sugere um tempo de ressurgimento mediante um indivíduo enviado por Deus. tal pessoa já foi prometida (3.1). Quatro séculos mais tarde, este mensageiro foi identificado (Mat. 11.10,14).

